Frank Duff
fundador da Legião de Maria
Robert Bradshaw

Frank Duff
FUNDADOR DA
LEGIÃO DE MARIA
ROBERT BRADSHAW

X
N
123
0
ORIGINAL:
Frank Duff, Founder of the Legion of Mary
Montfort Publications
Bay Shore
New York 11 706
Imprimatur
Dr. Henricus Frehen, S.M.M. Ep. Reykjavikensis
Aug 2, 1984
Copyright em Portugal - Senatus da Legião de Maria
Lisboa, 16 de julho de 1998
me lame
O Leitor:
Pode imprimir-se
Lisboa, 22 de julho de 1998
H. Reduser, Reifen.
M. aux. de
犬
Título: Frank Duff, Fundador da Legião de Maria Autor: Padre Robert Bradshaw
Tradutor: Francisco Lopes, Espiritano Revisão no Brasil: Jotta Santana
Editor: Legião de Maria Brasil
O FASCÍNIO DA EVANGELIZAÇÃO DA RÚSSIA
Robert Bradshaw, ordenado sacerdote em 1966, apresenta-se
a si mesmo, ao leitor, no Prefácio da sua obra. A amizade que travou com Frank Duff e manteve ao longo da vida, dá-lhe autoridade para falar do Fundador da Legião de Maria, mas não fala de si mesmo. No entanto, convém que o leitor conheça um pouco do seu valor humano, sacerdotal e apostólico.
Em 1966, decidiu ir para a Rússia, como missionário, por um ano. Não tendo conseguido a entrada na fortaleza comunista, Frank apontou-lhe a Islândia, maioritariamente luterana. Para ali partiu, fundou a Legião de Maria e orientou os grupos legionários que ali se deslocaram para trabalhar apostolicamente. Converteu muitos luteranos e travou amizade com muitos mais. No seu funeral, lá estavam muitos deles, para lhe renderem a última homenagem.

O seu coração missionário, porém, sonhava com a Rússia. De 1969 a 1991 (salvo 1.990) orienta com o Pe. Moriarty, grupos missionários da Legião de Maria, que ali se deslocam anualmente para atividades de evangelização.
Em março de 1992, parte definitivamente para a Sibéria, para ali trabalhar apostolicamente na diocese de Mons. Werth, S.J., que lhe confia a cidade de Krasnayarsk. Ali, funda a Legião de Maria e desenvolve um maravilhoso e fecundo apostolado, sobretudo entre a juventude.
Em fins de setembro do ano seguinte, chegava a Dublin a notícia da sua morte. Sujeitara-se a uma operação cirúrgica e não resistira ao golpe do bisturi do operador. Como o cavaleiro da Idade Média que sonhava com a auréola da glória no ruído da batalha, assim Robert Bradshaw sonhou com a evangelização do povo das estepes geladas da Sibéria, onde cairia gloriosamente nos braços de Deus, em setembro de 1993.
Francisco Lopes, C.S.Sp.
2
Julho de 2012
Afonso Mendonça Projetos Editoriais
3

140
ARK
T
dos
O Autor, Ver. Padre Robert Bradshaw, com Frank Duff, em frente da sede do Concilium.
PREFÁCIO
de Frank Duff, Fundador da Legião de Maria, da autoria do Padre Foi com grande expectativa que me sentei para ler a Vida Robert Bradshaw, e é com entusiasmo que a recomendo não só aos Legionários, mas a todos os católicos, sacerdotes e leigos.
O tema deste livro é um dos homens que mais admirei na vida. Frank Duff foi sempre uma pessoa modesta e despretensiosa. Todavia, o Cardeal O'Fiaich de Armagh, na homilia pronunciada por ocasião do funeral de Frank, predisse que cedo chegaria o dia em que a Igreja
o declararia "o Irlandês do Século".
De fato, foi mais do que isso. A sua celebridade é tão vasta como a própria Igreja Católica. O seu trabalho e o da Legião que fundou foram louvados por cinco Papas e inúmeros Cardeais, Bispos e sacerdotes, em todo o mundo. Durante o Concilio Vaticano II, para o qual foi convidado como observador, ao ser apresentado pelo Cardeal Heenan, os 2.500 Prelados puseram-se de pé e saudaram-no com um prolongado aplauso. Aplaudiam o homem que antecipara em cinquenta anos o ensino do Concilio: como membros do Corpo Místico, somos responsáveis uns pelos outros; a Igreja é essencialmente missionária; todos nós, pelo batismo, somos chamados a ser apóstolos junto daqueles com quem entramos em contato.
Frank Duff não só compreendera tudo isto, mas tinha-o vivido e propagado. Sob a tutela de Nossa Senhora, fundara a Legião de Maria para difundi-lo até aos confins da terra. Como o apostolado dos leigos fora muito esquecido pela Igreja, esbarrou ao princípio com incompreensão, críticas e mesmo a hostilidade de alguns. Mas, Frank perseverou.
Foi esta a característica que mais me impressionou quando me encontrei com Frank, em 1946 - a sua fé profunda e a sua confiança em Nossa Senhora. Quando, a pedido de Mons. Riberi, Internúncio na China, passei a divulgar a Legião em todo este país, antes da tomada

violenta do poder pelos comunistas, Frank foi, a todo o momento, o meu correspondente e conselheiro. As suas cartas seguiram-me em todas as subsequentes viagens ao serviço da Legião, pela Inglaterra, Estados Unidos da América, Canadá e regiões do Extremo Oriente,
5

como o
simpatia mundo.
100
co
encorajando-me sempre, estimulando-me, seguindo-me Japão, a Coreia, Taiwan, Hong-Kong, Malásia e ilhas Filip e aconselhando-me com uma sabedoria que não é dese que tive o privilégio de manter com ele, influenciaram grandemente o conversar com ele educava-me. As numerosas conversas pessoais, Embora as cartas de Frank me impressionassem enormemente meu pensar, a minha atividade e a minha vida. Por isso, compreendo o enorme serviço que o Padre Bob Bradshaw prestou a todos nós, gravando as conversas com Frank durante dezenove anos. Este livro
o resumo dessas gravações.
na
a sua longa experiência e compreensão do apostolado da Legião de O Padre Bob revela uma outra característica no seu trabalho: Maria. Em Londres, vi, por mim mesmo, o seu frutuoso trabalho fundação de numerosos Praesidia sob a direção do Cardeal Heenan. Mais tarde, durante os anos em que foi Diretor Espiritual do Seminário de Thurles, assistia sempre que podia às reuniões do Concilium p assim partilhar da companhia de Frank e dos Oficiais do Concilium. Durante muitos anos, na época do verão, o Padre Bradshaw chefiou grupos de Legionários à Rússia, estabelecendo frutuosos residiu na Islândia, empenhado no esforço legionário de ali restaurar contatos com a juventude daquele país; por vários anos, também, a Fé. Some-se a isso a simplicidade do seu estilo narrativo que faz de cada capítulo uma conversa à lareira, e compreendereis a razão porque
recomendo altamente a leitura deste livro.
ba o u
para
Recomendo-o a sacerdotes e leigos que nunca leram nada sobre Frank Duff. Não posso imaginar introdução mais agradável. Recomendo-o aos Legionários e a outras pessoas que queiram saber mais sobre a Legião e o seu heróico apóstolo. Estou certo de que encontrarão nesta leitura, como eu, coragem e alegria.
W. Aedan McGrath, S.S.C.
msnsil mooistoons biboq sobanu.so s этноэпо mo onigod s gluvib sise2sq snid estainumos zolaq boob sinaloiv A.onionisanoo 9 sinbrom olog vise on angsiv 29nsupadua as asbol abs sonoma ab eobinu zobata3
4444
INTRODUÇÃO DO AUTOR
Encontrei Frank Duff pela primeira vez num Congresso da Legião de Maria, em Tipperary, minha terra natal, no verão de 1955. Fora ordenado sacerdote havia pouco e convidaram-me para celebrar a Missa do Congresso. Depois desta, fomos almoçar num hotel próximo. Sentaram-me à mesa ao lado de Frank. Recordo a minha surpresa: ao entabular a conversa, Frank falou-me, não da Legião, mas da sua família. Disse-me entre outras coisas: "Embora a minha mãe tenha falecido há alguns anos, estava-lhe tão apegado afetivamente, que ainda hoje não posso pensar nela sem me comover".

Fiquei fascinado com a humanidade do homem.
Seis anos mais tarde, fiz a primeira gravação de Frank Duff. Foi quase acidental. Eu visitava a sede da Legião em Dublin, para tratar de assuntos legionários, quando, ao entrar, Frank me disse: "Chegou mesmo a tempo de ouvir a gravação da Promessa Legionária, de Alfie. Acabo de recebê-la da América do Sul". Ora, eu tinha o gravador no carro ali fora e perguntei a Frank se poderia fazer uma cópia da gravação. Dentro de minutos o gravador estava pronto. Escutamos em silêncio. A voz de Alfie soava alto e clara e eu fazia a primeira de numerosas gravações.
Num gesto súbito, sem qualquer premeditação, perguntei a Frank se tinha qualquer objeção a que eu gravasse as suas recordações dos primeiros anos da Legião. Não se opôs minimamente e comecei, ali mesmo, uma série de gravações que se prolongariam, salvo raras exceções, pelos vinte anos seguintes, até à hora da sua morte.
A primeira vista e fisicamente, Frank não apresentava uma figura imponente. De estatura média, fisicamente franzino, era de maneiras modestas e despretensiosas. Quando falava, porém, prendia- nos a atenção. A voz era suave, o sotaque dublinense encantador, os olhos vivos, transbordantes de bondade, que, quando se fixavam diretamente em alguém, cativavam e faziam sentir-se uma pessoa importante.
Suproq Possuía um rosto agradável e um belo sorriso. Pensei, muitas vezes, que a expressão do seu rosto não só era bela, mas digna de reparo. A sua expressão podia ser classificada como a gentileza personificada. Houve ocasiões em que me pareceu carregar um
7

G
sofrimento silencioso. Outras vezes, ainda, dava a
impressão de uma
doutrina
energia interior de grande potência. Todavia, à medida que os anos corriam. comecei a compreender, cada vez melhor, como a ele amava intensamente Maria, a sua Mãe Celeste. Um dia, disse ele do Corpo Mistico se tornara para ele real e íntima e, além disso, como numa palestra: "Quando Maria derrama em nós o seu amor por Jesus, de pensar que o mesmo Frank se tornara um lugar de encontro, para o Ela recebe por nós o mesmo amor de Jesus". E, então, não pude deixar amor entre Jesus e Maria. Em todo o caso, nos últimos anos, pensando por vezes na expressão do seu rosto, deixei de ficar surpreendido
ela.
com
e
Durante muitos anos, as minhas atividades sacerdotais pastorais puseram-me em íntimo contato com Frank. Além disso, tive a boa sorte de partilhar com ele numerosos períodos de férias rurais. Acompanhei-o de bicicleta através da península de Connmara. legionárias, na Abadia do Monte Melleray ou rodando pelas regiões Quando rezava missa na capela do Lar Regina Coeli, em Dublin, o que acontecia com frequência, Frank participava e
acompanhava-me
no café da manhã. Não se tratava só de usufruir da sua companhia e do privilégio das suas confidências; mais do que isso, cedo me dei conta da importância das nossas conversas e tomei o hábito de anotar não só os assuntos de grande significado de que ele me
mas mesmo coisas vulgares, todavia com interesse. Por princípio, conversa, enquanto tinha a memória fresca, em geral, na mesma tarde costumava escrever os meus apontamentos

sobre uma determinada do encontro. Estou contente por assim ter procedido. Aliás, com o correr do tempo, a memória ficaria debilitada e o relato, menos exato.
Os apontamentos tomados e as numerosas gravações feitas das conversas com Frank Duff são as fontes primárias do material desta biografia. Além disso, tive a sorte de fazer gravações de conversas com pessoas mais ou menos da idade de Frank e cujo contato com ele se estendia até aos primeiros dias da Legião. Algumas dessas pessoas já faleceram, mas a sua contribuição continua válida. Consegui ajuda valiosa dos Oficiais do Concilium e de outras pessoas intimamente
relacionadas com Frank.
Escrevo este livro por duas razões. Em primeiro lugar, porque creio que se os meus colegas sacerdotes e religiosos conhecerem um pouco do pensamento religioso de Frank Duff, as suas vidas se tornarão mais ricas. Se conseguirem penetrar levemente na sua

fé extraordinária, na sua profunda compreensão da Igreja, na sua esclarecida e terna devoção à Bem-aventurada Virgem Maria, se conseguirem apreciar a Legião como ele a apreciava, estou certo de
que terão imenso beneficio cuidados.
e também as pessoas confiadas aos seus
Em segundo lugar, tenho esperança de que este livro dará aos nossos numerosos Legionários, no mundo inteiro, um maior apreço das ajudas maravilhosas que a Legião de Maria lhes oferece para a aquisição da santidade e das imensas oportunidades que lhes dá para a evangelização do mundo.
que corrigiu o meu manuscrito e apresentou proveitosas sugestões. Tenho uma dívida especial de gratidão para com Nora Bucley, O meu obrigado também a Donal Healy que procedeu a frutuosa pesquisa nas minhas fitas 'cassette". Gilda Cellini e Angela Kandolf foram as digitadoras pacientes e dedicadas.
Acima de tudo, estou endividado com a própria Legião de Maria, que, pelo seu engenhoso sistema e maravilhoso espírito, foi para mim uma real inspiração e me ajudou, abaixo de Deus, a fazer do exercício do meu ministério sacerdotal uma alegria consumada.
Robert Bradshaw

RAÍZES
RAÍZES
O avô de Frank Duff, Michael Frehill, era um Mestre Escola aposentado, do Condado de Meath. Conhecera tempos difíceis. Nascera no princípio do século XIX, época em que a Irlanda passou por uma grande pobreza e feroz opressão. Foram tempos de privação para os católicos irlandeses, severamente privados dos seus haveres pelas Leis Penais. A Irlanda carregava ainda o peso do jugo inglês. Foram tempos de alvoroço e de agitação, em que o Movimento da Juventude Irlandesa ganhou importância e insistia com os jovens para tentarem de novo sacudir a dominação estrangeira.
a
Mas, foi também o tempo de Daniel O'Connell, o Libertador, tempo de esperanças, de frescas aspirações e de um só designio libertação. Em 1829, O'Connell conseguia a aprovação do Projeto de Emancipação dos Católicos, que garantia a estes uma certa liberdade. Mais tarde, foi fundada a Junta Católica para organizar e financiar a campanha de O'Connell, em vista da emancipação completa dos católicos. Para custear as despesas, pedia-se aos católicos um "penny" por mês. Este pagamento ficou conhecido como "Renda

Católica" e Michael Frehill orgulhava-se de ter sido um dos cobradores desta renda histórica.
Em 1847, a colheita da batata falhou em toda a Irlanda, dando origem a uma grande fome que se derramou por todo o país, provocando, com a doença que a acompanhou, cerca de um milhão de mortes. Um outro milhão procurou refúgio na Inglaterra, na América e na Austrália. Tom, irmão de Michael, emigrou para a América, estabelecendo-se eventualmente em S. Francisco.
svat Por volta de 1849, passara a crise da alimentação. A epidemia que acompanhava a fome também diminuiu de intensidade. No entanto, nesse ano, a situação ainda era tão má que o número de pessoas, alimentadas e mantidas pelas "Casas dos Pobres", mantidas pelo Governo, atingiu o número desconcertante de 932.000.
Neste mesmo ano, abria em Trim, Condado de Meath, a Escola Modelo, sendo Michael Frehill nomeado seu professor. Foi o primeiro católico a ser nomeado professor de uma escola do Estado, desde que as Leis Penais haviam entrado em vigor, cinquenta anos

antes. Michael compreendeu a importância da sua nomeação.
Ele mesmo havia recebido a primeira educação numa escola ao ar livre. Estas escolas de emergência, rústicas, dirigidas por irlandeses de bom sangue, davam uma educação rudimentar e mantinham vivas, com a língua irlandesa, a cultura e tradições próprias, ameaçadas de extinção pelos senhores coloniais, sentados nas cadeiras do poder, em Dublin.
A sua nova posição de professor constituía um desafio e uma responsabilidade: estava decidido a cumprir o seu dever patriótico, no que tocava à formação do caráter dos seus alunos e ao alargamento dos seus horizontes mentais. Primeiro, porém, devia mostrar-lhes onde deviam beber a sua inspiração. Ao voltar as páginas da História, encontraram homens e mulheres corajosos, que haviam comunicado à nação irlandesa o seu caráter, a sua fibra moral. Estes iam desde os grandes missionários irlandeses dos séculos VI e VII, que reacenderam as luzes da Fé e da civilização, apagadas em toda a Europa com a invasão dos Bárbaros, até aos amigos de Cristo do século XVIII, que sofreram prisões, fogo e espada, por amor do seu Divino Mestre.
Muitos dos alunos de Michael, educados debaixo das suas asas, desempenharam bom papel na escola da vida, quer na Irlanda, quer fora, ora como leigos, ora como sacerdotes.
Na folha em branco, no começo de um dos seus livros, escreveu a seguinte nota: "Segundo as Crônicas, os Frehill descendem do único irmão de Santa Colmcille". Seria impossível, evidentemente, provar a veracidade da crônica, no entanto a tradição constituía para ele um apelo.
Entretanto, a vida de Tom, na América, corria muito bem. Com a sua inteligência e espírito de iniciativa conseguira juntar uma grande fortuna. Possuía várias propriedades em S. Francisco. Quando - uma grande faleceu, os irmãos receberam o legado de £100.000 soma naqueles tempos. Com parte deste dinheiro, Michael comprou uma grande porção de terra no Condado de Cavan e investiu boa parte daquela soma em Ações da Companhia de Caminhos de Ferro. Estava agora em condições de organizar uma pequena biblioteca com os melhores livros e de adquirir a aparelhagem científica mais moderna. Nutria gosto especial pela Ciência. Na Irlanda daquele tempo, atacada pela pobreza, era invejado por muitos professores. Dotado de uma inteligência viva e de uma biblioteca de primeira classe,

deu- se generosamente à nova geração dos alunos que a Providência lhe confiara. Esperava um futuro melhor.

A esposa de Michael deu-lhe três filhos e uma filha. Susana,

amável e afetuosa, era a menina dos olhos do pai. Além dos trabalhos escolares, e da ajuda à mãe nas compras e na cozinha, ainda encontrava tempo para receber aulas de piano. Constituía uma alegria adicional para o pai o fato de, como ele, ter uma capacidade especial para as ciências, e grande foi o seu orgulho de pai, quando Susana, aos 18 anos, recebeu o "Prêmio da Rainha" para a Ciência, do Departamento de Educação em Londres. Animou-a então a concorrer para o Funcionalismo Civil Britânico, que naquele tempo abrangia a Irlanda e a Inglaterra. No exame de admissão, Susana conseguiu o segundo lugar. Foi uma autêntica proeza, pois havia concorrentes de todas as melhores escolas da Grã-Bretanha e da Irlanda.
soft Em breve chegou o tempo de partir a ocupar o seu lugar em Londres. Havia que preparar as malas e apresentar, apressadamente, os cumprimentos de despedida. Esperavam-na as lágrimas do adeus e os últimos conselhos do pai: "Toma cuidado contigo, Susana; escreve-nos sempre que puderes; que Deus e Sua Mãe Santíssima te abençoem". Susana passou dois anos em Londres. A excitação da vida numa grande cidade e o desafio do seu trabalho distraíam-na de se sentir só. Além disso, um dos irmãos vivia em Londres e era agradável poder visitá-lo. Havia momentos, no entanto, em que sentia no fundo de si mesma um profundo desejo de voltar à Trim encantadora onde nascera. Se um dia o Funcionalismo Civil, em Dublin, abrisse as portas às mulheres, ela seria a primeira a pedir a transferência de lugar.
Voltando a Trim, digamos que os anos não perdoavam a Michael Frehill que atingira a idade da aposentadoria. Foi para ele um momento difícil deixar a escola de que gostava profundamente. Tomou então uma corajosa decisão: voltaria para Dublin, onde construiria uma casa. Aí poderia estar mais próximo da sua família. Ali já viviam dois dos seus filhos e Susana, provavelmente, conseguiria regressar à Irlanda para umas férias ocasionais. Drumcondra era uma vasta zona rural, ao norte da cidade de Dublin. Foi ali que Michael decidiu construir a sua casa. Era a primeira a ser erguida ali. Quando, passados tempos, a área se desenvolveu, a sua casa ficou com o seguinte endereço: Rua de S. Patrício, 55, Drumcondra.
A alegria de Michael não conheceu limites, quando um dia recebeu carta de Susana comunicando que o Funcionalismo Civil em Dublin (dirigido ainda pelos ingleses) ia abrir as portas a mulheres empregadas e que o seu pedido para ser transferida fora aceito superiormente. Não era só por ele que Michael estava contente, mas

especialmente por amor a Susana. Sabia que ela sofria com saudades da Irlanda. Além disso, era já uma senhora e, se pensava em casar,
gostaria de vê-la casar com um irlandês.
Susana depressa se adaptou a Dublin, onde o ritmo da vida era mais lento do que em Londres. Além disso, Trim estava agora a um passo para uma visita, de vez em quando, aos seus antigos companheiros. Duas paisagens de Trim estavam suspensas na parede da nova casa de seu pai em Drumcondra, constituindo uma encantadora recordação dos bons velhos tempos.

Dublin é uma cidade demasiado antiga para possuir a beleza impressionante das grandes cidades modernas, mas tem um caráter típico que parece encantar tanto o estrangeiro como o natural da terra. Dentro em breve, Susana passou a amar a "bela cidade de Dublin" na sua magnífica diversidade - o pitoresco do Grande Canal com suas margens cobertas de relva e os graciosos cisnes; a vista panorâmica das casas jorgeanas da Rua Fitzwilliam com as montanhas azuladas à distância; a beleza rústica do Parque de S. Estêvão, com o seu lago de patos barulhentos; os teatros, as igrejas cheias; a Rua Moore, com os vendedores de frutos de cores variadas; os carros puxados a cavalos, os cantores e músicos da rua; a simpatia e a informalidade do "dublinense terra-a-terra" que, apesar da sua pobreza, mantém o espírito jovial e a imaginação viva; numa palavra, a cidade iluminada a gás imortalizada por James Joyce.

Sim, senhores, Susana gostava de viver em Dublin. Além disso, foi em Dublin que encontrou John Duff, o futuro marido. O seu encontro foi tão simples como encantador. Foi o pai de Susana que os apresentou. John Duff fora aluno de Michael Frehill. Filho do principal administrador de Lord Dunsany, vivia na quinta do seu senhor no Condado de Meath. Saíra-se muito bem em todos os exames, confirmando assim o bom nome da Escola Modelo de Trim. Ocupava agora uma boa posição social no Funcionalismo Civil de Dublin. Foi um feliz acaso que pôs John, uma vez mais, em contato com Michael Frehill, seu antigo professor.

"John, você tem que vir visitar-nos. Estamos desejosos de saber como lhe tem corrido a vida nos últimos anos. Além disso, queria que se encontrasse com a minha filha Susana; conhece-a, não é verdade?".

John conhecia Susana, mas só de vista. Nunca lhe falara, embora os dois tivessem frequentado a mesma escola de Trim. No entanto, recordava-se bem da pequena tímida de dez anos, filha do professor.

"Muito obrigado, Sr. Frehill, terei muito gosto em
aparecer". Não houvera qualquer hesitação na resposta de John.

RAÍZES

Pouco tempo depois, John tomava chá com a família Frehill.

O rubor tímido de Susana e as discretas manobras do pai, podemos imaginá-los. Havia, porém, uma coisa de que John estava certo: desde que a vira, havia anos, Susana tornara-se uma jovem extremamente bela.

Um ano mais tarde, John Duff casava com Susana Frehill. Ele, com 26 anos, era dois anos mais velho que ela. O primeiro filho nasceu a 7 de Junho de 1889. Foi batizado com o nome de Francis Michael Duff.

John Duff e Susana Letícia Frehill e a casa onde criaram os seus sete filhos, sendo Frank Duff
o mais velho

ด
5
01
AS
A C
4
ш

E
E
2
2 2
Frank Duff
2
PRIMEIROS ANOS
Algumas das recordações de Frank Duff são do seu avô, Michael Frehill, de idade avançada, ar patriarcal, na sua cadeira de balanço, pensativo, recordando melancolicamente, talvez, uma era que se afundava no abismo do tempo. Havia muita coisa que tinha de agradecer a Deus. Estava consciente disso. Conhecera dias difíceis, certamente, mas testemunhara também grandes mudanças para melhor e agradecia à Providência Divina tê-lo designado para formar o caráter de muitos jovens irlandeses, homens e mulheres, que, estava certo disso, seriam os construtores de uma Irlanda nova e melhor. Os seus dias de trabalho haviam findado; a sua energia sumia-se com o correr dos anos. Grande conforto representava para ele, ter junto de si a sua querida filha Susana, com os seus amorosos cuidados naquela idade avançada. Era uma pérola rara, aquela jovem; e o marido, John Duff, era um cavalheiro distinto, se algum havia.
A chegada de Frank, o bebê, enchera a todos de grande alegria: a vista incomparável daqueles dedinhos minúsculos, o vivo desamparo da infância, as lágrimas brilhando como pérolas nas faces tenras, e depois, com o sumir dos meses e dos anos, o bem-vindo ruído dos seus passinhos, os engenhosos esforços para subir aos móveis, a tagarelice e as perguntas do pequeno. Em breve chegaria o tempo da escola. Michael Frehill estava muito feliz com o seu neto. O tempo, porém, em breve lhe fecharia os olhos: faleceu quando Frank tinha cinco anos.
16
Tirada na virada do século, esta fotografia mostra os seis filhos do Sr. Duff (Laetitia já tinha morrido).
Frank, o mais velho, tem à sua frente Ailis, a irmã mais nova.
OS PRIMEIROS ANOS
Deus abençoou John e Susana com sete filhos. A Frank sucedeu Isabel, Laetitia, Eva, John, Sara Geraldine e Ailis. Laetitia morreria na infância.
John Duff era marido e pai de extrema dedicação - aquilo que os vizinhos chamam "um bom pai de família". Se revelara extrema ambição quanto ao futuro dos filhos, é porque lhes reconhecia os dons intelectuais indispensáveis. Frank, o mais velho, era excepcionalmente brilhante: John decidiu fazê-lo frequentar a Universidade para prepara- lo para um elevado posto administrativo, no Funcionalismo Colonial Civil Britânico. Podia fazê-lo, porque ele próprio, ocupando o escalão superior do Funcionalismo Civil, recebia bom salário. A esposa herdara do pai uma boa fortuna e a família vivia como rica.
John era homem de grande energia física, passando parte do tempo livre passeando de bicicleta e fazendo exercícios de natação. Iniciou Frank nos saudáveis exercícios ao ar livre. Era agradável ver o pai, com o filho atrás, passeando de bicicleta pelas estradas e atalhos da zona rural de Dublin. Também iam nadar juntos e, nos últimos anos, Frank contava com legítimo orgulho como o pai salvara, certa vez, um indivíduo de morrer afogado.
Os Duffs eram uma família unida e os filhos enchiam o ambiente com as saudáveis disposições de uma família irlandesa normal. Havia rixas ocasionais, com certeza, e infantis e barulhentas "batalhas verbais". A Sra Duff costumava dizer: "As aves conseguem viver

pacificamente no seu ninho: não é vergonhoso que os filhos de uma mesma família briguem e se batam?".
Toda a família se reunia habitualmente para as refeições. A maior parte das vezes, o almoço consistia em carne de carneiro, batatas e vegetais. O coelho pertencia também habitualmente ao cardápio. Em ocasiões especiais aparecia galinha. A abstinência de sextas-feiras não sofria exceção. Todavia, constava que o jantar de sexta-feira era o mais popular da semana, porque a Sra Duff, a mais bondosa das mães, preparava as receitas mais apreciadas pelos filhos - bolo de batata e sonhos (bolinho doce) -, seguidos de uma sobremesa especial.
A Sr.a Duff era uma pianista consumada e, às vezes, entretinha a família após o jantar. Frank aprendeu com ela muitas canções encantadoras. A maior parte das vezes, no entanto, os filhos juntavam- se à volta da lareira e ouviam histórias lidas ou contadas pela mãe. A grande lâmpada a óleo suspensa do teto, com as chamas dançando no fogão de sala aberto enquanto as crianças ouviam encantadas, as

C
D
0
3
3
4
t7
E
E
2

meninas nos seus vestidos graciosos e as largas cabeleiras da época,
era testemunha deste quadro reconfortante.
Mas, durante este tempo de divertimento, a mãe ensinava também a virtude aos filhos, mais pelo exemplo do que por palavras. Revelava seu grande amor por eles na bondade e esquecimento de si mesma. Quando as crianças se reuniam à volta dela, dividia um saco de doces em partes, dando uma a cada criança e guardando uma para si. Segundo um sistema rotativo estabelecido por ela, cada um ou cada uma tinha o seu presente preferido nas datas indicadas numa lista. Todavia, quando chegava a sua vez, nunca se aproveitava dela, mas escolhia a última alternativa. Se aparecia um visitante à noite, a forma discreta como a Mamãe Duff deixava a ele o seu lugar, causou profunda impressão no ânimo observador de Frank.
Uma vez, acompanhou Frank ao hospital para uma pequena operação. Seguiam ambos de mãos dadas. Num dado momento, a mãe parou, olhou compadecida para o seu filhinho e disse-lhe: "Frank, quanto eu desejaria sujeitar-me a essa operação no teu lugar, para te poupar o sofrimento". A memória desta observação e de quanto ela encerrava foi guardada como um tesouro por Frank, pelo resto da vida.
Mas, foi certamente pela sua genuína humildade que a Sra Duff conseguiu do Céu, por graça de Deus, tão maravilhosas bênçãos para a família; era realmente uma pessoa de extrema humildade e simplicidade. Apesar de ser bastante rica, nunca se considerou superior às pessoas pobres; talentosa e dotada de brilhante inteligência, nunca procurou

ostentá-la. Só depois da sua morte, por exemplo, é que Frank descobriu que no tempo de escola recebera o Prêmio da Rainha para a Ciência. Durante a vida inteira nunca se referiu a isso, mesmo diante dos filhos.
Não se pense, porém, que o Sr. e a Sra Duff eram pessoas excepcionalmente boas e que o seu lar primava por uma grande piedade. Frank descreve a mãe como "uma mulher católica normal". Ensinou aos filhos as suas orações, formou-os nas virtudes e assegurou-se de que iam à missa aos domingos. Os Duffs eram simplesmente "bons
católicos".
A Igreja Católica é como um vasto jardim de belas flores, de múltiplas variedades. Cada nação é uma flor que nela cresce e dá glória a Deus de uma forma peculiar, contribuindo assim variedade da Igreja a que pertence. O monarquismo irlandês primitivo para a infinita deu o tom ao catolicismo 'irlandês'. Enxertou uma determinada medida de ascetismo no caráter descontraído e informal do povo.

Introduziu também uma certa perspectiva sobrenatural na vida normal de cada dia. "A característica forte e persistente dos irlandeses citamos Frank Sheed — é a sua religiosidade exterior e fundamental, uma espécie de consciência instintiva da presença de Deus como algo atual e óbvio, a existência do mundo espiritual como um dado absolutamente garantido". A corrente da fé, na sua forma irlandesa, foi posta à prova e fortalecida durante sete séculos de sofrimento. Houve tempos, de fato, em que nada, praticamente, foi deixado ao povo irlandês, a não ser a sua fé. A Providência Divina foi o seu único refúgio. Na doença e nas tragédias de todo o gênero, o seu único grito era este: "Que a vontade de Deus santo se faça".
A família Duff era herdeira desta tradição. Talvez por isso, a característica mais agradável da sua fé e religião era o fato de, embora impregnando e influenciando toda a sua maneira de viver, passar inadvertida, pela simples razão de que era natural, aceita como um dado indiscutível.
As leituras, à noite, no lar, em família, desenvolveram em Frank um grande amor pela leitura. Tornou-se o que ousaríamos chamar um devorador de livros. Todo o dinheiro que lhe entregavam para as suas despesas correntes era gasto em livros. A magnífica biblioteca que o avô de Frank juntara foi aumentada por seu pai. Quando Frank atingiu os dez anos, já tinha lido um grande número de bons livros, inclusive os romances clássicos de Walter Scott e Charles Dickens. Mesmo nesta idade prematura já lera também as "Conferências sobre Ciência e Religião Revelada" e as "Reflexões sobre a Eucaristia", do Cardeal Wiseman, bem como outros livros de natureza séria. A leitura nesta idade revelava certamente uma inteligência prodigiosa e brilhante. É muito provável que tenha sido na biblioteca da família que ele travou conhecimento com os escritos do Cardeal Newman, destinados a exercer mais tarde uma profunda influência no seu próprio desenvolvimento intelectual. (1)
A família sofreu um pesado golpe quando Frank era ainda jovem. Ele e o pai foram atacados pela febre tifoide. Foram tratados em casa, em quartos diferentes. Numa dada ocasião, Frank esteve tão doente que pensaram ter morrido. No entanto, restabeleceu- se perfeitamente. Também o pai se refez, mas a febre deixou uma fraqueza permanente na sua forte constituição física.
(1) John Henry Newman and Frank Duff- by Finola Kennedy.

3
2
Frank Duff
devem
Quando Frank tinha um pouco mais de nove anos, a família mudou-se para "17, Clarinda Park East, Dun Laoghaire". Era uma grande casa no Condado de Dublin. O crescimento da família, a riqueza dos pais e a posição social dos Duffs justificaram uma tal deslocação. A grandeza, mais ainda, a largueza de espaço, ter agradado muito à Sr Duff. Mobília de qualidade embelezou os quartos. Duas empregadas entraram ao serviço. Era uma vizinhança 'seleta'. Considerando bem as coisas, a vida tinha sido boa para os Duffs.
3
TEMPO DE ESCOLA
TEMPO DE ESCOLA
Frank Duff nunca frequentou uma escola nacional. Seguiu primeiro uma escola particular local, para rapazes. Estas escolas privadas eram frequentes naquele tempo. Passou depois para o Colégio Belvedere, durante cerca de um ano. Em 1899, quando a família se fixou em Dun Laoghaire, começou a frequentar como externo o Colégio de Blackrock, dirigido pelos Padres do Espírito Santo, missionários de renome mundial. Aqui, pouco tempo depois da sua inscrição, foi preparado para a primeira Confissão e primeira Comunhão.
Desde os mais tenros anos, teve uma consciência delicada e meticulosa. Não se devia isto a escrúpulos, nem a um caráter vago sobre a natureza do pecado. Parece antes, ter sido devido a uma extraordinária honestidade que insistia na verdade, quaisquer que fossem as consequências. A sua primeira confissão ilustra bem isto. Muitos anos mais tarde, falando aos diáconos do Seminário de S. Patrício, Thurles, relatou o incidente seguinte:
"Na minha Confissão Geral, antes da Primeira Comunhão, atenuei uma ofensa que confessei. Pensando no caso, fiquei extremamente preocupado, com medo de ter feito uma confissão sacrilega.
Consequentemente, na manhã seguinte, em que se procedia à grande festa, pedi para me confessar, com grande confusão minha. Que ninguém me diga, pois, que a gente moça, novinha, não tem consciência precisa das más obras que pratica".
É muito provável que Frank tivesse, na ocasião, uma sensibilidade indevida. Em todo o caso, o incidente da Primeira Comunhão revela que, ainda em tenra idade, Frank tinha uma consciência penetrante e delicada e, ao mesmo tempo, a coragem moral para enfrentar um problema quando se lhe apresentava.
A preocupação com a Confissão não o impediu de apreciar a importância da Primeira Comunhão. Tinha, com certeza, uma

formação religiosa básica recebida na própria família. Na escola, tanto durante uma semana inteira antes do dia da Comunhão, havia uma ele como os seus colegas, recebiam aulas de Catecismo. Finalmente, preparação intensa para o maravilhoso acontecimento. Além disso, todos os comungantes eram convidados a escrever numa folha de papel as suas resoluções ou pedidos especiais que, depois de metidos num envelope fechado, eram colocados no altar. Estes gestos destinavam-se a aprofundar nos rapazes a impressão da solenidade. Apesar de todos estes auxílios, normalmente, não é de esperar por parte de rapazes tão jovens um maduro apreço. No entanto, quando Frank já tinha uma avançada idade, um amigo perguntou-lhe:

"Sr. Duff, quando comungou pela primeira vez, o Sr. tomou consciência do valor da sua comunhão?". Frank replicou com simplicidade:
"Sim, já nessa ocasião tomei consciência do seu
extraordinário valor".
De fato, a Sagrada Eucaristia se tornaria a força motriz de toda
a sua vida.
Frank Duff enquanto estudante e muito jovem.
22
TEMPO DE ESCOLA
Decididamente, Frank não gostava da escola. Nas tardinhas de domingo, ficava doente do coração só com pensar que na segunda- feira de manhã tinha de regressar à escola; quando esta terminava, estremecia de alegria. Sentia-se emancipado. No entanto, tinha de aproveitar ao máximo o tempo de escola, e o fez.
Tinha uma forte aversão pelas matemáticas, convencido de que não tinha capacidade para elas. Preferia história e línguas, especialmente as clássicas. Pouco tempo depois da sua inscrição,
passou a ser considerado como um dos mais brilhantes alunos da escola.
O Colégio de Blackrock tinha também o seu lado mais leve: era célebre pelas suas atividades atléticas e esportivas. Frank, destemido e forte, revelou-se nelas. Era um corredor excepcional e um ótimo ciclista. Gostava muito, também, do tênis e de críquete. Um dia tinha então doze anos-jogava críquete nos campos próprios do Colégio. Uma bola de críquete atingiu-o profundamente por detrás do ouvido esquerdo, atirando com ele à terra, inconsciente. Houve grande consternação. Frank foi levado para a enfermaria do colégio, onde recuperou os sentidos e, em seguida, regressou a casa. Infelizmente, prejudicara gravemente a sua capacidade de audição, que o acompanhará pela vida inteira, constituindo uma severa deficiência. Não jogava rugbi com frequência, mas interessava-se por ele. Numa manhã, apareceu um artigo no "Freeman's Journal", uma publicação dublinense de relevo, descrevendo um jogo de rugbi entre o Colégio de Blackrock e outra escola. O artigo abalou o corpo professoral, porque não só descrevia as supostas alegres celebrações no Colégio, depois da vitória, mas fazia desempenhar a um bom número de personalidades do Colégio, os mais estranhos papéis. Era uma fina peça de gênero caricatural. Houve testas enrugadas e o vermelho subiu às faces de muitos. Consternação geral! Como era possível que o 'Freeman's Journal' publicasse um tal artigo? Não se podia deixar passar o caso sem um reparo. Contataram o Editor. Espanto redrobrado! O Jornal apenas imprimira o artigo chegado do Colégio de Blackrock. Que artigo? Alguns elementos da direção visitaram a sede do Jornal, onde lhes foi mostrado o original do artigo em questão. Ficaram confundidos. O artigo não vinha assinado, mas reconheceram imediatamente a letra de um dos seus alunos de doze anos, chamado Frank Duff! Presumivelmente, por trás do palco, houve ameaça de castigo,
23

talvez de expulsão. Mas o fato é que o Colégio de Blackrock não quis separar-se deste seu brilhante aluno. As "indignidades" foram suportadas em silêncio. As autoridades alegaram não ter conseguido descobrir o culpado. Não comunicaram uma palavra a Frank sobre o caso, ou sobre a parte por ele desempenhada. Mas, quando o relatório do período escolar foi mandado aos pais, no fim do mesmo, indicando as notas havidas nas matérias escolares

- habitualmente 9 ou 10 valores - este terminava com a proverbial ferroada de vespa: Comportamento: 2 sobre 10. Até ali, a mais baixa nota de comportamento fora 9 sobre 10.
Dois anos depois, um golpe de infortúnio caiu sobre a família. O pai de Frank, depois de ter sofrido de tifóide, nunca mais conseguiu uma saúde perfeita. Houve mesmo uma deterioração gradual. A sua força e energia baixaram. Foi um golpe duro e humilhante para um homem outrora forte, de extraordinária energia. Tinha, porém, de encarar os fatos; deixou de poder trabalhar e teve de pedir a aposentadoria de Funcionário Civil. Como tinha, então, só 42 anos de idade, não pôde se habilitar à aposentadoria integral. A pensão recebida era um terço do seu salário habitual.
Infelizmente, também os rendimentos da fortuna herdada por sua esposa estavam enormemente reduzidos, dada a desvalorização das Ações de Caminho de Ferro, em que o pai investira o dinheiro.
Este revés financeiro significava que a família não podia continuar a manter a grande casa de Dun Laoghaire. Por isso, regressaram a Drumcondra, cuja casa era ainda propriedade da Sra Duff.
Foi decidido que Frank passaria a frequentar o Colégio Belvedere, que não era muito longe de Drumcondra. Os Padres do Espírito Santo pediram aos pais para não o retirarem do Colégio de Blackrock. Ofereceram-se mesmo para recebe-lo gratuitamente como interno. Os pais cederam, mas a mãe não concordou que ele ficasse como interno do Colégio; queria que ele vivesse, em casa, com a família.
No resto dos dias de escola, o seu horário era o seguinte: 7,15 h-café da manhã. Às 7.30 h saía de casa, em Drumcondra, e andava a pé duas milhas até à estação de West Row. Ainda não tinha bicicleta. Depois da viagem de trem, tinha de andar a pé mais três quartos de milha, até ao Colégio de Blackrock.

À noite havia que fazer os estudos e trabalhos escolares,

devidamente marcados. Os alunos tinham de trabalhar com afinco. Desde os doze ou treze anos, Frank estudou cinco línguas: Irlandês, Inglês, Grego, Latim e Francês.
O horário das aulas no Colégio de Blackrock estava esboçado, no conjunto, de acordo com as possibilidades e conveniências dos pensionistas. Por isso, algumas das aulas eram dadas em tempos impróprios para Frank. As aulas de Irlandês eram dadas no fim do dia, já tarde. Para facilitar a Frank o estudo desta matéria, as autoridades do Colégio arranjaram-lhe aulas particulares. Duas vezes por semana, ia a casa do professor, em Cabra, para as aulas de Irlandês. O Sr. Denis Lynch sentava-se dum lado do fogão e o aluno do lado oposto. Frank, dotado de um espírito inquiridor e de uma memória prodigiosa, fez grandes progressos. Passou a apreciar também a grande vantagem do sistema que propõe a "participação do aluno" sobre o método de "simples conferência". Um dia, o professor disse-lhe: "Frank, você não terá dificuldade em conseguir o primeiro lugar em toda a Irlanda, quando fizer exame". Havia, então, uma medalha especial para o aluno que conseguisse o primeiro lugar. Frank estava também otimista, pois, dizia ele, não havia nada que não soubesse sobre a língua irlandesa. Mas, diga-se a verdade, a medalha fugiu-lhe. Um outro estudante bateu-o por meio ponto.
Embora dotado de grande capacidade intelectual e de um maravilhoso sentido de humor, Frank mostrou-se tímido durante o seu tempo de escola, em Blackrock. Numa ocasião foi-lhe atribuído um papel importante na peça de Shakespeare "Twelfth Night" (Duodécima Noite). Mas, logo nos primeiros ensaios, deixou-se dominar por um tal nervosismo que

pediu para ser dispensado. No espaçoso campo de jogos do Colégio, notabilizou-se no atletismo; no entanto, nunca entrou em competição no dia dos esportes da Escola.
Esta timidez o acompanhou vida afora, convertendo-se com o tempo numa graciosa gentileza, que será uma das suas encantadoras características.
Aos dezoito anos, terminou o seu currículo escolar, coroando a sua maravilhosa carreira acadêmica, no último ano, com o Prêmio para a Exibição de Primeira Classe, sobre Literatura Moderna.

4

A DESCOBERTA DE UM MUNDO NOVO

Falando de uma maneira geral, os Duffs eram uma família de saúde delicada. Laetitia, a irmã gêmea de Eva, morreu na infância. A própria Eva nunca foi muito robusta. Tinha agora 13 anos: era uma bela jovem, com o cabelo preto encaracolado e uma tez um tanto pálida. Era esperta, cheia de vida e ativa. Na escola era uma aluna brilhante, conseguindo o primeiro lugar em todos os exames; no dizer de Frank, era o gênio da família. Frequentou a Escola do Convento Dominicano na Rua Eccles, onde era a grande favorita das Religiosas.

Mas era a sua santidade, a sua fina beleza de alma, que brilhava nela como diamante de superior qualidade. Maud Breen era sua colega e amiga de escola. Num dia de inverno, as duas jovens observavam com atenção os encantadores flocos de neve, dançando ao cair do céu e tecendo um tapete branco no terreiro do recreio. Era um espetáculo belo e tentador. Saíram fora, durante o tempo do almoço, para se divertir. Com a excitação, mal notaram o frio cortante. A Religiosa repreendeu-as pela sua louca ousadia e, evidentemente, Eva apanhou uma gripe. Foi o seu último dia de escola. Tendo caído seriamente doente, entrou no hospital para uma operação. Os médicos diagnosticaram-lhe tuberculose.

Durante os seis meses que precederam a sua morte, revelou uma extraordinária santidade. O Padre McGrath, sacerdote local, costumava visitá-la e trazer-lhe a comunhão. Ficou tão impressionado com a santidade da jovem que trouxe o Rev. Dr. Hickey, do Colégio de Clonliffe, para vê-la.

Frank retinha ainda, nos últimos anos da sua vida, uma viva recordação do dia em que, passando pelo patamar, encontrou Eva de roupão, rosto pálido e bela como sempre. Com o coração amargurado pela tristeza, disse consigo: "Ela não é para este mundo". De fato, falecia pouco tempo depois.

Quando Frank findou o currículo escolar, o seu primeiro empenho foi encontrar um emprego. Dada a aposentadoria prematura do pai, devida à sua pouca saúde e à drástica reviravolta das condições

de fortuna da família, a carreira universitária estava fora de questão. Entrou, pois, para o Funcionalismo Civil, em cujo exame de admissão conquistou o primeiro lugar, e passou a ocupar um lugar no Ministério das Finanças. Tornara-se, repentinamente, o ganha-pão da família.

Em virtude do pouco gosto pelas matemáticas, foi com certa apreensão que encarou a sua nomeação para o Ministério das Finanças. Tomou, porém, consciência das suas responsabilidades e encarou-as seriamente. Para ele, havia uma só preocupação: "regressar aos seus livros". Decidiu formar-se, a si mesmo, em Alta Matemática e Ciência. A magnífica biblioteca deixada por seu pai e avô tinha praticamente tudo quanto precisava para os seus estudos. Ali, estava um desafio que ele aceitou com prazer. Os livros desceram, um após outro, das suas estantes; dia após dia, Frank aplicou-se com extrema diligência. A solução dos problemas matemáticos, o interessante mundo dos dados científicos, o esforço mental absoluto, tudo isto excitou o seu espírito e afastou o desgosto que anteriormente nutrira por estes assuntos. Já não se tratava de mera dedicação da sua parte, mas de um ilimitado entusiasmo.

A sua inteligência exata e a sua forma, eminentemente prática, de encarar os problemas eram recursos inegáveis para o Departamento em que trabalhava. Quando tinha apenas vinte e um anos, inventou um sistema de cálculo que atraiu a atenção do principal responsável do Departamento. Daí resultou o convite para ir a Londres, a fim de apresentar a demonstração do seu sistema aos Responsáveis do Ministério das Finanças. Consequência: o Departamento passou a adotar o novo sistema. Sentiu um genuíno orgulho na sua descoberta e justa satisfação com a subida do seu salário.

Apesar de o trabalho diligente e a dedicação ao dever serem parte essencial do seu serviço diário, um maravilhoso espírito de fraternidade e jovialidade impregnava o ambiente de trabalho. Como notou um colega: "O ambiente do lugar de trabalho soava com o riso sincero e os gracejos humorísticos de Duff".

O seu carregado horário de trabalho não diminuiu o interesse de Frank pelas suas atividades ao ar livre. Após a sua 'emancipação' da escola, alistou-se imediatamente no clube de tênis de Drumcondra. O tênis era um dos grandes amores em que se distinguia. Mais tarde, inscreveu-se num segundo Clube de Tênis, porque tinha campos com chão duro, que podiam ser utilizados no correr do ano inteiro.

Andar a pé não era um dos seus passatempos favoritos, a não

ser que se tratasse de um desafio. Um dia, por exemplo, ouviu o pai contar que, certa vez, perdera o comboio e andara a pé todo o caminho até Trim. "O que o pai fez, pode também o filho", pensou Frank. Por isso, partiu de Dublin a pé e em 24 horas atingiu Trim e regressou, andando 83 Kms. O tempo estava tão quente que sempre que passava por uma bomba de água, metia a cabeça debaixo. Para conservar a cabeça fresca, pôs erva debaixo do boné; esqueceu-se, porém, disto, ao entrar numa igreja por que passou, ficando muito confuso

perante as pessoas que verificaram o fato. Nas últimas seis milhas da jornada, sofreu muito de bolhas nos pés, mas lutou com a dor, decidido a completar o que havia prometido a si mesmo. Quando mais tarde lhe perguntaram por que fizera esta loucura, replicou: "estava decidido a não ceder".
Esta firme decisão emergiu como uma notável marca do seu caráter. Uma vez que tivesse decidido fazer qualquer coisa, era praticamente impossível levá-lo a desistir.
De todas as atividades ao ar livre, do seu gosto, andar de bicicleta foi com certeza a mais agradável e importante. Quando se empregou pela primeira vez, disse-lhe o pai:
-
"Frank, já não me sinto capaz de andar de bicicleta; a minha bicicleta é tua; vais precisar dela".
Frank procedeu a alguns ajustamentos e, dali em diante, a bicicleta foi a sua companheira em todas as deslocações. Ia de bicicleta para o emprego; fazia os recados de bicicleta; passeava de bicicleta. Nos domingos de manhã, depois da Missa, ele e um colega partiam estrada fora de bicicleta, pela beira-mar, até Howth; de tarde, seguiam de bicicleta até Bray ou qualquer outro lugar pitoresco.
No conjunto, o jovem Frank Duff vivia tempos agradáveis e alegres. Grande número dos seus amigos pertencia à "camada superior" da sociedade; era convidado com frequência para desempenhar o papel de padrinho em muitos casamentos da alta roda. No Ministério das Finanças, predizia-se um brilhante futuro ao jovem matemático. Ocorreu então um acontecimento que alterou profundamente a rota da sua vida: Frank entrou para a Sociedade de S. Vicente de Paulo (Conferência de S. V. de Paulo). Era outubro de 1913 e Frank tinha
24 anos.
A DESCOBERTA DE UM NOVO MUNDO
Frank Duff com 21 anos, quando descobriu um sistema de cálculo que atraiu a atenção do Administrador do Departamento onde trabalhava. Como consequência, foi convidado a ir a Londres, fazer a demonstração do seu sistema no Ministério das Finanças. Pouco depois, o seu novo sistema de cálculo foi adotado pelo Departamento das Finanças de Dublin.
No conjunto, o jovem Frank Duff viveu tempos agradáveis e divertidos. Grande número dos seus amigos pertencia à "camada superior" da sociedade e era convidado, com frequência, para desempenhar o papel de padrinho em muitos casamentos da alta roda.
Frank já havia sido convidado antes para entrar na Conferência de S. Vicente de Paulo, mas declinara do convite, desculpando-se com o excesso de trabalho. Fora agora convidado de novo, desta vez por Jack Callaghan que trabalhava no mesmo escritório e pelo qual nutria grande respeito. Não tivera a coragem de dizer "Não". Entrou na Conferência de Nossa Senhora do Monte Carmelo e ficou profundamente impressionado com o que observou. Quando assistiu à terceira reunião, após a entrada, foi nomeado secretário da Conferência. A pobreza em Dublin, naquele tempo, era aterradora. Numerosas pessoas estavam desempregadas. As famílias viviam no quarto de um prédio dos bairros de lata. Aumentava a fome, a imundície e a embriaguez. Havia grande descuido no cumprimento dos deveres religiosos.
A finalidade da Sociedade de S. Vicente de Paulo resumia- se em mitigar, em certa medida, a grande miséria de muitos e, ao mesmo tempo, levantar espiritualmente aquela pobre gente. Frank
28
29
Frank Duff

notou que, às vezes, a urgência em alimentar os pobres era tão grande que se esquecia a finalidade espiritual da Conferência. Mas o que causou nele, indiscutivelmente, enorme impressão foi a ênfase colocada pela Conferência nas palavras de Cristo no Evangelho: "Sempre que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos a Mim o fizestes" (Mt 25:40). Devagar, mas com segurança, a forte realidade deste texto despontou no seu espírito. Jesus estava presente em todo e cada um dos pobres esfomeados que visitava. Toda a mão suja, todo o rosto pouco limpo, cada pé cansado eram membros do Corpo Místico de Cristo, gritando por compaixão e ajuda. Não nos recordavam simplesmente as palavras de Cristo, não eram pessoas pobres que deviam ser ajudadas por amor de Cristo. Nada disso; eram verdadeiramente o Corpo de Cristo nesta terra.

Frank tomou consciência de que a sua religião, até então, tinha sido medíocre, uma rotina relativamente apagada. Sem o devido apreço desta doutrina que o povo de Deus, a Igreja, é a presença continuada de Cristo na terra não é possível tomar consciência da aventura maravilhosa e eletrizante que a religião pode e deve ser.

Em alguns hospitais desse tempo, as condições eram primitivas e a higiene era precária. Quando Frank ia visitar a enfermaria dos cancerosos, no hospital, só era capaz de vencer o nojo provocado, pela reflexão de que era real e verdadeiramente Cristo que estava visitando. De modo semelhante, quando mais tarde visitava os bairros de lata, com toda a sua imundície e obscenidades, era recordando esta sublime verdade que ganhava ânimo para enfrentar horríveis situações.

Enquanto rapaz, Frank nunca entrara em contato com a pobreza. Em sua casa, havia abundância, limpeza e distinção de maneiras. Vira, com certeza, a pobreza à distância, vira crianças mal vestidas, vira homens bêbados nos caminhos e recuara com medo. Mas nunca ombreara realmente com a escória da sociedade, nunca conhecera as condições em que viviam os extremamente pobres. A sua entrada, agora, para as Conferências Vicentinas, punha-o em contato com a sinistra realidade e, provavelmente, a sua natureza extremamente educada era ferida pelo que via e ouvia. Mas nem por isso voltou as costas. Descobrira um mundo inteiramente novo os pobres de Cristo. Chegaria a amá-los com ardor e delicadeza. Iria servi-los, ou antes, serviria Cristo neles. Eles eram os amigos recém-encontrados e seriam seus amigos por toda a vida.

5

ENTRA EM CENA JOE GABBETT

ENTRA EM CENA JOE GABBETT

"No coração de todo o católico que pensa retamente, Deus implantou o desejo da santidade" escreveu

Frank Duff em 1916 (¹).

Não podemos conhecer os diferentes fatores que levaram Frank a tomar a sua religião a sério e a "enveredar pela porta estreita que conduz à vida eterna", mas duas coisas parecem ter influenciado profundamente a sua juventude: a leitura espiritual e os retiros fechados.

Frank começara a ler livros de espiritualidade antes de entrar para as Conferências de S. V. P. Provavelmente, encontrou-os na biblioteca de seu pai. Depois de entrar para a Conferência Vicentina, tornou-se um ávido leitor de livros sobre Deus e os Santos. Numerosos vicentinos, seus companheiros, Sir Joseph Glynn, Ralph Callagan, Tom Fallon, Matt Lalor, Vincent Kelly, Frank Sweeney e outros animavam os diversos membros a ler livros de espiritualidade.

Frank interessava-se sobretudo por ler Vidas de Santos. Embora fosse suficientemente sensato para não imitar as suas grandes austeridades, o seu zelo por Deus e pelas almas estimulava-o a desejar a santidade.

"Uma vez que concordamos diz ele que a santidade é para nós a coisa mais importante neste mundo, se tornará a coisa mais natural do mundo procurar adquiri-la" (').

Leu grande número de livros profundamente teológicos. Além disso, a sua fluência em francês possibilitava-lhe a leitura de todas as mais importantes obras dos grandes místicos franceses.

Dois meses depois de entrar para a Conferência Vicentina, participou num retiro fechado. Foi dirigido pelo Padre Scanlon, S. J. Faziam-se então, regularmente, retiros, nos fins de semana, nas casas dos Jesuítas de Rathfarnham e de Milltown Park, onde alamedas isoladas e jardins coloridos de flores ofereciam ambiente convenientíssimo para um indivíduo meditar na sua salvação eterna e nas grandes verdades da religião.

(') «Podemos Ser Santos?» por F. Duff, ed. ingl. p. 1.

e, consequentemente, As conferências do Padre Scanlon produziram impressão duradoura em Frank. Apreciava imenso o valor dos retiros ele mesmo passou a organizar dois retiros por ano.
As Conferências Vicentinas distribuíam dinheiro e alimentos para muitas pessoas necessitadas. As necessidades eram grandes; por isso, importava tentar todos os meios possíveis para juntar dinheiro. Todos os sábados, Frank percorria a cidade de bicicleta para visitar os prestamistas e receber seis "pence" de cada um deles. Nada mais conveniente do que pedir a contribuição para os pobres àqueles que juntavam dinheiro, sobretudo, de negócios com eles. Diga-se em seu abono que contribuíam de bom grado para as Conferências.
No decorrer das visitas aos pobres, Frank sempre procurou ajudá-los, tanto material como espiritualmente. Observava que, ao lado dos pobres, havia famílias financeiramente muito bem, mas deficientes na prática religiosa. Muitas não frequentavam a Missa e os Sacramentos. Tais pessoas não eram suficientemente pobres para merecer uma visita dos

vicentinos. Frank decidiu começar, junto de tais familias, um apostolado pessoal, independente do das Conferências. Noite após noite, Frank, ora de bicicleta, ora a pé, conforme a conveniência, voltava sozinho e visitava as casas das ruas periféricas de Dublin, prédio por prédio, quarto por quarto. Tornou-se uma figura familiar em toda a cidade; praticamente, todas as pessoas destas áreas o conheciam. Mesmo os católicos mais descuidados o recebiam respeitosamente. Grandes bênçãos acompanharam os seus esforços quando usava os Sacramentais da Igreja: as pessoas ficavam contentes ao receber a Medalha Milagrosa e o Escapulário, e muitas foram levadas à prática integral da religião pelos seus apelos delicados e persuasivos.
() Podemos Ser Santos? por Frank Duff, ed. ingl. p. 3.
ENTRA EM CENA JOE GABBETT
catequese no no 6 1/2 da Rua dos Carmelitas. Ofereciam o café da manhã a quem se prontificasse a participar de um Serviço Religioso Protestante. Cerca de 150 pobres, constrangidos pela situação trágica em que se encontravam, participavam no tal Serviço Religioso.
Em 1914, Tom McCabe, um grande trabalhador pela Causa da Igreja, escreveu uma carta à Sociedade de S. V. de P., chamando a atenção para esta situação desastrosa e pedindo para fazer algo para remedia-la. O Sr. Lennon, presidente da Conferência, pediu um voluntário que o acompanhasse para se inteirarem da situação.
Frank ofereceu-se e na manhã do domingo seguinte, às 8.00 h, estava com o Sr. Lennon na Rua dos Carmelitas. Tomaram posição em frente do Centro, do lado oposto, e testemunharam os acontecimentos. Ficaram sem palavra.
Uma senhora aproximou-se de Frank e disse-lhe: -"O Sr. está interessado neste lugar?".
-"Sim, muitíssimo".
"Ora, bem, se o Sr. pensa fazer alguma coisa resolver para esta situação, junte-se ao Sr. Gabbett, que está lá; ele já está pensando em resolver o problema".
Joseph Gabbett era um cavalheiro muito alto, de forte estrutura fisica, olhos penetrantes e um farto bigode preto. Parecia um militar, e com razão, pois servira muitos anos no exército inglês.
*
Dada a extrema pobreza de Dublin, o trabalho de doutrinação
protestante atuava de forma agressiva. Fora criado um Centro de

A aparência imponente de Joe Gabbett está em contradição com a doçura do seu coração. Gabbett, um digno Primeiro Sargento do Exército Inglês, foi companheiro próximo de Frank no serviço aos pobres de Dublin.

Frank aproximou-se e apresentou-se. Gabbett explicou-lhe que já tinha planejado abrir um Centro Católico para o café da manhã, a fim de se opor a este Centro Protestante, no domingo seguinte, de manhã. Estava então difundindo a novidade entre a pobre gente que frequentava aquele Centro de doutrinação.

Não havia, portanto, qualquer razão para abrir outro Centro dirigido pelos Vicentinos. Por isso, na manhã do domingo seguinte, Frank apresentou-se para ajudar Gabbett no novo empreendimento.

O lugar arrendado por Gabbett era uma grande cavalariça na Ruela do Vigarista (Cheater's Lane). O andar térreo destinava-se a cavalos e carroças. O andar superior tinha três divisões que podiam ser utilizadas para servir o café da manhã. Gabbett já tinha recrutado alguns homens e moças para o ajudarem a fazer o trabalho. Para financiar o projeto, as moças haviam começado pedindo um "penny" semanal por pessoa, na Fábrica de Bolachas 'Jacob', nas proximidades, onde estavam empregadas. Gabbett decidiu que a organização devia ter um nome e batizou-a, chamando-lhe "Associação da Imaculada Conceição". Preparou um altar devidamente adornado, na divisão principal, e colocou ao centro uma bela imagem da Imaculada Conceição. Algum dinheiro recolhido foi utilizado na compra desta imagem. Foi esta imagem que foi utilizada mais tarde, para o primeiro altar legionário.

No dia da abertura, numerosas pessoas que vinham frequentando o Centro Protestante mudaram para o Centro aberto por Gabbett. O número de pessoas crescia, semana após semana.

Frank tornou-se o braço direito de Gabbett. Todos os sábados à noite, vinha ajudar a preparar o café da manhã de domingo. Estava fascinado com o método de fazer chá, utilizado por Gabbett. Enchia uma grande tina com água e metia dentro uma razoável quantidade de chá forte, de que podia dispor. Depois, colocava-o a fogo lento, durante toda a noite. "Chame-lhe whisky" dizia Frank podia ficar embriagado com o chá de Gabbett". "você

Frank varria e lavava a louça. Cortava o pão montanhas de pão e aplicava-lhe manteiga. E fervia o "chá de Gabbett".

Enquanto as pessoas tomavam o café da manhã de domingo, Gabbett fazia-lhes um sermão sobre a Fé Católica. A sua linguagem era inculta e rude, mas simples, e os ouvintes compreendiam-na. Quando, por qualquer motivo não podia estar presente, Frank o substituía.

Ao rebentar a Grande Guerra de 1914, Gabbett dilatou o seu

campo de operações: conseguiu ser designado assistente leigo do Padre O'Loughlin, capelão militar de Portobello. E, evidentemente, Gabbett levou Frank consigo. Havia cerca de dois mil soldados no acampamento. Gabbett e Frank moviam-se entre eles, animando-os a serem fiéis à sua religião. O número de 'capturas' entre católicos pouco atuantes foi incrível. Procuraram levar o Padre O'Loughlin a visitar o acampamento na véspera da primeira sexta-feira e a ouvir confissões. Era um pequeno grupo de trabalho maravilhoso, formado pelo sacerdote, o seu assistente leigo, Gabbett, e Frank, ajudante de Gabbett.

Às vezes, Gabbett reunia um grupo de soldados católicos numa tenda e organizava com eles uma cerimônia religiosa. Reunidos à volta de uma imagem de Nossa Senhora, entoavam um cântico. Em seguida, rezavam o Terço. Findo este, Gabbett fazia um vibrante sermão sobre a salvação eterna ou a importância dos Sacramentos. Animava os soldados a

usarem o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo e a Medalha Milagrosa. No fim, ele e Frank distribuíam as Medalhas aos homens. Havia uma grande resposta a tudo isto. Um dia, a resposta foi maravilhosa: reuniram 70 soldados num determinado lugar do acampamento, Gabbett e Frank alinharam-nos numa frente de quatro e desfilaram pela cidade a caminho da casa dos Jesuítas, em Milltown Park, onde foram mobilizados numerosos sacerdotes para enfrentar a "invasão" e ouvir a confissão dos setenta homens.

Frank ficou cativado com Gabbett. Nunca, até então, encontrara alguém como este antigo soldado do exército deste mundo, transformado agora em guerreiro de Cristo. Homem enérgico como S. Paulo, "revestira a couraça da Fé e da caridade, com o capacete da esperança da salvação" (I Tes 5:8). Estava saturado com o amor de Deus e de Sua Mãe Santíssima.

Gabbett era um sapateiro de primeira qualidade que trabalhava noite fora, até altas horas. Em muitas noites, Frank, depois de ter acabado as suas atividades apostólicas, batia à porta da oficina de Gabbett e sentava-se entre as botas e sapatos. Poderia parecer um ambiente deslocado para conversas sobre religião, de fato, porém, Gabbett, enquanto costurava ou batia a sola, falava de Deus e de Nossa Senhora. Frank absorvia as suas palavras com prazer, como discípulo aos pés do mestre.

Notou que Gabbett usava o distintivo dos Pioneiros. Frank tinha o seu modo próprio de pensar acerca dos distintivos; não gostava

Frank Duff de manifestar publicamente a sua religião. Era incapaz de usar fosse que emblema fosse de natureza religiosa.

A Associação dos Pioneiros da Temperança Total fora fundada, em Dublin, pelo Padre James Cullen, S. J., em 1898. O fim primário da Associação era honrar o Sagrado Coração de Jesus pela promoção da abstinência total, mediante a oração e o espírito de sacrificio. Além de procurar abster-se de bebidas alcoólicas, o Associado devia rezar, diariamente, uma pequena oração e usar o distintivo dos Pioneiros que apresenta a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Frank tinha uma grande devoção ao Sagrado Coração de Jesus. No entanto, foi a ideia do uso público do emblema que o impediu de se filiar na Associação de Pioneiros. E agora, aqui tinha Gabbett, o seu grande herói, usando o distintivo. Chegou, porém, um dia em que encontrou as palavras de Jesus no Evangelho: "Se alguém se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante do meu Pai que está nos Céus. Mas àquele que me nega diante dos homens, eu também o negarei diante do meu Pai que está nos Céus" (Mt 10:32-33) Era claro como água; não havia duas maneiras de encarar este assunto. Ele não iria ser acusado de timidez ou covardia moral no Último Juízo. Dirigiu-se, pois, ao Centro de alistamento dos Pioneiros.

Foi-lhe respondido que tinha que sujeitar-se a um período de dois anos de prova. Significava isto que seria obrigado a usar o distintivo de Pioneiro em provação, por quinze meses; havia nove que não bebia álcool. Ficou indignado, levantou-se e saiu porta afora.

Em breve compreendeu, no entanto, que cedera ao orgulho e que esta desilusão era uma pequena cruz que o Senhor lhe enviara. Uma semana mais tarde, regressou ao Centro e alistou-se como membro em provação. Frank tornou-se, no resto da sua vida, um ardente promotor da Associação dos Pioneiros, tal era o elevado apreço que nutria pelos seus fins e ideais.

Abster-se de bebidas alcoólicas não foi muito difícil para ele, embora admitisse que, uma vez ou outra, gostaria de beber cidra ou cerveja. Quanto ao distintivo, sofreu uma tortura só em pensar que tinha que usá-lo em público. Mas, usou-o.

Aquele pequenino distintivo, tão leve em si, foi para Frank uma pesada cruz. Sabia, porém, que apresentando-se com ele publicamente, esmagava dentro de si o respeito humano, obtendo assim a graça da vitória para aqueles que bebiam de outro poço, diferente do de Cristo,

o único que poderia matar-lhes a sede para sempre. Dali em diante, como leal soldado de Cristo, consideraria como honra e privilégio ostentar publicamente aquele emblema do Sagrado Coração. Tal era o significado que lhe atribuía que, nesse mesmo ano de 1914, encomendou um distintivo pessoal dos Pioneiros, guarnecido de ouro, que traria com orgulho até o dia da morte.

Exibido em lugar de relevo no Centro do Café da Manhã, criado por Gabbett, na Viela do Vigarista, havia um grande quadro emoldurado do Sagrado Coração de Jesus. O quadro exercia sobre Frank uma extraordinária fascinação. Durante os sessenta e cinco anos seguintes, olharia amorosamente para este quadro (*). Tinha uma profunda devoção ao Sagrado Coração de Jesus; a história das revelações de Nosso Senhor a Santa Margarida Maria, em 1675, impressionava-o profundamente.

Quando S. Margarida Maria estava ajoelhada diante do Santíssimo Sacramento, viu com os olhos da alma o Sagrado Coração de Jesus Cristo, rodeado de uma coroa de espinhos e encimado por uma cruz. Ela mesma descreve o acontecimento: "O Meu Divino Mestre revelou-me as maravilhas da Sua ternura e os segredos do Seu Coração". "O Meu coração" disse-me "está tão inflamado de amor pelos homens que não consegue guardar dentro de si as chamas do Seu ardente amor. Deve tornar-se conhecido dos homens, para enriquece-los com os tesouros que contém". Em outra ocasião, Jesus apareceu-lhe de novo e mostrou-lhe o Seu Sagrado Coração, dizendo: "Eis o Coração que tanto tem amado os homens e que, como resposta, é tão pouco amado".

Frank não perdeu esta mensagem; dia após dia, sentia-se feliz em ajoelhar em oração diante do tabernáculo, "retornando amor com amor". Talvez lamentasse ter sido bastante indiferente no serviço do Senhor, durante os primeiros vinte anos da sua vida, cumprindo os seus deveres básicos, é certo, mas encarando a religião mais ou menos

(') Quando o Centro do Café da Manhã deixou de existir em 1916, Frank 'salvou' o quadro do Coração de Jesus, levando-o para Myra House (Centro das Conferências de S. V. de P.), e ali ficou até 1922, ano em que foi levado para o Lar de Santa Maria. Na noite em que abriu o Lar, serviu para a cerimónia da Entronização do Sagrado Coração. No momento em que o Lar fechou as portas, em 1974, o quadro foi levado para a Sede da Legião, na Rua Brunswick. Frank comentava: "Este quadro foi testemunha de parte da história da Legião"

como um dever de rotina que cumpria de uma forma ou de outra. Em 1916, Cereveu algumas orações que refletem, provavelmente, os seus sentimentos:

O meu Deus, o meu coração fixou-se nas coisas que passam. Mas, de "O men diante, dar-me-ei inteiramente a Vós. Dai-me tempo, e promete orair-vos fielmente. Dai-mesos reconstituir chinese os gafanhotos serviraram, para que os possa reconstituir cheios de realizações. O devus, desejo tornar-me santo - não para ser grande, mas para Vós serdes grandemente amado» (').

A partir deste momento, Frank leu mais, estudou mais, orou mais. A leitura das Vidas dos Santos aguçava sua curiosidade e oferecia-lhe maravilhosos e atraentes exemplos de dedicação e zelo. "Os Santos" escreve ele "são as doutrinas e práticas da santidade tornadas visíveis. Se frequentarmos a sua companhia, em breve imitaremos as suas virtudes" (2).

À medida que o amor ao Sagrado Coração de Jesus se intensificava, crescia também o seu zelo em promover esta devoção. No seu primeiro livrinho: "Podemos Ser Santos?" procura arrastar os outros a apreciar os tesouros que se encontram no amoroso Coração de Cristo. Escreve: "Devemos considerar atentamente o Divino Modelo. A Sua figura delicada e serena, o Seu rosto encantador, as Suas palavras, as Suas ações - tomai estes traços, um por um, e refleti sobre eles com afeto, da melhor forma que puderdes. Que incomparável beleza irradia de todos eles. Que suavidade, sabedoria, pureza, paciência e ternura; e que amor verdadeiro para conosco, apesar da nossa falta de docilidade, da nossa deslealdade. Olhai bem e admirai, e procurai atrair um sopro do Seu encanto sobre vós mesmos... N'Ele, o tesouro de perfeição não é como os tesouros deste mundo, guardados atrás de barras de ferro ou em museus para serem admirados, mas não possuídos. Cada perfeição que brilha em Jesus está lá somente para nos ser comunicada. Ele deseja, com todo o Coração, dá-las a nós. Por isso, olhai para elas, desejai ardentemente possuí-las e se tornarão vossas... Nosso Senhor e os Seus méritos não são só santos, mas santificantes: isto quer dizer, que a sua simples

(1) Podemos Ser Santos? pp. 4 e 16. (2) Ibidem, p. 18.

contemplação, com boas intenções, os imprimirá nos nossos corações e os tornará propriedade nossa. Que o nosso olhar seja como foi o de Maria. Pedi-lhe a sua ajuda nesta contemplação. Foi a sua ocupação desde a noite em que, pela primeira vez, olhou para a face de seu Filho recém-nascido". (')

Frank ficou naturalmente cativado pelas maravilhosas promessas feitas por Nosso Senhor a Santa Margarida Maria. A nona promessa teve para ele particular interesse: "Abençoarei todas as casas em que estiver exposto e for venerado um quadro ou imagem do Meu Sagrado Coração". Promoveu zelosamente a Entronização do Sagrado Coração de Jesus nos lares. Referindo-se ao apostolado junto das famílias não praticantes, dizia: "Procurai entronizar o Sagrado Coração de Jesus nesse lar e ganhastes o dia" (2). Mais tarde, quando fundou a Legião de Maria, disse aos Legionários que veriam, por si mesmos, a poderosa arma de que dispunham, quando enfrentassem casos desesperados"! "A atividade apostólica da difusão da Entrronização do Sagrado Coração de Jesus oferece uma introdução especialmente favorável, como poderá verificar-se, para entrar em contato com as famílias e com elas criar amizade. Sendo a missão de Maria estabelecer o reinado de Jesus nas almas, existe uma singular conveniência em que a Legião propague com ardor a Entronização, apostolado que atrairá sobre ela especiais graças do Espírito Santo (1).

Frank defendia que a décima promessa: "Darei aos sacerdotes a graça de tocar os corações mais endurecidos..." dizia respeito, também, àqueles que atuam como representantes dos sacerdotes (2). De fato, os maravilhosos frutos do seu apostolado individual junto a muitas famílias "intratáveis" de Dublin comprovava certamente a sua pretensão.

Embora Frank apreciasse a devoção ao Sagrado Coração de Jesus como garantia de eficiência apostólica junto às almas - o que, aliás, fora prometido por Nosso Senhor encarava, também, esta devoção como meio eficaz de amar e honrar o Divino Mestre. O seu amor ao Sagrado Coração era de uma pureza vigorosa e desprendida. "Os nossos corações" - escreveu - "foram feitos para possuir o mais elevado e o mais puro amor. Deus não os destinou para nada menos. Seria uma desonra para nós alimentar um amor baseado apenas em

(') "Podemos Ser Santos?" pp. 19 e 20 (2) Manual da L.. de M.

motivos humanos de recompensa ou no temor do castigo, por salutares que possam parecer essas razões. Por conseguinte, procuremos amar o Bom Pastor com um amor que se eleve acima das nossas conveniências pessoais.

- amá-l'O

- não para reinar com Ele no Céu,

- não para evitar o castigo eterno,

- não com a esperança de qualquer proveito,

- mas, por Si mesmo,

- para respondermos com uma doação pura ao infinito amor com que suspira pelo nosso.

- E, à medida que este amor puro se consolida em

nossos corações,

há-de mostrar-se impaciente

como a águia com os picos das montanhas,

devorada pelo desejo de subir mais alto, sempre mais alto, até gritarmos como Teresa do Menino Jesus, suspirando:

'Jesus, Jesus, eu desejaria amar-Vos, amar-Vos como nunca fostes amado" (').

(1) Manual da L... pp. 230-231

(2) Manual da L... p. 231

(3) "Podemos ser Santos?" pp. 31 e 32

A REVOLTA DA PÁSCOA E OS TEMPOS DIFICEIS VIVIDOS PELA IRLANDA

6

A REVOLTA DA PÁSCOA E OS TEMPOS DIFÍCEIS VIVIDOS PELA IRLANDA

No dia 24 de abril de 1916, segunda-feira, o pai de Frank apareceu em casa para almoçar. Vinha muito sério. "Correm rumores de que rebentou uma revolta na cidade" - disse. De fato, a revolta da Páscoa estourara essa manhã. Frank vinha de uma família extremamente patriótica. Segundo a tradição familiar, eram descendentes diretos de Lord Hugh Maguire, enforcado por ter participado na Revolução de 1641. Quando Frank ainda era jovem, a mãe foi visitar casualmente o irmão. Levou Frank com ela. A conversa abordou várias vezes a história do grande Daniel O'Connell, por cuja causa, a favor dos católicos, trabalhara o avô de Frank. Naquela casa, o Libertador era um herói.

Por enquanto, porém, a liberdade política era uma possibilidade distante. Alguns, nesta época, haviam crescido apáticos e resignados a viver sob a dominação estrangeira. Outros mostravam- se irritados e decididos, esperando uma oportunidade para expulsar finalmente o inimigo estrangeiro. O Sr. Hegarty, membro das Conferências Vicentinas, era um sólido

nacionalista. Voltava para casa frequentemente, depois da reunião dos Vicentinos, com Frank, e procurou recrutá-lo para o Movimento "Sinn Fein". Frank recusou. Primeiro, não tinha tempo; estava metido em vários trabalhos de caráter religioso. Em segundo lugar, não queria alcançar nada pela violência, por mais justa que a causa fosse.

Algum tempo antes da Páscoa, houvera rumores de uma revolta, mas poucos tomaram a sério estes rumores. As forças rebeldes seriam totalmente excedidas pelo número de forças fiéis ao Governo, sem qualquer hipótese de vitória.

Ora, na manhã desta segunda-feira de Páscoa, a revolta rebentou de fato. Frank ficou terrivelmente triste, ao pensar no derramamento de sangue. Mais tarde, nessa noite, ouviu tiros. O seu espírito transbordava de agonia e angústia. Não se surpreenderia com o fato de as forças britânicas, muito superiores em número, esmagarem rapidamente a revolta. Perguntava a si mesmo que seria feito dos chefes e do seu amigo,

Sr. Hegarty, que fora preso e transferido para uma prisão de Londres. Na quarta-feira seguinte, Frank ia a caminho da reunião da

Conferência Vicentina, quando, ao passar pela Rua Dame, viu os vendedores de jornais correr rua fora, gritando os títulos principais dos jornais, os chefes da rebelião haviam sido executados. Ficou horrorizado. Sentiu o fato tão vivamente que para usar uma expressão sua uma terrível e negra paixão abalou o seu coração. Representava para ele leve consolação o fato de o seu amigo Hegarty, que estivera preso, não ter sido executado, mas libertado pouco tempo depois.

As execuções sumárias dos 15 chefes da Rebelião transformaram a nação irlandesa: da apatia passou a uma força de combate vigorosa, decidida a acabar com a dominação inglesa na Irlanda. A guerra pela independência continuaria de 1917 a 1921.

Michael Collins, famoso pela sua ousadia e pelas suas táticas militares, tornou-se chefe do Departamento de Informação da ala militar do Sinn Fein. Era um organizador, implacavelmente eficiente, da resistência militar e tornou as coisas extremamente difíceis às forças britânicas, numericamente muito superiores. A opinião pública na América e na Inglaterra pedia tréguas.

O Governo Britânico foi obrigado a encarar o inevitável - a concessão, no mínimo, de certa independência ao povo irlandês.

Os chefes do Sinn Fein foram convidados a mandar representantes a Londres para debater os termos de um possível Tratado. O convite foi prontamente aceito.

É aqui que se revela o elevado conceito em que Frank Duff era tido pelo Sinn Fein. Apesar de não pertencer ao Movimento, foi escolhido para chefiar a Delegação e garantir, tanto quanto possível, a segurança de uma viagem carregada de perigos. Ajudara também na

preparação das propostas a apresentar e o fez com a arte consumada de funcionário civil superior. Alguns dias mais tarde, os delegados partiram para Londres, de barco,

acompanhados de Frank Duff. Perante os perigos que esta diligência envolvia, foi dado a cada homem um revólver. Frank declinou da oferta. O recepcionista do hotel de Londres dificilmente adivinharia

que o jovem cavalheiro que se inscreveu no Registro dos Hóspedes com o nome de F. S. Mitchel era Frank Duff. Frank achou que, por razões de segurança, constituía uma medida de prudência normal

encobrir a identidade dos delegados que se apresentaram no hotel. Ele mesmo não estava envolvido, como é sabido, nos aspectos políticos das negociações do Tratado. Mas, nestas e em outras circunstancias, ele não iria expor a segurança dos seus homens. Procurou, pois, que

cada membro da Delegação conhecesse o nome suposto com que devia assinar o registro do Hotel. Para si mesmo escolheu F. S. Mitchel. O Tratado Anglo-Irlandês foi assinado em 6 de dezembro de 1921

. Segundo o novo Regime, foi oferecida aos funcionários civis a opção de se aposentarem antecipadamente com uma boa pensão. Frank decidiu ficar no seu posto. O Ministro apreciou imenso esta

decisão, pois um funcionário civil com a sua extraordinária capacidade era de valor inestimável neste momento crucial.

Foi dada a Frank a nomeação para um novo cargo, que o liga na história com o mais famoso nome na luta pela independência. Os seus superiores mandaram-no chamar:

"Sr. Duff" disseram-lhe "Michael Collins, como sabe, é o Comandante Supremo do Exército Nacional. Vamos nomeá-

lo como seu secretário particular. Gostaríamos que fosse para o Quartel Militar de Portobello, para cuidar dele". O encontro entre estes dois homens deve ter revelado vivo

contraste. Michael Collins, de aparência dominante, poderoso, eficiente. Frank Duff, de estatura mais reduzida, delicado, igualmente eficiente, mas segundo processo diferente. Michael Collins deve ter ficado contente com o seu novo Secretário, Frank Duff, tão eficiente como amável, para tratar dos seus assuntos oficiais.

Na manhã de 22 de agosto de 1922, Frank entrou, como de

costume, na secretaria de Collins. -"Frank, hoje vou a Cork. Dê-me a sua mão para eu apressar meu passo".

Frank assim fez; viu-o partir e acenou-lhe um "adeus". Foi a

última vez que viu Collins vivo. O Grande Generalíssimo foi morto nesse dia, a caminho de Cork.

*

Bateram à porta de Frank, em Drumcondra. Era a Sr Connolly,

viúva de James Connolly, executado pouco tempo antes pelas Forças da Coroa Britânica por ter participado na Rebelião de 1916, que queria falar com ele. Tinha uma estranha história a contar e queria o seu conselho. O Sr. Murphy, que não era um católico muito firme, entregara os

seus três filhos pequenos a uma Agência de doutrinamento protestante.

Pouco tempo depois, mudou de ideia, mas a Agência não cedeu facilmente

a sua presa. O Sr. Murphy, mais tarde, teve que ser hospitalizado por causa

de uma paralisia, e não pôde dar os passos necessários para transferir os filhos para uma Instituição católica. Desesperado, escreveu um documento que designava a Sr Connolly e a Sr Pearse como tutoras das três crianças. A Sr Connolly era uma convertida ao Catolicismo e uma

piedosa adepta à sua Fé. Queria ardentemente reaver as crianças e retirá- las do que chamavam "Ninho das Aves" ('Birds Nest'). Mas, como?

Frank aconselha-a: ela tem o direito, segundo a lei, de retirar as crianças do Ninho das Aves, visto possuir um documento assinado pelo Sr. Murphy; mas, isso seria extremamente dificil e dispendioso,

por ter que passar pelo tribunal. "Sr" Connolly"
do assunto à minha maneira?"
disse ele "autoriza-me a Sr" a tratar
"De bom grado, Sr. Duff. Ficarei muito grata ao senhor".
O táxi parou a uma discreta distância do hospital. Frank Duff estava sentado calma e discretamente no lugar do passageiro, esperando uma oportunidade. Explicou os seus planos ao motorista, pois iria precisar da sua ajuda.
Quando viu três jovens aproximando-se e entrando no hospital, notou que condiziam com a descrição que deles lhe haviam feito.

Depois do primeiro encontro da Sr Connolly com Frank, este foi ao hospital visitar o Sr. Murphy, estabelecendo com ele uma relação muito amistosa. Disse ao Sr. Murphy o que tencionava fazer e levou-o a escrever uma carta à Diretora do "Ninho", dizendo-lhe que gostaria de ter uma visita dos seus três filhos, num futuro próximo.
O Sr. Murphy recebeu a resposta, dizendo-lhe que as crianças iriam visitá-lo a tal hora, em tal dia.
Quando as crianças saíram do hospital, depois de visitar o pai, Frank apanhou-as e colocou-as dentro do táxi. O motorista arrancou imediatamente para Artane, onde os Irmãos Cristãos cuidaram delas, transferindo-as mais tarde para o Lar Católico para Rapazes (Catholic Boys Home), em Glasnevin. Aí passaram a viver e foram muito felizes.
**
Passaram-se anos. Um dia, mais uma vez, bateram à porta de Frank. Desta feita, era o Sr. Murphy Júnior, um dos três pequenos que haviam sido raptados por Frank, muitos anos antes.
- "Sr. Duff, venho agradecer-lhe o que o Sr. fez por meus irmãos e por mim. Lembra-se, com certeza?".
"Sim, sem dúvida"-respondeu Frank. "Mais do que isso" acrescentou com um sorriso "recordo que vocês três berraram, olhando para trás, quando partimos". E, enquanto passeavam, durante uma hora, recordaram os acontecimentos de outrora, com satisfação para ambos.
Quanto à Sr Connolly, que merecia uma recompensa pela nobre parte que desempenhou no caso, o Senhor remunerou-a abundantemente. Frank levou-a depois com ele, por duas vezes, em Peregrinação a Lough Derg.
A REVOLTA DA PÁSCOA E OS TEMPOS DIFICEIS VIVIDOS PELA IRLANDA
7
"PURA COMUNICAÇÃO
COM DEUS"
Quando tinha cerca de 24 anos de idade, Frank Duff passou por uma experiência que o abalaria até às profundidades do seu ser: "perdeu a Fé". Aconteceu da seguinte forma: num sábado de tarde, foi à Igreja dos Carmelitas, na Rua do mesmo nome, para se confessar. Depois da Confissão, foi ajoelhar imediatamente em frente do altar- mor para rezar a penitência. Aconteceu, então, um fato estranho. A sua fé evaporara-se. Não se tratava apenas de dúvidas. Não, a sua fé "desaparecera". Nesse momento, Deus deixou de existir para ele. Mas, se Deus não existia, nada possuía qualquer interesse no mundo inteiro. A vida não tinha sentido.
Frank ficou esmagado com esta terrificante experiência, o inferno na terra. Não soube calcular quanto tempo durou este estado de "descrença". Talvez alguns minutos apenas, mas que lhe pareceram uma eternidade.
Passados momentos, assim como a Fé desaparecera instantaneamente, assim lhe foi restituída. Se poderia dizer que Deus lhe permitiu experimentar o estado de descrença total. Mais tarde, ficou contente com a experiência passada, porque o fez compreender, mais do que antes, que a Fé é essencialmente um dom de Deus e que nenhuma inteligência humana a pode alcançar com o simples raciocínio humano. Talvez Deus lhe permitisse passar por esta experiência, para fortalece-lo nas provações que o esperavam, mostrando-lhe devia que depender completamente de Deus e nunca confiar em si mesmo. Se Frank desenvolveu na vida uma fé verdadeiramente extraordinária, foi apenas porque, pela graça de Deus, trabalhou vigorosamente para ela. Esse vigoroso trabalho incluiu

estudo, sofrimento, ação corajosa e oração. A oração, porém, uma oração autêntica e sólida, foi o eixo central de todos os outros elementos.
Teresa de Ávila, santa eminente e mulher extremamente prática, declarara que não era fácil encontrar um confessor esclarecido e competente para guiar uma alma, mas que esta deveria procurá- lo com diligência. Frank Duff foi feliz, neste campo. Apreciava a extraordinária sorte de ter um sacerdote como Diretor Espiritual

habitual. Aquele que encontrou seria para ele de uma extrema ajuda
na busca da santidade.
O Padre Michael Brown, sacerdote jesuíta da Igreja de S. Francisco Xavier, em Dublin, era famoso pela sua grande santidade. Foi provavelmente, por causa disso que Frank o procurou para a confissão e direção espiritual. Desde 1915 a 1922 não recorreu habitualmente a qualquer outro sacerdote. Procurava-o também de tempos em tempos, fora da confissão, para se aconselhar. O próprio Frank confessaria que "a ideia do Padre Brown era conseguir o máximo da pessoa humana nos domínios do trabalho, da oração e da penitência, sem prejudicar a saúde". E Frank acrescenta: "Algumas vezes foi-me dificil concordar com ele, mas devo declarar que lhe obedeci inteiramente durante o tempo em que foi meu Diretor Espiritual e nunca me arrependi de ter feito assim. Acontecimentos posteriores mostraram-me que, nessas ocasiões, ele tivera razão. Quem quer que entrasse em contato com o Padre Brown notava imediatamente a sua profunda devoção a Nossa Senhora. Isso constituiu para mim uma grande ajuda, pois procurava então abrir caminho nessa direção".
A maior contribuição do Padre Brown para o progresso espiritual de Frank Duff foi, indiscutivelmente, o apreço devido da oração, especialmente do Ofício Divino, oração por excelência.
Em 1915, Frank decidiu rezar diariamente uma forma qualquer de Oficio Divino. Entrou na Ordem Terceira dos Carmelitas e começou a rezar o Pequeno Ofício de Nossa Senhora. Continuou a rezá-lo até 1917. Nessa ocasião sentiu-se atraído pelo Ofício Divino, que constitui a obrigação dos Diáconos e dos Sacerdotes. O Padre Brown ensinou-o a rezar. Os salmos e leituras da Bíblia assumiram novo significado para Frank; começou a apreciar que o elemento essencial da oração não é a afirmação de si mesmo, mas antes o reconhecimento do nosso nada e indignidade pessoal, e o louvor da infinita beleza e bondade de Deus.
Deus"
"Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso nome dai glória".
(Salmo 113 B)
"Olhai para o Ofício Divino como pura comunicação com - assim resumiu Frank esta forma de oração.
Frank rezou o Ofício Divino por inteiro, a primeira vez, na festa de S. Nicolau, em 1917. Levou cerca de três horas. Achou-o

cansativo e o deixou de lado. Alguns dias mais tarde, voltou a rezá-lo. Desta vez perseverou e rezou-o fielmente, todos os dias, até ao fim da sua longa vida. Logo que se familiarizou

com os livros do Oficio Divino, tornou-se capaz de reza-lo devotamente, sem pressa, em hora
e meia.
Frank nunca viajou, fosse para onde fosse, sem o seu Breviário. Um dia, em que Frank e um grupo de Legionários fizeram "alpinismo", o seu Breviário deu claramente nas vistas. Explicou então que jamais se arriscaria a separar-se do seu Breviário. Achava que se fosse ferido num acidente e levado para o hospital, estaria seguro de que o seu Breviário iria com ele.
Muito mais tarde, na sua vida, Frank pôde dizer: "Desde que comecei a rezar o Ofício Divino, em 1917, nunca omiti uma só linha". Em 1914 (tinha então 25 anos), Frank decidiu ir à Santa Missa nos quarenta dias da Quaresma. Terminada esta, foi incapaz de se contentar com dizer: "Muito bem. Cumpri o meu dever". Por isso, dali em diante, foi à Santa Missa diariamente todo o resto da vida.
Frank começou a encarar a religião realmente a sério. Apesar de implicado em múltiplas atividades apostólicas e no cumprimento consciencioso dos seus deveres de Funcionário Civil, começou a passar mais tempo em oração, especialmente em frente do tabernáculo. Aí podia abrir o seu coração na presença do Divino Mestre. A quantidade de tempo que ele passou em oração, durante os anos de 1914 a 1922, é simplesmente espantosa.
Raramente menos de quatro horas por dia. E, ao menos, três das quatro horas passava-as em igrejas diferentes. O seu horário normal de oração era o seguinte:
Todas as manhãs participava na Santa Missa, algumas vezes às 7:00 h no Convento dos Redentoristas, situado no final da sua rua (vivia então no n.° 55, "St. Patrick Road", Drumcondra); outras vezes às 7:15 h, na igreja de S. Francisco Xavier, também relativamente perto. Depois desta Missa, ficava para outras Missas. Passava uma hora na igreja. Por ocasião do almoço, interrompia o trabalho, tomava uma refeição leve no escritório e ia fazer uma "Hora de Adoração", no Convento de Maria Reparadora, que tinha adoração perpétua do Santíssimo Sacramento. Depois do dia de trabalho, passava outra hora na igreja, habitualmente na Rua dos Carmelitas ou na Rua Clarendon. Além disso, consagrava ainda uma hora à oração em sua casa.
Um dia, um amigo de Frank perguntou-lhe se era a importância do trabalho apostólico que o levava a rezar tanto, uma vez que um
46
47

48
Frank Duff
frutuoso apostolado deve mergulhar as raízes na oração e na vida espiritual. Frank respondeu que não. A sua vida de oração-disse- especialmente Vidas de Santos. Nas Vidas dos Santos, a absoluta era independente dos seus trabalhos. Leu numerosos livros espirituais, necessidade da oração era clara. Por isso, chegara a apreciar o valor essencial da oração, independentemente da sua necessidade para um frutuoso apostolado. A posição do trabalho apostólico em relação à disse :- era o "preenchimento do tempo".
oração, no seu caso
Dada a impossibilidade de passar todo o tempo em oração, saía fora e o "preenchia", fazendo apostolado.
*
**
*

A Revolta da Páscoa de 1916 produziu um extraordinário efeito em Gabbett. Ficou tão perturbado com ela que encerrou o Centro do Café da Manhã, na Viela do Vigarista, e alistou-se no Exército Inglês. Numerosos pobres que ali tomavam o desjejum voltaram ao Centro de doutrinamento protestante do "6 1/2 da Rua dos Carmelitas".
Frank ficou consternado, mas continuou o seu bom trabalho entre os soldados do Aquartelamento de Portobello. Tomou a seu cargo o Serviço Religioso nas manhãs de domingo e ali pregava regularmente todas as semanas. O Sargento-mor Baxter, oficial Comandante, convertido à Igreja Católica, olhava esta atividade com aprovação e encorajamento, permitindo a Frank entrar no campo militar, a qualquer hora, para falar aos homens.
No começo de 1918, os soldados que viviam no Hospital do Campo Militar foram transferidos para o quartel na Ilha de Spike, Condado de Cork. Na semana anterior, Frank mostrou-se particularmente ativo. No domingo que precedeu a transferência todos os católicos do hospital foram aos Sacramentos.
Agora que eles se tinham ido embora, Frank tinha que arranjar outra atividade para substituir esta, na sua vida.
8
O PREÇO DO CAFÉ DA MANHA
O PREÇO DO CAFÉ DA MANHÃ
Estamos na Igreja dos Carmelitas. A reunião das senhoras da Irmandade terminou. O sacerdote, em frente da porta da igreja, despede-se das senhoras e jovens. Apontando para um cavalheiro que passeia sozinho na rua, diz-lhes: "Aquele é o louco aqui do bairro". O apontado era Frank Duff. Com o Terço do Rosário nas mãos, Frank fazia o seu trabalho de piquete em frente do Centro de Doutrinamento Protestante do 6 1/2 da Rua dos Carmelitas. Emma Colgan, um dos membros da Associação, ficou fascinada e comentou: "Padre, o sr. não tem razão. Na sua loucura há um método; conseguirá fechar o Centro de Doutrinamento Protestante". Mais tarde, a mesma Emma se tornou uma das primeiras Legionárias de Maria.
Frank não levara muito tempo a descobrir um trabalho apostólico para substituir o do hospital militar, deslocado para a Ilha de Spike. Verificara que o Centro de Doutrinamento Protestante continuava a sua atividade e, como poucos se importavam com ele, começou de novo o seu trabalho de piquete. O seu método era o seguinte: com o Terço do Rosário nas mãos, aproximava-se de cada pessoa que entrava no Centro, pedindo-lhe para não fazê-lo. Dizia- lhes algumas palavras para lhes mostrar que traíam a sua religião por uma refeição e um Serviço Religioso Protestante.
Esta atividade exigia dele uma extraordinária coragem moral. Pensava-se, então, que "o bom católico praticante cuida da própria alma e não se interessa ativamente pela salvação dos outros; faz o mínimo para ficar fora do inferno; ouve Missa aos domingos, evita o pecado mortal e, em geral, não é quente nem frio".
Cinquenta anos mais tarde, o Vaticano II expunha claramente as obrigações de cada cristão: "A vocação cristã é, por sua própria natureza, vocação ao apostolado" (AA.2). "Os leigos são destinados ao apostolado pelo mesmo Senhor" (A.3). "A todos os fiéis incumbe o glorioso encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens, em toda a terra" (AA.3).
49

Frank Duff

Mas, em 1918, o leigo católico não era evidentemente o "guarda de seu irmão". Frank Duff era, com toda a evidência, "um homem estranho". Hoje podemos verificar que nascera antes do tempo.
Na Rua dos Carmelitas, os transeuntes olhavam o caso com indiferença, alguns mesmo com hostilidade. Mas Frank ia tendo bom resultado com os pobres fregueses do Centro. Alguns, depois de ele lhes ter dito uma palavra, decidiam não entrar. Outros, fracos em religião ou esfomeados de corpo, eram mais difíceis de convencer.
Frank descreve-nos de forma brilhante uma experiência inicial: "Uma das primeiras vezes que fui trabalhar de piquete" - diz- nos ele- "ia sendo a última. O trabalho estava quase no fim. Todos tinham já entrado e eu esperava com toda a calma que as pessoas saíssem. Às vezes, nesta ocasião, reagiam bem. Apareceu então um soldado bêbedo. A bebedeira era forte, pois não caminhava direito. Quando se aproximou, dirigi-me a ele e disse-lhe: "Se o sr. é católico, não entre nesse lugar, pois terá que participar de um Serviço Religioso Protestante". Vi imediatamente que ele tinha uma navalha na mão e atirou-se a mim, com toda a força, com a navalha em punho. Fiquei tão surpreendido com o gesto que não dei um passo. Falhou o alvo unicamente porque estava enormemente bêbado; sóbrio, teria me atingido. Refiz-me da surpresa e dei-lhe um golpe tal que ele foi ao chão. A navalha saltou-lhe da mão. Debrucei-me e apanhei-a e esperei que ele se pusesse de pé, pronto a dar-lhe uma sova mestra. Houve de fato uma briga terrível. De repente, porém, vi-me afastado para fora do campo de batalha por uma mulher que presenciara o acidente de uma janela de casa. Desceu à rua e atirou-se a ele. Chutou-o, bateu- lhe, puxou-o pelos cabelos, arranhou-lhe a cara. Nunca vi coisa tão destruidora. Aí tendes! Foi a minha primeira experiência".
Apesar das dificuldades inerentes a tal modalidade de apostolado, Frank perseverou. Todavia, após algum tempo, tomou consciência de que era difícil dizer às pessoas: "V. não deve entrar aí", uma vez que sabia que elas estavam esfomeadas. Naqueles tempos, não havia pensões de Estado para os pobres. Mas, ali, na Rua Meath, o Padre Afonso Ryan estava organizando e fornecendo cafés da manhã aos pobres. Para manter este projeto em marcha, cada um tinha de pagar a pequena soma de três "pence". Por isso, Frank decidiu dar três "pence" - o preço do café da manhã - do seu bolso, a cada um dos seus protegidos e mandá-los ao Padre Ryan.

que excediam as possibilidades da sua generosa carteira. Convocou uma reunião especial da Conferência Vicentina, explicou-lhes o seu plano e pediu ajuda financeira para os cafés da manhã. Prontificaram- se imediatamente a financiar tão nobre projeto. Como resultado, os pobres passaram a frequentar o Centro Católico.
O trabalho apostólico dos piquetes, em frente ao Centro de Doutrinamento, continuou por mais seis anos e meio. Ao fim desse tempo, o número de clientes descera para dezesseis pessoas. Os protestantes decidiram então fechá-lo. Os dezesseis clientes que lhes permaneciam fiéis foram transferidos para outro Centro de Doutrinamento, chamado "Metropolitan Hall", onde os dirigentes lançavam mão da mesma prática enganadora, que chegou então a atrair mil e duzentas pessoas.
Quando Frank convocou a reunião de emergência dos Vicentinos, para lhes apresentar os seus planos, era sobretudo a ajuda financeira que procurava. Terminada a reunião, Tom Fallon, um dos membros, aproximou-se dele e ofereceu-lhe a sua companhia na atividade apostólica do piquete. Tom Fallon era um grande trabalhador pela causa da Igreja e pessoa

com extraordinária capacidade de organização. O seu oferecimento constituía para Frank uma grande bênção, pois aguentara sozinho a atividade de piquete nos doze meses anteriores.
Gradualmente, outros se ofereceram para esta mesma atividade; Frank decidiu então organizar o trabalho apostólico de piquetes, em frente ao "Metropolitan Hall". Desta vez, a atividade se manteve durante dezesseis anos. Tinha sido tão bem sucedida que, ao fim desse tempo, o Centro de Doutrinamento do Metropolitan Hall foi forçado a fechar as portas, por falta de clientes.

na Entretanto,
9
A MÃE
família Duff, em Drumcondra, dada a aposentadoria do pai, por falta de saúde, Frank assumira a responsabilidade de prover as suas necessidades. Isabel, a mais velha das irmãs, adoentada, foi incapaz de cursar estudos superiores. John, o único irmão de Frank, frequentou a escola com brilhantes resultados e Frank encaminhou-o para a Universidade. Em breve, passou a ocupar um excelente lugar no Funcionalismo Civil e, daí, subiu a Secretário do Departamento de Justiça. O descuido de John na prática da religião era a única sombra que preocupava Frank.
Sara e Ailis já eram jovens: Frank financiou-lhes os estudos e abriu-lhes o caminho da Universidade. Ailis, a mais nova da família, era a sua irmã favorita. Quando nasceu, foi ele o primeiro a tomá- la nos braços. Foi ele também que tomou as pequeninas mãos nas suas e a ensinou a andar. Tinha apenas quinze anos quando seu pai morreu. Frank foi para ela um pai solícito e um irmão amoroso. Sara e Ailis frequentaram com brilho o Colégio Universitário de Dublin e doutoraram-se ambas.
Sempre houve um maravilhoso laço de união entre todos os membros da família. Os fundamentos desta união foram indiscutivelmente lançados pela Sr Duff, extremamente paciente, calma e amorosa. Foi verdadeiramente uma boa esposa e uma boa mãe.
Depois da morte de Eva, a Sr Duff vivia momentos ansiosos, sempre que alguém da família caía doente. Recordava-se bem do perigo que Frank correra de lhe ser arrancado, aos nove anos, com uma febre tifoide. Agora, era o declínio da saúde do marido que mais a preocupava. Cuidava dele conscienciosamente, com atenção e afeto. Chegou finalmente o dia em que ela se apavorou. A sua intuição de mulher mostrava-lhe que ele estava mais doente do de costume. que "John"-disse-lhe ela- "precisas consultar o médico". Embora relutante no primeiro momento, acabou por ceder à insistência da esposa. Quando regressou, Frank estava na cozinha, mas foi a mãe que o marido levou para outro aposento, para ouvir o diagnóstico do médico. Foi ela que, a seguir, comunicou a Frank a notícia:
"Frank" - disse-lhe ela - "o teu pai tem um câncer".

"Tem a certeza?"
A MÃE
"Tenho. O Dr. chamou outros dois médicos para o examinarem. Infelizmente, é absolutamente certo. Os médicos disseram-lhe que teria ainda cerca de seis meses de vida".
Para Frank foi como a queda de um raio. Recebera tanto do pai: uma boa família, uma educação enérgica e saudável, o amor ao esporte e à vida ao ar livre, uma introdução à

literatura e às artes. Neste momento, porém, não havia espaço no espírito de Frank para recordar tudo isto.
Um só pensamento o dominava - a eternidade. O pai de Frank era católico praticante, mas não o que se poderia chamar uma pessoa extremamente religiosa.
John encarou a sentença do médico com calma. Sofria, com certeza, mas com coragem.
Um dia estava sozinho com Frank. Tal era o respeito que nutria pela maturidade e sabedoria do filho que, desde os primeiros tempos da juventude de Frank, o consultara muitas vezes sobre negócios vários de família. Agora, voltava-se mais uma vez para ele. Disse-lhe simplesmente:
"Que sacerdote me aconselharias?"
Estas palavras eram agradáveis ao coração pesado de Frank. Estava tudo combinado. O pai foi ter com o sacerdote e fez uma maravilhosa preparação para os seus últimos dias. Teve uma morte santa e edificante. Faleceu a 23 de dezembro de 1918 e foi enterrado três dias depois.
Dois anos após a morte do pai, Frank comprou uma casa na Praça Dartmouth. Era o no 51. Casa espaçosa e bem situada. Frank estava contente com a compra, sobretudo por causa da mãe. Sabia que ela gostaria da casa. Estava satisfeito, também, por causa de Isabel. A sua saúde afligia-a bastante e o coração de Frank pensara nela.
E, evidentemente, era uma situação ideal para o próprio Frank: ficava perto do escritório onde trabalhava, na sede do Governo, e não muito afastada das áreas da sua múltipla atividade apostólica e atividades espirituais. A sua mãe costumava dizer: "Não sei onde Frank colheu toda a sua religião!".
O laço entre ela e Frank era verdadeiramente extraordinário. Não havia nada que ela não fizesse por ele. Não havia nada que ele não fizesse pela mãe.
Ocasionalmente, quando ele era jovem, ela costumava

chamar-lhe "Confianテアa Total", porque ele estava "sempre lテ。". "A minha mテ」e nテ」o poderia jamais imaginar" 窶｢recordava ele mais tarde "a profundidade que as suas palavras atingiram em mim e como mergulharam no meu interior e inclinaram os meus pensamentos. Apreciava o elogio e procurava ser digno dele".
Um dos grandes pesares da vida de Frank foi o fato de tテエ-la deixado sozinha tantas vezes. As suas atividades mantinham-no longe de casa atテゥ altas horas da noite. Ele sabia que, por mais tarde que chegasse, ela o esperava atテゥ regressar.
Mas, tudo quanto podia fazer por ela, ele fazia. Quando Frank tinha 21 anos, jテ。 ganhava bem e levava-a a passar as fテゥrias em Paris. Levava-a, praticamente, todos os anos a Londres. Descobriu ali um pequeno hotel particular, dirigido por uma テウtima famテュlia. Era muito confortテ。vel e ficava nas proximidades do parque. Os dois juntos exploravam Londres, iam ao teatro e a outros espetテ。culos. Ela gostava de dar umas voltas para olhar as vitrines e Frank acompanhava-a. Nunca Frank foi a fテゥrias sem a mテ」e.
Em Dublin, havia tambテゥm cinco teatros e era fテ。cil uma grande escolha entre boas peテアas com テウtimos atores. Todos os sテ。bados テ noite, Frank levava a mテ」e ao teatro. Mais tarde, quando Frank cometアou a ouvir mal, passaram a ir ao cinema.
Frank gostava de recordar, anos mais tarde, os tempos passados com sua mテ」e, e insistia que nテ」o era simplesmente para cumprir o dever que a levava consigo, sempre que podia e aonde podia. Nテ」o, テゥ porque gostava muito de fazテエ-lo. Ela era o mais テュntimo amigo, o melhor amigo na terra. Uma das suas grandes consolaテアテオes humanas na vida era a

fidelidade do amor de sua mテ」e: acontecesse o que acontecesse, sua mテ」e estaria sempre com ele. Sempre podia confiar nela. Ela podia confiar sempre nele.
テ・indiscutテュvel que esta maravilhosa relaテアテ」o entre mテ」e e filho, esta mテコtua fidelidade e dependテエncia, contribuiu para Frank adquirir uma prodigiosa e enriquecedora compreensテ」o do sentido e beleza da maternidade.
10
A "VERDADEIRA DEVOテ・グ"
A "VERDADEIRA DEVOテ・グ"
Frank Duff, na sua juventude, era um catテウlico vulgar, diria mesmo, um catテウlico descuidado. Guardava os Divinos Mandamentos de Deus, ia regularmente テ Missa de domingo, nutria para com Nossa Senhora uma devoテアテ」o que ousaria chamar sentimental. Mas era tudo. A compreensテ」o da base da devoテアテ」o a Nossa Senhora era escassa; nテ」o tinha qualquer apreテアo real pelo papel que ela desempenhava no plano de Deus.
Em 1918, aconteceu qualquer coisa que Frank consideraria, mais tarde, como uma graテアa de Deus. Caiu-lhe nas mテ」os um pequeno livro intitulado "Verdadeira Devoテアテ」o a Nossa Senhora", escrito por Luis Maria De Montfort.
Foi no fim de uma reuniテ」o da Conferテエncia de S. Vicente de Paulo. Enquanto Frank arrumava a sala, os outros membros, de pテゥ, em grupo, discutiam com calor sobre qualquer coisa. No centro do grupo, Vincent Kelly segurava numa das mテ」os um exemplar do "Tratado da Verdadeira Devoテアテ」o テ Santテュssima Virgem" de Grignion De Montfort, e explicava aos outros o assunto do livro. Quando Frank terminou, juntou- se ao grupo, mas a discussテ」o estava no fim. Ficou com a impressテ」o de que Vincent Kelly tinha o livrinho em elevado apreテアo.
Alguns dias mais tarde, Frank viu um exemplar do livro em discussテ」o na banca de um sebo, junto do Rio Liffey. Comprou-o por quatro "pence". A leitura do livro nテ」o o impressionou. Atribuテュa a Nossa Senhora um papel que parecia exagerado. Deixou-o de lado, com a intenテアテ」o de nテ」o mais abri-lo.
Mas, a Providテエncia tinha outros designios. Olhando retrospectivamente os acontecimentos, podemos verificar como Deus preparava este homem para a sua grande missテ」o. Se Nossa Senhora tinha um plano e precisava de alguテゥm para executテ。-lo, sabia que tinha aqui um homem prometedor, cuja fテゥ jテ。 tinha sido provada e nテ」o fora encontrada deficiente, com uma vida de oraテアテ」o, um homem de intrテゥpida coragem e convicテアテ」o, um homem como tal vez geraテアテオes passadas nテ」o tinham visto.
Tom Fallon, que tinha se juntado a Frank no trabalho de
54
55

Frank Duff
'piquete' frente ao Centro de Doutrinamento do 6 1/2 da Rua dos Carmelitas, disse-lhe um dia: "Frank, V. já leu o Tratado da Verdadeira Devoção à SS.ma Virgem de Luis De Monfort?"
"Sim, li".
- "E o que pensa dele?".
"Bem, está muito bem escrito, mas acho-o extremamente
extravagante".
"De modo algum. V. não leu bem. Volte a lê-lo. V. deve ir ao fundo do livro".
E Tom compeliu Frank, praticamente, a ler repetidas vezes o livro. O que aconteceu nos é contado pelo próprio Frank:

"Estava empenhado na leitura forçada do livro, quando se passou em mim algo estranho. Sem qualquer raciocínio que levasse a semelhante conclusão, considerei o fato como um favor divino que me era outorgado. Por uma iluminação instantânea, tomei consciência de que o conteúdo do livro era verdadeiro; adquiri uma completa convicção de que aquilo que, até então, considerara exagerado e irreal era perfeitamente justificado. Os excessos que julgava descobrir no livro resultavam, de fato, das minhas deficiências, das lacunas pessoais de conhecimento e compreensão. O momento em que isto aconteceu gravou-se no meu espírito com absoluta clareza".

Frank tinha, indiscutivelmente, um grande amor à Santíssima Virgem. Nisto não há dúvida alguma. Rezava-lhe habitualmente. Em julho de 1964, podia dizer ao Papa Paulo VI: "Tenho rezado as cinco dezenas do Rosário todos os dias, sem omissão alguma, desde 1914". Apesar disso, em 1918 havia lacunas no seu conhecimento. Tinha uma fé forte, mas reconhecia agora que tinha de fortalecê-la com o estudo da Teologia sobre Nossa Senhora. Crescia nele a suspeita de que a sua devoção a Nossa Senhora era embaraçadoramente deficiente, ficando muito aquém do que devia ser. Mas, onde encontrar a Teologia, o conhecimento básico, que tão desesperadamente precisava? Devia haver uma forma, em algum lugar, de ele conseguir o conhecimento que a doutrina de Montfort supunha. Convinha que os Monges Trapistas do Monte Melleray viessem em seu auxílio.

A "VERDADEIRA DEVOÇÃO"

A Abadia do Monte Melleray é o maior e mais conhecido mosteiro cisterciense, na Irlanda. Está situado nas pitorescas vertentes das montanhas de Knockmealdown, entre Tipperary e Waterford. A extensa propriedade e florestas do mosteiro faziam parte primitivamente da montanha e foram doadas por 'Sir' Richard Keane aos primeiros monges que ali chegaram, em fevereiro de 1832.

A nova fundação foi ganhando forma gradualmente. Os monges trabalharam duro para aproveitar o solo pobre e musguento. Pouco a pouco, mas com segurança, as colheitas chegaram. Nesse tempo, havia grande pobreza na região, à volta de Melleray, e muitos aldeões corriam às portas do mosteiro em busca de alimentos para eles e suas famílias. Os monges partilhavam de bom grado o que tinham com quem nada tinha. Para eles, todo pobre era Cristo disfarçado.

A vida diária dos monges é tecida de oração, trabalho e penitência. A sua vocação é louvar e glorificar a infinita bondade e amor de Deus. A santa Regra do Mosteiro prescreve, diariamente, numerosas horas de silêncio, para diminuir as distrações e criar uma atmosfera favorável à oração.

Foi neste ambiente, que numa tarde fresca de outubro de 1914, apareceram duas figuras distintas - Fank Duff e Joe Gabbett.

Gabbett fora desmobilizado recentemente do Exército Britânico. Frank visitara-o e ficara consternado ao verificar que o seu amigo rompera com o compromisso de Pioneiro e voltava a embebedar-se. Ansioso por ajudá-lo, debatera o assunto com dois vicentinos, os srs. Sweeney e Lalor, que o aconselharam a levá-lo a Melleray. Sabia-se que os monges haviam ajudado muitos alcoólicos a dominar a sua 'fraqueza'.

Frank já estava bem informado sobre a Ordem Cisterciense. Nutria uma grande devoção a S. Bernardo, fundador da Ordem. Lera quanto pudera sobre a vida dos monges que o fascinavam. Considerava a sua vida humana de extraordinária têmpera. A ideia de passar, agora, alguns dias no mosteiro, nas faldas da montanha, constituía para ele uma aventura mais importante do que explorar a selva.

Os dois homens haviam partido de Dublin, em comboio, e feito a última parte da viagem no carro lateral de uma motocicleta, nesses tempos uma notável característica da vida

irlandesa do campo. om Era o fim da tarde quando chegaram. A luz do dia se apagava suavemente. No entanto, à medida que se aproximavam, podiam ver a agulha da torre do mosteiro e o contorno do edificio. Durante o correr

dos anos, Frank recordará sempre a viva emoção que então sentiu. Foram recebidos pelo monge encarregado de acolher os hóspedes, que lhes ofereceu uma leve refeição, de estilo monástico.
Frank sentiu-se imediatamente à vontade.
No dia seguinte, levantou-se cedo e dirigiu-se à capela. Os monges provocaram nele uma extraordinária impressão; parecia que pertenciam realmente a outro mundo. Viu-os entrar na capela, um a um. Caminhavam devagar, sem pressa, cada um, um indivíduo distinto no tamanho, na forma e na expressão e, no entanto, todos tinham um ar ascético monacal. Frank sabia que era dificilmente possível que todos fossem santos. Mas, pareciam tão santos, tão absorvidos na oração, tão próximos de Deus! Invejou-os, com certeza, e a sua forma contemplativa de vida, mas sabia muito bem que jamais seria capaz de se juntar a eles. Já, antes desta ocasião, decidira não casar, mas sabia que a sua vocação não era o sacerdócio nem a vida monástica. Tinha uma missão diferente. Estava absolutamente certo disso, embora não tivesse conhecimento exato da forma precisa como ela se realizaria. De manhã, após o café, alguns dos monges tomavam conta de Gabbett. Respondia bem e fazia maravilhosos progressos.
Entretanto, Frank aproveitava a oportunidade de explorar alguns dos campos do mosteiro - os caminhos estreitos junto ao lago, as florestas, os jardins, as colinas. Era como se a natureza lhe oferecesse uma encantadora reflexão sobre a beleza de Deus, quase como um jardim sagrado em que uma alma consagrada podia florir em santidade.
O Padre Brendan era um maravilhoso hospedeiro. Passeava com Frank e os dois conversavam sobre temas espirituais. O Padre Brendan perguntou-lhe: "Sr. Duff, o sr. não gostaria de ler algum livro?" A biblioteca do mosteiro estava bem fornecida de livros sobre temas espirituais. Frank respondeu-lhe: "Oh! sem dúvida, gostaria de ler um livro sobre a Santíssima Virgem, um livro que não fosse tão profundo que eu o não entendesse, mas, no entanto, um livro teológico que explicasse a inteira posição de Nossa Senhora".
O sacerdote foi-se e voltou com um livro intitulado: "O conhecimento de Maria", escrito pelo Padre De Consílio. A obra expunha o lugar eminente da Santíssima Virgem no Corpo Místico. Frank, esfomeado por coisa semelhante, começou a lê-lo. Ele mesmo nos conta o que aconteceu:
"Peguei a lê-lo de imediato e fiquei extremamente excitado,
A "VERDADEIRA DEVOÇÃO" porque encontrara aquilo de que precisava. Eram os alicerces que me faltavam para compreender Montfort. Apresentava-me o que o livro de Montfort dava como suposto. Aqui estava a teologia de Nossa Senhora. Fiquei completamente esmagado com a alegria deste achado. Sabia que um novo mundo acabava de se abrir diante de mim".
Desde que entrara na Sociedade Vicentina, o seu apreço pelo Corpo Místico desenvolvera-se poderosamente; agora, começava a ter consciência de que o seu apreço de tal doutrina era ainda muito imperfeito. Depois de ler este livro recém-descoberto, viu que a realidade era absolutamente assombrosa e que a chave da sua compreensão era Nossa Senhora, de forma um tanto inconcebível. Comparada com Jesus, Maria era como nada.

Jesus é o grande Mediador, Aquele que realizou a Salvação. Mas o Seu desígnio incluía Maria como colaboradora. Ele incorporou-a na Sua missão redentora, do princípio ao fim. Decretou que todo o Seu plano dependeria do extraordinário amor e fidelidade de Maria. O trabalho da nossa vida dependerá em grande parte do grau com que nos adaptarmos a este plano de Deus.
Desde o dia em que Frank regressou de Melleray, leu todo e qualquer livro em inglês e francês, a que teve acesso. Absorveu e digeriu as ideias contidas em tais obras. Foi às profundidades da sua mensagem. E dedicou-se a gastar a vida na difusão do devido apreço de Nossa Senhora, e à formação das pessoas na expressão do seu apreço, servindo-A.
58
59
Hank Duff

11

MATT TALBOT E OUTROS

Houve alegria e agitação; houve discursos. O jovem Charlie Andrews casara e a festa do casamento celebrara-se em casa de Frank. A Sr Duff estava acostumada a cuidar da grande lista de amigos de Frank, e entre estes, dos mais pobres dos pobres, como Charlie e sua noiva. Havia muitas festas de casamento em casa de Frank Duff. Para cuidar de tudo, lá estava a Sr Duff, que não tinha rival.

Charlie Andrews apreciava devidamente o que Frank fizera por ele e tinha-lhe grande respeito. Um dia, quando falava com Frank, perguntou-lhe:

- "Sr. Duff, o Sr. conhece o meu tio Talbot?" Frank respondeu que não.

"Bem" disse Charlie "o nome completo de meu tio é Matt Talbot. Tem fama de grande santo e de vidente". Frank não prestou grande atenção a esta conversa, mas, no mesmo dia, encontrou casualmente, no topo da Rua Grafton, o seu grande amigo Ralph O'Callaghan. O assunto de Matt Talbot veio à conversa e Frank descobriu que Ralph conhecia muito bem Matt.

"Oh! Sim! Matt e eu somos grandes amigos. Visito-o muitas vezes e ele vem com frequência à minha casa".

E foi assim que, no passeio da Rua Grafton, Frank conheceu a admirável história de Matt Talbott.

Matt Talbott nascera numa família pobre, em Dublin, a 2 de maio de 1856. Aos doze anos empregou-se numa taberna. Infelizmente, muitos dos fregueses ofereciam-lhe bebidas gratuitamente, convertendo-o rapidamente num alcoólico, quando era ainda jovem. Mais tarde, trabalhou como jornaleiro, gastando a maior parte dos salários em bebidas.

Todavia, Matt manteve-se sempre puro e nunca usou linguagem indecente ou obscena. Rezava todos os dias a oração da manhã e nunca faltava à Missa dos domingos. Nutria grande respeito por Nossa Senhora. Estava, todavia, longe de ser uma pessoa religiosa.

Deixou de frequentar os Sacramentos. Quando se embebedava, era conflituoso e costumava praguejar e fazer juras.

Chegou, enfim, o momento da conversão. Um dia, assumiu o

compromisso dos Pioneiros por três meses. Na manhã seguinte, foi à Missa e à Sagrada Comunhão.

MATT TALBOT E OUTROS

Foi uma luta demorada, dificil, mas perseverou com a ajuda da Missa diária, do Terço do Rosário e de severa penitência.

Teve, finalmente, a boa sorte de encontrar o sobrinho da sua fazendeira, Ralph O'Callaghan. Ralph, um vicentino exemplar, interessou-se por ele, sobretudo depois de a mãe lhe ter contado o que a mãe de Matt lhe mostrara uma cama feita de pranchas de madeira, em que ele dormia as poucas horas que consagrava ao descanso, cada noite.

Matt vinha, ocasionalmente, à casa de Ralph para conversas sobre temas espirituais. Entre os livros que este lhe emprestou, contava-se a "Verdadeira Devoção a Nossa Senhora" de Luis Maria De Montfort. O livro produziu um profundo efeito em Matt. Intensificou o seu amor a Nossa Senhora; aprofundou a sua união com Ela. Leu no livro: “É muito glorioso e louvável que aqueles que se tornaram escravos de Jesus, em Maria, usem umas correntezinhas benzidas com uma bênção própria" (n. 236).

Matt adotou a prática de usar tais correntes. Recordavam-lhe que se tornara escravo amoroso de Nossa Senhora. Mais tarde, Matt disse a um amigo, John Gunning, que o uso da corrente o elevou da terra ao céu. Será, porventura, para admirar que Frank ficasse fascinado com o que ouviu a Ralph sobre esta pessoa maravilhosa?

À medida que o tempo avançava, assim progredia Matt na santidade. A sua vida de oração, as suas penitências, as suas virtudes heroicas, o seu grau de união com Deus, eram verdadeiramente notáveis.

À medida que envelhecia, a sua saúde deteriorava-se. Ralph, o seu leal amigo, visitou-o várias vezes no hospital e depois de ele voltar ao seu pobre alojamento.

Matt Talbot faleceu quando se dirigia à igreja para a Missa, em 7 de junho de 1925.

Quando Frank soube da morte de Matt, pensou que seria lamentável que a história da vida deste homem de heroica virtude sumisse no esquecimento. Por isso, levou Ralph O'Callaghan a encontrar-se com 'Sir' Joseph Glynn e apresentou-o. 'Sir' Joseph ficou muito impressionado com o relato de Ralph e concordou em estudar a vida de Matt, para lhe escrever a biografia.

Frank levou depois 'Sir' Joseph a encontrar-se com a irmã de Matt, a Sr Andrews, que lhe forneceu informações pormenorizadas sobre o irmão. Além de se sentir justificadamente orgulhosa com as

virtudes do irmão, era natural que se mostrasse agradável e pronta, agradecendo desta forma quanto Frank fizera pelo seu filho, Charlie. 'Sir' Joseph Glynn publicou, em 1928, a "Vida de Matt Talbot", dando assim a conhecer ao mundo a vida admirável deste santo homem.

* *

A Sr Duff estava preocupada. O irmão que vivia em Dublin abandonara a prática da religião e, naquele momento, estava doente. Falou com a esposa dele.

"Estou muito preocupada com meu irmão" "pois não tem frequentado os Sacramentos". - disse-lhe

"E com razão. Compreendo a sua preocupação, Susana, mas fique certa de que se ele piorar, lhe trago o sacerdote, quer ele goste quer não". "Oh! muito obrigada. Isso acalma o meu espírito". Frank, sobrinho do doente, estava naturalmente muito interessado. Desejava fazer alguma coisa por ele, mas dava-se conta da extrema dificuldade em falar a um parente tão próximo da salvação eterna.

A Providência entra em ação. Depois de uma recuperação parcial, o tio piorou e foi levado para uma clínica, onde foi objeto de cuidados intensivos, com enfermeira à cabeceira dia e noite.

"Ah! o Senhor colocou-o nas minhas mãos" - era a clara convicção de Frank. Explicou os fatos a um amigo, o Padre Robinson, e pediu-lhe para visitar o tio.

-

"Sr. Padre" - disse-lhe Frank "Talvez V. Rev. nada consiga, mas eu ficaria muito grato se tentasse fazer alguma coisa. Podia dizer-lhe que fui eu quem lhe pediu para o visitar".

O Padre Robinson garantiu-lhe que faria tudo quanto pudesse. No dia seguinte, o Padre Robinson telefonou a Frank. Este rezara fervorosamente, durante toda a noite, sem dúvida, no entanto não ousava perguntar ao sacerdote como haviam corrido as coisas.

"Frank, tenho boas notícias para você: administrei os Sacramentos ao seu tio".

Oh! que profundo alívio, que viva alegria! Mais tarde, Frank diria: "Este foi, talvez, o mais intenso momento de alegria da minha vida!". Na manhã seguinte, foi visitar o tio na clínica. Este ficou muito contente ao vê-lo.

"Frank" disse-lhe ele "o teu amigo Padre Robinson esteve aqui comigo. É um homem muito bondoso. Administrou-me os

Sacramentos. Posso dizer-te que me tirou um grande peso do espírito". Até este momento, Frank não se dera conta da preocupação do tio, por não ter praticado a religião.

Faleceu cerca de uma semana mais tarde. Durante o tempo que lhe restou, recebeu diariamente a Comunhão. Todas as tardes, as três enfermeiras que cuidavam dele juntavam-se no seu quarto, para com ele rezarem o Terço do Rosário.

A Sr Duff tinha outro irmão em Londres e quando Frank e a mãe iam à capital, em férias, costumavam passar alguns dias em casa dele. Ficavam tristes ao verificar que também ele deixara completamente a prática religiosa.

Um dia, chegou a notícia de que caíra seriamente doente. Frank decidiu que, por mais difícil que fosse, devia esforçar-se por fazê- lo regressar aos Sacramentos. A observação que o seu tio de Dublin The fizera, depois da sua reconciliação com Deus, ficara claramente gravada no seu espírito: "Tirou-me um grande peso".
Por isso, Frank pegou na pena e escreveu ao tio. De forma séria, mas delicada, disse-lhe que esperava que não levasse a mal por lhe tocar na religião. "A mãe e eu ficaríamos terrivelmente abalados" - dizia-lhe -"se soubéssemos que morrera sem receber os Sacramentos". Meteu a carta imediatamente no correio. Era Sexta-feira Santa.
Passou-se um mês sem resposta. Dada a seriedade do assunto e a solicitude de Frank, a demora provocou enorme tensão. Finalmente, chegou uma carta, agradecendo o interesse de Frank e garantindo-lhe que se não ofendera com o que ele lhe dizia.
"Porque é que recearias que eu me ofendesse com a tua carta acerca de assunto tão sério? De fato, estou muito contente por te teres interessado com o meu bem-estar. Todavia, acerca do teu assunto, posso garantir-te, como S. Paulo, guardei a Fé".
Estas palavras não tranquilizaram Frank. A carta do tio não falava dos Sacramentos. Meticuloso em todas as coisas, especialmente nas religiosas, Frank escreveu ao Padre Ripley, na Inglaterra, e pediu-lhe para fazer o que lhe fosse possível por este caso. O Padre Ripley teve dificuldade em localizar a casa do tio de Frank, mas conseguiu a ajuda de um sacerdote passionista, que visitou o doente e lhe administrou os Sacramentos. Assim fortificado, o tio de Frank entrava pouco depois na vida eterna.

12
NASCIMENTO DA LEGIÃO
Ajoelhada diante do altar, Elizabeth Kirwan concentrara-se profundamente na oração. Costumava visitar diariamente, no intervalo do almoço, a capela do Convento de Maria Reparadora, onde havia adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento. O convento ficava, precisamente, no canto da rua onde trabalhava. Nunca se preocupava com tirar o avental de trabalho quando vinha à capela; estava ciente de que o Senhor a compreendia.
Agora, justamente, havia um problema que a preocupava; conhecia alguém que precisava de ajuda, mas era um caso difícil e não sabia como resolvê-lo. Tinha plena consciência de que ela mesma estivera prestes a afastar-se do "caminho estreito". Pensou com certeza: "Como são estranhos os caminhos do Senhor!".
Elizabeth O'Loughlin nasceu de pais católicos, em Dunedin, na Nova Zelândia. O pai era advogado. Quando Elizabeth tinha nove anos, a família passou a viver em Melbourne, Austrália. Alguns anos mais tarde, veio para Londres e frequentou o curso de enfermeira. Aqui, descuidou dos deveres religiosos; com o tempo, perdeu o interesse pela religião. Mas, Deus reservava-lhe um lugar especial nos seus planos. Veio para Dublin e casou com John Kirwan, católico fervoroso. John tinha como profissão acender e apagar as lâmpadas públicas das ruas. As ruas de Dublin eram, então, iluminadas a gás. Os postes de iluminação eram ornados com belos trabalhos artísticos, sobretudo nas ruas elegantes do centro da cidade. Ao cair da noite, à medida que se desvanecia a luz do dia e a noite estendia o seu manto sobre a cidade, o público podia ver o acendedor dos lampiões, movendo-se misteriosamente como fantasma, tendo na mão direita uma vara com uma chama na extremidade. Parava junto de cada poste, erguia a vara acesa com o braço direito e tocava com a sua chama o lugar vital donde surdia um foco de luz. E, lá ia ele, penetrando na escuridão que se adensava, deixando na sua esteira uma cadeia de luzes

incandescentes. Depois, na pálida luz da aurora, quando o brilho das estrelas começava a desvanecer-se, podia ver-se a figura do fiel apagador das lâmpadas, movendo-se silenciosamente pelas ruas sonolentas da cidade, apagando metodicamente os lampiões, visto Deus inundar a capital com a gloriosa luz de um novo dia. Os cidadãos idosos dos dias de agora recordam, nostalgicamente, a era romântica dos candieiros a
NASCIMENTO DA LEGIÃO
gás, nas ruas, e os velhos acendedores dos mesmos, percorrendo a cidade.
Frank Duff costumava dizer: "A luz mais importante que John Kirwan acendeu foi a da fé moribunda da sua esposa, a partir das cinzas que a cobriam". Com efeito, conseguiu converter em fogueira a centelha de fé que nela existia.
Enquanto ali ajoelhada, rezava e refletia no "seu caso", achou que a solução podia não estar longe. Olhou de novo para aquele jovem cavalheiro, distinto, bem vestido, ajoelhado em oração atenta, ali perto. Ela notara que ele passava, diariamente, a hora inteira do almoço nesta capela. Sabia que o seu nome era Sr. Duff e ocupava um cargo superior no Funcionalismo Civil e, ainda, que pertencia às Conferências de S. Vicente de Paulo. Levantou-se, fez a reverência e deixou a capela. Esperou um instante no pequeno átrio da entrada. Quando o Sr. Duff saiu, aproximou- se e apresentou-se. Explicou também o seu "caso".
"Sr. Duff'-disse-lhe "sei de alguém que precisa de ajuda e orientação. Eu não posso resolver o caso por mim própria; é demasiado difícil para mim. O Sr. não teria a bondade de tratar dele no meu lugar?". Frank ficou surpreendido. Perguntava-se como é que ela conhecera o seu nome, mas não tardou a descobrir que era irmã do Padre O'Loughlin, capelão do Campo Militar de Portobello, com quem, ele próprio e Joseph Gabbett, haviam trabalhado ultimamente. Ficou contente por ter sido abordado pela Sr Kirwan. Pareceu-lhe que deveria ter os seus 65 anos de idade. Tinha ares de pessoa-reservada e competente. Prontificou-se a tratar do caso que lhe confiara e, alguns dias depois, visitou-a com agrado na sua própria casa, para lhe confiar que tratara de tudo com pleno êxito.
Frank Duff com 32 anos, quando da fundação da Legião de Maria, em 1921, em Dublin.

Frank Duff
*
*
*
Em 1917, o número de membros da Conferência Vicentina de em duas Conferências. Frank Duff foi nomeado Presidente da nova S. Nicolau, de Myra, havia aumentado tanto que decidiram dividi-la Conferência, chamada de S. Patrício.
Nesse mesmo ano, os vicentinos passaram para a "Casa de Myra" que havia sido doada a Frank Sweeney por uma caridosa senhora chamada Sr Keogh. O espaçoso edificio dava oportunidade para diversificar os trabalhos da Sociedade Vicentina. A Conferência de S. Patrício, confiada a Frank Duff, introduziu imediatamente novas atividades, para ir ao encontro de várias necessidades reconhecidas. Introduziram as aulas de catecismo para crianças espiritualmente abandonadas. Começaram um Centro de Pioneiros de Temperança Total e trataram de recrutar membros para ele. Recrutaram, também, pessoas para a Liga da Missa Diária. Procuraram entronizar o Sagrado Coração nas famílias e alistar pessoas para receberem o Escapulário Castanho. Ninguém se admirará, se dissermos que

a inspiração e força motriz destas iniciativas era Frank. O que há aqui de maravilhoso é que fora dado um grande passo pelos leigos, nos diversos gêneros de apostolado espiritual, que abrangia um largo espectro.
Alguns destes trabalhos foram orientados para servir melhor às crianças, e, por conseguinte, a sua natureza reclamava a presença de mulheres, como agentes de apostolado. Desta sorte, as mulheres foram chamadas, pela primeira vez, a ajudar a Sociedade Vicentina.
No entanto, Frank era a luz diretora em todas estas novas atividades, pela sua inspiração e gênio organizador. Entre os voluntários havia numerosas jovens que já tinham ajudado Joe Gabbett e Frank Duff no apostolado do café da manhã, na Travessa do Vigarista.
Foi decidido criar um Conselho Diretivo, que reuniria uma vez por mês, para coordenar e superintender as várias atividades. Frank procurava, à sua volta, alguém capaz de assumir o encargo de orientar estas reuniões mensais. Recordou-se da Sra. Kirwan e decidiu visitá-la. "Sra. Kirwan" disse-lhe ele - "estamos empenhados em numerosas atividades apostólicas na Casa de Myra, tais como aulas de catecismo, atividades entre jovens, etc. Não gostaria a Sra. dar-nos também a sua ajuda?".
"Com certeza, ficaria muito contente em ajudar dentro das minhas possibilidades, Sr. Duff".
NASCIMENTO DA LEGIÃO
Durante os quatro anos seguintes, mês após mês, sucederam-
se as ditas reuniões na Casa de Myra. O Padre Toher, pároco local, estava presente. As orações rezadas eram, mais ou menos, as das reuniões da Conferência Vicentina, exceto que, em vez de uma 'Ave- Maria', se rezava o Terço do Rosário.
Era inevitável, neste ambiente, a menção do livro sobre
a "Verdadeira Devoção à SS.ma Virgem" de Luís De Montfort. A sua descoberta produziu uma impressão tão forte na alma de Frank que tinha de falar dele. Os outros mostraram-se muito interessados e fizeram numerosas perguntas acerca desta obra. Foi casualmente proposto numa das reuniões mensais que se fizesse uma reunião para falar do livro e da sua doutrina. Fixaram o dia; Frank falou sobre o tema do livro, seguindo-se o debate em que todos participaram.
Mais tarde, Frank escreveria: "E impossível acreditar que a ligação entre a reunião sobre a 'Verdadeira Devoção' e o aparecimento da Legião, a seguir à reunião mensal seguinte, fosse simples coincidência. Houve um designio sobrenatural manifesto e muito fraca inventiva humana. Tinham-se passado quase quatro anos sem um incidente, até à reunião sobre a Verdadeira Devoção. No momento em que se estabelece nos espíritos a verdadeira estatura de Nossa Senhora no sistema cristão, o terreno estava preparado para a Legião.
Dezessete dias após a reunião sobre a Verdadeira Devoção, nasceu a Legião de Maria. Aconteceu do modo seguinte. Quando Matt Murray apresentou o relatório de costume na reunião seguinte do Conselho, fez uma narração impressionante da sua visita ao Hospital da União de Dublin. Nesse tempo, um tal apostolado era reservado aos homens. O relato de Matt comoveu todos os presentes. Imediatamente após a reunião, enquanto algumas senhoras preparavam a tradicional "xícara de chá", duas delas aproximaram-se do Padre Toher e de Frank e perguntaram: "Não seria possível às senhoras fazerem o mesmo trabalho apostólico dos homens?".
"Sim, sem dúvida" respondeu Frank, que ajuntou: "Podereis interessar mais senhoras neste trabalho?".
As duas senhoras deram a volta para conversar com as outras e dentro de minutos estavam de volta, com a novidade: "Já temos seis". Concordou-se então que a primeira reunião se faria na quarta- -feira seguinte, às 8.00 h da noite. Foi só mais tarde que alguém

67
66

Frank Duff
chamou a atenção para o fato de o momento escolhido ter caido na
Vigília da Festa da Natividade de Nossa Senhora.
Desta sorte, à hora prefixada de 7 de setembro de 1921, juntaram-se quinze pessoas: o Padre Toher, Frank Duff e treze senhoras. A maior parte destas era ainda muito jovem. Foi a primeira reunião da Legião de Maria.
NASCIMENTO DA LEGIÃO
alistamento de cada um ao Seu serviço. Eles não iam simplesmente formar uma associação; eles iam amar e servir uma pessoa. Essa estátua recordaria sempre que Maria, sua Mãe, estava presente no meio deles.
100
Fachada de Myra House, berço da Legião de Maria, onde se vê encostado Frank Duff.
Quando Frank Duff entrou na sala da reunião, ficou encantado por ver em cima da mesa a estátua de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, ladeada de velas e flores, exatamente como acontece presentemente em qualquer reunião da Legião de Maria. O Vexillum foi projetado e acrescentado mais tarde. Convém acentuar que a iniciativa do altar não foi tratada de antemão. Foi ideia e arranjo de uma das primeiras a chegar, Alice Keogh, que disso tomou a iniciativa. Além disso, a estátua do altar da Legião, na primeira reunião, era a que fora comprada por Joe Gabbett e colocada em lugar de destaque no Centro do Café da Manhã, na Travessa do Vigarista.
A primeira vista da imagem no altar da Legião, nessa tarde, provocou tal impressão em Frank que reteve vívida memória desse glorioso momento no resto da vida. Impressionou-o como um raio: não foram os membros que se reuniram e convidaram depois Nossa Senhora a juntar-se a eles; nada disso. A verdade singela e dominante que Ela estava lá antes deles, esperando a sua chegada, aceitando o
é
68
No jardim da De Montfort House, Frank Duff com o primeiro Vexillum (de Procissão), simbolo da Legião de Maria
Nos primeiros tempos, a nova associação foi conhecida por "Associação de Nossa Senhora da Misericórdia". Mais tarde, tomará o nome de Legião de Maria.
Desde o começo, os membros empenharam-se num apostolado de natureza pastoral, então inteiramente novo para os leigos: não tinha precedente. Procuravam incluir nas suas vidas o que haviam aprendido da Devoção a Nossa Senhora, segundo Luis De Montfort. A ênfase era colocada num serviço prático, isto é, serviam Nossa Senhora, não
69

70
Frank Duff
por palavras, mas por fatos. Serviam-na, servindo o Seu Filho Jesus em cada homem, mulher ou criança que encontrassem. Veriam Cristo sofredor em cada um dos pobres enfermos do hospital; consolariam Cristo nas pessoas que viviam sozinhas; descobririam o Menino Jesus em cada um dos rapazes ou das jovens que encontrassem; procurariam Cristo crucificado em todo o pecador.

Além disso, sempre que olhassem para a estátua de Nossa Senhora no altar legionário, procurariam recordar-se de que era a Mãe de Jesus que os mandara na sua privilegiada missão. Dependeriam d'Ela e procurariam viver em união com Ela. Numa palavra, o seu toque de clarim seria: "Ao Vosso serviço, ó Maria, para maior glória de Deus".
A primeira pessoa escolhida para presidente foi a mais idosa e mais pobre, de quantos se encontravam na sala: sim, foi Elizabeth Kirwan.
Elizabeth Kirwan encontrou Frank Duff na Capela do Convento de Maria Reparadora, onde habitualmente, no intervalo do almoço, iam rezar. Foi a primeira presidente de Praesidium e a primeira presidente do Concilium da Legião de Maria (de novembro de 1924 a junho de 1930).
"NÃO DEVERÁ ELE ABANDONAR AS NOVENTA E NOVE?"
13 "NÃO DEVERÁ ELE ABANDONAR AS NOVENTA E NOVE?"
O primeiro trabalho apostólico dos Legionários foi a visita aos doentes do Hospital União do Sul de Dublin, conhecido por Hospital de S. Kevin, confiado aos cuidados das Irmãs da Misericórdia. Mas ficou decidido, desde o começo, que se empenhariam eventualmente em toda a espécie de trabalho apostólico.
O grande problema das prostitutas de Dublin ocupava um dos primeiros lugares na agenda de trabalhos. A prostituição existia então em larga escala na cidade. Numerosos fatores contribuíam para o problema uma pobreza aflitiva, condições de habitação aterradoras e o fato de Dublin ser uma cidade portuária, que tinha em comum, com todas as cidades do mesmo gênero, o seu quinhão de visitantes indesejáveis.
Não pode deixar de surpreender que o problema da prostituição jamais houvesse sido encarado seriamente, quer em Dublin, quer em outras cidades. Era visto como um problema social irremediável. Os esforços desenvolvidos para tratar deste problema limitavam-se a confiná-lo a uma determinada área.
Faltava aqui, evidentemente, a fé que move as montanhas; sempre que o problema se mencionava, apresentavam-se todas as desculpas possíveis; faziam-no mesmo os sacerdotes, para iludir o problema real. "É impossível solucionar um problema desta natureza". "Este problema é tão velho como a humanidade e, até agora, nunca foi resolvido; pensa você que poderá solucioná-lo?". "É uma tragédia, mas o fato é que as jovens são arrastadas para a prostituição pela pobreza; só poderemos tentar solucioná-lo quando as condições sociais e materiais tiverem progredido". "O encerramento das casas de prostituição não resolve o problema, dissemina-o, pois alastrará por toda a cidade", etc., etc.
Frank vira as coisas de outro ângulo: a realidade do problema, muitas vezes, é que quando dizemos: "Ainda não chegou o momento oportuno para abordar esta pobre gente"; ou então: "As condições ainda não estão maduras para isso" somos nós, com frequência, que não estamos prontos a falar-lhes ou, então, falta-nos a coragem para nos empenharmos num trabalho dificil ou, simplesmente, falta-nos a devida fé.
Pois, bem, mesmo que tivessem de morrer na tentativa

Frank Duff e os seus Legionários estavam decididos a tentar resolver o problema. Chamassem-lhes imprudentes, temerários, indiscretos. Isso seria um preço mínimo a pagar por uma alma, pensava ele. Exercitara-se a não começar o exame de um problema, considerando quer as dificuldades do empreendimento, quer as inevitáveis críticas das outras pessoas. Começar assim seria correr o risco de um fracasso. Serviria apenas para

dispersar e aterrorizar o espírito com toda a possível gama de aparentes impossibilidades. Para Frank só havia uma forma honesta de encarar um problema: "Será que Deus quer que isto se faça? Se quer, então devemos fazê-lo". Uma vez que isto se tornou claro, então-e só então podemos pensar na forma de resolver as dificuldades, uma por uma, à medida que ocorrem, agindo, evidentemente, com a maior discrição possível. A outra razão que decidiu Frank a ajudar as prostitutas foi a consciência de que, se a Legião não tentasse resolver este problema, ninguém o faria.

Tornava-se evidente a necessidade de fundar um segundo grupo da Legião. Seu nome seria "Nossa Senhora do Sagrado Coração". Mais tarde, mudará para "Santa Maria". Havia trinta e uma prostitutas, todas jovens, praticamente, que viviam numa casa de má reputação, na Rua Baixa. Não se poderia organizar um Retiro fechado para elas? A simples ideia parecia irracional. Mas o Padre Devane, sacerdote jesuíta, mostrou-se entusiasta da ideia; o mesmo acontecia com Frank. Seria possível encontrar um convento que alojasse as prostitutas para um Retiro fechado? Algumas religiosas encolhiam nervosamente os ombros só com pensar nisso. Além do mais, conventos ofereciam poucos facilidades para um Retiro desta Eventualmente,

0

natureza. Convento das Irmãs da Caridade, de Baldoyle, veio em socorro da solução do problema. A Superiora, Madre Angela Walsh, disse: "Eu devo estar louca, mas não posso recusar". Foi da sua parte um ato heroico de fé e de caridade.

Madre Angela Walsh Superiora do Convento
das Irmãs da Caridade de Baldoyle

"NÃO DEVERÁ ELE ABANDONAR AS NOVENTA E NOVE?"

Frank e cinco Legionárias dirigiram-se ao no 31 da Rua Baixa. Havia seis prostitutas no primeiro quarto em que entraram. Ao fim de meia hora, em que os Legionários explicaram, aliciaram, suplicaram, as seis jovens prometeram ir ao Retiro. Passaram depois ao quarto seguinte, ocupado por quatro prostitutas. Seguiram-se mais explicações, mais apelos. Verificaram, porém, que as seis do primeiro quarto haviam mudado de parecer. Os Legionários tiveram de recomeçar o trabalho. Finalmente, ao fim de cinco horas de angústia, os Legionários haviam conseguido, praticamente, de todas as prostitutas da casa, a promessa de participarem no Retiro. Haveria ainda muitos momentos aflitivos antes de o Retiro começar, um dia mais tarde, no convento de Baldoyle. Para o leitor se certificar dos receios e ansiedades que acompanharam cada momento desta iniciativa, bastará ler o relato completo do acontecimento num livro escrito por Frank Duff a este respeito (').

A fé triunfou, aquela fé que é capaz de deslocar montanhas. O Retiro produziu assombrosos resultados. O Padre Filipe, sacerdote franciscano que orientou o Retiro, foi maravilhoso. As prostitutas ouviram, encantadas, as suas conferências. Uma vez ou outra, houve, é certo, tensão visível e assomos ocasionais de incerteza e nervosismo. No entanto, o "impossível" tornara-se possível. Começaram a operar- se milagres de graça. Uma após outra, as prostitutas foram à Confissão. Haviam descoberto, durante o Retiro, que havia algo ainda maior do que os seus pecados - a misericórdia de Deus. A garra de Satanás desprendeu-se. Anos de miséria afundaram-se no esquecimento. Graças refrescantes e belas inundaram as suas almas e a tensa atmosfera inicial foi substituída por um ambiente de serenidade e de paz.

A noite de domingo aproximava-se e, com ela, grande calma descia sobre todas. As Legionárias de serviço regressaram a casa. As jovens que agora já não eram prostitutas se recolheram às camas, no convento. Camas e colchões haviam sido comprados às pressas e levados para o convento, para seu uso.

Frank Duff, que viajara com elas para o Convento de Baldoyle para ajudá-las, manteve-se extremamente ocupado. Quando desceu a cortina da noite, estava exausto, mas feliz. Uma cama a mais fora montada para ele no quarto onde devia dormir o Padre Filipe.
(1)F.D. escreveu uma série de artigos sobre esta iniciativa apostólica na revista Maria Legionis. Mais tarde, estes artigos foram reunidos em volume que recebeu um titulo conforme o gosto do Editor, nos vários países onde se publicou: "Baptism of Fire" (Batismo de Fogo) ou "Miracles on Tap" (Milagres a Rodos).

Mas a excitação destes dias, férteis em acontecimentos, espantaram até o pensamento do sono. E, foi assim que o Padre Filipe e Frank passearam nos jardins do convento, hora após hora, conversando sobre os maravilhosos acontecimentos que se estavam desenrolando. Além disso, havia que debater os planos para o futuro destas moças.
Padre Filipe Murphy, O.F.M., que orientou o primeiro Retiro para as prostitutas de Dublin, no Convento de Baldoyle.
Naquele dia, logo de manhã, Frank Duff saíra da repartição oficial do Sr. Cosgrave, Ministro do Governo Local, com a garantia da cessão de um prédio conveniente e suficientemente espaçoso para alojar as jovens, quando deixassem a Casa de Retiros de Baldoyle. Este gesto governamental resolvera o dramático problema da descoberta duma casa para as moças, quando acabassem o Retiro. Seria chamada "Santa Maria"
Depois do passeio e conversa, o Padre Filipe e Frank entraram na capela pela porta que dá para o exterior. Eram cerca de 3.00 h. da manhã. Rezaram as suas orações e terminaram com a Via Sacra. Em seguida foram deitar-se.
Rompera a manhã. Os sinos do convento deram sinal para o levantar. As religiosas e as jovens desceram à capela para a Missa. Todas as moças, exceto duas protestantes, receberam a Sagrada Comunhão. Frank ajoelhou entre duas delas, à mesa eucarística, nessa resplandecente manhã de segunda-feira. Declararia, mais tarde, que foi a Missa mais maravilhosa em que participara e a Sagrada Comunhão "um momento da mais intensa alegria que se pode imaginar". Com os olhos da Fé vira as maravilhosas graças derramadas sobre as prostitutas penitentes, e sentira-se humilde e pequeno diante da grandeza da misericórdia de Deus, que está acima de todas as suas obras.

14 A LINGUAGEM DOS SINAIS DA FÉ
A nova organização, Legião de Maria, difundiu-se lentamente, mas com segurança. Foram fundados novos Praesidia. Nestes primeiros grupos só havia senhoras e moças. Julgou-se prudente adiar o ingresso dos homens, para que a nova organização não pudesse ser considerada como rival da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Mas ficou acertado, desde o começo e com clareza, que os homens também poderiam ser Legionários. Entretanto, Frank manteve-se como membro do primeiro Praesidium, em parte para manter uma certa ligação com a Sociedade de S. Vicente de Paulo, em parte, porque desejava garantir que a Legião jamais fosse reservada só a mulheres.
Em maio de 1927, Frank Duff recebeu carta de uma religiosa do Convento das Ursulinas, em Waterford, manifestando o interesse da comunidade pelo começo de um Praesidium. Foi a Waterford e fundou ali um Praesidium. Em novembro do mesmo ano, a Sr Don Mahoney de Blarney Mills convidou Frank a ir a Cork para fazer uma conferência sobre a atividade do Lar Estrela da Manhã. Esta diligência levou à fundação do primeiro Praesidium

em Cork, a 21 de novembro desse mesmo ano. Belfast entrou cedo na lista. Era tempo, agora, para ir mais longe.
Estava-se nos fins de março de 1928. O navio a vapor Burns-Larne apresentava-se forte e orgulhoso, enquanto esperava pacientemente, no porto, pela largada. Os passageiros subiam já a escada que levava ao portaló (porta de entrada do navio). A viagem da Irlanda para a Escócia devia levar dezessete horas e meia. Havia um ar de resignação nos rostos carregados dos passageiros, acostumados à travessia. Os primeiros a chegar mostravam-se vivos e excitados. Outros s que emigravam para Glasgow, em busca de emprego, pareciam tristes e pensativos.
Eventualmente, às 6h30 da tarde, o barco começou a afastar- se da muralha e os passageiros passaram a instalar-se, o mais confortavelmente possível, para a larga e cansativa viagem. Talvez

alguns lançassem um olhar casual para um cavalheiro jovem e bem vestido, sentado calmamente no meio deles. Sem o saberem, olhavam para um homem que estava em vias de entrar na História. Esse jovem bem vestido era Frank Duff - um homem com uma missão. Estava em vias de levar a Legião além-mar. O seu espírito, nessa noite, fixava- se em Glasgow. E tudo por causa de um sinal.
Para muitas pessoas, a Fé consiste apenas em acreditar que tudo quanto Jesus ensinou é verdade; verdade é, igualmente, tudo quanto a Igreja ensina. E tudo termina aqui. A compreensão do que a Fé deve significar nas suas vidas é muito limitada. Com Frank Duff, as coisas eram diferentes. Compreendera o difícil caminho que importa percorrer, mediante a oração, o estudo e a experiência pessoal. Chegara mesmo a apreciar devidamente a linguagem dos sinais da Fé. Na sua maneira de ver, devemos estar atentos aos sinais de Deus, ou aparentemente mesmo nos acontecimentos mais insignificantes insignificantes — da vida diária. Toda a pessoa é batizada para ser outro "Cristo", para ser apóstolo. Mas, dada a nossa tendência natural para o egoísmo e a covardia, ficamos cegos perante as oportunidades que se apresentam, de ajudar espiritualmente as pessoas com quem estamos em contato. Inventamos mil desculpas para nos convencermos de que tal não é o nosso dever, ou de que o momento não é oportuno, ou, ainda, de que tal modo de agir seria imprudente. Por isso, Deus vê-se na necessidade de intervir. Arranja estranhas "coincidências". Recorre a certos sinais, que constituem a sua linguagem, para nos levar a tomar consciência de que reside ali uma oportunidade, até mesmo um convite divino para colaborar com Ele, para alcançar um proveito espiritual. Por isso, quando ocorre alguma coisa um pouco fora do comum, devemos interrogar-nos se não se trata de um arranjo do Espírito Santo, para nos facilitar o trabalho de aproximarmos uma alma de Jesus e Maria.
Perguntaram, uma vez, a Frank Duff "como aprendera a ver os sinais de Deus". Respondeu, simplesmente: "através dos acontecimentos". Houvera, por exemplo, a coincidência de ver à venda o livro sobre a Verdadeira Devoção, em uma loja de livros usados, depois de ter ouvido falar dele por um vicentino. Houvera um encontro acidental com Joe Gabbett, no preciso momento em que Frank planejava atacar o doutrinamento protestante. Houvera a "coincidência" da primeira reunião da Legião de Maria com as primeiras Vésperas da Festa da Natividade de Nossa Senhora.

Quando Frank desceu à Rua North William, em busca de material para o Centro dos Pioneiros, esbarrou com a Irmã Josefina, vivamente interessada na Legião.
"Irmã, os meus planos estão agora voltados para Glasgow" disse-lhe ele. Algum tempo depois, a Irmã Josefina comunicava-lhe que recebera indicações para fazer o seu retiro em Glasgow, na casa das Irmãs da Caridade, em Wilton Crescent. Acrescentava que faria o possível por abrir ali o caminho à Legião.
Para Frank, isto constituía um 'sinal'. Não quer isto dizer que precisasse de sinais. Já tomara consciência de que a Legião era diferente de qualquer outra organização na terra. Verificara na Legião uma fé invulgar, fervor e dinamismo, bem como uma prontidão para enfrentar toda a espécie de problemas, mesmo os mais difíceis, por Deus e pelas almas. Houvera, também, um maravilhoso ingresso de novos membros e o empenho em novos e ousados trabalhos. Neste campo eram confrontados com um mundo cheio de problemas, o mal, o descuido e o pecado.
Sim, Frank estava absolutamente certo de que, na Legião, tratava com alguma coisa divinamente inspirada e planejada. Ele mesmo disse: "Eu estava absolutamente certo de que em todas estas dúvidas coisas estava sendo guiado; acerca disto não havia lugar para no meu espírito". Os sinais eram simples indicadores que davam a Frank, indiscutivelmente, uma valiosa garantia.
A Irmã Josefina fez o retiro e, em seguida, falou à Irmã Brendan, Superiora da Comunidade de Wilton Crescent, sobre as esperanças de Frank em fundar a Legião em Glasgow.
Pouco depois, a irmã Brendan dizia a Frank, por carta, que o Vigário Geral da diocese tinha concordado em preparar um encontro entre ele (Frank) e o Arcebispo, em Glasgow.
Frank decidira, imediatamente, aproveitar uma semana do seu período de férias e cá estava ele, no barco, começando uma viagem que, mais tarde, seria seguida de muitas outras, dos heroicos Enviados até ao fim da terra, onde assenta o arco-íris, a quantos precisavam do poder salvador do amor de Cristo, levado por Sua Mãe.
Para poder participar na Santa Missa, Frank desembarcou em Greenock, por volta das doze horas do dia seguinte. Em seguida, tomou
o trem para Glasgow. Depois da chegada, dirigiu-se imediatamente à Catedral de Santo André, para se encontrar com o Vigário Geral. Eram 9h00 da noite. Durante o dia inteiro, não tomara qualquer refeição,

pois não tivera, nem tempo, nem oportunidade. Estava esfomeado e
cansado, mas contente por ter chegado ao seu destino.
choque
Esperava-o, porém, um desagradável dissabor. O Vigário Geral recebera-o com todo o respeito. Imagine-se, porém, o de Frank quando o Vigário lhe disse: "Então era sobre arquitetura que desejava falar com o Arcebispo?". Frank apressou-se a responder que não era, exatamente esse, o gênero de arquitetura em que pensara, e passou imediatamente a explicar-lhe a Legião de Maria. O Vigário Geral não se deixou impressionar. "Ponha isso inteiramente de lado" disse-lhe. "O Arcebispo não irá recebê-lo para tratar desse assunto, pois julga que a Diocese já tem organizações a mais. O que é preciso é eliminar algumas e não acrescentá-las". E ajuntou-lhe como reflexão posterior: "E devo dizer-lhe que eu sou da mesma opinião do Arcebispo".
Oh! Que agonia! Frank ficou aflito com esta situação humanamente desesperada. Aproveitara uma semana inteira das suas férias para se concentrar neste projeto. Aonde é

que o Senhor o estava conduzindo? Ficou confuso, desorientado. Mas não abandonou o seu plano. Continuou a falar com o Vigário Geral. Verificou que se tornava mais receptivo. Era uma hora da manhã, quando o Vigário Geral lhe disse: "O Sr. conseguiu um resultado que eu julgava absolutamente impossível: o Sr. entusiasmou-me". Em seguida, perguntou-lhe: "Quanto tempo se demora em Glasgow?".
"Uma semana".
"Bem, se pode ficar até sexta-feira, posso conseguir-lhe uma entrevista com o Arcebispo, na sede do Vicariato".
"Não poderia encontrar-me com ele na sua própria casa?". "Oh, não. Isso é impossível! O Arcebispo não recebe ninguém em sua casa. Ainda há dias mandou embora o Padre X, que foi à sua casa para se encontrar com ele".
Frank estava consciente das desvantagens de se encontrar com o Arcebispo no Vicariato. Aí, deveria haver uma fila de pessoas à espera de serem recebidas por ele. O tempo era limitado. No entanto, nesta fase, Frank tinha de se mostrar grato pelos pequenos favores recebidos.
Sexta-feira ainda estava longe, por isso, decidiu aproveitar o tempo da melhor forma possível. Contatou a Sociedade de S. Vicente de Paulo, que o recebeu com imenso agrado e lhe ofereceu a possibilidade de falar na reunião do domingo seguinte. Foi, também,

convidado para falar, sábado à noite, no "Catholic Evidence Guild" (Associação do Testemunho Católico).
Chegou sexta-feira. Frank apresentou-se na Sede do Vicariato para o encontro com o Arcebispo. O Vigário Geral estava presente e
disse-lhe:
"Cumpre-me dizer-lhe que temos hoje uma situação muito desagradável. O Arcebispo não compareceu".
"Que vou fazer então?" - perguntou Frank, paralisado, uma vez mais, pelo choque e frustração.
- "Não há nada que o Sr. possa fazer, a não ser voltar a Glasgow, mais uma vez!".
Frank podia, ainda, apanhar o barco de sexta-feira à tarde para a Irlanda, mas cumpria-lhe honrar o compromisso de falar aos Vicentinos na reunião de domingo.
Entretanto, havia alguma coisa que ele podia fazer e a fez. Regressou ao seu quarto, no convento, e escreveu uma carta ao Arcebispo. O único bloco de papel de que dispunha era de qualidade inferior; o papel absorvia a tinta. Os sobrescritos eram, também, da mesma qualidade. Para cúmulo, cometeu o erro de selar indevidamente o envelope, não tomando consciência, senão mais tarde, de que as taxas postais na Escócia eram mais elevadas que na Irlanda. Estremeceu ao pensar que o Arcebispo teria de pagar a multa.
Levou horas a escrever a carta. Era uma carta muito extensa, em que tratava do problema preciso, levantado pelo Vigário Geral, de que a diocese estava superorganizada. A carta desceu ao cerne do problema e passou a apontar as necessidades reais da Igreja. Expunha, também, a forma como a Legião de Maria estava preparada para enfrentar tais necessidades e como, de fato, já o fazia em Dublin, onde estava empenhada na solução de graves problemas locais. De manhã cedo, ao ir para a Missa, meteu a carta no correio.
Frank tomou consciência da sua pouca confiança nos resultados desta carta, mas dizia consigo: "Fui trazido a este lugar. Não posso duvidar disso. Foi como se um anjo me tivesse guiado. Há nisto um desígnio divino".

Depois, pensou: "Talvez não fosse a Glasgow que eu fui trazido, talvez fosse a Edinburgh!". Sabia que existia ali o Colégio do Sagrado Coração, em Craiglochhart. Não havia muito tempo que se encontrara em Dublin com uma religiosa desse convento. E, decidiu imediatamente: "Irei a Edinburgh e me encontrarei com essa religiosa!".

Nessa mesma tarde, tomou o trem para Edinburgh, e seguiu falar com a saudá-lo. para a Escola Normal de Craiglochhart, pedindo ali tal religiosa. A Madre Superiora veio à sala de visitas para disse-lhe. E acrescentou: "Seja bem-vindo, Sr. Duff' "Infelizmente, não será possível falar com a sua amiga; está em retiro" Sem perder o pé, Frank começou, destemidamente, a falar da Legião de Maria, da forma delicada que lhe era própria. "Muito bem; eu vou chamar a Irmã que está em retiro, para falar consigo uns instantes". interrompeu a Madre Superiora.
Momentos depois, a religiosa juntava-se à Superiora, na sala de visitas. Frank experimentou pouca dificuldade em entusiasmá-las a ambas. Era preciso, no entanto, convencer o Arcebispo de Edinburg a dar licença.
"Oh!", disse a Madre Superiora, "nós conseguimos isso. Vamos conseguir-lhe a necessária licença. O nosso Arcebispo tem estado doente, há algum tempo, mas estou certa de que o Bispo Auxiliar, Rev. Dr. Grey Graham, dará a licença solicitada". Notícias maravilhosas! E a Madre Superiora foi telefonar a S. Ex.a, o Rev. Dr. Graham. Ao regressar, Frank notou-lhe a palidez estampada no rosto.
"Está na Irlanda" - disse ela. Verificando, porém, a desilusão de Frank, acrescentou imediatamente: "Mas, quando S. Ex.a regressar, veremos o que podemos conseguir".
As religiosas ofereceram a Frank um bom almoço, e quando este terminou, se apressou para apanhar o trem para Glasgow. Devia falar, nessa tarde, no "Catholic Evidence Guild". Estava tão cansado e desanimado que adormeceu no trem. Na estação de Glasgow, foi abruptamente trazido à realidade pela rude voz de um simpático empregado. E, lá se foi falar, como prometera, ao "Catholic Evidence Guild".
Rompeu a manhã de domingo. Frank saiu para a Missa e voltou depois ao Convento, em Wilton Crescent, para o café da manhã. A Irmã Brendan, Superiora, era a essência da bondade e hospitalidade. Como impunham os costumes de então às religiosas, não comeu na presença do hóspede, mas sentou-se à mesa e conversou, enquanto Frank comia.
O telefone da sala tocou. A Irmã Brendan levantou-se para atender. A voz traiu-lhe o assombro. Pôs de lado o telefone e voltando- se para Frank, disse-lhe em voz baixa:
"Sr. Duff, é o Arcebispo; S. Ex.a quer falar-lhe". Frank

pegou o telefone. -"Sim, Ex.a, sou Frank Duff' - respondeu, procurando não revelar a excitação que dele se apoderara.
Sr. Duff?".
"Quando é que o Sr. pode vir a minha casa para falarmos,
"Oh! dentro do tempo que um táxi levar até aí, Ex.a". "Terei prazer em falar consigo, logo que chegue!". Doces palavras que deviam parecer ouvidas em sonhos. E de S. Ex.a o Arcebispo Donald McIntosh, o formidável. O mundo virara-se de repente, de cima para baixo e de baixo para cima. Quase imediatamente depois, o telefone tocou de novo:
"Sr. Duff, é de novo para si. É Lady Mary Carr, de Edinburgh, ao telefone".

Frank voltou de novo a pegar o telefone. "Oh! Sr. Duff, a Rev. da Madre do Convento, aqui perto, falou-me do senhor. Será possível vir a Edinburgh esta noite ou mesmo na segunda-feira? Julgo que podemos ajudá-lo no que toca aos seus objetivos".
Frank ficou aturdido ao ouvir "Lady Mary Carr". Os Carrs eram uma das famílias mais importantes de toda a Escócia. O marido de Lady Mary fora outrora Comandante das tropas britânicas na Irlanda. O filho, Visconde Lothian Carr, fora embaixador em Washington durante a guerra. As duas filhas, Lady Cecily Carr e Lady Margaret Carr eram ambas jovens maravilhosas.
"Estou-lhe deveras agradecido", murmurou Frank ao telefone, "irei de trem na segunda-feira".
Acabou de tomar o café da manhã às pressas. Saiu e tomou um táxi para a casa do Arcebispo, em Glasgow.
O Arcebispo Donald McIntosh era uma figura impressionante: escocês católico, oriundo das Ilhas, com cerca de 1,80 m de altura, presença imponente, falava gaélico. Diante dele apresentava-se Frank, de aspecto físico levemente franzino e com um sorriso a brilhar no rosto.
O Arcebispo mostrou-se extremamente bondoso e amigo. Lera já a longa carta de Frank e fora completamente conquistado por ela, para a causa. Frank não precisava, pois, de se entregar a longas explicações.

-"Roma pediu-
-"Há alguns dias"-confiou-lhe o Arcebispo - me para lhe enviar algumas sugestões sobre a ação Católica. Infelizmente, não tinha ainda recebido a sua carta e as suas sugestões; teria, então, feito qualquer coisa que merecesse a pena".
A entrevista durou duas horas. O Arcebispo deu inteira licença para fundar a Legião de Maria na diocese. Além disso, prometeu animar a fundação por todos os meios ao seu alcance, e, de fato, apresentou imediatamente os nomes de quatro párocos, sugerindo a Frank que os visitasse. Depois disso, levou Frank à sua capela particular, na casa, e ali rezaram ambos pelo bom êxito da Legião.
Quando o Arcebispo abriu a porta para Frank sair, encontrou de pé, no patamar, o Rev. Cónego McNealy, um dos quatro nomes da lista fornecida pelo Arcebispo.
Dificilmente, podemos imaginar os sentimentos de Frank Duff, nesse dia, quando saía de casa do Arcebispo. Ao cair da tarde, cumpriu o seu compromisso de falar aos Irmãos da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Foi um Domingo memorável.
Na segunda-feira de manhã, partiu, mais uma vez, para Edinburgh e almoçou com a família Carr. Prometeram procurar obter a licença necessária e pôr a Legião em marcha.
Na segunda-feira à noite, cansado, mas feliz, embarcou no vapor da Companhia Burns-Lane, de regresso a Dublin.
Para levar as coisas a seu termo, Frank regressou a Glasgow no dia 23 de abril. Três dias mais tarde, surgia o primeiro Praesidium. O Coadjutor, Padre Conlon, arranjou os membros. Apresentaram-se vinte jovens que reuniram, pela primeira vez, sob a presidência de Minnie McGarry. Foi chamado Praesidium de Nossa Senhora de Lourdes. Acontecia isto na paróquia de S. Pedro, Partick. O pároco era o Rev. Cônego McNealy, o mesmo que Frank encontrara à saída da casa do Arcebispo.

O Praesidium colheu maravilhosos resultados, a partir do dia da sua fundação. Depois disso, a Legião difundiu-se rapidamente em Glasgow. Entretanto, em Edinburgh, os Carrs manifestaram-se tão dignos como a sua palavra. Conseguiram a licença do Bispo Graham e começaram eles mesmos um Praesidium. Quando Frank voltou a Edinburgh, a Legião já estava ali florescente.
Agora, que a Legião estava solidamente fundada na Escócia, Frank decidiu ver o que poderia fazer para a fundar, também, na Inglaterra, antes de regressar a Dublin. Além disso, tinha o compromisso de se encontrar com o seu grande amigo Sr. Lalor, que devia vir a Londres para conversarem.
82
15
A LINGUAGEM DOS SINAIS DA FÉ
ENTRA O SR. LALOR
Mathew Lalor nasceu em Castledermot, na Irlanda, tendo sido educado por um tio que ali tinha uma loja de comércio. Ainda novo, veio para Dublin e entrou como aprendiz num grande armazém de artigos da moda. Tendo mudado, mais tarde, para uma loja de comércio de tabaco, não demorou a abrir a sua própria loja, especializando-se em cigarros de elevada qualidade e tabaco. Em poucos anos, enriqueceu. Pessoa profundamente religiosa, entrou para a Sociedade de S. Vicente de Paulo, em Blackrock, e não tardou a ocupar a presidência da Sociedade Vicentina, no Concelho de Dublin. Gastava muito do seu dinheiro em atividades caritativas, interessando-se, especialmente, por financiar a formação de sacerdotes missionários.
Foi Tom Fallon quem levou Frank Duff à casa de Lalor, pela primeira vez, em Blackrock. O Sr. Lalor era alto e magro, uma figura ascética, mas sempre muito bem vestido. Usava barba, elegantemente aparada, que lhe dava um ar de distinção. Embora, nesta época, já passasse dos 60 anos, a sua inteligência mantinha-se jovem, empreendedora e perspicaz. Frank que sempre o tratava por Sr. Lalor, dada a sua idade mais avançada, ficou profundamente impressionado com ele e, apesar da diferença de idades, os dois homens tornaram- se íntimos amigos, tanto assim que, durante os vinte anos seguintes, Frank almoçava em casa de Lalor, em Blackrock, todos os domingos.
Frank viveu sob tremenda tensão a maior parte da sua vida. A razão disto devia-se, em parte, à natureza dificilima de muitos trabalhos apostólicos em que se empenhava, mas sobretudo, porque, nascido antes do tempo, enfrentou numerosas incompreensões e até oposição, ao longo da sua caminhada. Estava consciente de que parte do clero queria acabar com a Legião. Este pensamento torturava-o. Por isso, as tardes de domingo, em Blackrock, eram para ele um excelente tônico. Imediatamente após a reunião do Lar "Estrela da Manhã", partia de bicicleta para casa do Sr. Lalor. Ali, debatia os problemas e crises da Legião. Ali, podia desabafar os seus dissabores e dar livre expressão aos sentimentos de frustração. O Sr. Lalor, mais idoso que Frank e de predisposição mais calma, ouvia-o sempre com simpatia e lhe dava
83

Trank Duff
os mais amigos conselhos, como podia fazê-lo alguém avançado em
idade, em sabedoria e espiritualidade.
O almoço de domingo na casa de Lalor era um acontecimento reconfortante. Muitas vezes, além de Frank, havia outros hóspedes. Tom Fallon era um visitante regular, bem como o Sr. J. O'Hanlon, negociante de meia-idade, a quem o Sr. Lalor oferecera um quarto na sua

casa. O Sr. Hanlon considerava-se, indiscutivelmente, um homem feliz. Além da comodidade, era um privilégio, para quem quer que fosse, estar em íntimo contato com homem tão prudente e tão sobrenatural. O Padre Toher e o Padre Creedon, Diretores Espirituais, apareciam também, de vez em quando, evidentemente, assim como Frank Sweeney, Presidente das Conferências Vicentinas.
Quase todos os maiores empreendimentos espirituais deste tempo, pelos quais os leigos irlandeses foram responsáveis, foram debatidos em casa do Sr. Lalor. Com certeza que o Espírito Santo pairava sobre esta casa de Blackrock, em tais domingos, pois debaixo do seu teto estavam reunidos santos homens, ocupados com os negócios do Pai.
Depois do almoço de domingo, sentavam-se à volta da lareira, enquanto era servido o café. A atmosfera era agradável e jovial. A seguir ao café, os Srs. Lalor e Frank saíam a passeio e as conversas tratavam de tópicos religiosos. Frank ficou edificado e encorajado quando verificou que o Sr. Lalor também praticava a Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem, como fora pregada por S. Luís Maria de Montfort.
Depois do passeio, refrescante para a alma e o corpo, os dois homens regressavam a casa para o chá. Momentos depois, Frank regressava aos seus deveres no Lar 'Estrela da Manhã'. Sabia que, inevitavelmente, muitos problemas o esperavam, mas achava que os poderia tratar com entusiasmo e energia. As suas "baterias" espirituais haviam sido recarregadas.
* *
*
Frank tomou o trem para o sul. Fez uma parada em Newcastle- on-Tyne, no Norte da Inglaterra, para ver Nellie Gaughan, uma jovem professora que um dia o visitara, em Dublin. Algum tempo depois, fundaria a Legião naquela área. Seguiu depois para Londres, onde teve uma proveitosa entrevista com o Cardeal Bourne. S. Em.a mostrou-

se entusiasmado com a Legião e aprovou o seu estabelecimento na diocese. O primeiro Praesidium inglês seria fundado um ano mais tarde, isto é, em 1929, com a colaboração da Rev.da Madre Woodlock, do Convento do Sagrado Coração, em Hammersmith.
Depois da entrevista com o Cardeal Bourne, Frank tinha um encontro marcado, em Londres, com o Sr. Lalor, agora com mais de 70 anos. Aos olhos de Frank, era um homem santo e venerável; viera a Londres para se encontrar com Frank. Tinham um plano que os entusiasmava. Mas antes, o Sr. Lalor tinha alguns encontros marcados, em Londres, relacionados com o seu negócio de tabacos, e Frank acompanhou-o nas visitas.
Findos os negócios, os dois homens estavam livres para
a execução do seu plano, que consistia num Retiro de três dias, na Cartuxa de Parkminster. A atmosfera calma e piedosa foi um oásis no deserto de Frank. Eram os únicos dois estranhos no mosteiro. Embora sentados frente a frente, às refeições, não falaram durante três dias.
Quando chegaram ao mosteiro, o padre Paschal Geoffries, responsável pelo acolhimento aos visitantes, perguntou a Frank: "Sr. Duff, há algum tópico particular, sobre o qual gostaria que eu falasse durante o Retiro? Quais são as suas tendências?".
Indiscutivelmente, Frank gostaria de dizer: "Sr. Padre, fale- nos de Nossa Senhora", mas não o fez. Receou que o Padre Paschal não encarasse a sugestão com demasiada simpatia e, por isso, sugeriu um outro tema em que estava, particularmente, interessado Sagrada Liturgia. "Padre" "seria maravilhoso se nos pudesse
disse-lhe -

falar da Sagrada Liturgia".
O Padre Paschal ficou um pouco surpreendido.
<a
"Não, não"-disse-"vocês devem conhecer Nossa Senhora, antes de qualquer outra coisa. Nossa Senhora está nos alicerces de toda a compreensão e espírito do Cristianismo. Se a puserdes de lado, estareis arruinados e nada entendereis do resto".
Ter um tal pregador de Retiro constituiu um incrível golpe da divina Providência - pensou Frank.
Retiro versaram, Todas as doze conferências do exclusivamente, sobre Nossa Senhora. Eram pura teologia e o Padre Paschal apresentou as razões porque devemos ser verdadeiros devotos da Virgem Maria. Para Frank, constituíram uma inspiração. As Conferências preencheram certas lacunas no seu conhecimento
85

86
Frank Duff
e deram-lhe, ainda, um maior apreço do papel de Nossa Senhora na santificação das almas. Devorava-o, agora, um ardente desejo de adquirir cada vez mais conhecimentos sobre a humilde Virgem Maria, "a quem Deus confiou as chaves dos celeiros do divino amor e o poder de entrar nos caminhos mais sublimes e mais secretos da perfeição, bem como de neles fazer entrar os outros" (").
Durante os três dias de Retiro, o tempo esteve maravilhoso. Por isso, algumas das conferências foram dadas no jardim encantador do mosteiro, outras na estufa do mesmo; mas, quando o sol estava a pino e o ar queimava, refugiavam-se nos caramanchões cheios de sombra.
Frank reteve felizes e piedosas recordações deste Retiro. Considerava-o um marco na sua vida.
Foi um final maravilhoso desta semana memorável, uma semana que fez história. Foi, também, um período em que "os depósitos do divino amor" foram abertos por Maria e graças abundantes derramadas sobre o seu devoto servo. Precisava de todas elas, para enfrentar a estrada longa e difícil que se abria à sua frente.
() Trat. Da Verd. Dev. Por S. L. M. De Montfort, cap. 1, no 45.
16
"ESTRELA DA MANHÃ
"ESTRELA DA MANHÃ❞
Durante a semana que passara na Escócia, Frank nunca teve
a mínima dúvida sobre a direção em que caminhava ou sobre os seus empreendimentos. No entanto, esta certeza não o libertava, de modo algum, de preocupações e dificuldades. De fato, em quase todos os empreendimentos, quer então, quer mais tarde, teve de lutar com grandes obstáculos e numerosas tribulações. Que é que o mantinha firme na sua caminhada? Que é que o levava a perseverar? Como é que ele operou tão extraordinárias conquistas, durante a sua longa vida? Frank atribuía muitas das suas realizações ao fato de possuir alguns princípios muito simples e claros, no seu espírito. O princípio básico podia sintetizar-se assim: "Nunca vos lanceis num empreendimento, considerando as dificuldades que podeis encontrar ou a oposição com que podeis esbarrar; se assim procederdes, nunca chegareis a coisa alguma. Tereis de enfrentar dificuldades e oposições, evidentemente, mas estas não são o ponto de partida. Em vez disso, quando um nobre empreendimento se nos

apresenta, estudemo-lo bem, rezemos para obter a luz necessária, mas, acima de tudo, perguntemo-nos: "Isto está nos planos de Deus? Se decidirdes, sob a luz do Espírito Santo, que Deus o quer, nesse caso segui em frente e procurai que nada na terra vos impeça de avançar, não por causa de vós, mas porque é trabalho de Deus. Recordai-vos, então, de que Deus tem de usar qualquer instrumento disponível, mesmo que esse instrumento sejais vós e só vós".
Esta maneira de pensar era para Frank um elemento vital da fé. Estava convencido de que Deus queria, em Dublin, um Lar para os homens da rua, e lhe pedia, por débil que fosse o instrumento, para se empenhar na gigantesca tarefa de providenciar uma casa para eles, "os mais pequenos irmãos de Cristo". Muitos mortais jamais ousariam pensar em semelhante aventura, dada a enormidade do empreendimento e as inevitáveis dificuldades que o acompanhariam. (Vejamos aqui a necessidade do primeiro princípio enunciado por Frank).
Para Frank, não havia dúvida possível acerca disto. Existia, então, uma pobreza degradante na cidade de Dublin. Também é certo que havia alguns albergues na cidade, mas o período máximo de estadia permitido, aos sem casa, era de duas semanas. Impunha-

se fazer alguma coisa pelos homens da rua que permanentemente, sem abrigo.
viviam, crônica
e
Uma outra consideração se impunha: os Centros Protestantes de doutrinamento aproveitavam-se deste apuro das pessoas pobres, para lhes oferecer o suborno duma refeição, com a condição de participarem num serviço protestante de oração.
Mas, o fator mais importante de todos, no entender de Frank, era o fato de, aparentemente, grande número destes homens da rua não serem da responsabilidade de ninguém, porque não tinham morada fixa e eram, portanto, espiritualmente descuidados.
Frank propôs a ideia de um albergue ou Lar, na reunião dos Vicentinos. A proposta conquistou imediatamente o seu interesse. Criaram uma subcomissão para debater o problema. Começaram, então, a emergir as dificuldades. Alguns achavam a ideia puramente fantástica, uma aventura impossível. Outros mostraram-se entusiastas. Eventualmente, foi elaborado um documento, com o plano previsto, para ser apresentado às Conferências Vicentinas, para aprovação formal. Era um documento franco, em que não faltavam referências às dificuldades previstas.
Como era um assunto da mais elevada importância, foi decidido convocar uma reunião especial para posterior debate e mandar oferecer a Santa Missa por esta intenção, na Pró-Catedral, Marlbo-rough Street, antes da reunião. Frank mostrava-se otimista quanto ao resultado da reunião.
Chegou o dia da decisão. Então, veio o choque. Antes da reunião, o Sr. Lalor entregou uma carta a Frank. Abriu a carta e ficou de olhos abertos, incrédulo, diante do seu conteúdo. A carta era de Monsenhor Wall, Vigário Geral, vetando o plano proposto. Comunicava às Conferências de S. Vicente de Paulo que não deviam avançar com tal assunto.
"Quase morria"-
confidenciou, mais tarde, Frank a um amigo.
Todavia, Frank mantinha os seus princípios, com absoluta clareza. Deus queria um Lar ou albergue. Por conseguinte, era preciso tentar abrir outro caminho. Fosse qual fosse o custo, o assunto não devia ser posto de lado. Por obediência a Monsenhor, sabia que não podia

procurar persuadir as Conferências Vicentinas a avançar com o projeto; mas, nada o impedia de, ele mesmo, criar uma pequena comissão. Assim fez, e semana após semana, esta nova comissão reunia para debater o plano do proposto "Lar Estrela da Manhã".
Providencialmente, o Sr. P. C. McCarron, Secretário do Departamento do Governo Local, constituiu uma Comissão de Inquérito para examinar o problema dos homens indigentes e sem casa, em Dublin. Frank Duff, que fora funcionário civil de elevada categoria durante o domínio inglês e prestara serviços de elevada

qualidade ao Governo do Estado Livre, na época do nascimento e infância do Estado, era conhecido, também, pelo seu interesse por este problema. Foi um dos homens consultados pela Comissão: pediram- lhe que apresentasse, por escrito, os seus pontos de vista sobre o assunto. As suas ideias causaram uma tal impressão, que a Comissão lhe pediu para assistir a uma reunião. Depois de uma série de perguntas sobre vários pormenores, o Sr. O'Connor, presidente da Comissão, pediu a Frank para sair da sala, enquanto eles prosseguiam os debates. Frank abandonou a sala e, esperando pacientemente que voltassem a chamá-lo, conversou com o Secretário. Quando voltou a ser chamado, comunicaram-lhe que havia concordância unânime sobre a solução por ele apresentada para o homem da rua, a qual seria inserida nas recomendações que iriam ser entregues ao Ministro.
Depois disto, o Ministro do Governo Local mandou chamar o Sr. Duff. "Sr. Duff' disse-lhe - "compreendo que Monsenhor Wall não concorde com a abertura, pelos Vicentinos, de um albergue para os homens da rua e indigentes, porque receia que os custos financeiros lhes acarretem pesadas dívidas".
"É verdade".
"Que me diz, se tratássemos deste assunto fora das Conferências de S. Vicente de Paulo? Estou certo de que os vicentinos gostariam de ajudar e, por outro lado, isso afastaria os receios do Monsenhor acerca do uso dos fundos da Conferência. Estaria o Sr. preparado para tratar deste assunto conosco?"
"Certamente".
"Posso supor o mesmo interesse da sua parte pelo novo plano?". "Sim, senhor".
"Pode garantir, também, o apoio dos seus amigos?". "Sem dúvida".
O Sr. McCarron ficou muito contente, até aliviado. O Governo estava absolutamente consciente da grandeza do problema dos sem lar. Fornecer os edifícios e o pessoal custaria milhões de libras. E o dinheiro, então, não abundava. Além disso, onde iria o Governo encontrar pessoal preparado ou com competência para tratar tão imprevisível e difícil categoria de pessoas, como são os homens da rua?
Sim, o Sr. McCarron estava contente. Diante dele, apresentava- -se um homem com uma provada capacidade de organização. Além disso, as extraordinárias realizações do Sr. Duff na reabilitação das prostitutas eram reconhecidas e apreciadas pelo Governo.
"Sr. Duff, posso dizer-lhe, agora, que o Governo aprova inteiramente os seus planos e ideias sobre este assunto. Além disso, estamos-lhe profundamente gratos pelos serviços que está prestando à

os edificios do "North Dublin Union" para nele instalar o albergue ou sua cidade e ao seu país. A partir de agora, confiamos aos seus cuidados
lar proposto pelo senhor".
Frank deixou escapar um suspiro de alívio e, provavelmente, também, uma oração silenciosa de gratidão a Deus.
continuou o Sr. McCarron
"será
"Evidentemente" necessário fazer algumas alterações interiores, para adaptar os edificios à sua nova finalidade. Estou, porém, autorizado a dizer-lhe que o Governo financiará as despesas feitas com as alterações. Tomará, também, a responsabilidade por quaisquer reparações que se imponham, de vez em quando. Desnecessário é dizer que não pagará renda".
Os Srs. Frank Duff e Lalor foram nomeados administradores do albergue, pelo Governo. Ficava no ar, no entanto, uma dúvida torturante: não teria o Rev. Dr. Byrne, Arcebispo de Dublin, qualquer objeção ao projeto? Não era segredo que, até então, se não mostrara entusiasta com algumas ideias propostas pelo Sr. Duff. O Sr. Lalor foi "despachado" para visitar o Arcebispo. O Sr. Lalor era o Presidente do Conselho da Sociedade de S. Vicente de Paulo, de toda a Irlanda. Frank esperou ansiosamente. O Sr. Lalor regressou entusiasmado. "Você gostará de saber" -disse ele a Frank-"que o Arcebispo está contente e até prometeu rezar a santa Missa pelo bom êxito do projeto. Revelou também o desejo de ser mantido informado do seu andamento". Frank apressou-se a contatar os seus amigos auxiliares. Vieram vistoriar os edificios. Passearam, excitados, pelos corredores e salas. Planejaram as alterações. Houve grande alegria. E foi decidido que o albergue "Lar Estrela da Manhã" abriria as portas no dia 25 de Março de 1927.
BEE
E
A árvore indica-nos a entrada do "Concilium Legionis",
onde, numa placa, pode-se ler: LEGIO MARIAE. No fundo à esquerda, o "Regina Coeli", e, na esquina da direita, o "Estrela da Manhã"
17
UM HÓSPEDE INESPERADO
UM HÓSPEDE INESPERADO
23 de março foi um dia de intensa atividade, com numerosas idas e vindas, na Rua Estrela da Manhã. Frank vendera a casa na Praça Darmouth e instalara-se, com a mãe e outros membros da família, numa grande casa de estilo vitoriano, a uns passos do Albergue Estrela da Manhã, outrora "North Dublin Union".
A mãe de Frank, com 63 anos, estava ainda vigorosa e de boa saúde. Constituía para ela um leve transtorno ser arrancada mais uma vez da casa em que vivia, mas, pessoa calma e delicada, procurava encarar tudo com normalidade. Fosse ela orgulhosa e havia de lamentar, sem dúvida, ter de deixar a zona elegante da Praça Darmouth. Com certeza que os novos vizinhos, os homens da rua do Albergue Estrela da Manhã, tinham uma linguagem muito diferente daquela que estava acostumada a ouvir. Falando a sério, não podia gostar da mudança, mas era uma pessoa objetiva, com extremo sentido prático. Nesta fase da vida, procurava orientá-lo para bem instalar Frank e o seu trabalho. Por isso, quando Frank achou que precisava mudar, a mãe entrou resignadamente nos seus planos.
Guardalouças, mesas, cadeiras, camas, etc. foram transportados rua acima, bem como caixas de livros.

Essa noite de 23 de março de 1927 se manteria viva na memória de Frank durante o resto da vida. Estava muito, muito cansado. Não só fisicamente esgotado com o transporte da mobília e a sua instalação nos diferentes aposentos, mas também com o tédio e esforço mental provocado pela oposição ao seu projeto e pelas incertezas referentes à licença oficial para avançar com o albergue proposto.
Em todo o caso, nada mais poderia fazer nessa noite. O resto da família já se retirara para os respectivos quartos. Passava da meia-noite, mas Frank ainda tinha de rezar o Oficio por inteiro, que, normalmente, lhe levava hora e meia, mas, nesta ocasião, lhe tomaria mais tempo, dado o seu extremo cansaço. Estava fisicamente exausto. No entanto, abriu o Breviário e começou a rezar.
Foi então que ele o ouviu! Um uivo terrível! Apesar do seu ouvido debilitado, estava absolutamente certo disso. O uivo de um cão que fazia gelar a espinha, contendo um elemento estranho, sinistro...

Frank sentia-se demasiado esgotado para procurar saber o que teria sido. Estava certo de que, se abrisse a janela, seria incapaz de suportar o que pudesse ver. Por isso, continuou simplesmente a rezar as suas orações.
Na manhã seguinte, quando desceu à rua, encontrou um grande cão estendido no átrio, em frente da porta. O cão não tinha um pelo. Era uma visão horrível. Talvez, pensou Frank, que o demônio se apoderasse do corpo morto de um cão para o aterrorizar e o afastar do caminho que escolhera. Pensar nisso era terrificante; mas, se essa interpretação fosse correta, não poderia também significar que o albergue estava destinado a levar o demônio a ladrar? Não seria uma indicação das grandes graças que viriam, mediante o albergue? Em todo o caso, Frank iria avante com os seus planos.
Dois dias mais tarde, 25 de março, a solene festa da Anunciação, o albergue para homens-da-rua abria as portas. Ficou sendo dirigido por uma comissão de homens, muitos deles membros das Conferências Vicentinas. A Comissão encontrava-se dentro de prazos regulares, fazia as reuniões e dirigia o albergue, mais ou menos, segundo as linhas orientadoras da Legião de Maria. Dentro de pouco tempo, fundava-se um Praesidium da Legião para dirigir o albergue. Foi o primeiro Praesidium de homens fundado em Dublin.
Não faltavam 'fregueses' para o albergue. Os homens-da- rua, os alcoólicos, os desamparados e sem amigos, todos vieram numerosos e foram bem recebidos, numa casa que, para eles, teria constantemente as portas abertas. Para restaurar nos residentes um pouco de dignidade e de respeito por si mesmos, cada residente era obrigado a pagar, diariamente, a importância de seis "pence". Este ponto era uma exigência rigorosa.
Problemas, evidentemente, houve- os em abundância. Em muitos casos, os residentes tinham sido cidadãos responsáveis que, talvez sem qualquer falta pessoal, haviam sido reduzidos ao estado de pobreza completa, ao estado de indigência; mas os Legionários tinham, também, de lutar com pessoas refratárias que praguejavam, se batiam, roubavam e se apresentavam, muitas vezes, embriagados. O albergue podia receber duzentos homens e estava habitualmente cheio.

As lutas entre eles eram terríveis e aconteceu que os Legionários foram também, muitas vezes, atacados. Normalmente, não era possível ou praticável chamar a polícia. Frank perguntou- se, muitas vezes, quando à tardinha ia ao albergue, se estaria em

condições físicas para sair por seu pé no fim do dia. Todos os dias corria o risco de lhe partirem as pernas. Mas o seu valor em atletismo manteve-o em situação de vantagem. Em geral, mantinha-se em boa forma fisica e extraordinariamente forte, para uma pessoa de conformação magra como a sua. Não tardou que os homens tivessem por ele um saudável respeito. Muitos haviam sido derrubados por ele, em combate. Ninguém, com ele, tirava a melhor. No correr dos anos em que lidou com os homens do albergue, o pior que aconteceu foi terem-lhe partido algumas costelas.

Mas há alguma coisa que revela, um pouco, a sua força. Colocara-se nas mãos de Deus e Deus protegeu-o, certamente, de todo o mal. Além disso, Frank estava absolutamente certo de que, nesse tempo, Deus lhe comunicara uma força especial, porque a força era, então, absolutamente necessária para dirigir o albergue.

Anos antes, quando Frank entrara nas Conferências Vicentinas, aquilo que mais o cativara fora a grande insistência na mensagem de Cristo nos Evangelhos: "Na medida em que o fizestes a um destes irmãos mais pequeninos, a Mini o fizestes". Foi a compreensão da verdade forte daquele ensino que, por graça de Deus, transformou Frank Duff, de católico vulgar, num dos grandes apóstolos do século vinte. Entretanto, a sua vida de oração e fé crescera prodigiosamente e atingira um extraordinário grau de aprofundamento e apreço desta verdade. Todo o pobre que se apresentava diante de Frank era Cristo disfarçado. Compreendeu que não era apenas um dever, mas um extraordinário privilégio, para ele e para os Legionários, servir Cristo nas pessoas pobres.

Por causa desta compreensão, Frank recusou-se a olhar para os frequentadores do albergue como pessoas completamente arruinadas (down-and-out). Embora socialmente "em baixo", não estavam "fora" do corpo social. Apesar da sua triste condição, tinham uma dignidade única como membros do Corpo Místico de Cristo, que a pobreza e o desamparo não podiam apagar. Por isso, tais pessoas completamente arruinadas deveriam chamar-se "residentes" do albergue.

Justamente por isso, Frank, no meio destes residentes, muitas vezes turbulentos e briguentos, não era apenas o homem de punho de ferro, mas também o homem de extraordinária delicadeza, bondoso e paciente. Os seus amáveis apelos, o seu sorriso indulgente, as suas maneiras modestas e o seu constante bom humor ganharam o respeito e mesmo a afeição dos mais desordeiros valentões. O número daqueles

que ergueu das profundidades da degradação excede qualquer cálculo; o número dos que arrancou do lodaçal do pecado e do vício só será
conhecido de Deus.

Atualmente, na capela do albergue, podemos ouvir a amável poesia dos salmos, num crescendo de oração a Deus, quando os Legionários residentes rezam o Ofício Divino em comum. O cenário não é o do grande mosteiro cisterciense, mas com certeza que os anjos se juntam a eles no grande cântico de ação de graças a Deus. E que grande alegria inundará o coração da nossa Mãe Celeste, a Estrela da Manhã!

H

Casa de estilo vitoriano, a uns passos do Albergue "Estrela da Manhã" para onde Frank e a familia se mudaram a 23 de março de 1927.
Na casa próxima, que se tornara o lar dos Duffs, as coisas começaram a ocupar o lugar devido. A Sr. Duff andava ocupada pondo a casa em ordem. Isabel, ainda adoentada, ajudava a mãe. As outras duas jovens irmãs, Sara Geraldine e Ailis, haviam-se doutorado na universidade; John ausentava-se com frequência de casa, por causa do seu trabalho e dos compromissos sociais.
A Sr.a Duff gostava de flores e, em pouco tempo, convertera o lote de terra atrás da casa num jardim encantador de beleza e harmonia, donde retirava as flores oferecidas para o altar das reuniões dos Praesidia. Nunca fez parte de qualquer Praesidium; preferia manter-se
UM HÓSPEDE INESPERADO
em segundo plano. Mas era um extraordinário apoio para Frank, em todos os seus empreendimentos. As suas vidas e interesses estavam interligados. Quando, em permanente contato com os sacerdotes e outros Oficiais, Frank estava escrevendo o Manual, trazia-o à mãe, capítulo por capítulo, para que ela o corrigisse. Havendo uma palavra ou expressão que se não harmonizasse inteiramente com o contexto, ela chamava-lhe a atenção. A sua inteligência não perdera nada do seu brilho.
Constituía para Frank uma bênção maravilhosa o fato de sempre que recebia visitantes e eram numerosos - os poder convidar para partilhar a refeição da família. Sabia que isto significava para a mãe um trabalho fora do normal, mas sabia, também, que ela o fazia com prazer. De fato, ela esperava que Frank confiasse nela, de forma absoluta, para colaborar com ele neste ponto e em muitos
outros.
Uma noite, Frank passou por uma estranha experiência. Era cerca da 1h00 da manhã. Bateram à porta. Frank ainda não estava deitado. Desceu as escadas e abriu a porta. Em frente dele, ao finio, estava um rapazinho de doze anos. O garoto pediu-lhe para o abrigar naquela noite. Estava sujo o pequeno, com o cabelo desalinhado e aparência descuidada. Frank mandou-o entrar e ofereceu-lhe uma cama. Quando acordou de manhã, verificou com surpresa, que o garoto tinha saído. A empregada da casa disse a Frank:
"Oh! Sr. Frank! esta manhã vi o mais belo rapazinho da minha vida; desceu as escadas e saiu..."
Tanto Frank como os da casa nunca mais o viram. A história termina aqui. Muitos anos mais tarde, quando Frank contou o caso a um amigo, este perguntou-lhe: "Sr. Duff, não é, verdadeiramente, um caso extraordinário? O Sr. tem qualquer explicação para ele?"
- "Tenho, com certeza!" replicou. "Devo comenzar evidentemente, por lhe dizer que não sei quem era esse belo rapazino Tenho-me perguntado, muitas vezes, se não seria o Menino Jesus aure veio a minha casa. Lemos no Evangelho que o Menino Deus fœdu perdido alguns dias, em Jerusalém. Ninguém sabe onde passou as noites. Pode bem ser que se tenha dignado vir passar unta noite em minha casa. O Sr. sabe que o tempo não representa problema para Deus. Mil anos são como um dia para Ele. Em todo o caso, duma coisa estou certo, quer se trate do Menino Jesus om pessoa quer não.

o importante é que Deus se serviu, com certeza, do fato para me dar uma lição a reter na memória: em todo o homem, mulher ou criança que bate à minha porta, está Cristo realmente presente, pedindo ajuda e compaixão".
E foi assim que, dia após dia, ano após ano, Frank foi o humilde servo dos pobres homens do Estrela da Manhã, recebendo- os à entrada, cortando-lhes o pão, enchendo-lhes as canecas de chá forte, preparando as camas, ouvindo pacientemente as suas histórias de desgraça.
Este era apenas um dos três Lares ou Albergues que ele orientou. Santa Maria já ganhara fortes raízes. Não tardaria a abrir um outro albergue para mulheres o Regina Coeli. E além da orientação destes três lares, exercia junto das almas e, privadamente, um apostolado com múltiplas facetas.
*
Muitos anos mais tarde, numa fria manhã de dezembro, Frank Duff passeava com um amigo na Rua Estrela da Manhã. De pé, ali próximo, estava um residente do Albergue, um homem forte, com uma poderosa estrutura fisica.
disse ele.
"Bom dia, sr. Padre e bom dia Sr. Duff!". -"Bom dia!" -responderam-lhe. Quando Frank e o sacerdote se tinham afastado, de modo a não poderem ser ouvidos, Frank contou um incidente passado pouco tempo antes. Pode resumir-se no seguinte:
Frank passeava, certo dia, pela rua fora, quando um homem chamemos-lhe 'João X' - se aproximou repentinamente, como que a brincar, e lhe imobilizou as mãos, segurando-as debaixo dos próprios braços, e meteu as mãos nos bolsos da sua vítima. "Agora, Sr. Duff'-disse-lhe João X-"consegui o que queria; podia roubá- lo, se desejasse. Tornei-o incapaz de se defender". Era verdade. Frank estava impossibilitado de fazer qualquer movimento, com as mãos presas pelos braços deste homem possante, que fora comandante no exército britânico.
Frank sabia, evidentemente, que João X não o roubaria. De fato, tinha por Frank um grande respeito. Mas Frank ficou impressionado com a brincadeira, pois tinha alguns objetos preciosos nos bolsos. No momento, tinha com ele uma relíquia da Verdadeira

Cruz e um terço do Rosário a que ligava um especial valor sentimental. Conseguiu desprender-se das garras de João X e os papéis inverteram- se imediatamente. João X foi agarrado por Frank e atirado ao chão. Frank largou, então, a sua vítima, deixando-a livre. Embaraçado e humilhado por ter sido vencido por um homem de idade Frank tinha então 86 anos - João X disse-lhe: -"Evidentemente, Sr. Duff, o Sr. levou a melhor. Experimentemos, agora, medir forças em condições iguais, de parte a parte; e estendeu-lhe a mão direita, num desafio. -"Bem!" pensou Frank-"se um indivíduo precisa duma lição, deve-se dar-lhe". E aceitou o desafio, estendendo também a sua mão direita para agarrar a de João X. As duas mãos fecharam-se uma sobre a outra. Os dois homens tentaram então torcer-se mutuamente. A luta foi renhida. Com estupefação, João X foi cedendo lentamente, dobrando-se para trás. A sua poderosa força fora, mais uma vez, reduzida a zero. O Sr. Duff revelara-se mais forte.
João X recebera uma lição. Frank abrandou suavemente o seu poderoso aperto de mão do adversário e ajudou-o a pôr-se de pé. Depois acrescentou, de forma delicada, a censura: "João, você sabe que não deve fazer coisas como esta".

Quando acabou de contar a história, o sacerdote disse-lhe: "Sr. Duff, o Sr. disse-me, uma vez, que nos começos da existência do albergue Estrela da Manhã recebera do alto uma ajuda especial, porque se tornara necessária para dirigir o albergue". -"E verdade".
"Quer o Sr. dizer-me, ao contar a história da luta com João X, que voltou a receber essa força do alto?"
-"Não, não é isso exatamente. O que lhe digo é que essa força nunca me foi retirada".
97

Frank Duff
18
PRIMEIRA VISITA A ROMA
Pároco da Arquidiocese de Cashel e Emly, no Sul da Irlanda, o Padre John Hayes era um sacerdote e pregador de raro mérito. Com os seus eloquentes sermões, era capaz de converter os corações mais frios em fogueiras de amor a Deus e aos homens; a sua compaixão pelos pobres e infelizes era proverbial. Conquistou o seu lugar na história da Irlanda com a fundação da 'Muinntir na Tíre', uma organização para desenvolver o progresso comunitário, mediante a caridade fraterna, a colaboração e o espírito de iniciativa, sobretudo nas comunidades rurais.
Em 1930, os padres Palotinos convidaram o Padre Hayes para uma série de sermões, no Advento, em S. Silvestro in Capite, na cidade de Roma.
Nos seus sermões, falou, em termos vivos e comoventes, dos trabalhos que a Legião de Maria estava desenvolvendo em Dublin. O Vigário de Roma, Cardeal Marchetti-Selvaggiani, abordou-o oportunamente e manifestou-lhe grande interesse pelo trabalho da Legião de Maria. Sugeriu ao Padre Hayes a ida do Sr. Duff a Roma para falar, pormenorizadamente, da nova associação.
O convite foi devidamente comunicado. Para Frank Duff foi mais do que um momento de viva emoção, foi um sinal. Disse consigo: "Esta diligência poderá constituir a minha apresentação em Roma e, por isso, será vantajoso encontrar-me com o Cardeal Marchetti". Começou, então, a pensar numa audiência com o próprio Papa, Pio XI. Tendo refletido na ideia, decidiu falar com ele. Pio XI fizera urgentes apelos aos leigos para participarem na Ação Católica. Tornava-se necessário dar-lhe a conhecer a Legião de Maria, pensava Frank.
Mas, havia um problema. Seriam necessárias cartas de apresentação e Frank sabia que não podia pedi-las ao Arcebispo de Dublin, porque a Legião de Maria ainda não estava, oficialmente, aprovada na Diocese. O Arcebispo, evidentemente, estava informado de todas as atividades da Legião de Maria, e prometera mesmo refletir sobre a sua aprovação oficial, mas, até ao momento, nada tinha feito.
De fato, uma das grandes cruzes de Frank, naqueles tempos, era o fato de numerosos sacerdotes se ressentirem da possível
98
PRIMEIRA VISITA A ROMA
existência desta organização de apóstolos leigos; alguns iam ao extremo de acusarem Frank de anticlerical, por querer tirar, diziam, as atividades específicas dos sacerdotes, pois os Legionários se imiscuíam nos trabalhos sacerdotais, etc. No devido tempo, passariam a apreciar a Legião, colocada inteiramente ao serviço do sacerdote, leal e obediente, sob todas as formas possíveis, às autoridades da Igreja.

De fato, os Legionários ofereciam-se aos sacerdotes como braços e membros adicionais, com que ele poderia atingir, de forma eficiente, muito mais almas. No devido tempo, os sacerdotes conheceriam o sistema legionário, pelo qual, pessoas muito simples adquiriam uma sólida compreensão das grandes verdades da religião, se tornariam apóstolos maravilhosos e poderiam ser guiados pelos caminhos de uma elevada santidade, mesmo heroica.

Mas, esta compreensão não chegaria de um dia para o outro. Frank Duff tinha visão espiritual suficiente de que na cruz reside o melhor sinal de esperança e que, onde existe fé bastante, todos os obstáculos podem ser vencidos.

Neste momento, porém, Frank tinha que encarar a realidade. Sem uma carta do seu Arcebispo, parecia impossível conseguir uma audiência particular com o Papa. Para Frank, porém, a palavra impossível não existia. Daria um passo com fé e forçaria a mão de Deus. (Cf. a este respeito o Manual no parágrafo sobre a "Ação simbólica").

Havia um passo desta natureza que Frank podia dar e deu. O seu grande amigo, Sr. William Cosgrave, que em 1922 autorizara a transferência do imóvel que se converteu na sede do Lar Santa Maria, passara, depois disso, a Primeiro Ministro (Taoiseach) do Estado Livre Irlandês. Estava muito bem informado de toda a história da Legião. Era, ao mesmo tempo, um piedoso católico. Em 1925, o Papa conferira-lhe a Ordem da Grã Cruz. Frank foi ter com ele e expôs-lhe a sua necessidade. O Sr. Cosgrave, depois de apreciar a delicadeza da situação, deu-lhe uma carta pessoal de apresentação ao Papa, carta essa que lhe abriria as portas do Vaticano.

Monsenhor O'Brien, de Liverpool, acompanhou-o a Roma. Frank sentia-se muito emocionado com a cidade eterna. O seu profundo conhecimento da história romana, tanto antiga como recente, habilitava-o a apreciar os numerosos lugares sagrados. O Coliseu, cuja arena fora ensopada, outrora, com o sangue dos mártires, as catacumbas, as grandes basílicas, as velhas igrejas, o Vaticano, tudo isso

o emocionava até às profundidades do seu ser. Mas, esta excitação era moderada, até certo ponto, pela extraordinária perspectiva de falar com o Papa. Sabia, evidentemente, que o Papa seria informado de antemão acerca da Legião de Maria. Frank apresentara já pormenorizadamente o seu "caso" a alguns Cardeais e outros funcionários da Cúria Romana, cujo dever era cuidar da organização, apresentar uma súmula das conversas com o Papa e fazer as recomendações.

No devido tempo, Frank e Monsenhor o'Brien foram introduzidos à presença de Sua Santidade Pio XI. A audiência durou vinte minutos. Este encontro do Papa com o Fundador foi um marco na história da Legião de Maria.

Pio XI era conhecido como o Papa da Ação Católica; apelara, repetidas vezes, para que o papel do laicado fosse reconhecido na missão da Igreja. Os Bispos das dioceses, pelo mundo inteiro, estavam ansiosos por concretizar os desejos do Papa, mas continuavam a perguntar-se: "Que é que devemos fazer, exatamente?" Foi por isso que o Papa ouviu Frank com grande interesse. Frank notou que Sua Santidade estava muito sério e nem sequer sorria. Fez muitas perguntas a Frank sobre a Legião. Chegou, enfim, o grande momento.

"Que é que deseja que eu lhe faça?". perguntou o Papa. Esta era a verdadeira pergunta que Frank desejava ouvir e à qual tentara, cuidadosamente, formular uma resposta.

Respondeu: "Se pudéssemos dizer que é desejo pessoal de Vossa Santidade que a Legião de Maria se difunda pelo mundo, isso constituiria um grande incentivo para propagar a Legião".
pensadas.
Todas as palavras desta frase haviam sido ponderadamente
Houve então uma pausa. Finalmente, o Papa disse: "Exprimirei esse desejo com todo o meu coração!"
A alegria de Frank não conheceu limites. Sabia que, a partir deste momento, a Legião estava salva. Dificilmente podia esperar regressar a Dublin, para planejar a conquista do mundo. Corria o ano de 1931.

PRIMEIRA VISITA A ROMA

A Legião estava salva. Sim, mas só até certo ponto. Se Frank pensou que o encorajamento que recebera do Papa apressaria a aprovação oficial da Legião de Maria na sua diocese, estava muito enganado. Os preconceitos contra a Legião eram demasiado fundos para serem desfeitos com facilidade. As ideias do apostolado laical que a Legião propunha pareciam ir demasiado longe. Numerosos sacerdotes, dos mais experientes e idosos, estavam seriamente alarmados. "Santo Deus! Vai ser impossível controlar esta gente!"; "intrometem-se no trabalho dos sacerdotes"; "em breve hão de querer dirigir a paróquia"; "vão virar as coisas de pernas para o ar". Eis os receios que preocupavam os sacerdotes; alguns dos mais idosos pressionavam o Arcebispo para acabar com a Legião.
O intenso estudo, por parte de Frank, da doutrina do Corpo Místico, ajudado e inspirado, sem dúvida, por uma vida de oração e de fé, levou-o a uma compreensão clara e global do papel de cada batizado na Igreja. O problema exato situava-se no fato de o clero do seu tempo, com algumas exceções, é claro, ser incapaz de aceitar as suas ideias ou, simplesmente, de se lhe opor. Citemos a este respeito, o Rev. Dr. Michael O'Carroll: "O clero oficial não favorecia uma iniciativa vinda do laicado"(').
Não é, pois, de estranhar que Frank estivesse em guerra com as autoridades eclesiásticas de Dublin, durante muitos anos; a sua habilidosa diplomacia, porém, conseguiu certa tolerância para a organização que nascia. Apesar disso, a ameaça de extinção que pesou sobre a Legião provocou-lhe uma intensa agonia. Nunca duvidou do grande trabalho que os sacerdotes faziam pelas almas - sempre manteve o maior respeito por eles mas estava consciente de que muito mais podia ser feito, com a ajuda da Legião. Ver impedido, ou ao menos dificultado o que considerava desígnio de Deus, constituía um tormento para sua alma sensível.
No entanto, a Legião continuou a desenvolver-se e a expandir-se, embora com muitas provações e dissabores. Às vezes, as perspectivas pareciam tão desesperadas que o único motivo para Frank perseverar era a sua viva fé. "Eu via claramente dizia que Deus queria a Legião". Por isso, perseveraria, custasse o que custasse; havia que pagar um preço. "Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer,
(1) Conf. Maria Legionis, no 1 de 1981.

dá muito fruto" (Jo 12:24). Teria de haver um longo e lento processo de morrer para si mesmo. Para se assemelhar mais a Cristo, teria de sacrificar-se mais, orar mais, crescer em paciência e humildade. Sim, especialmente em humildade, visto que "todas as outras virtudes dela derivam o seu próprio valor. Só à humildade é que Deus concede os Seus

favores"(). Além disso, se ele esperava tornar-se semelhante a Cristo, dificilmente poderia esperar passar sem as humilhações e frustrações que Cristo teve de sofrer.
Muitos mais anos teriam de passar, antes de o Manual da Legião de Maria receber o "imprimatur", na diocese de Dublin. Entretanto, Frank ia aprendendo numerosas e preciosas lições sobre a santidade, à medida que avançava pelo difícil caminho que a ela conduz. A sua decisão de prosseguir com a Legião mantinha-se inflexível.
() Manual da Legião de Maria, cap. 6, pento 2. pag. 28.
102
19
REGINA COELI
REGINA COELI>
William Cosgrave foi o Primeiro Ministro ou Presidente do Conselho Executivo do Estado Livre Irlandês, na primeira década da Independência. Foi ele que, depois de consultar o Ministério, doou alguns dos Edificios semi-abandonados do velho "North Dublin Union" a Frank Duff e à Legião de Maria, para ali instalar um albergue para os homens indigentes, conhecido por Estrela da Manhã. Tendo verificado o feliz resultado deste projeto, o Presidente Cosgrave e o seu Ministério cederam uma outra área do 'North Dublin Union' ao Sr. Duff, para nele instalar um albergue para mulheres indigentes e mães solteiras. Quando as necessárias reparações e remodelações terminaram, o albergue Regina Coeli abriu as portas para acolher as mulheres na miséria.
Enquanto o Estrela da Manhã atuava à base de cama, jantar e café da manhã, o Regina Coeli dava alojamento completo a mulheres e seus filhos. Frank insistiu, porém, que cada mulher recebida no albergue deveria chamar-se residente - devia contribuir para a sua manutenção, ainda que só nominalmente. A finalidade desta medida era ajudar a criar, nas residentes, o respeito por si próprias. Àquelas que não tinham dinheiro, nem emprego, ofereciam a oportunidade de ganhar o mínimo, trabalhando num recinto especial de madeira, dirigido pelo albergue Estrela da Manhã.
Era necessário, evidentemente, encontrar Irmãs Legionárias que oferecessem os seus serviços, em tempo integral, ao albergue. Estas Legionárias seriam chamadas Irmãs Internas' (Indoor Sisters). O seu programa diário incluía Missa, Sagrada Comunhão, reza do Oficio Divino, Terço do Rosário e Orações Legionárias. A maior parte do tempo, no entanto, seria consumido no apostolado ativo por excelência- cuidando das duzentas mulheres e seus filhos; lavando as roupas, limpando a casa, cozinhando e 'cem outras coisas', e interessando-se pelo bem das mulheres, muitas das quais haviam descuidado a prática da religião.
"Ali dentro, era o mundo da mulher", disse alguém. No entanto, Frank fazia, também, parte da cena. Tinha mãos de artista, tornando-se o homem de todos os oficios, consertando portas, janelas, louças, caçarolas, panelas e tudo o mais que aparecia. Foi ele que
103

Frank Duff
comprou a mobília; que arbitrava as rixas, que protegia as mulheres Uma vez, um homem, insolente e forte, entrou e tentou bater numa mulher, contra quem tinha qualquer queixa. Não sonhava encontrar Frank que, , de repente, apareceu em cena e lhe deu uma surra, pondo-o depois na rua.
A boa direção do albergue envolvia naturalmente muitas dificuldades. Frank costumava dizer que a sombra da cruz pairava sobre o Regina Coeli, tantos eram os problemas a enfrentar. Era verdadeiramente dirigido por pessoas de fé. No entanto, não só sobreviveu,

mas prosperou. De fato, era um lugar invulgarmente feliz. Admitamos que algumas das residentes eram pessoas de modos difíceis, mas a maioria era de pessoas boas e respeitáveis, que tinham caído na miséria, quer por um problema de excesso de álcool, quer por um golpe violento e afrontoso da sorte. Viviam muito contentes no albergue; havia ali a atmosfera de uma verdadeira família, segurança e bondade. Sabiam que alguém cuidava delas.

Não faltava ali, também, um 'discreto' escritório que tratava de casamentos. De vez em quando, apresentava-se um rapaz pobre, mas respeitável, que perguntava à Legionária de serviço se seria possível apresentá-lo a alguma residente, que pudesse ser uma companheira solícita e conveniente, para viver toda a vida com ele. Habitualmente, conseguia o que desejava. Vinham as apresentações e, depois de algum tempo, se surgia uma atração mútua, combinava-se o casamento.

As residentes eram muito fiéis à Missa Dominical; bom número frequentava a santa Missa, diariamente. Os seus filhos eram formados para serem ajudantes nas missas.

As crianças do Regina Coeli eram mandadas regularmente à escola. O contato habitual das crianças com Frank e as Irmãs Legionárias produzia grandes frutos. Quando trabalhadores sociais do país ou do estrangeiro manifestavam a sua admiração pelo fato de o albergue, com os seus limitados recursos, produzir cidadãos de primeira classe- -a delinquência era, praticamente, desconhecida entre -Frank costumava aquelas que passavam tempo razoável no albergue- sorrir e perguntar: "Desejam saber o segredo do nosso bom êxito?". Depois de ouvir as muitas conjecturas dos seus interlocutores, Frank apresentava-lhes a resposta correta: "O respeito real pela criança; cada uma delas é membro do Corpo Místico de Cristo e tratada e formada de acordo com esta realidade, e isto, com a necessária ajuda de Maria, Mãe deste Corpo".

Mais de 4.000 crianças foram educadas e alimentadas nesta atmosfera do Regina Coeli, uma honra para a sua fé e a sua pátria.

Frank conhecia todas as crianças pelo nome próprio. Gostava muito delas, de conversar com elas, até mesmo, por vezes, de gracejar
com as mesmas.

Frank posa com algumas crianças que viviam no Lar para mães solteiras - Regina Coeli, criado e apoiado pela Legião de Maria, em Dublin.

Num dia de sol, Frank estava à janela do Regina Coeli, olhando, sem dúvida com afeto e orgulho, para um grupo de crianças do albergue que brincavam em frente. Um garoto dos seus onze anos, Frankie, parecia ser o natural chefe do grupo. Faziam enorme barulho. Frank não resistiu à tentação de brincar com ele e tirar um pouco do seu bravio entusiasmo. Foi à cozinha do Regina Coeli, pegou uma caneca e encheu-a de água. Voltou e espreitou pela janela aberta. Vendo que precisava se aproximar do seu objetivo, para maior eficácia do seu gesto, abriu a porta do aposento vizinho, com a caneca de água na mão, e da janela despejou-a sobre o pobre Frankie, que tomou um banho. O barulho foi tremendo, disseram mais tarde. Frank, segurando a caneca atrás de si, ria de coração para si mesmo. Quando Frankie

procurou identificar o 'criminoso, autor daquele fato 'terrível', e viu Frank à janela, gritou: “Foi a Sr.a Daly que fez isto, Sr. Duff; foi a Sr.a Daly, eu vi”. A Sr.a Daly estava, no momento, longe da cena do crime.
Tão absorvido estava Frank na brincadeira, que, quando voltou ao aposento vizinho, não viu ninguém. De repente, verificou que não estava sozinho e sentiu-se embaraçado. Olhando bem à volta, deu com os olhares pasmados de um grupo de senhoras legionárias que estavam a meio da reunião do Praesidium. Murmurando uma palavra de desculpa, saiu humilhado e rápido da sala.
O Padre Briari Byrne, Diretor Espiritual do Praesidium, foi o mais espantado de todos. Quando reencontrou o dom da palavra, disse: "É este o homem que vimos no Concilium, com uma cara de beato, no último Domingo?".
Depois disso, durante anos, Frank ria às gargalhadas, quando contava o incidente, dando especial relevo à observação do Padre Brian acerca dele.
O amor de Frank às crianças era tão grande que, um dia, surpreendeu Mary Rowe, uma Legionária do Regina Coeli, com este dito: "Sabe, Mary, penso que se tivesse casado, era capaz de perder a religião". Ela olhou-o, admirada, e disse: "Sr Duff, como é que ousa dizer semelhante coisa?".
"É que explicou ele ficaria tão absorvido com os meus filhos, que estou certo de que esqueceria todo o resto!".
Observação deveras estranha, sem dúvida, mas que revela o seu forte amor às crianças.
Em certa ocasião, uma das residentes caiu muito doente; julgou-se prudente mandá-la para o hospital.
"Por favor, não me mandem para o hospital"
suplicou
ela. "Eu não vou melhorar; sei que vou morrer. Deixem-me morrer em casa". Às lágrimas de dor das Legionárias por esta mulher, juntaram-se lágrimas de alegria por chamar ao Regina Coeli, a sua casa. De fato, não a mandaram para o hospital. Cuidaram dela com ternura, até ao fim. Teve uma feliz e santa morte, com as Legionárias e residentes à sua volta.
Este exemplo repetiu-se, vezes sem conta, depois disso. Morriam com dignidade numa atmosfera de santidade e de afeto; almas, que de outro modo, poderiam extraviar-se, eram guiadas com segurança para a casa do Pai.
20
"POBRE LIZZIE!"
"POBRE LIZZIE!"
Um dos mais difíceis casos enfrentados por Frank Duff foi
o de Lizzie McDermott. Lizzie fora outrora uma prostituta e atingira profundezas terríveis de depravação. Frank viu-a, pela primeira vez, quando fazia o trabalho de piquete em frente ao "6 1/2 da Rua dos Carmelitas". Viu-a aproximar-se do Centro de Doutrinação. Parecia desgraçada e miserável. Vestia uns farrapos e apresentava-se suja. Ao passar por Frank, este entregou-lhe o "Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus", um livreto católico. Lizzie pegou, olhou-o e, verificando que se tratava de uma publicação católica, atirou-o à cara de Duff. Lizzie frequentava, habitualmente, este lugar. Frank conseguiu saber o seu nome. Falava-lhe sempre com bondade.
"Lizzie" disse-lhe "a senhora sabe que não deve trair a sua religião, indo a esse lugar".
Lizzie nunca lhe respondia. Sempre que aparecia, Frank aproximava-se respeitosamente dela e dirigia-lhe um suave apelo com algumas palavras amigas. Vinha, semana após semana, mês após mês, ano após ano. Nunca, durante este tempo, ela lhe respondeu ou lhe falou. Ignorava-o, simplesmente.

Frank tinha sempre o terço do Rosário nas mãos, quando fazia o trabalho de piquete, rezando algumas "Ave-Marias" quando tinha um momento livre, mas certificava-se bem de que o Terço ficasse fora do alcance de Lizzie, quando passava junto dele, para evitar de ela puxá-lo e cuspir no Crucifixo.
Os anos correram. Finalmente, num domingo de manhã, Lizzie apresentou-se, como de costume, no Centro, para o café da manhã. Mais uma vez, ignorou Frank e entrou no edificio. Com grande espanto deste, reapareceu, momentos depois, e encaminhou-se para ele. Frank pensou que ela o iria atacar fisicamente, mas não o fez. Em vez disso, parou em frente dele e disse-lhe:
"Sr. Duff, o Sr. sabe que dia é hoje?".
"Sei, Lizzie, com certeza".
"É o Domingo da Paixão, não é, Sr. Duff?".
"Isso mesmo, Lizzie, é o Domingo da Paixão".
"Pois, bem, Sr. Duff, quando estava lá dentro, agora

mesmo, pensei nisso e nunca mais volto a entrar ali".
"Oh! Lizzie, você é uma moça de estalo! Deus a ajude a ser fiel a essa resolução, mas receio muito que não, a não ser que mude de vida". "O Sr. acha que devo ir à Confissão?". "É precisamente isso que quero dizer". "Muito bem, irei à Confissão!".
Frank, grato pelos misericordiosos caminhos do Senhor, decidiu levar Lizzie ao Padre Creedon, pároco de S. Nicolau de Myra, Rua Francis. Apresentavam um estranho contraste, quando caminhavam pelas ruas da cidade: Frank, limpo e asseado; Lizzie, uma feia imagem de mal cuidada desdita.
"Lizzie" disse Frank, antes de chegar à igreja: "Você perdeu o café esta manhã, e eu ainda não tomei o meu. Vamos entrar no "The Cozy" e tomar juntos o nosso café da manhã". "The Cozy" era um pequeno café na Rua Francis.
O Padre Creedon era um homem forte, e mais volumoso parecia revestido com os paramentos da Missa. Estava para entrar na igreja, para celebrar, quando Frank e Lizzie se apresentaram na sacristia. Depois de breves palavras de apresentação, o Padre Creedon voltou-se para Lizzie e disse-lhe: "Se tiver a bondade de ficar aqui até ao fim da missa, eu lhe prestarei toda a atenção". Frank ficou também para que ela não se sentisse tentada a ir embora. Quando a Missa terminou, Lizzie confessou-se e fez as pazes com Deus. Levaram-na a entrar no Lar "Santa Maria" e a começar uma vida nova.
Seria esperar demais que Lizzie mudasse de "lobo em cordeiro", de um dia para o outro. O passado deixara marcas na sua maneira de ser. Frank achava que ela seria sempre um problema. E foi. Não conseguiu ficar muito tempo no "Santa Maria", tinha uma natureza demasiado irrequieta e o espírito demasiado violento. Andou de lugar em lugar, até que o Padre Creedon a convenceu a entrar no albergue Regina Coeli.
disse Frank -"foi, ao mesmo tempo, um "A sua entrada" dia alegre e um dia triste, para o Regina Coeli; alegre, porque este lar fora fundado pela Legião para cuidar das mulheres mais desamparadas, e quem mais desamparada que a pobre Lizzie? Além disso, quem tomaria conta dela? Foi, ao mesmo tempo, um dia triste para o Regina Coeli, porque Lizzie era uma inveterada criadora de dificuldades e podia tomar difícil a vida das outras. O fator decisivo, ao tomar conta dela, era ter uma alma imortal a salvar, custasse o que custasse.

"POBRE LIZZIE!"
Lizzie gostava dos vidros das janelas e dos espelhos. Eram quebradiços. Ora, ela descarregava a sua cólera nestes objetos e o som devastador do partir dos vidros parecia deliciá-la. A sua primeira vítima foi um grande espelho que Frank comprara num leilão. Fora barato, porque estava fora de moda. Estava fixo à parede, na grande sala de recreio das mulheres. A política de Frank era deixar as mulheres verem-se a si mesmas, sobretudo as mais desgrenhadas, como as outras as viam. "O primeiro passo para reabilitar uma mulher" - dizia ele- "é estimular nela o interesse pela maneira pessoal de se apresentar". Um dia, Lizzie caminhava para o grande espelho, com uma caneca de chá nas mãos. De repente, entrou em ação. Ela própria contou: "Vi uma mulher de terrível aparência encaminhar-se para mim, com uma caneca de chá na mão. Eu tinha de lhe atirar primeiro". E o fez, reduzindo o espelho a milhares de pedaços. Este foi apenas um dos múltiplos e violentos incidentes, resultantes do seu temperamento imprevisível. Mas, as Legionárias sabiam que deviam continuar a amá-la, apesar da sua depravação. Nossa Senhora havia-lhes ordenado que servissem seu Filho nesta pobre criatura.
Correram os anos; apesar das suas maneiras terríveis, Lizzie nunca foi expulsa. Regina Coeli tornara-se o seu lar, o único lar que jamais conhecera. Todavia, em todos estes anos, nunca soube dizer "obrigada"; nunca manifestou o mínimo sinal de gratidão. Mas, recebia os Sacramentos, de tempos em tempos.
À medida que envelhecia, tornava-se também fisicamente mais fraca. Uma manhã, foi encontrada inconsciente na cama e levada para o hospital "Union" de Dublin-Sul, na Rua Tiago (James Street). Nunca recobrou a saúde a ponto de poder sair do hospital; mas estava contente, ali, e ficava satisfeita com a visita dos amigos; os amigos eram, evidentemente, as Legionárias do Regina Coeli.
Um dia, Lizzie recebeu uma grande graça, a graça de dizer "obrigada". Provavelmente, teria gostado de tê-lo dito há muito tempo, mas o seu obstinado descaramento e natureza orgulhosa impediram-na de fazê-lo.
Mary Rowe e May Mortell, duas das Legionárias, foram vê-la. "Pôs então o orgulho no bolso" e agradeceu-lhes tudo quanto tinham feito por ela, sobretudo, tê-la alojado por tanto tempo. Havia trinta longos anos que as Legionárias a vinham ajudando.
"Sinto-me agora tão feliz" disse - "tenho recebido os Sacramentos regularmente. Deus foi paciente comigo. Estou doente,

mas não me importa morrer". Fez uma pausa e disse com humildade:
"As senhoras fazem-me um favor?".
"Sem dúvida" responderam.
"Então digam ao Sr. Duff que a pobre Lizzie McDermott quer que saiba que se não fosse ele, nunca seria capaz de salvar a não o saber, porque o alma. Estou-lhe muito grata, embora ele amaldiçoei, muitas vezes, no passado".
"Bem, Lizzie, nós lhe diremos".
possa
"As senhoras pensam que o Sr. Duff virá ver-me? Se eu o tivesse ao meu lado, morreria feliz. No caso de ele não poder vir, tenham a bondade de lhe comunicar que, se nunca tivesse salvo uma só alma, mesmo assim teria valido a pena a fundação da Legião para salvar Lizzie McDermott".

Quando as duas senhoras comunicaram o recado a Frank e lhe apresentaram o pedido de Lizzie, ele perguntou:
"É muito urgente?".
"Não, Sr. Duff, não é muito urgente; ela não está em perigo imediato de vida".
"Oh! ainda bem, porque estou comprometido com algo muito importante; seria impossível ir lá neste momento, com este assunto entre mãos; vai me tomar, ao menos, mais uma semana. Depois irei vê-la".
Com espanto para Frank, o trabalho em que estava empenhado deu em nada, inesperadamente. Recordando-se, então, do pedido de Lizzie, montou na bicicleta e seguiu para o hospital. Localizou a enfermaria onde estava Lizzie e ficou surpreendido por ver uma religiosa, ajoelhada ao lado da cama, rezando as orações da agonia. Numerosos doentes, os mais saudáveis da enfermaria, rodeavam também a cama. Sim, Lizzie estava morrendo; Frank ajoelhou-se e juntou-se às orações. Na sua mente perpassou a convicção clara e absoluta: "Fui trazido aqui para estar presente à sua morte". Enquanto ele ali se demorou, Lizzie morreu.
Todos os insultos e sofrimentos que Frank padecera nos anos passados por causa desta lamentável criatura, pareciam agora doces alegrias, à luz da maravilhosa misericórdia de Deus.
21
CERCANDO O GLOBO
CERCANDO O GLOBO
Frank ficou profundamente emocionado com o recebimento de uma carta do pároco de S. Patrício, em Raton, Novo México (Estados Unidos da América), pedindo informações sobre a Legião de Maria. Era o primeiro pedido deste gênero vindo dos Estados Unidos da América. O pároco lera um artigo sobre a Legião na "Denver Review" (Revista de Denver), escrito pelo Padre Joseph Donovan, que vira trabalhar a Legião quando visitara Dublin, no Verão de 1931. Daí resultara a fundação do primeiro Praesidium em Raton (E.U.A.), a 27 de novembro do mesmo ano.
No ano seguinte, bispos e sacerdotes do mundo inteiro visitaram Dublin para participar do Congresso Eucarístico Internacional. Muitos deles foram iniciados na Legião durante a sua estadia e, de regresso ao país de origem, fundaram-na nas respectivas dioceses. Deste modo, a Legião foi fundada em Los Angeles e S. Louis. Célia Shaw, uma Legionária de Dublin, visitou os Estados Unidos para ajudar na formação de Praesidia. Foi, então, que um rico homem de negócios de S. Francisco, o Sr. Bartley Oliver, pediu o envio de um Legionário para os Estados Unidos, a fim de ali fundar a Legião, comprometendo- se a pagar todas as despesas.
Mary Duffy, escolhida como primeira Enviada, tinha atrás de si nove anos de experiência da Legião. Levemente apreensiva, mas entusiasta, confiava no bom êxito da sua missão. O sistema legionário é basicamente muito simples, e os sacerdotes que desejam fundar a Legião nas suas paróquias podem aprender em pouco tempo os elementos fundamentais. Acharão fácil, também, treinar os membros. Mary Duffy tinha ainda vivas recordações da primeira reunião a que assistira, em Dublin, e do belo altar legionário da Imaculada Conceição no centro da sala. Ouvira Frank Duff, muitas vezes, insistir que um Praesidium da Legião pode comparar-se à presença de Maria no local onde existe. Mediante o Praesidium, Maria, a Mãe espiritual de todos os homens, derrama nas pessoas contatadas os seus inestimáveis dons. Daí a estátua de Maria na reunião, para lembrar a sua presença. Recordava-se também da rigorosa disciplina da reunião.

A sua presidente fora formada pela Sr.a Kirwan, a primeira presidente da Legião. A disciplina rigorosa surpreendera-a e, no entanto, gostava dela. Afinal, a Legião era um exército, exército espiritual, certamente, mas, no entanto, um exército que tratava de assuntos importantes, tais como, a graça, as almas e o mal. Se as normas tivessem sido introduzidas só para garantir a eficiência, já se justificariam. Possuíam, porém, um valor mais elevado. Assim como os monges e religiosos tinham uma Regra de vida para os ajudar no caminho da santidade, assim também, os estatutos da Legião ajudariam os membros a progredir solidamente nas virtudes, tais como a humildade, a obediência, a caridade, o sacrifício, etc.

Mary embarcou no dia 3 de junho de 1934. Frank, no cais, acenando o adeus, sentia-se emocionado. Sabia que as possibilidades de trabalho da Enviada eram imensas.

Dentro de alguns anos, mais dois Legionários, John Murray e Una O'Byrne, iriam juntar-se a Mary como Enviados para os Estados Unidos da América. Em breve, todo o Novo Mundo receberia um grande impulso. Viajaram de costa a costa e avançaram pelo Canadá, visitando os Bispos, para garantir as licenças necessárias, dirigindo- se a grupos, aos quais explicaram os elementos essenciais da Legião, organizando Praesidia, formando os Oficiais, avançando para novos campos de evangelização, mas voltando atrás, em seguida, para rever e consolidar o trabalho iniciado.

eram

lentos em Em alguns lugares, os sacerdotes compreender ou admitir o valor da Legião. A ideia de envolver os leigos num apostolado de carácter espiritual parecia-lhes arriscada e revolucionária. Estava-se, então, a trinta anos do Vaticano II. 0 Concilio declararia: "A Igreja não está verdadeiramente fundada, nem vive plenamente, nem é sinal perfeito de Cristo entre os homens, se com a Hierarquia não existe e trabalha um laicado autêntico" (A.G. 21). E ainda: "Onde for possível, devem os leigos estar prontos a cumprir, em colaboração mais imediata com a Hierarquia, a missão especial de anunciar o Evangelho e comunicar a doutrina cristã" (A.G. 21). Mas em 1934, os Enviados da Legião não tinham um forte apoio como este. Todavia, havia muitos outros sacerdotes que os receberam de braços abertos e convidaram a fundar Praesidia da Legião. O Bispo, Mons. Charles Helm-sing, Diretor Espiritual do primeiro Senatus dos Estados Unidos da América, dizia: "Não posso recomendar demasiado a Legião aos nossos sacerdotes, religiosos e leigos. Peço-lhes que a

não desprezem por causa da sua humildade e simplicidade. Por favor, experimentem-na". Pelos Legionários, o sacerdote podia agora multiplicar-se, por assim dizer, e atingir muito mais almas. Havia, por exemplo, numerosos paroquianos que não pertenciam a qualquer Igreja, que não praticavam a religião, e aos quais havia que pregar o Evangelho. Além disso, em todas as paróquias havia católicos que deixaram de praticar a religião. O Senhor, o Bom Pastor, devia precisar, certamente, de ajudantes que fossem em busca dessas ovelhas desgarradas, procurando trazê-las de novo ao rebanho, com delicada persuasão. Provavelmente, havia pessoas idosas ou sozinhas ou doentes, que apreciariam uma visita e a mão bondosa de alguém que as ajudasse - e isto representaria um maravilhoso trabalho para os Legionários jovens.

O padre Roger Mary Charest, dos Padres Monfortinos, Long Is., New York, mediante a sua revista bimensal, "Queen" (Rainha), realçava, constantemente, o mais valioso tesouro na Legião de Maria - a santificação dos seus membros - exaltando, especialmente, a Verdadeira Devoção a Nossa Senhora.
O crescimento da Legião de Maria nos Estados Unidos da América fora extraordinário e destinado a produzir abundantes frutos. O padre Edward Kotter, começou um Praesidium na sua paróquia de S. Louis, em Cincinnati, em 1938, e, durante catorze anos que ali trabalhou, recebeu cerca de 500 pessoas na Igreja, fruto da atividade da Legião. Um Comitium da Legião em 'Rokville Centre', do Senatus de Nova Iorque, comunicou que, num ano, os seus Legionários trouxeram de novo à prática da fé da Igreja 257 católicos relapsos. Um Praesidium de negros da Pensilvânia foi responsável pela entrada na Igreja de 23 pessoas, no espaço de um ano.
Estes são apenas alguns das centenas de relatórios recebidos de todas as partes dos Estados Unidos.
Monsenhor Donnelly, de Los Angeles, exprimiu a realidade de forma encantadora: "A Legião consiste em grupos de disciplinados cristãos, aos milhares, novos e velhos, casados e solteiros, com um só objetivo em mente: partilhar Cristo com os outros". Ali perto, no Canadá, o Arcebispo, Monsenhor Gordon, O.M.L, dirigindo-se aos Legionários, dizia-lhes: "Atribuo o espantoso crescimento da Legião no mundo a três condições básicas: a santidade pessoal dos seus membros, o espírito de dedicação e uma viva devoção à Mãe de Deus. Nestas condições, a Legião prosperará".

Frank Duff
Como a Igreja peregrina é missionária por natureza, não é de admirar que, depois de algum tempo, numerosos Legionários dos Estados Unidos se oferecessem para ajudar a Legião no seu trabalho missionário, fora das próprias dioceses, e mesmo, além-mar. Mary Peffley foi responsável, em alto grau, pela fundação da Legião em toda a Pensilvânia. Outros partiram para a América Central e América do Sul. O Padre Willie Ryan levou um pequeno grupo de Legionários do Senatus de Los Angeles em peregrinação apostólica à Rússia. Quando Frances Conley, de Minnesota, escreveu a Frank Duff, oferecendo-se para trabalhar onde fosse necessário, ele respondeu-lhe: "Porque não na Islândia?". Deste modo, Frances e outra Legionária americana, Ivy Tominec, de Cleveland, Ohio, foram dos primeiros voluntários a ir para a Islândia, como Incolae Mariae.
A ideia de Enviado conseguiu tão bons resultados nos Estados Unidos da América que o Concilium, supremo Conselho do Governo da Legião, com sede em Dublin, decidiu que, se houvesse capital suficiente, vindo de várias partes, seriam mandados Delegados da Legião de Maria (Enviados) para outros países mais distantes. Os Legionários dos Estados Unidos manifestaram a sua gratidão pelo que tinham feito por eles, oferecendo grande porção de fundos ao Concilium. Era absolutamente certo que a Legião ia, agora, dar a volta ao mundo.
*
*
A Legião crescia na Inglaterra. Foi decidido fundar uma Curia em Londres. Velaria superiormente pelos Praesidia, formaria os Oficiais, promoveria os trabalhos, de modo a haver alguns que constituíssem um desafio à generosidade dos membros e uma garantia da extensão do movimento. Frank Duff foi convidado a estar presente na primeira reunião da Curia de Londres. Teve grande alegria em encontrar-se com Philippa Szczepanovska,

presidente do primeiro Praesidium, fundado no Convento do Sagrado Coração, em Hammersmith.
Depois da reunião da Curia, foi apresentada a Frank uma Legionária jovem, a Sr.a McKenzie-Smith. No correr da conversa, disse-lhe ela que partiria em breve para a Índia; o seu marido acabava de ser nomeado 'sheriff' de Madrasta. Frank viu nisso um

acontecimento providencial e pediu-lhe para fundar a Legião naquele território. "Farei tudo o que me for possível para isso, Sr. Duff'. E acrescentou: "Tenho comigo um grande sofrimento, meu marido não é católico".
"Já alguma vez lhe falou em se tornar católico?".
"Não, Sr. Duff; meu marido é muito boa pessoa, mas quando se chega a conversas sobre religião, é como se houvesse um muro à sua volta, e acho muito difícil conversar com ele acerca deste assunto".
"Pois bem, deixe que lhe diga: quando a Sr.a tiver fundado a Legião na índia, o seu marido se tornará católico". Para a Sr.a McKenzie-Smith
extraordinárias e emocionantes.
estas palavras foram
"Evidentemente" continuou Frank - "eu não tenho autoridade, por mim, para lhe dar semelhante garantia. Mas, porque a Sr.a vai fazer uma coisa maravilhosa por Nossa Senhora, posso assegurar-lhe, em nome d'Ela, que o que eu digo acontecerá. Nossa Senhora não se deixará vencer em generosidade".
Não tardou que a Sr.a McKenzie-Smith conseguisse fundar um Praesidium na índia, sob a direção espiritual do Padre Laurence Murphy, S. J., do Colégio Loyola, Madrasta. O ano era 1931.
Animada pelas palavras do Sr. Duff, persuadiu o marido a receber instrução religiosa sobre a Igreja Católica. Começou a instruir- se e, de repente, com profunda decepção da esposa, interrompeu-a. Correram alguns meses. Veio, então, a surpresa. Uma manhã,
o Sr. McKenzie-Smith desceu para o café da manhã e, sorrindo, disse à esposa que, sem lhe dar a conhecer, havia retomado a instrução religiosa e já fixara com o sacerdote a sua recepção na Igreja Católica.
A esposa ficou estupefata! A data que o marido escolhera - sem disso ter tomado consciência - era o primeiro aniversário da fundação da Legião de Maria na Índia. Toque delicado da mão de Nossa Senhora!
*
Um ano mais tarde, a Sr.a McKenzie-Smith teve uma inesperada chamada telefônica de Louise Gavan Duffy, que regressava
à Austrália, via Índia (onde tinha um irmão sacerdote), depois de

visitar Dublin. O pai de Louise, Charles Gavan Duffy, fora amigo de Thomas Davis. Estivera como editor de "A Nação", famoso semanário fundado pelo Partido da Jovem Irlanda (Young Ireland Party), para ajudar Daniel O'Connell na sua campanha de separação. Mais tarde Charles Gavan Duffy emigrou para a Austrália e, eventualmente, subiu
a Primeiro Ministro.

Louise tinha uma sólida experiência da Legião, pois entrara num Praesidium em 1923. Na sua recente visita a Dublin, renovara as suas relações com Frank Duff, que estimulou ainda mais o seu entusiasmo, sobretudo, evidentemente, quando soube do seu regresso à Austrália. A presente estadia de Louise na Índia ofereceu-lhe a oportunidade para observar como é que a Legião podia trabalhar num país de missão, onde as condições eram muito diferentes das da Irlanda.

Eventualmente, quando ela chegou à Austrália, ficou encantada, ao saber que o Arcebispo Mannix já concedera licença ao Padre Bakker, sacerdote de Melbourne, para começar um Praesidium na paróquia de Ascot Vale. Também ele se encontrara com Frank Duff, quando estivera em Dublin para participar do Congresso Eucarístico. Louise conseguiu fundar um segundo Praesidium em Frankston, e mais tarde tornou-se a presidente da primeira Curia. Devagar mas com segurança, a Legião difundiu-se pelas dioceses vizinhas. Para crédito dos Legionários australianos, o crescimento e extensão da Legião em toda a Austrália foram levados a cabo sem a ajuda de qualquer Enviado de Dublin. De fato, os Legionários australianos mandaram os seus próprios extensionistas fundar a Legião na Nova Guiné e em muitas ilhas do Pacífico.

22

O PRIMEIRO LEGIONÁRIO AFRICANO

O PRIMEIRO LEGIONÁRIO
AFRICANO

O Padre James Moynagh, sacerdote irlandês da Sociedade Missionária de S. Patrício, trabalhava apostolicamente em Ifuho, Calabar, Nigéria. A sua paróquia era grande, mas só uma pequena porção dos habitantes era de católicos. Os sacerdotes e as religiosas enfrentavam uma tarefa árdua. A população da Nigéria somava trinta milhões, muitos dos quais eram pagãos.

Nesta situação, o Padre Moynagh tomou consciência de que devia procurar que os católicos se tornassem apóstolos leigos. Devia esforçar-se por torná-los participantes ativos na missão da Igreja procurar trazer todos os homens à plenitude da verdade que só se encontra na Igreja fundada por Cristo. Foi, então, que lhe caiu nas mãos um Manual da Legião de Maria. A Legião ainda não começara em África. Depois de uma breve troca de correspondência com Dublin, o Padre Moynagh decidiu começar. Precisava de um presidente; conhecia alguém que, no seu entender, seria o homem ideal para o lugar Michael Ekeng.

Ekeng nascera numa aldeola do distrito de Aro-Chuku, na Nigéria Ocidental. Quando tinha seis anos, ele e seu irmãozinho, Kalu, foram raptados por negociantes de escravos, que os esconderam até descer a noite e os levaram depois até o rio, onde eram esperados por dois robustos remadores. Os choros e as lágrimas das duas crianças foram abafados pelo torvelinho das águas quando a canoa deslizava rápido rio abaixo a caminho da costa. A natureza e condições primitivas estimulavam a perícia dos remadores. As correntes, as corredeiras e os crocodilos eram estrategicamente vencidos e, na manhã seguinte, quando o sol subiu no horizonte, já a canoa, com sua preciosa carga, atingira a movimentada cidade de negócios de Calabar.

Ekeng foi vendido no mercado. O seu proprietário, um protestante, era um homem bondoso que tratou bem o escravo. Quando descobriu que Ekeng era pagão, mandou-o às aulas de Bíblia e o batizou. Deu também a Ekeng a oportunidade de ir à escola, onde se mostrou inteligente e trabalhador. Depois dos exames da escola elementar, animaram-no a continuar os estudos e tornou-se professor. Era ainda escravo.

Um dia, Ekeng passou junto de uma pequena igreja católica.

Abrandando o passo, como se estivesse indeciso, lançou um olhar furtivo à sua volta e entrou rapidamente na igreja. O sentimento de paz e felicidade então experimentado impressionou-o profundamente. Em breve, passava a fazer perguntas sobre a Igreja Católica. Um sacerdote irlandês instruiu-o na religião e, no ano seguinte, tornou-se católico, recebendo o nome de Michael (Miguel), que acrescentou ao de Ekeng.
Quando Miguel Ekeng se habilitou como professor dos alunos do primeiro grau, passou a receber, habitualmente, um salário. Não tinha grande interesse no dinheiro, como tal, mas nutria uma grande ambição comprar a liberdade. Logo que juntou dinheiro suficiente, foi ter com o seu "senhor" e entregou-lhe o seu "preço". Miguel era agora "um homem livre para servir a Deus". S. Paulo disse: "Deus escolheu o que é fraco segundo o mundo, para confundir o que é forte" (I Cor 1,27). Miguel Ekeng, antigo escravo, foi escolhido pela Providência Divina para ser o primeiro Legionário da África. O primeiro Praesidium foi ali fundado em 7 de setembro de 1933. edificar O Padre Moynagh e Ekeng trabalharam duro para dilatar a Legião. Monsenhor McGetterick, bispo de Ogoja, escreveu acerca de Ekeng: "A capacidade de trabalho de Miguel Ekeng era espantosa. Vi-o partir de Calabar, à uma hora da manhã, viajar de canoa até Oron, a 18 milhas (cerca de 29 kms); seguir daí para uma reunião da Legião de Maria a 55 milhas (88 kms) e, depois da reunião, andar de bicicleta 12 milhas (19 kms) até à Missão mais próxima, para receber a Sagrada Comunhão. Jejuara todo o dia".
e
Dentro de relativamente pouco tempo, havia mais de 50 Praesidia florescentes, naquela área. Os Legionários conseguiram resultados maravilhosos: instruíam na Fé as crianças, procuravam os errantes e traziam-nos para o rebanho, e ensinavam a doutrina cristã aos catecúmenos. Os sacerdotes, das paróquias vizinhas, começaram a tomar consciência das imensas possibilidades de atingir uma vasta multidão de pessoas, por meio da Legião. Acima de tudo, verificavam o maravilhoso resultado espiritual, produzido pela Legião, nos próprios Legionários.
De volta a Dublin, Frank sentia-se extremamente contente com este progresso. Sabia, porém, que isto não passava da proverbial "gota de água no oceano". O continente africano era imenso. Frank visitou os seminários da Irlanda que estavam mandando missionários para a África e outros países missionários. Visitou, também, as Casas Religiosas das Irmãs destinadas aos campos de missão no estrangeiro. A todos falou da Legião como duma central de energia espiritual

 ao serviço dos missionários, graça divina oferecida benevolamente quando os missionários são poucos e a seara é imensa.
Não tardou que a Legião começasse a nascer no sul da África e em outras partes do continente negro. Em Nairobi, África Oriental, Monsenhor Hefferman ouviu falar da eficiência da Legião em missões distantes. Escreveu uma carta ao "Quartel General", em Dublin, pedindo que lhe mandassem um Enviado (ou Delegado) da Legião para fundar o Movimento na África Oriental. Nunca se arrependerá de ter escrito semelhante carta.
Uma das pessoas com quem Frank Duff se encontrara muitas vezes na casa do Sr. Lalor, em Blackrock, fora o Sr. P. J. O'Hanlon. Haviam-se tornado bons amigos. Ora, o Sr. O'Hanlon estava agora pensando em montar o seu negócio pessoal e andava em busca de

um edificio conveniente e de uma secretária. O Sr. Lalor, que já lhe oferecera um quarto na sua própria casa, era seu benfeitor, punha agora à sua disposição os aposentos por cima da sua loja de tabacos, na Rua Nassau.
Foi, então, que tudo aconteceu. Uma jovem bateu à porta. Conseguira descobrir o caminho para o escritório, no andar superior. Era uma segunda- feira de manhã. Quando o Sr. O'Hanlon abriu a porta, bateu de cara com uma bela jovem de 18 anos e meio, de pequena estatura, cabelos louros e rosto encantador, com grandes olhos azuis. O seu sorriso cativante traía uma réstea de timidez. Com um ar levemente acanhado, disse ao Sr. O'Hanlon que acabava de fazer o curso comercial no Colégio Rosses e ouvira dizer que ele procurava uma secretária.
O Sr. O'Hanlon ficou muito impressionado, reconhecendo na visitante um profundo sentido de modéstia e respeito. Além disso, o seu porte e as suas maneiras insinuavam competência e confiança. Ofereceu-se para ir buscar os certificados e outros documentos comprovativos das suas habilitações. Mas o Sr. O'Hanlon não precisava de referências escritas. Tinha a certeza de que se apresentara a secretária ideal.
"O meu único problema". -disse-lhe ele-"é que estou começando o negócio e não posso dar-lhe o salário que merece e eu desejaria dar-lhe". "Oh! Sr. O'Hanlon, não se preocupe com isso. Ficarei contente salário que decidir dar-me. Aliás, é o meu primeiro trabalho!". As semanas e meses que se seguiram vieram justificar as primeiras impressões do Sr. O'Hanlon. A sua nova secretária era um verdadeiro achado. Chamava-se Edel Quinn.
com o

EDEL QUINN
Edel Quinn, nascida em Kanturk, no Condado de Cork, a 14 de setembro de 1907, era a mais velha de cinco irmãos. A mãe ia diariamente à Missa e Comunhão; desde tenra idade, Edel adquiriu o mesmo hábito. De uma obediência excepcional, mostrava-se sempre atenta às necessidades de todos os familiares.
A sua delicadeza e desinteresse tornavam-na querida de todas as companheiras. Gostavam, também, do seu constante sentido de humor. Nos recreios, distinguia-se de tal modo nos jogos, que se tornava a escolha automática para a chefia da escola; era uma líder nata. Nos dias chuvosos, podiam entregar-lhe com confiança a responsabilidade de entreter as companheiras, com a seleção de alegres melodias, acompanhadas ao piano. Tinha imenso prazer em
dançar.
Quando novinha, a sua devoção a Nossa Senhora era tal que era notada pelas companheiras. Aos 17 anos, foi encarregada de dirigir a Associação de Nossa Senhora. Seria, então, o seu último ano no Colégio de Upton, na Inglaterra. Uma das suas companheiras contava, mais tarde: "Pode-se imaginar, facilmente, a extraordinária devoção de Edel a Nossa Senhora. Havia qualquer coisa muito tocante e pessoal na forma como pensava da Mãe de Deus. Por exemplo, se alguma de nós se referia a Nossa Senhora em conversa, na sua presença, Edel corava até à raiz dos cabelos".
Pouco tempo depois de deixar a escola, Edel foi recrutada para a Legião de Maria por uma sua amiga, Morna Tierney. Entretanto, a família de Edel passara a viver em Dublin. O seu primeiro trabalho legionário foi a visita a pessoas idosas que viviam sozinhas. Mas, ela e a

sua companheira de trabalho visitavam, também, as famílias, com o fim de leva-las a entronizar o Sagrado Coração de Jesus. Edel nunca se poupava a si mesma.
Não tardou que Frank Duff ouvisse falar desta jovem Legionária que parecia revelar grande e autêntico espírito legionário. Frank era, então, o Presidente do Concilium, Conselho Diretivo Supremo da Legião. Na prática, competia-lhe a nomeação do presidente de cada um dos Praesidia. Procurava, por isso, estar sempre atento ao

aparecimento de Legionários esperançosos. Combinou um encontro com Edel, que descreveria, posteriormente, como "uma experiência reconfortante". Dizia ele: "Tenho a capacidade de descobrir os dotes de uma pessoa e pude vê-los em Edel". Quando o Praesidium "Nossa Senhora Refúgio dos Pecadores" precisou de um presidente, veio-lhe ao espírito, imediatamente, a pessoa de Edel. Pouco tempo depois, era nomeada presidente deste Praesidium, cujo trabalho era a reabilitação das prostitutas.
Frank convidou Edel, de novo, para tomar chá com ele. Entrevistava sempre, pessoal e longamente, cada nova presidente, animando-as, apontando-lhes as maravilhosas oportunidades de alcançar a santidade, insistindo, ao mesmo tempo, nas responsabilidades assumidas. Nunca deixava de pôr em relevo que deviam depender a todo o momento de Nossa Senhora.
Frank notou que Edel não tomava açúcar, nem leite com o chá. Parecia pessoa extremamente frágil e, por isso, admoestou-a, dizendo-lhe que devia ter cuidado com a saúde e não se exceder nas penitências. Edel garantiu-lhe que não era por penitência que se abstinha do açúcar e do leite. "É, precisamente, assim que eu gosto do chá, Sr. Duff", acrescentou.
A 15 de dezembro de 1994, reconhecia a Igreja as virtudes heroicas de Edel Quinn a quem foi então conferido o título de Venerável e a sua Causa considerada Eclesial. Uma biografia de Frank Duff ficaria incompleta sem uma referência à profunda influência de Edel Quinn no "Irmão DufT" e na sua visão mundial do apostolado da Legião de Maria.

A principal ideia de Edel acerca da penitência era fazer todas as coisas, mesmo as mais insignificantes, o mais perfeitamente possível dando-se inteira e desprendidamente à pessoa com quem tratava, num determinado momento, e procedendo do mesmo modo quando fazia o trabalho legionário. Estudara a autobiografia de Santa Teresa de Lisieux e sentia-se atraída pelo pequeno caminho de perfeição que ela ensinara. Quando entrou na Legião já estava preparada para abraçar a "Verdadeira Devoção a Maria", de Luis de Montfort, que advoga que devemos tender à perfeição em todos os mínimos detalhes da nossa vida, e isto, em união com a Santíssima Virgem. "Ao Vosso serviço, ó Maria, por amor de Jesus" - teria sido o lema dela.
O trabalho legionário levou Edel aos bairros miseráveis de Dublin, em busca da ovelha perdida. Os Legionários trabalham sempre aos pares; quando possível, Edel e a companheira entravam numa igreja para rezar, antes de partir para o campo de apostolado. A oração penetrava toda a sua vida. Muitas vezes, no correr do dia, refletia na maravilha do mistério da habitação da SS.ma Trindade, no mais íntimo da alma.
Mas santidade não significa tristeza. Edel continuava a sorrir, a ser alegre e a saborear a vida.

O Sr. O'Hanlon, seu patrão, decidiu retirar-se do negócio e estudar para o sacerdócio. Combinou, com o jovem francês que o sucedeu na empresa, manter Edel como secretária e subir-lhe o salário. Chorou, sem vergonha, no dia em que se despediu dela.
O novo patrão depressa passou a apreciar a competência da sua secretária. Não só isso; apreciava também as suas belas qualidades e a sua amizade. Apaixonou-se por ela e propôs-lhe casamento. Edel explicou-lhe, tão suavemente quanto pôde, que já decidira entrar no Convento das Clarissas Pobres e tornar-se religiosa. Desejava consagrar a vida inteira a Deus.
Frank Duff ouviu falar do plano de Edel. Alguém lhe
perguntou:
"Está desiludido, Sr. Duff, ao saber que a Legião vai perdê-la?". "Não, sempre acreditei que a nossa perda é ganho de outrem. Se tal é o plano de Deus, quem somos nós para dizer que conhecemos melhor o que nos convém?".
Consideradas concretamente as coisas, verificou-se que o plano de Deus era diferente do que todos esperavam. O médico de Edel disse-lhe que sofria de uma doença séria: tuberculose adiantada.

Aceitou a doença com extrema coragem. Ao fim de 18 meses de hospital, não estava realmente muito melhor, por isso, deixou o hospital e decidiu seguir o tratamento prescrito em casa. Regressou de novo à Legião de Maria e, dentro em pouco, estava tão ocupada como
antes.
Lá longe, na África, Monsenhor Hefferman esperava uma resposta ao pedido de um Enviado da Legião de Maria para a sua diocese. Depois de debater a situação de Edel com os Oficiais, seus companheiros na Direção, e encará-la de todos os ângulos, Frank Duff decidiu perguntar-lhe se estaria pronta a ir como Enviada da Legião para a África Oriental. Frank conhecia a pouca saúde de Edel, conhecia os perigos da África. Embora todas as dificuldades lhe tivessem sido explicadas, Edel não hesitou em aceitar. Ficou extremamente entusiasmada.
As maiores dificuldades apareceriam, de fato, antes de ela partir. A oposição ao plano esboçado subiu de tom, mesmo entre os Legionários. "É disparatado, louco e imprudente" diziam "mandar uma jovem tão delicada para a África". Uma senhora, grande amiga de Edel, encontrou-se um dia com Frank Duff.
orbis Frank estendeu-lhe a mão num gesto de saudação. A senhora pôs, decididamente, as mãos atrás das costas e disse muito zangada: "Sr. Duff, não lhe apertarei as mãos, porque elas gotejam sangue".
que
Frank ficou profundamente ferido com esta observação, não por causa do sofrimento pessoal, mas porque lamentava a falta de fé, de visão, mesmo em alguns Legionários, que encaravam a perspectiva do de um ponto de vista puramente humano. Se a sua fé pessoal fosse mais fraca, talvez tivesse cedido. Mas não, ele estava seguro Deus queria e continuaria a lutar pelo seu objetivo. Via mais fundo e mais longe que os outros. Reconhecia em Edel um extraordinário espírito de fé e de coragem, uma apóstola movida pelo Espírito Santo. "A Sr.a não pode manter encerrada numa gaiola uma ave "É preciso dar-lhe uma oportunidade. Edel bravia" - respondeu.
fará história, se a deixarmos partir".

Anos mais tarde, perguntaram a Frank se tivera qualquer escrúpulo em assumir este risco. Afinal, Edel podia ter morrido pouco

tempo depois de desembarcar na África.

-"Não"-respondeu-"não tive escrúpulos. Evidentemente, ela podia morrer. Deixá-la morrer. Se eu tivesse sabido que ela ia morrer em breve, mesmo assim, teria insistido para que ela partisse, porque ia morrer num plano superior: ia morrer como Enviada da Legião de Maria para a África, pois era isto que ela desejava de todo o
coração".

Tal era a fé deste homem. Esta fé foi recompensada. A oposição desvaneceu-se. A aprovação oficial veio-lhe do Concilium, o sumo Conselho do Governo da Legião. E Edel embarcou para a África.

Este gênero de fé, a fé que move montanhas, é rara, mesmo entre as pessoas boas. Mas, para uma alma receptiva como Edel, era um tônico, um incentivo. Seria uma inspiração, para ela, nos anos que estavam para chegar, impelindo-a a grandes cometimentos, por Jesus e Maria. Numa carta a Frank, escreve:

"Não lhe pude dizer "obrigada", porque receava deixar-me dominar pela emoção; mas é bom sentir que alguém confia em nós; isso me ajudará nos dias que vêm".

"Gostaria que se recordasse sempre, aconteça o que acontecer, de que eu lhe estou grata por o Sr. me ter dado a oportunidade de partir. Sei que é um privilégio e também que, se o Sr. não tivesse persistido, eu nunca teria sido Enviada. Espero, apenas, não desiludir a Legião, quando chegar o momento de fazer o trabalho. Conto com as orações de todos para contrariar este perigo. Quaisquer que venham a ser as consequências, regozije-se por ter tido a fé e a coragem de imitar Nosso Senhor, na sua escolha de coisas fracas. Recorde-se de que qualquer dor, causada aos outros, valeu a pena; eu sei que o Sr. sentiu muito o sofrimento causado aos outros".

O trabalho da missão de Edel na África, até à sua morte, oito anos mais tarde, foi uma aventura emocionante como qualquer das grandes façanhas da história. Apesar da sua débil saúde e das terríveis condições das viagens, percorreu milhares de quilômetros, através do planalto do Quênia, das terras ressequidas e áridas de Uganda, dos matagais da África do Sul, chegando mesmo à Ilha Maurícia, no Oceano Índico. A sua missão era falar às pessoas acerca de Deus e da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe espiritual de todos os homens; formar as pessoas para serem apóstolos; fundar Praesidia da Legião de Maria. Estabeleceu Praesidia nas aldeias, nas escolas, entre os

analfabetos. Fundou mesmo um Praesidium entre os leprosos, nas margens do lago Vitória. As paróquias adquiriram nova vida, novo vigor. Mesmo as pessoas mais simples e vulgares foram convertidas em apóstolos e envolvidas na missão da Igreja, junto de todos os homens. A Legião tornou-se como que o prolongamento do sacerdote, habilitando-o a atingir de forma eficiente os mais remotos cantos da vasta paróquia. Houve muitas conversões de pagãos. Muitos católicos relapsos ou descuidados foram trazidos de novo à prática da sua religião. Digno de nota, especialmente, o maravilhoso crescimento, na oração e na santidade de vida, dos próprios Legionários. Um sacerdote notava: "A Bem-aventurada Virgem Maria fez verdadeiras maravilhas, mediante a Legião, no breve espaço de seis meses, desde a sua fundação".

Edel recebia constantes convites para viajar e fundar novos Praesidia. Aonde quer que fosse, irradiava alegria e bom humor, "como um raio de sol que iluminava cada um daqueles que a encontravam". A sua saúde deteriorava-se, rapidamente. Apesar disso, lutava para se manter em movimento. Compreendia o valor das almas. Sabia, outrossim, que o seu tempo estava limitado. Quando alguém lhe dizia: "Edel, a Sr.a não conseguirá sobreviver a essa viagem", ou então: "Edel, os perigos das viagens, através da selva, são enormes" - ela sorria, simplesmente, e respondia: "A Bem-aventurada Virgem Maria cuida de mim". Pode dizer-se, que o segredo do extraordinário bom êxito de Edel Quinn residia no fato de se ter consagrado a Nossa Senhora e fazer quanto estava ao seu alcance, dia após dia, para se manter unida a Ela e assim servir a Jesus.

Os anos passaram. Frank Duff mantinha contato com ela por carta. Ora, numa manhã de Primavera, abriu uma carta com um selo carimbado com os dizeres "África Oriental". Era de Edel. Leu e releu a carta, aturdido. A carta dizia-lhe: "Sr. Duff, depois da viagem a Kisumu, senti-me cansada; por isso, neste momento, descanso". No mesmo dia chegava um telegama de Nairobi, dizendo que Edel tinha falecido. Uma flor bela e frágil fora confiada aos seus cuidados. Fizera quanto lhe fora possível para cuidar dela, durante o seu crescimento, pela oração, pelo encorajamento e estímulo. A flor continuara delicada e frágil, mas tornara-se mais bela. Chegara o momento de ela ser d'Ele toda a eternidade. por colhida por Deus, para ser

24

UM HOMEM À PARTE

UM HOMEM A PARTE

Uma jovem Legionária estava rezando, calmamente, na igreja de Santa Teresa, na Rua Clarendon. Era numa manhã de sábado, em outubro de 1934. Viu Frank Duff, de joelhos, diante do altar-mor. Verificara que passava, habitualmente, por esta igreja, ao regressar do trabalho. Neste sábado, depois de rezar, levantou-se e ao dirigir-se para a porta, viu-a e foi ao seu encontro.

"Mary" disse-lhe - "atirei fora as armas!" Com estas palavras, ficava ela sabendo que Frank deixara o emprego no Funcionalismo Civil. Mais tarde, nesse mesmo dia, preparava-se para comunicar a novidade à sua amiga Célia Shaw, quando esta se adiantou... "Já sei; um dos empregados do Departamento me disse: "Menina Shaw, a alegria deixou o Departamento das Finanças; Frank Duff aposentou-se!". Sincero e belo cumprimento para um homem que trouxera, a ambos os Departamentos a que estava ligado, um espírito de dedicação ao dever e um extraordinário sentido de responsabilidade; e cujo irreprimível bom humor e riso levantara, mais que uma vez, as disposições de espírito daqueles que tanto precisavam, apontando-lhes o lado mais leve da vida.

Havia algum tempo que Frank sentia crescente dificuldade em arcar com os seus múltiplos projetos apostólicos. De agora em diante, a sua missão seria dar-se, de forma total e incessante, à Legião de Maria e a quanto ela implicava.

Comunicou a novidade à mãe, que encarou o fato como encarava todo o resto, com serenidade e de forma prática. Mas, filosoficamente, foi-lhe dizendo: "Não será desagradável voltarmos aos velhos tempos?". Referia-se ao fato de a família ter passado tempos difíceis, por falta de dinheiro, quando o marido fora obrigado a aposentar-se, por causa da doença. Nesse tempo, a rápida promoção de Frank no Funcionalismo Civil subira-lhes o nível de vida que era agora, comparativamente, um luxo. Frank entregava sempre à mãe o seu salário, por inteiro. Agora, que o salário de Frank ia ser reduzido, seria como "se voltassem aos difíceis tempos de outrora".

Evidentemente, com o seu comentário, a Sr.a Duff não queria lamentar-se ou mostrar descontentamento. Seria contrário à sua
126
127

Frank Duff
maneira de ser. No entanto, o comentário, embora inocente, penetrou no coração de Frank como uma espada. A decisão de se aposentar fora uma das mais difíceis da sua vida, porque sabia o que isso significava para a mãe e para a sua irmã Isabel, a quem também mantinha e que teriam menos que até então. A decisão fora tomada de forma responsável e por motivos de ordem sobrenatural, convencido como estava de que Deus o queria. A sua consciência a este respeito estava em paz, mas isso não diminuía a angústia da sua alma. O seu carregado plano de trabalhos depressa o afastará de tais pensamentos. Montou os escritórios em alguns aposentos do Lar Regina Coeli, ao lado da sua casa, e, a partir dali, dirigiu, durante os quarenta e cinco anos seguintes, a organização da Legião de Maria, na sua dilatação pelo mundo inteiro.

Levantava-se cedo, todas as manhãs, para a santa Missa. Quer chovesse ou fizesse sol, os transeuntes podiam vê-lo, na sua bicicleta de confiança, a caminho da igreja dos Capuchinhos, na Rua da Igreja. Quando regressava, a mãe já tinha pronto o café da manhã. Sua irmã Isabel, a quem se sentia muito preso, estava também em casa, a maior parte das vezes; a sua fraca saúde impedia-a de sair com frequência.

Depois do café da manhã, impunha-se cuidar da grande quantidade de correspondência. Havia que escrever cartas a muitos Legionários, individualmente, da Irlanda ou de outros países. Havia ainda cartas relacionadas com inúmeros casos particulares, que ele procurava ajudar desta ou daquela forma. Havia cartas aos Conselhos dispersos pelo globo. Só à Legião na Austrália, entre 1932 e 1956, escreveu mais de quatrocentas cartas, algumas delas com cinco ou seis páginas á máquina, com linhas apertadas. A produção total das cartas durante a sua vida é absolutamente incalculável.

Se excluirmos os domingos, Frank passava o fim da tarde e o começo da noite nos escritórios do Concilium, para tratar dos grandes problemas da Legião. Os outros Oficiais do Conselho tinham, pois, imensos contatos com ele e eram, juntamente com o pessoal interno dos Lares, os seus mais íntimos amigos. As suas vidas giravam, em grande parte, à volta dele. Sentiam que, de um modo ou outro, ele era um homem à parte; havia algo indefinível que o marcava como homem de Deus. Era este à parte que os arrastava para ele. Sentiam-se bem na sua presença.

Mas, tinha também as suas fraquezas humanas, evidentemente, que concorriam para a sua humildade. Porque, como diz S. Paulo,
128
UM HOMEM À PARTE
referindo-se a ele próprio, como a alguém que prega a Boa Nova da glória do Pai, "Trazemos este tesouro em vasos de argila" (2 Cor 4:7). Como S. Paulo, Frank podia dizer, também: "Quando sou fraco, então é que sou forte" (2 Cor 12:10).

Por exemplo, era impaciente por natureza e, às vezes, perdia a calma. Só o Senhor conhece os esforços que terá feito para dominar o gênio. De fato, nunca o dominou perfeitamente.

Em 1933, Frank Duff abandonou o seu cargo no Ministério das Finanças para se dedicar com exclusividade à Legião de Maria. Tinha então 44 anos.

Talvez fosse para ele como o "aguilhão na carne" que afligia São Paulo "Foi-me dado um aguilhão na carne - um anjo de Satanás para me espancar - a fim de eu não me encher de soberba. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: 'Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder'. Por conseguinte, com todo o ânimo, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo" (2 Cor 12:7-10).

Mais tarde na vida, Frank admitiu que, se não fosse Nossa Senhora, o seu temperamento impulsivo poderia ter tido sérias consequências. E exemplificava com o caso em que perseguiu com uma pesada bengala alguns intrusos que lhe assaltaram a casa. Antes de lutar com eles, escorregou no tapete e caiu pesadamente no chão. Depois disso, estremecia ao pensar no que poderia ter feito com a bengala, se tivesse conseguido agarrar os intrusos. Atribuía a sua queda à intervenção salvadora de Nossa Senhora.
Aqueles que trabalharam com Frank acharam que, por vezes, era extremamente sensível. Se um Oficial diferia dele na maneira particular de tratar um assunto ou no método de encarar um problema, Frank podia sentir-se ferido e manifestar um certo aborrecimento ou ressentimento. Podia manifestar-se muito teimoso, quando a sua mente enveredava por uma certa maneira de agir.
Seria a sua teimosia, simplesmente, um "ponto cego" para ele? A alguns parecia ilógico que um homem, tão manifestamente santo e bondoso, pudesse mostrar-se, por vezes, tão ofensivo e obstinado.
É possível que os longos anos de incompreensão e oposição que encontrou na infância da Legião, o tornassem receoso de se afastar da senda direta e clara do dever, como ele a via, e pela qual resolvera decididamente caminhar.
e
Não obstante alguns lapsos ocasionais, não nos é possível duvidar da extraordinária paciência deste homem. Apesar da sua pesada agenda de trabalhos, era capaz de passar horas ouvindo aconselhando uma alma aflita; esbanjava o seu amor com uma pessoa, vendo e servindo nela realmente a Jesus Cristo, a ponto de se esquecer do tempo. Do mesmo modo, nos hospitais ou lares, quando tratava com os membros da sociedade, menos afortunados, era de uma extraordinária gentileza e paciência.
De tempos em tempos, chegavam aos Oficiais do Concilium notícias sobre as deficiências de alguns Praesidia ou Conselhos. Frank aconselhava, sempre, tendo enorme paciência no trato com eles, lançando mão de toda a escala possível de tentativas, antes de encarar qualquer ação drástica. No entanto, os casos de deslealdade causavam- lhe uma real agonia. Não podia admitir, nem mesmo remotamente, um caso de deslealdade.
Numa tardinha de dezembro de 1936, os Legionários de Dublin celebraram a sua Reunião Anual. Foi no Hotel Gresham. O discurso de Frank foi o ponto alto da festa. Falou durante hora e men

sobre o altar legionário, pondo em particular destaque a imagem de Nossa Senhora, centro do altar, a qual simboliza a presença de Maria em toda a reunião do Praesidium.
Esteve presente à reunião um jovem recruta da Legião, chamado Sam Hughes, que via Frank, pela primeira vez. Sam, destinado a ser futuro presidente do Concilium, ficou impressionado e entusiasmado com o que viu e ouviu. Em breve se tornaria presidente de

Praesidium e, dentro de pouco tempo, descobria de forma direta que Frank era um excelente conselheiro.
"Fui falar com Frank" - recorda ele - "para me aconselhar sobre a forma de resolver certos problemas da Legião. Dispensou- me uma longa entrevista, mas quando vim embora, tomei consciência de que me não dera nenhuma resposta direta ao problema que lhe apresentara. O meu embaraço converteu-se em admiração, quando passei, gradualmente, a compreender o que acontecera. Comecei a compreender que ele não acreditava em dar "papinhas" a nenhum oficial. Em vez de responder às minhas perguntas ou propor soluções, falou longamente sobre a importância de possuir princípios claros e
Teglo Tagine
Altar legionário cuja imagem de Maria presidiu à primeira reunião da Legião, em 1921, colocada ali por Alice Keogh, e se conserva na sede do Concilium, em Dublin. "E, antes mesmo de os legionários se reunirem, já ela, a Rainha, aguardava de pé o alistamento dos que vinham ao seu encontro. Não foram eles que a adotaram: foi ela que os adotou. E, desde então, com ela marcharam e combateram, certos de que haviam de vencer e perseverar, precisamente na medida em que lhe estivessem unidos" (Manual, cap. 1).

bem definidos e sobre a necessidade da fé e do sobrenatural nos assuntos da Legião e, evidentemente, de Nossa Senhora. Tudo o que ele disse foi expresso com tal seriedade e convicção, que eu me senti feliz, aceitando-os. Vi que estava sendo levado a apoiar-me nos meus próprios pés; que grandes responsabilidades estavam a ser lançadas aos meus ombros; que eu era uma pessoa de confiança. Tudo isto constituía um grande tônico para mim, pois era, então, um jovem muito tímido. Vim-me embora sem receber exatamente o que esperava, mas sentindo-me bem; por isso, decidi, com a graça de Deus, procurar viver a confiança que ele depositara em mim".
1877
Sam Hughes, presidente do Concilium de junho de 81 a junho de 87, vendo-se atrás, em pé, Timóteo e Maria Senra. À esquerda do presidente vemos Enda Dunleavy, que foi presidente do Concilium de junho de 75 a junho de 81, e Frank Duff.
Em muitos domingos havia Congressos da Legião, em uma ou outra cidade provinciana da Irlanda. Frank costumava sair de carro um dia antes, levando consigo alguns Legionários experientes. Ele próprio não costumava guiar, desde o tempo em que, ainda jovem, procurara guiar o carro do irmão. Nessa ocasião, o carro explodiu e Frank e o irmão sentiram-se felizes em escapar sem ferimentos sgraves. A viagem para o Congresso costumava levar algumas horas. Oferecia-se, então, aos companheiros ou companheiras de viagem de Frank, uma maravilhosa oportunidade para absorver um pouco da sabedoria e dos conhecimentos do Fundador da Legião. Durante a viagem, costumava falar, por exemplo, sobre a doutrina de De La

Taille acerca da Santa Missa, de tal modo, que a Missa ganhava vida para os seus ouvintes. Outras vezes, falava da união de Nossa Senhora com o Espírito Santo e as suas implicações. Às vezes, porém, falava de Teologia especulativa, debatendo questões como esta: "Nossa Senhora estaria presente na última Ceia?".
A sua compreensão dos grandes temas doutrinais da Igreja era profunda, e o entusiasmo, acerca deles, tão contagioso que um Legionário fazia notar, mais tarde: "Eu pensava que

conhecia muito bem a minha religião, até ao momento em que comecei a viajar com o Sr. Duff. Tomei, então, consciência de que a minha compreensão das numerosas doutrinas da Igreja era vaga e superficial. Posso afirmar, sinceramente, que o Sr. Duff me comunicou um conveniente apreço dos maravilhosos tesouros da Fé católica".
Evidentemente, nem toda a conversa tratava de tópicos espirituais. Havia também histórias, anedotas, cantigas. Frank considerava estas viagens como agradáveis ocasiões para proveito do corpo e da alma. Gozava imenso com elas e gostava da companhia dos Legionários. Não fazia diferença que fossem velhos ou jovens, com experiência apostólica ou sem ela. Os recrutas mais novos costumavam admirar-se de que uma pessoa, com um conhecimento tão vasto e uma inteligência tão elevada, pudesse ser tão natural e estar tanto à vontade com vulgares mortais como eles. Um deles disse: "Gosto dos olhos cheios de riso do Sr. Duff. Quando olha para vós com aquela ternura extremamente delicada, leva-vos a sentir que sois bom. Ficais, imediatamente, à vontade com ele. Conheceis, instintivamente, que é vosso verdadeiro amigo".
Quando a caravana de Legionários chegava à aldeia ou cidade do seu destino, nesse sábado à tarde, eram saudados pelos Oficiais locais que lhes ofereciam uma agradável refeição, a que se seguia um debate preliminar com Frank e o seu grupo. Frank gostava de se encontrar com os Oficiais locais, especialmente com o Diretor Espiritual. "Praticamente" dizia ele "tudo depende destes Oficiais e da sua dedicada e ardente direção". Eles, por seu lado, sentiam-se honrados em estar com Frank.
No domingo de manhã, depois da Missa, começava o Congresso. Mesmo Frank se admirava, muitas vezes, da forma como os mais simples Legionários, em virtude da formação recebida na Legião, se tornavam extremamente competentes no debate de doutrinas, tais como o Corpo Místico e a Maternidade de Maria, relacionando-as

com a vida diária.
Frank entristecia-se sempre que tomava conhecimento da manifesta falta de interesse de alguns sacerdotes pela Legião. Parecia- The digno de nota o fato de certos sacerdotes preferirem consumir o tempo e a atenção com associações seculares ou humanitárias e não com a Legião de Maria, associação de carácter absolutamente sobrenatural. Estava vivamente consciente da profunda fé da maioria do povo irlandês e lamentava que muitos dos seus elementos nunca fossem estimulados a elevar-se acima da média dos católicos, no que toca ao progresso na vida espiritual ou nas iniciativas que poderiam contribuir para elevar o nível espiritual da comunidade local. E dava como exemplo a pouca assistência à Missa diária nas aldeias rurais.
Na palestra final do Congresso, Frank louvava sempre os Legionários pelos seus esforços e sugeria-lhes que visassem ainda mais alto e se lançassem em empreendimentos sempre maiores, por Jesus e Maria, e pela sua paróquia.
UM HOMEM À PARTE
debates. Possuía pontos de vista sólidos acerca de muitos problemas
e era capaz de apresenta-los e motivar de forma vigorosa. Os Legionários de Além-Mar verificavam com interesse que Frank não conseguia sempre impor o seu ponto de vista nos debates. Quando isso acontecia, Frank aceitava com simplicidade a decisão do Concilium. A maior parte das vezes, porém, quando Frank propunha alguma coisa, o seu ponto de vista era aceito. Os Oficiais estavam prontos, e faziam- no com prazer, a reconhecer a sua vasta experiência. Possuía também um conhecimento verdadeiramente fantástico da

História e dos fatores geográficos e sociais de cada uma das nações onde a Legião trabalhava ou desejava trabalhar. Além disso, a facilidade em apreender os vários ângulos de um problema difícil, pra encontrar uma solução viável, convencera os Legionários com vasta experiência de que o Espírito Santo dotara Frank com o dom da sabedoria, em grau eminente.

*

O Concilium, com sede em Dublin, é o supremo Conselho administrativo da Legião. A reunião faz-se no terceiro domingo de cada mês. Frank Duff passou a presidente do Concilium, quando a Sr.a Kirwan, a primeira presidente, renunciou, e ocupou esse cargo, por várias vezes, no correr da vida.

Os visitantes de Além-Mar que vinham a Dublin, para assistir à reunião do Concilium, ficavam sempre impressionados com o grande número de nações que mandavam os seus representantes a esta reunião; outras nações eram representadas pelos correspondentes irlandeses, nomeados pelo Concilium. Além dos Legionários visitantes, oriundos dos países da Europa, havia, por vezes, Legionários de países longinquos, por ex., da África, da Índia, das Filipinas.

Apresentavam relatórios de todas as partes do globo: cartas dos Enviados da Legião, ainda nos respectivos campos de missão; relatórios atuais dos Incolae Mariae que haviam regressado à Irlanda, recentemente; histórias de novos desenvolvimentos; e vivo debate acerca de todos os acontecimentos.

A nomeação de um novo Enviado para um país longinquo, como representante de Nossa Senhora, era sempre um momento comovedor. Frank, evidentemente, ocupava um lugar de destaque nos

Reunião do Concilium de novembro de 1979, vendo-se Frank Duff e, à sua esquerda, Maria Senra, a única Enviada portuguesa que, ao serviço do Concilium, trabalhou pela Legião de Maria em Portugal (16-10-67 a 1979-12 anos), Angola (Maio a Agosto de 1980-3 meses), Brasil (1981 a 28-3-88-8 anos) e Cabo Verde.

A presença de espírito de Frank era proverbial. Um Legionário do Seminário de S. Patrício, Thurles, contou-nos um incidente que ele testemunhou, quando visitou o Concilium. Uma senhora, extremamente gorda (com os seus 108 kgs), pôs-se de pé para apresentar algumas sugestões acerca de determinado Conselho, e disse: "Tenho algumas propostas para o Irmão Duff'. Os Legionários de Dublin, com uma inclinação manifesta para o lado jocoso das coisas, foram um pouco mais longe do que a intenção da Senhora justificava, e passaram a rir estrondosamente à custa de Frank. Gozando imenso com o caso, Frank disse-lhe em voz alta, mas suave: "Irmã, é uma pena que não aproveite algumas destas propostas para si". A assistência explodiu de riso e a boa senhora entrou no jogo, rindo a bom rir, como os demais.

O mesmo estudante contou-me também que, uma vez, depois de o Sr. Duff ter feito uma palestra sobre as maravilhas da vocação dos casados, alguém lhe perguntou, cheio de maldade, porque é que, neste caso, ele não casara. Com uma cintilação luminosa nos olhos, Frank respondeu: "porque é que eu casaria e tornaria infeliz uma mulher, quando, ficando solteiro, faço felizes uma dúzia delas que esperam por mim?". Como se vê, embora o Concilium devesse tratar assuntos sérios, Frank procurava impedir que os Legionários se

tornassem "porque este é sérios demais. "Deus é o autor do humor" - dizia indiscutivelmente uma das admiráveis características do ser humano". E a propósito citava G. K. Chesterton: "O teste de uma boa religião é poder rir a propósito dela".
Quando a reunião do Concilium terminava, os visitantes aproximavam-se habitualmente para trocar um aperto de mão com Frank Duff. Muitos deles recordariam aquele aperto de mão durante a vida inteira. Sabiam que Frank era alguém muito especial.
25
MENSAGEIRO DE NOSSA SENHORA DE KNOCK
MENSAGEIRO DE NOSSA
SENHORA DE KNOCK
Pio XI faleceu a 10 de fevereiro de 1939. Três semanas depois, foi eleito Papa o Cardeal Pacelli, que tomou o nome de Pio XII. Antes da sua eleição, fora Secretário de Estado e, como tal, recebera Frank Duff em Roma, em 1931. O novo Papa estava, portanto, familiarizado com a Legião de Maria. Nesta ocasião, precisamente, Frank recebera um convite para ir a Roma, da parte do Cardeal Pizzardo, responsável pela Ação Católica na Itália. A visita oferecia a Frank a oportunidade de apresentar cumprimentos ao Papa e de conseguir ulterior apoio para a Legião. Tinha agora a certeza de que todas as portas se lhe abririam em Roma. Era sabido que, nesta fase, os relatórios mandados, pelos diversos Núncios Apostólicos e pelos Bispos das diversas partes do mundo, ao Vaticano, acerca da Legião de Maria, lhe eram favoráveis. Havia um problema: estava iminente uma guerra mundial e todos o sabiam. Era extremamente perigoso viajar. No entanto, Frank não hesitou; Jack Nagle iria acompanhá-lo.
Pouco antes da partida, recebeu um telefonema da Nunciatura, em Dublin, pedindo-lhe para se apresentar ali. Com surpresa, encontrou na Nunciatura o Rev. Dr. Gilmartin, Arcebispo de Tuam, diocese da parte ocidental da Irlanda. Depois da troca de cumprimentos, o Arcebispo entrou no assunto que ali trouxera Frank Duff.
- "Sr. Duff" - disse - "o Núncio disse-me que o Sr. vai a Roma. Ficaríamos muito gratos se nos pudesse fazer um favor especial". "Sem dúvida. Tenho muito prazer em lhe prestar os meus serviços, dentro das minhas possibilidades"-disse Frank, lançando um olhar curioso para uma caixa de madeira que o Arcebispo tinha na sua frente, em cima da mesa.
"Trata-se da aparição de Nossa Senhora em Knock, na parte ocidental da Irlanda" - continuou o Arcebispo. "Como pessoalmente é do seu conhecimento, seis semanas depois da Aparição, em 1879, o então Arcebispo de Tuam, Rev. Dr. MacHale, estabeleceu uma Comissão para examinar os depoimentos das testemunhas da Aparição; esta Comissão concluiu que o testemunho era digno de confiança e satisfatório. Dada a cautela da Igreja nestas matérias, foi decidido formar nova Comissão, vai para três anos, para procurar posterior confirmação dos fatos. Três das testemunhas ainda estão vivas.
137

Presentemente, os trabalhos desta Comissão estão completos e, posso acrescentar, são muito satisfatórios, mas devem ser apresentados a Roma para a aprovação oficial da Igreja".
Apontando, então, para a caixa de madeira, disse:
"Todos os documentos referentes ao caso estão nesta caixa selada. Dados os rumores da guerra, não podemos arriscar enviá-los pelo correio normal. Se o Sr. se prestar a este

serviço, vamos confiar-lhe estes documentos para que os possa levar, pessoalmente, para Roma".
Frank ficou um tanto temeroso com esta responsabilidade, mas não era fácil recusar o pedido do Arcebispo, pois tratava, especialmente, da causa de Nossa Senhora de Knock.
honrado com o fato de ser o portador da sua preciosa caixa". "fico muito
"Excelência Reverendíssima"
replicou
Knock ocupa um lugar único na história da Irlanda moderna. Os anos da década de 1870 foram um período de extrema pobreza, sofrimento e dificuldades na Irlanda, particularmente nas zonas
rurais. Houve a luta agrária: Michael Davitt, um pequeno proprietário e fundador da Liga da Terra ('Land League') e o grande patriota, Charles Stewart Parnell, combateram vigorosamente para acabar com a tirania do "landlordismo" ("Sistema pelo qual a terra é posse dos grandes senhores, a quem os rendeiros pagam rendas fixas'). Os agentes dos senhores, muitos dos quais residiam
Nossa Senhora de Knock.
Em 21 de agosto de 1879, Nossa Senhora, S. José e S. João Evangelista apareceram em Knock. A aparição foi observada por 15 pessoas, jovens e idosas. João Paulo II visitou este Santuário Mariano em 1979 e Madre Teresa de Calcutá em 1993.
MENSAGEIRO DE NOSSA SENHORA DE KNOCK
na Inglaterra, expulsaram, impunemente, muitas centenas de famílias de pequenos rendeiros, demasiado pobres para pagar as rendas exorbitantes das terras que lhes estavam atribuídas. As pequenas casas térreas foram arrasadas, obrigando as famílias a emigrar.
Foi com este cenário servindo de fundo que nossa Senhora apareceu em Knock, Condado de Mayo, zona muito pobre da parte
ocidental da Irlanda.
Quinze pessoas, com idades que iam dos seis aos setenta e cinco anos, viram a aparição na extremidade do terreno da entrada de uma pequena igreja, na tarde chuvosa e varrida pelo vento, de 21 de agosto de 1879. De cada lado de nossa Senhora, estava respectivamente S. José e S. João Evangelista; à esquerda, via-se um altar com um cordeiro imolado em sacrifício. A aparição durou cerca de duas horas. Knock tornou-se um centro de peregrinações, visitado por milhares de pessoas todos os anos, para rezar e pedir a cura do corpo e da alma.
Frank Duff e Jack Nagle partiram de barco para Holyhead, na primeira fase da sua viagem, e seguiram dali para Paris, onde passaram a noite. Na manhã seguinte, largaram de avião para Roma, aonde chegaram exatamente às 15h55.
Aconteceu, então, o que havia sido dito a Frank - todas as portas se abriram. Frank teve entrevistas com numerosos Cardeais, entre eles, o Cardeal Maglione e o Cardeal Secretário de Estado. Todos mostraram grande interesse pela Legião de Maria; muitos estavam já bem informados acerca dela.
"Não tivemos qualquer dificuldade" disse Frank, mais tarde - "em nos encontrarmos com quem desejávamos, fato que é tão significativo como honroso".
Todavia, Frank ficou momentaneamente estupefato, quando, à chegada a Roma, lhe foi dito, no Serviço de marcação de Audiências, que não havia qualquer possibilidade de ser recebido em privado pelo Papa, visto haver no momento, em Roma, noventa personagens distintas à espera de semelhante audiência. Um pouco desconcertado, entrou em contato com algumas pessoas que ocupavam lugares de autoridade, para esclarecer a sua

situação. A mensagem tranquilizadora não tardou: "O Santo Padre receberá o Sr. Frank Duff, antes de qualquer

outra pessoa em Roma". A audiência particular foi fixada para o dia 28 de abril, alguns dias mais tarde. "Extraordinário!" "esse é o dia da Festa de S. Luis Maria de Montfort!". disse Frank-
No momento marcado, foram introduzidos no gabinete de trabalho do Papa. Havia duas cadeiras em frente da grande cadeira do Papa. Frank, consciente da sua deficiência auditiva, receou ficar longe demais do Santo Padre, para poder ouvir com clareza o que ele teria a dizer. A explicação pessoal de como ele tentou resolver a dificuldade é reveladora. "Ajoelhamos com os dois joelhos e beijamos o anel do Papa. Ele deu-nos a sua bênção e fez-nos sinal para nos assentarmos. A cadeira dele era muito grande e a minha cadeira estava bastante afastada da dele. Estava extremamente preocupado com a minha capacidade de ouvir. O Papa e eu observavamo-nos cuidadosamente, um ao outro. A sua expressão era celeste; tinha uma aparência celestial, como se uma luz irradiasse do seu rosto. Senti-me animado e, com uma breve palavra de desculpa, peguei a minha cadeira, dei a volta à grande cadeira do Papa e coloquei-a ao lado da dele. Sentei-me nela e tivemos uma maravilhosa audiência. Estávamos inteiramente à vontade com ele.
E com razão. Durante o seu longo reinado, de quase vinte anos, Pio XII deu o seu ardente patrocínio e encorajamento à Legião de Maria.
Antes de regressar à Irlanda, Frank desejou cumprir uma promessa, feita oito anos antes. O Cardeal Marchetti, que preparara a primeira visita de Frank a Roma, pedira todo o material informativo sobre a Legião de Maria. Só agora fora possível satisfazer o seu pedido. As Religiosas Dominicanas, em Roma, haviam completado a impressão da tradução italiana do Manual, a tempo de apresentar um exemplar a Sua Santidade, durante a audiência particular.
O Cardeal Marchetti estivera doente, havia pouco, e, por isso, convidou Frank e o Irmão Nagle a visitá-lo na sua casa de campo, onde os recebeu com toda a atenção.
"Eminência" disse Frank "não esquecemos o que fez por nós; queremos agradecê-lo, mais uma vez. V. Eminência recorda- se, certamente, de que, em 1931, lhe prometemos fornecer uma informação completa sobre a Legião, logo que fosse possível. Tenho, pois, o prazer de lhe apresentar um exemplar do Manual, em italiano, que acaba de sair do prelo".

Frank apontou-lhe a data da publicação do livro. Ambos
sorriram. Era 28 de abril.
Quanto à Caixa de madeira com os preciosos documentos, Frank entregou-a sã e salva, quando chegou a Roma. Nos anos futuros, deve ter sido motivo de grande alegria para Frank, ver o Santuário de Knock reconhecido como um dos maiores santuários marianos do mundo e como um dos principais centros de peregrinação do povo irlandês. Como Frank se deve ter entusiasmado-como, aliás, todos os seus compatriotas- quando, quarenta anos depois de ter entregue a preciosa caixa, em Roma, o próprio Santo Padre, João Paulo II, veio como peregrino ao santuário de Knock e declarou na sua homilia: "Hoje, venho aqui, porque quero que todos vós saibais que a minha devoção a Maria me une, de forma especial, ao povo da Irlanda... De pé, neste lugar sagrado, erguemos os olhos para a Mãe de Deus e dizemos...: "Rainha da Irlanda, Máthair Dê, guardai a Irlanda fiel à sua tradição

espiritual e à sua herança cristã. Ajudai-a a responder à sua heroica missão de levar a luz de Cristo às nações, de modo que faça da glória de Deus a honra da Irlanda".
*
*
No começo de junho de 1949, Frank acompanhou um grupo de Legionários a Melleray. Regressou a Dublin, a 10 do mesmo mês, ansioso por estar presente, nessa noite, na reunião do Praesidium Regina Coeli. Quando chegou a casa, a mãe saudou-o:
"Frank, Isabel não tem estado bem, desde que partiste; de fato, esteve doente quase toda a semana".
Frank subiu imediatamente ao quarto. Isabel ficou muito contente por vê-lo, mas estava muito pálida e fraca. Passou algum tempo com ela e desceu, depois, para a reunião do seu Praesidium. Alguns momentos depois, a mãe desceu as escadas e bateu na janela da sala de reunião, para atrair a atenção de Frank.
"Frank" balbuciou ela "Isabel teve um ataque e creio que está morrendo". Esmagado pela dor, Frank correu escadas

acima. Isabel estava a expirar. Ajoelhou junto da cama, em oração. Depois tomou a sua querida irmã nos braços e, neste abraço, expirou
docemente.
Algum tempo depois, John, seu irmão, foi levado para o hospital, com escarlatina, segundo revelava o diagnóstico. Faleceria dois meses mais tarde. Graças aos bons serviços de um sacerdote, John recebeu os Sacramentos da Igreja, antes de falecer. Este fato constituía motivo de grande consolação para Frank.
*
*
*
As mortes de Isabel e de John foram dois rudes golpes para a pobre Sr.a Duff. Apesar dos seus oitenta e seis anos, afirmara-se, até então, vigorosa e de boa saúde, orientando a casa, lendo os seus autores favoritos e interessando-se vivamente por tudo quanto acontecia à sua volta. Ora, estes acontecimentos abalaram-na. A sua saúde começou a falhar e no Inverno seguinte passava a receber a eterna recompensa.
Na noite do funeral de sua mãe, Frank chamou Tom Doyle (um Legionário residente no Lar Estrela da Manhã) e Mary Rowe, para uma conversa particular.
"Sabem?"
vida; vou ficar aqui".
disse-lhes "não tenciono alterar a minha
"Bem, Sr. Duff" disse Mary Doyle fica aqui consigo esta noite".
"ao menos o Irmão
"Oh! não! Eu tenho de me habituar a isto..." A irmã, Sr.a Monaghan, sugeriu-lhe que fosse viver com ela, em Navan.
"Não posso aceitar" - disse. "Teria um extraordinário conforto e tudo o mais, mas não seria a minha vida. Não quero romper com a vida que tenho".
"Muito bem" disse-lhe ela - "nesse caso, eu mando a minha governanta. É muito boa, como sabes. Ela tomará conta de ti". "Muito obrigado, Geraldine, mas não posso permitir que faças isso. Tu sabes que não posso estar preso a refeições com horas certas e a tudo o mais. Tratarei de tomar as refeições no Lar Regina Coeli. Mesmo assim, muito obrigado".

Sabiam todos que era inútil discutir com ele; tinha as suas ideias e uma vontade inflexível.
142
É possível que estes três falecimentos apressassem a morte de
MENSAGEIRO DE NOSSA SENHORA DE KNOCK
Ailis, a irmã mais nova de Frank. Conseguira uma boa clientela como médica, na Inglaterra. Quando caiu doente, Frank foi a Inglaterra e trouxe-a para casa, mas ela não sobreviveria muito tempo aos outros. Frank ficou destroçado, com a perda rápida, uns após outros, dos entes que mais estimava na terra. Restava apenas uma irmã, a Sr.a Monaghan, agora viúva, em Navan, e ele mesmo. A morte da mãe atingiu-o profundamente. Haviam partilhado tanta coisa juntos. Fora o seu principal amparo nesta terra, a sua companheira constante. Ficou tão esmagado com a sua morte, que perdeu o apetite e o peso; inspirava compaixão. Dificilmente, podia suportar o pensamento de viver sem ela. A sua única consolação era o fato de se tratar de uma separação temporária. A vida, nesta terra, nunca foi destinada a ser um canteiro de rosas; se o fosse, então devíamos aceitar tanto os espinhos
como as rosas.
Como disse Salomão:
"Todas a coisas têm o seu tempo
e tudo o que existe debaixo dos céus tem a sua hora.
Há tempo para nascer e tempo para morrer.
Tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou.
Tempo para chorar e tempo para rir.
Tempo para se afligir e tempo para dançar". (Ecle3:1-4)
Frank estava ainda vergado sob o terrível peso da própria dor, quando lhe chegaram notícias, da China longinqua, de que os seus irmãos Legionários estavam sujeitos a grandes pressões.
143

Frank Duff
26
NOVA VISITA A MELLERAY
Quando Frank disse adeus aos monges do monte Melleray, no fim da sua primeira visita, em 1919, sabia que voltaria a vê-los. Melleray cativara o seu coração. Regressou para a Semana Santa do ano seguinte, desta vez, com dois grandes amigos, Tom Green e Tom Cowley. E voltou ... e voltou, ano após ano, com um grupo cada vez maior. Nos últimos anos, as mulheres juntaram-se aos homens.
A visita anual de Frank a Melleray durava, habitualmente, uma semana. Levantava-se às três horas da manhã e caminhava, ao longo dos corredores caiados e vazios, para a capela dos monges, a fim de tomar parte no canto de Matinas. A capela era simples e austera. O canto dos monges, às vezes sonoro, outras vezes brando e suave, tinha para ele uma ressonância celeste, naquela hora matinal em que todas as coisas estavam mergulhadas em profundo silêncio. Frank via, cada vez mais, a beleza e a majestade do Oficio Divino, como oração do próprio Cristo, continuada através dos lábios e dos corações do Seu povo. Quando o grau de Membro Pretoriano foi inserido no sistema da Legião, a reza de um Ofício Divino foi uma das exigências estabelecidas.
Às Matinas seguia-se a Santa Missa. Frank falou, muitas vezes, da dívida que contraíra com Melleray, pelo conhecimento e apreço do Santo Sacrifício da Missa, que cresceram e se desenvolveram com os anos, até à maturidade. Estava endividado, sobretudo com o

padre Brendan, que, depois do café da manhã, caminhava com ele pelo jardim e lhe explicava o verdadeiro sentido e valor infinito da Santa Missa, de uma forma até então desconhecida. O fato de a Missa ser o grande mistério da Fé levou Frank a aprofundar, cada vez mais, a sua compreensão. Leu livros de Teologia sobre ele, debateu-o com outros e escreveu sobre ele de uma forma mais popular. "A Missa" diz ele - "é o expediente divino que apaga as distâncias e os dois mil anos que nos separam do acontecimento da Crucifixão. Situa o Calvário no meio de nós ou, se preferis, transporta-nos ao momento e lugar do sacrifício atual do Senhor. Por meio da Missa, participamos na realidade; estamos presentes juntamente com Sua Mãe, S. João e outros... Todas as Missas se concentram no Calvário, como os raios do sol encontram o seu centro no sol radiante; de tal modo que, quando Jesus está suspenso na Cruz, os Seus olhos pousam em todos aqueles
144
NOVA VISITA A MELLERAY
que participarão nas Missas que serão rezadas no decurso dos tempos" (A Mulher do Gênesis, ed. ingl., 372).
O apreço pela Missa era tão grande que a tornou o centro de toda a sua vida. Daria passos extraordinários, se necessário, para ter a certeza de que jamais faltaria à sua Missa diária. Frank não saía da capela quando a Missa terminava. Permanecia ali numa longa ação de graças e só se levantava do genuflexório quando soava a hora para o café da manhã, às 8.00 h.
Quando as mulheres ficavam na hospedaria, fora do mosteiro,
os homens ficavam numa parte especial do mosteiro. As longas mesas de madeira do refeitório haviam sido feitas pelos próprios monges e não possuíam qualquer ornato. O alimento era simples, mas sadio. Os monges fabricavam o pão e a manteiga. Cultivavam as batatas e vegetais. Se Frank era um asceta nos seus hábitos alimentares, não os traía em Melleray. O ar fresco da montanha despertava o apetite que correspondia às vigorosas refeições que colocavam na sua frente e ele comia e saboreava.
Só alguém que passou alguns dias no Monte Melleray pode
apreciar devidamente como isso é bom e refrescante para o espírito, a alma e o corpo. As encostas onduladas das colinas, os pinheiros esguios e majestosos, a fragrância das urzes purpúreas, o musgo luxuriante, tenro e macio sob os pés cansados, o zumbir das abelhas, o chilrear dos pássaros, o mugido do gado vacum, todos os perfumes e sons do verão, produzem uma incomparável alegria que nos leva a suspirar pela morada celeste, onde o verão é eterno e o inverno deixou para sempre de existir.
O "Irmão Frank Duff' em Monte Melleray, na véspera de completar 89 anos (7-6-78).
145

Frank Duff
Para Frank era um tônico maravilhoso afastar-se da cidade de Dublin e dos seus intermináveis trabalhos. Havia momentos em que estava praticamente exausto com a tensão e o excesso de trabalho. Melleray era então o refúgio, o abrigo, onde podia relaxar-se e dispor de um pouco mais de tempo para a oração, e gozar algumas horas de riso e de companheirismo com os seus Legionários.
O grupo de férias cresceu em número com os anos, até chegar a um ônibus cheio, despejado anualmente às portas do mosteiro.
A alegria dos Legionários na companhia do Fundador, numa das estadias no Mosteiro do Monte Melleray, em 1978, vendo-se, ao lado do Irmão Duff, o Padre Hermann tocando flauta.

Durante a semana de férias, havia longos passeios pelos bosques. Rezavam-se as Orações da Legião no caminho, interrompidas, por vezes, com a travessia dos regatos por caminhos de pedras, ou a necessidade de prestar mais atenção aos espinheiros suspensos do que às palavras ou pensamentos das orações. Achavam todos, porém, que Nossa Senhora compreendia e partilhava mesmo o prazer destas interrupções de momento.

Havia depois um interlúdio para descanso, talvez mesmo um piquenique. Cada um sentava-se tão confortavelmente quanto permitia a clareira da floresta ou a elevação da margem de um regato. Havia canções e recitações poéticas, esboços de comédias - muito riso. Frank era um ótimo contador de histórias. As vezes, desfiava histórias acerca dos primeiros dias da Legião, outras vezes, contos hilariantes. E diga-se que o riso dele era o mais hilariante de todos. Todos se sentiam contentes por vê-lo tão feliz e descontraído. Afinal, eles eram a sua grande família; amava-os e era amado por todos.
Ao menos uma vez na semana, subiam a Knocknafallia, o mais elevado pico da cadeia de montanhas de Knockmealdown. Consagravam-lhe um dia inteiro. Levavam o almoço com eles, botas ferradas de montanha, que pediam emprestadas aos monges, juntamente com impermeáveis contra a chuva, e partiam. Frank, aos 79 anos, podia afirmar que nunca faltara à chamada, em 48 anos consecutivos, desde a sua primeira subida, aos 31 anos. Há, no entanto, uma subida à alta montanha que se distingue de todas as outras - aquela em que Annie Curran foi a Melleray com um grupo de Legionários.
Antes de falecer Ailis, a irmã mais nova de Frank, estivera no mesmo hospital que Annie Curran e fora operada no mesmo dia, pelo mesmo cirurgião. Ailis era a irmã favorita de Frank.
Como Annie Curran sofria da mesma doença que a irmã, Frank interessou-se muito pelo seu progresso. Annie teve uma convalescença bastante boa, mas ficou completamente inválida. Ailis, porém, nunca se restabeleceu totalmente e quando faleceu, Frank ficou com o coração despedaçado. Por isso, assumiu como que uma certa responsabilidade por Annie. Tudo o que lhe dizia respeito recordava- lhe a sua querida Ailis. Annie entrou na Legião de Maria e trabalhou, dentro das suas limitadas possibilidades, no Lar Regina Coeli. Às vezes, quando Frank entrava no Lar e a via, era incapaz de reter as lágrimas.
Quando Annie se sentiu capaz de acompanhar o grupo de Legionários a Melleray, Frank ficou encantado. Mostrava-se extremamente solícito por ela e nos passeios e excursões insistia em ajudá-la na passagem dos ribeiros e das barreiras, com a sua forma extremamente distinta. Gracejando, os outros referiam-se a Frank e à sua 'bagagem' (Annie).
Chegou terça-feira e todos se prepararam para na quarta subir

à montanha. Surgiu então um problema: Annie gostaria de ir, mas isto estava fora de discussão, em virtude da sua fraca saúde. Por outro lado, era contra a tradição dos Legionários deixar alguém para trás. Que pensava Frank?
"Infelizmente, não pode ir" - disse. "Só um lunático a levaria para a montanha".
Annie aceitou que esta era a única solução sensata, embora, naturalmente, ficasse desgostosa. Frank compreendeu os sentimentos dela e concordou em deixar a decisão para a manhã seguinte. No dia seguinte, declarou: "Vou rezar para pedir luz sobre o caso".

Entrou na capela e orou. Alguns dos Legionários esperavam fora. A maior parte concordava que seria uma loucura levar Annie com eles. Quando Frank saiu, perguntaram-lhe:
"Que fazemos com Annie?".
"Bem, vamos levá-la conosco para a montanha" - disse. "Rezei para obter luz sobre o caso e a resposta do Senhor foi esta: Leva a 'bagagem' contigo".
A 'bagagem' era Annie. E assim, Annie subiu nesse dia ao topo da alta montanha com os Legionários. Houve, evidentemente, momentos de ansiedade em que lhes parecia que a decisão fora pouco prudente e temerária. Mas o fato é que Annie sobreviveu à subida e a sua saúde não só não se ressentiu, como melhorou em seguida.
Quando mais tarde, em conversa particular, um Legionário insistiu com Frank sobre a sua oração e respectiva resposta na oração acerca da ida de Annie, respondeu:
"Entrei na capela para conversar com o Senhor. Rezei. De repente, tive uma estranha sensação, uma sensação que já experimentei em outras ocasiões também: é uma sensação muito suave. Estou acostumado a interpretar esta sensação como significando: 'Está tudo bem'. Por isso, fui ter com a Annie para lhe dizer que o Senhor me dissera que podia levar a 'bagagem'".
Os Legionários, entre si, concordaram que só um homem de grande fé teria ousado fazer coisa tão 'atrevida'.
Uma vez, quando Frank estava em Melleray, ouviu seu colega Legionário, Brendan Crowley, dizer que durante a noite ouvira sons estranhos no seu quarto. Crowley falou no caso ao Padre Nivard, responsável pelos hóspedes do convento. O Padre Nivard ficou alarmado, porque em ocasiões anteriores recebeu informações semelhantes sobre ruídos estranhos no mesmo quarto. Frank observou:

"Deixem-me passar a noite nesse quarto".
NOVA VISITA A MELLERAY
O seu oferecimento foi aceito pelo Padre Nivard. Achou-se prudente, no entanto, não falar no caso aos outros hóspedes. Por isso, Frank e Brendan esperaram que todos se retirassem para o descanso da noite e mudaram de quarto. Frank foi dormir no quarto dos "ruídos". O Padre Nivard foi dormir no quarto de baixo.
Frank:
Algum tempo depois, o Padre Nivard correu para o quarto de
"O Sr. está bem?" - disse. "Eu ouvi ruídos terríveis e
pensei que o Sr. estava sendo atacado".
"Bem, devo confessar" - disse Frank - "que tive uma sensação muito desagradável, antes de adormecer. Ouvi ruídos, mas, como ouço mal, não soube se os ruídos eram dentro ou fora da minha cabeça". O Padre Nivard ficou tão incomodado que chamou o Padre Fintan. Explicaram-lhe tudo e ele concordou em ficar velando no corredor, à espera do que pudesse acontecer. À 1h00 da manhã, ouviu- se o mesmo ruído terrível. Desta vez, o Padre Fintan ouviu-o também. Quando Frank se levantou, pelas 3h00 da manhã, a hora normal para se por de pé, em Melleray, perguntou ao padre Nivard se ouvira mais ruídos. Este teve de admitir que haviam sido ouvidos os mesmo ruídos terríveis.
Embora possa parecer estranho, nunca mais se ouviram ruídos naquele quarto.
Indicação do elevado respeito que os monges tinham por Frank foi o fato de o Prior, o Padre Francis, convidá-lo para falar aos monges sobre aspectos da vida espiritual. Frank ficou autenticamente satisfeito com esta grande honra. Na longa história do Mosteiro, apenas três leigos haviam sido convidados a falar aos monges. Dois deles, Sean T. O'Kelly e Eamonn de Valera, foram Presidentes da Irlanda. Outro foi Daniel O'Connell, o Libertador.

Um dos pontos altos da semana, em Melleray, era a cerimônia anual da Acies da Legião de Maria. Dado que a ideia essencial da Legião, sobre a qual todo o resto se levanta, é a de trabalhar em união com Maria e em dependência de Maria, sua Rainha, era absolutamente normal que Frank considerasse a Acies como o maior acontecimento anual da Legião. Ali, na capela do mosteiro, tomava o seu lugar na fila processional com os outros Legionários. Quando chegava a sua

vez, levava a mão à haste do Vexillum e dizia com voz firme: "Eu sou todo Vosso, ó minha Rainha e minha Mãe, e tudo quanto tenho Vos pertence". Os que ocupavam os assentos da frente sentiam-se privilegiados por poder ouvi-lo pronunciar estas palavras. Estavam certos de que ninguém as dizia com mais fervor.
A primeira oração da cerimônia da Acies, como aliás de todas as reuniões Legionárias, é a oração ao Espírito Santo. Frank mostrou-se categórico a este respeito. Importa que os Legionários compreendam que o seu trabalho -a santificação pessoal e a dos outros membros do Corpo Místico de Cristo - depende da ação do Espírito Santo e exige, por conseguinte, uma íntima união com Ele.
Se desejamos alcançar uma união realmente íntima com o Espírito Santo e, deste modo, tornarmo-nos instrumentos dos seus poderosos desígnios, segundo Frank, duas coisas são essenciais: prestar atenção perfeita ao Espírito Santo;
1. °
2. ° entrar no espírito de união com Maria, visto o Espírito Santo trabalhar sempre, inseparavelmente, em união com Ela.
Quando começaram a chegar de muitas partes, da Irlanda e do estrangeiro, relatórios de maravilhosas conquistas legionárias, de inumeráveis milagres de graça operados pela Legião, as pessoas perguntavam-se inevitavelmente: "como é possível o acontecimento de tais coisas?". Os Legionários, com verdadeiro espírito, regozijavam- se, mas não ficavam surpreendidos. Podiam ler no Manual: "O homem que torna o Espírito Santo seu colaborador, entra no domínio da onipotência".
Um dia, depois de Frank ter feito uma conferência, um seminarista, ciente de que ele havia promovido a devoção ao Espírito Santo muitos anos antes de esta devoção ter conseguido uma popularidade geral na Igreja, perguntou-lhe:
"Sr. Duff, a que atribui o Sr. a sua extraordinária devoção
ao Espírito Santo?".
"À Santíssima Virgem" foi a resposta espontânea. "A minha devoção a Nossa Senhora levou-me a um apreço da importância absoluta da conveniente devoção ao Espírito Santo".
Frank procurava, muitas vezes, que a sua visita a Melleray coincidisse com a celebração do Pentecostes. Foi assim que em Melleray, num domingo de Pentecostes, pelo fim da tarde, lhe surgiu o pensamento de que, no sistema Legionário, deveria haver

uma "Promessa" e que esta deveria ser dirigida ao Espírito Santo. Deixou amadurecer a ideia no seu espírito, falou com os seus colegas Legionários e compôs a fórmula que foi incorporada no sistema da Legião. Dali em diante, a enunciação da Promessa constituiria a entrada formal na Legião de Maria.
A fórmula de oração da Promessa Legionária foi reconhecida como uma das obras-primas da literatura cristã sobre o triplo tema do Espírito Santo, Maria e a alma apostólica. O

Cardeal Suenens escreveu a este respeito: "Conhecemos poucas orações na literatura cristã contemporânea, que possuam uma tal densidade doutrinal, semelhante ressonância espiritual". (Card. Suenens: Teologia do Apostolado da Legião de Maria-trad. port., Lisboa, 1992, p. 15).
As pessoas que ajoelharam, ocasionalmente, ao lado de Frank, durante a reza do Rosário, ficaram surpreendidas ao ver a imagem do Espírito Santo no reverso do crucifixo do seu Terço. Fixara-a ali, ele próprio. Para Frank, o Terço do Rosário não era só uma amorosa oração e conversa com Maria, acerca de Seu Filho e d'Ela própria; celebrava, também, as principais intervenções do Espírito Santo no drama da Redenção.
Frank Duff com Sua Eminência o Cardeal Suenens, autor de vários livros, entre os quais: "Teologia do Apostolado da Legião de Maria" (1957), "Edel Quinn - uma heroina do apostolado" (1954). "A Promessa Legionária" (1982).

Quando o Padre Declan, um dos monges particularmente interessados na Legião, caiu doente, foi mandado para um hospital, em Dublin. Frank foi visitá-lo.
"Frank, são todos muito bondosos para comigo aqui, mas, como pode ver, o meu quarto não tem qualquer símbolo religioso. Poderia arranjar-me uma pequena imagem de Nossa Senhora?".
Frank ficou contente por poder ser prestativo. Quando o Padre Declan refez as forças, regressou a Melleray e levou a imagem. Alguns anos mais tarde, o mesmo sacerdote voltou a cair doente, desta vez com um ataque fatal de pneumonia. Antes de morrer, chamou o novo Responsável da Hospedaria e disse-lhe:
"Padre, V. Rev. é novo no cargo de Responsável da Hospedaria. Permita-me um pequeno conselho. Quando os Legionários vierem a Melleray, tenha paciência com as suas possíveis 'travessuras' e recorde-se de que o quarto do Sr. Duff é o n.° 8".
O mesmo acontecia com todos os monges. Frank não era só seu amigo, mas confidente. Esperavam ansiosamente a sua vinda, cada ano. Muitos deles consultavam-no sobre assuntos da vida monástica e espiritual. Ele, por seu lado, considerava-os afetuosamente, a todos e a cada um, como ternos irmãos em Jesus e Maria.
A maior parte dos monges-talvez mesmo todos - tornaram- se Membros Adjutores da Legião de Maria. E não só isso: quando construíram a nova capela pública do mosteiro, colocaram na parede, junto do altar-mor, um belo mosaico com o Vexillum da Legião, digno memorial das graças concedidas à Legião e pela Legião, neste lugar.
À noite, depois do jantar, Frank e os Irmãos Legionários saíam para a encantadora casa de verão nos arredores do Mosteiro. Uma vez ali, havia histórias, reminiscências e, algumas vezes, a leitura de relatórios de Enviados que trabalhavam em missões longinquas, até que o toque dos sinos do mosteiro convidava a parar.
Seguiam então silenciosamente para a grande igreja do mosteiro, onde os monges se reuniam para o canto das Completas. Depois destas, vinha o hino final do dia, o Salve Regina, cantado de forma encantadora, a "boa-noite" amável Aquela que era a vida, a doçura, a esperança de todos.
Nota: Membros Adjutores são um ramo dos Auxiliares da L. de Maria, que aceitam generosamente o seguinte: rezar diariamente as orações da Téssera e o Terço do Rosário, participar diariamente na Santa Missa e Comunhão, e, ainda, rezar uma forma de Oficio Divino, aprovada pela Igreja.

27
LUÍS DE MONTFORT
LUÍS DE MONTFORT
Foi numa pequena capela da Islândia. O sacerdote e cinco dos seus Legionários reuniram-se ali, no dia 8 de dezembro, para uma cerimônia especial. Lá fora, era a neve e a escuridão cerrada. Ali dentro, porém, brilhavam as velas acesas. O Santíssimo estava solenemente exposto.
Uma jovem Legionária, dos seus vinte anos, ajoelhou por terra, com uma vela acesa na mão direita, enquanto segurava na esquerda uma folha de papel com a cópia da Consagração a Jesus por Maria, escrita por ela própria. Levava como título: "Ato de consagração a Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, pelas mãos de Maria".
Enquanto o sacerdote e os outros Legionários se mantinham de pé, como piedosas testemunhas, a jovem, que estava de joelhos, passou a ler os dois primeiros parágrafos, dirigindo-se a Jesus, a Sabedoria Eterna, ali presente no altar. Em seguida, deslocando- se levemente para a esquerda, ajoelhou diante de uma imagem da Imaculada Virgem Maria e continuou a ler a consagração, renovando as promessas batismais e exprimindo o sincero desejo de possuir a Divina Sabedoria. Fez uma leve pausa e continuou: "Dou-me inteiramente a Jesus Cristo, Filho de Deus feito Homem, para levar a minha cruz atrás d'Ele, todos os dias da minha vida. E, para ser mais fiel do que até hoje: Tomo-Vos, ó Virgem Maria, na presença da comunidade aqui reunida, por minha Mãe e Senhora. Entrego-Vos e consagro-Vos, na qualidade de filho, o meu corpo e a minha alma, os meus bens interiores e exteriores, e o próprio valor das minhas obras passadas, presentes e futuras" (').
Quando acabou de pronunciar a Consagração manuscrita, assinou-a, ainda de joelhos, na presença do Senhor na Eucaristia. Depois, o sacerdote deu-lhe a bênção do SS.mo Sacramento. Os amigos juntaram os cânticos e orações da Legião, a que se seguiu, oportunamente, uma refeição festiva.
() Alguns Legionários preferem fazer esta Consagração em particular; outros preferem a forma solene, como é este caso.
153

Frank Duff
Esta cerimônia, tão simples como comovente, é apenas uma das múltiplas indicações da eficiente influência espiritual exercida por Frank Duff, em todo o globo. Mediante a Legião de Maria, incontáveis almas foram inspiradas a praticar a verdadeira e sólida devoção a Nossa Senhora. Será Frank 'a alma nobre' que S. Luís Maria De Montfort tinha profeticamente no seu espírito, quando, há mais de duzentos anos, escreveu o seu Tratado sobre a Verdadeira Devoção? "O meu trabalho será recompensado se este livrinho cair nas mãos duma alma nobre, um filho de Deus e de Maria. O meu tempo terá sido bem gasto se, pela graça do Espírito Santo, depois de ter lido este livro, ficar convencido do supremo valor da sólida devoção a Maria que eu estou descrevendo". O tempo de S. Luís De Montfort foi bem gasto.
Luís Maria De Montfort nasceu em Montfort, cidade pequena da França, em 31 de janeiro de 1673. Era o mais velho de uma grande família. A atmosfera cristã do lar, e, especialmente, a piedade da mãe, deixaram a sua marca no jovem Luís. Era um rapaz profundamente religioso. Aos doze anos, foi para o Colégio dos Jesuítas, em Rennes, onde estudou durante oito anos. Os seus colegas estudantes ficaram profundamente impressionados pela sua enorme caridade e a sua permanente atenção à oração. Ser sacerdote e trabalhar pelas almas era a sua paixão.

Com vinte anos de idade, Luís parte a pé para Paris, a cerca de 300 kms, para ali entrar no Seminário de S. Sulpício. Viaja em estilo de peregrino, com o Terço do Rosário nas mãos: foi isto uma decisão pessoal. O dinheiro que o pai lhe dera para a viagem acabou na mão dos pobres pedintes que encontrou na sua caminhada. Chega a Paris, dez dias mais tarde, depois de mendigar o alimento pelo caminho.

No pensionato reservado aos estudantes, ao lado do Seminário de S. Sulpicio, o recém-chegado seminarista lê a primeira página do regulamento: "Aqueles que a graça de Deus trouxe a esta casa se regozijarão da sua pobreza, uma vez que Jesus a honrou em si mesmo e nos seus mais queridos amigos. Assim, farão com alegria os trabalhos servis domésticos que os mundanos acham desprezíveis. Acima de tudo, terão uma grande devoção à Santíssima Virgem, a quem honrarão sempre como Senhora desta casa". Luís foi sempre escrupulosamente fiel a esta regra.

Nos anos seguintes, fez grandes progressos na santidade, orando intensamente durante longas horas, fazendo duras penitências e aplicando-se diligentemente aos estudos. Entre os seus trabalhos

constava o cuidado da biblioteca. Isto deu-lhe oportunidade de ler os escritos dos Padres da Igreja, especialmente de S. Bernardo e de muitos outros autores espirituais. Podia declarar, mais tarde, que lera "quase todos os livros que tratavam da devoção à Santíssima Virgem".

Luís Maria De Montfort foi ordenado sacerdote em 5 de junho de 1700. O seu excepcionalmente elevado grau de oração e de mortificação fazia com que alguns sacerdotes, seus colegas, se sentissem mal na sua presença e lhe provocassem dificuldades e humilhações. Mas, o Padre De Montfort considerava sempre a cruz como uma grande bênção e um sinal de vitória. De fato, os seus trabalhos missionários foram extraordinariamente frutuosos: abrandava corações endurecidos, convertia os pecadores e numerosos herejes passavam a aceitar a verdadeira fé. Qual o segredo deste bom êxito? Não tinha outro senão o Segredo de Maria. Tendo resolvido consagrar-se inteiramente a Maria, procurava viver de acordo com o espírito desta consagração, isto é, completamente dependente da vontade de Maria, em harmonia com o exemplo de Nosso Senhor, cuja total obediência a Maria, em Nazaré, "causava espanto e temor aos anjos e aos homens".

O Padre De Montfort gostava de se referir a Jesus Cristo como a Eterna Sabedoria. Este título parecia resumir belamente, tanto o Antigo como o Novo Testamento. "Divina Sabedoria é o conceito substancial e eterno da beleza de Deus, revelado a S. João Evangelista, no maravilhoso êxtase havido na Ilha de Patmos, quando exclamou: "No princípio era o Verbo" (o Filho de Deus, Eterna Sabedoria) "e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (1). Aos seus ouvintes, repetiria muitas vezes: "Conhecer Jesus Cristo, Eterna Sabedoria, é conhecer o suficiente; conhecer tudo o mais e desconhecê-lo é não conhecer nada" (2). Em noites sucessivas, falava amorosamente da bondade e misericórdia de Jesus, da Sua beleza e suavidade, das indizíveis dores que Jesus sofreu por nós. Os seus sermões sobre a Pessoa de Jesus eram pronunciados com tal reverência e convicção que os seus ouvintes ficavam sabendo que tinha um amor apaixonado por Jesus e que Jesus significava absolutamente tudo para ele. Viam

claramente

que estava

() «O Amor da Eterna Sabedoria», § 47 (Ed. Inglesa). (2) Ibidem, §11.

disposto a sofrer mil perseguições pelo Divino Mestre. De fato, o mais eficiente sermão do Padre De Montfort era a sua própria vida.
dizia ele-
LUIS DE MONTFORT
Jesus como condição para ser Seu discípulo. A Divina Sabedoria procura pessoas dignas d'Ele. "Procura, porque são poucos, que Ele dificilmente pode encontrar alguém com bastante desprendimento do mundo, suficientemente interior e mortificado para ser digno da Sua Pessoa, das suas riquezas e da união com Ele" (3). "Eu creio"- "que a Cruz é o maior segredo do Rei, o maior mistério da Eterna Sabedoria" (4). "Pela Sua morte, as ignomínias da Cruz tornaram-se tão gloriosas, a sua pobreza e nudez tão opulentas, os seus sofrimentos tão suaves, a sua dureza tão atraente, que Se tornou como que santificada e objeto de adoração pelos anjos e pelos homens" (5). "A Verdadeira Sabedoria fixou a sua morada na Cruz, tão firmemente, que não a encontrarás, neste mundo, a não ser na Cruz" (6).
(1) «O Amor da Eterna Sabedoria», § 184.
(2) Ibidem, $184.
(3) Ibidem, § 195.
(4) Ibidem, § 171. (5) Ibidem, § 172. (6) Ibidem, § 180.
S. Luis Maria Grignion De Montfort (1673-1716), autor do "Tratado da Verdadeira Devoção à Santissima Virgem", a cuja obra Frank Duff foi beber a espiritualidade da Legião de Maria.
Quando as pessoas lhe pediram algumas orientações sobre a forma como poderiam obter, também, este maravilhoso amor de Jesus, a Eterna Sabedoria, deu-lhes quatro meios claros para obter tal tesouro: Primeiro: ter um ardente desejo da Divina Sabedoria, desejo que deve ser, realmente, ardente e sincero. Tal desejo, dizia, já é uma grande graça de Deus, que será dada, com certeza, a todo aquele que guardar fielmente os mandamentos divinos.
Segundo: um pré-requisito absolutamente necessário é a oração perseverante. "E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus que a todos dá generosamente e sem recriminações, e ela lhe será dada, contanto que a peça com fé" (Tgo 1:5-6). "Quanto maior for o dom, maior esforço se requer para obtê-lo" (1). "Salomão recebeu a sabedoria só depois de rezar por muito tempo e com extraordinário fervor" (2).
Terceiro: a mortificação universal foi especificada pelo próprio
Quarto: "o maior de todos os meios, o mais maravilhoso de todos os segredos para obter e guardar a Divina Sabedoria é uma terna e verdadeira devoção à Bem-aventurada Virgem Maria. Ninguém, a não ser Maria, teve o poder de conceber e dar à luz a Eterna Sabedoria, e ninguém tem poder de fazê-la voltar à vida (digamos assim) pela operação do Espírito Santo nas almas daqueles que Ele escolheu" (1). "Aqui está o grande conselho, o admirável segredo. Levemos Maria, por assim dizer, para nossa casa, consagrando-nos a Ela, sem reserva, como seus servos e escravos... Esta boa Mãe, que nunca permite ser excedida em liberalidade, dar-se-á a nós, duma forma incompreensível, mas real, e a Eterna Sabedoria virá habitar nela como no Seu glorioso trono" (2).
Embora fosse sempre aceito e amado pelos pobres e desamparados, o Padre De Montfort continuou a sofrer humilhações nas mãos de numerosos sacerdotes. Por vezes, era simplesmente
(1) «O Amor da Eterna Sabedoria», § 203.
() Ibidem, §211.

mandado embora... Houve um momento, em Paris, em que se encontrou inteiramente só, indigente, sem morada fixa. Teve, no entanto, a sorte de encontrar abrigo numa pobre casa, e, mesmo então, numa acomodação sem segurança, debaixo de umas escadas. A única mobília era uma esteira de palha. Apesar de todas estas privações, era intensamente feliz, partilhava da Cruz de Cristo. Foi aqui que ele escreveu o seu grande livro, "O amor da Eterna Sabedoria", pequeno no tamanho, mas de preço inestimável no seu conteúdo. O escrito era fruto da experiência pessoal do sofrimento e de uma intensa vida de oração.
Alguns anos mais tarde, o Padre De Montfort partiu em peregrinação para Roma, de bordão na mão direita, e uma pequena imagem de nossa Senhora na mão esquerda, como de costume, e as contas dos quinze mistérios do Rosário pendentes da cinta. Como única bagagem, o breviário e a Bíblia. Vivia, mais uma vez, das esmolas que pedia "por amor de Deus". Foi recebido graciosamente pelo Papa Clemente XI, que o animou a perseverar na sua atividade missionária, na França. Pregação como a dele era mais necessária do que nunca para combater a heresia do Jansenismo, que, nestes tempos, estava maduro em numerosas partes da França.
Regressou à França, para pregar com renovado vigor e entusiasmo, invocando constantemente o auxílio de Nossa Senhora. Desde a idade dos cinco anos, rezara diária e devotamente o Rosário. Agora, achou que ele constituía um poderoso instrumento na batalha que travava contra Satanás, pela salvação dos homens. Aos sacerdotes, seus companheiros, dizia: "Poderia contar-vos, longamente, a graça que Deus me concedeu de conhecer, por experiência, a eficácia da pregação do Santo Rosário e as maravilhosas conversões que ele produziu e eu testemunhei, com os meus próprios olhos. Garanto-vos que o Rosário é um tesouro de preço inestimável, inspirado por Deus". (1). A todas as pessoas que o ouviam, dizia... "Peço-vos seriamente que rezeis o Rosário, diariamente. Quando a morte se aproximar, bendireis o dia e a hora em que tomastes a sério o que eu vos disse, pois, tendo semeado as bênçãos de Jesus e Maria, colhereis eternas bênçãos no céu" (2).

LUIS DE MONTFORT

Foi provavelmente no outono de 1712 que o Padre De Montfort escreveu o seu livro mais conhecido, "A Verdadeira Devoção
à Santíssima Virgem", livro que levou, sem dúvida, um número incontável de almas pelos caminhos da mais elevada santidade. No último capítulo de "O amor da Eterna Sabedoria", escrevera: "O melhor meio para conseguir e guardar a Divina Sabedoria é uma terna e verdadeira devoção à Bem-aventurada Virgem Maria". Considerou este capítulo tão importante que se sentiu impelido a desenvolvê-lo. O resultado foi o seu livro sobre "A Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem", em que ele faz um argumentado e comovente apelo a que nos consagremos, totalmente, a Maria, para, por Ela, sermos moldados de forma perfeita na imagem de Cristo; por outras palavras, devemos consagrar-nos a Jesus, por Maria.
O resumo, elaborado por Frank Duff, do tratado da "Verdadeira Devoção" de Luís De Montfort merece ser citado: "Luís De Montfort não fez mais do que refletir, como num espelho, a ideia divina de Maria, viva e nitidamente revelada na profecia. De igual modo, a Anunciação apresenta o seu lugar-chave. A sua livre decisão e a sua fé abriram caminho a Deus. Maria é a Mãe do Corpo Místico de Cristo. Na medida em que somos membros do

Corpo de Cristo, somos também, necessariamente, filhos de Maria, Sua Mãe. É no seu seio, moldados cada vez mais admiravelmente na Sua semelhança, pelos seus incessantes cuidados maternais, que nós crescemos no homem perfeito que é Cristo e alcançamos a perfeita medida da sua estatura. Sem Ela, este nosso sublime destino não pode ser alcançado; tal é o plano divino... Por isso, a alma deve consagrar a Maria uma devoção que corresponda à intensidade da sua dependência d'Ela, dependência constante e universal. A "Verdadeira Devoção" é o perfeito reconhecimento da Maternidade de Maria e representa - por estranho que pareça - o mínimo absoluto do que lhe é devido. A sua prática é o reconhecimento sistemático da parte que Deus atribuiu a Maria em cada um dos movimentos da vida espiritual" (').
A consagração a Maria, como é proposta pelo Padre De Montfort, requer a entrada formal num acordo com Maria, pelo qual,
() O segredo do Rosário, cap. 1.
(3) A Verdadeira Devoção a M., § 259.
158
() "The De Montfort way" (O caminho de De Montfort), por Fr. Duff.
159

Frank Duff
nós nos damos inteiramente a Ela, com todos os nossos pensamentos, ações e haveres, tanto espirituais como temporais, passados, presentes e futuros, sem reserva do mínimo que seja, para pertencermos mais inteiramente a Cristo. (') Este é o primeiro passo.
O segundo passo é viver esta consagração na nossa vida e apostolado de cada dia. Frank Duff não só compreendeu bem isto, mas inseriu-o nas próprias orações da Legião. Refiro-me à oração para pedir uma Fé Apostólica, que os Legionários rezam diariamente e foi tirada, quase palavra por palavra, do n.° 214 de "A Verdadeira Devoção a Maria" do Padre De Montfort: "Concedei-nos, Senhor, a nós que militamos sob o estandarte da Virgem, ...uma fé corajosa que nos anime a empreender e prosseguir, sem hesitação, grandes coisas, por Vossa glória e pela salvação das almas;... etc.".
O Padre De Montfort fundou três Congregações Religiosas: a Companhia de Maria (Missionários Monfortinos) para sacerdotes e irmãos (); as Filhas da Sabedoria, para as Irmãs Religiosas; e os Irmãos de S. Gabriel (irmãos professores). Faleceu a 28 de Abril de 1716, com o crucifixo na mão direita e uma pequena imagem de Nossa Senhora, na esquerda.
Embora tenha falecido relativamente novo, aos 43 anos, o Padre De Montfort "evangelizou sete dioceses e percorreu nas suas viagens apostólicas cerca de 24 000 kms, sempre a pé. Transformou mais de uma centena de paróquias, conquistando os corações mais rebeldes, inflamando os mais frios, abrandando os mais duros. Fez muitas peregrinações para conseguir o dom de tocar os corações, tendo as suas orações sido ouvidas" (3). A 7 de setembro de 1838, o Papa Gregório XVI concedeu-lhe o título de Venerável. A 20 de julho de 1947, Pio XII canonizou-o, solenemente, na Basílica de S. Pedro. No seu discurso, o Papa disse: "A grande força por detrás do seu ministério e o grande segredo para atrair e ganhar as almas para Jesus, era a sua devoção a Maria". hindi O Tratado da "Verdadeira Devoção" do Padre De Montfort contém esta profecia digna de nota: "Prevejo que muitos animais rugidores virão enraivecidos para rasgarem com os seus dentes diabólicos este pequeno escrito e aquele de quem o Espírito Santo se serviu para compô-lo, ou, pelo
(Note-se que um completo conhecimento do ensino de De Montfort só se consegue com a leitura do seu livro. (2) Em 1965, os Padres Monfortinos e respectivos Irmãos concederam a

Frank Duff a distinção de primeiro membro honorário (leigo ou clérigo), nos seus 260 anos de história, a ser admitido na sua Comunidade e Companhia de Maria De Montfort.
() S. Louis M. De Montfort, por Mons. Deery.

menos, para envolvê-lo nas trevas e no silêncio de uma arca, para impedi- lo de ver a luz do dia... Mas que importa?... Esta visão anima-me e faz-me esperar um grande êxito, perante a perspectiva de um grande esquadrão de bravos e valorosos soldados de Jesus e Maria, tanto homens como mulheres, que combaterão o mundo, o demônio e a natureza corrompida, nos tempos perigosos que se aproximam" (''). Pois, bem, a sua profecia tornou-se verdadeira. Depois da sua morte, o manuscrito foi guardado para ser salvo de perigo. Em seguida, foi esquecido e perdido. Só depois de mais de cem anos, foi descoberto num velho baú.
A partir de então, o Tratado de Montfort sobre a "Verdadeira Devoção" não cessou de exercer uma influência, verdadeiramente maravilhosa, sobre as almas que procuram, sinceramente, pôr o seu ensino em prática. Uma delas foi Frank Duff. Frank escreveu um parágrafo notável no Manual da Legião, em que, aqueles que o conheceram, podem ver claramente refletidos os efeitos que a Verdadeira Devoção produziu no próprio Frank:
"Se a soma das experiências, daqueles que compreendem, ensinam e praticam a Verdadeira Devoção, vale alguma coisa, parece indiscutível que esta Devoção aumenta, consideravelmente, a vida interior, imprimindo- lhe um caráter especial de generosidade e de pureza de intenção. Temos a sensação de ser guiados e protegidos e a alegre certeza de tirarmos, desde então, o melhor proveito possível da nossa vida. Com ela, enfrentamos, sobrenaturalmente, as mil e uma dificuldades da existência; a coragem retempera-se, a fé torna-se mais firme, fazendo-nos sustentáculos de qualquer obra de Deus. Com ela, desenvolve-se em nós uma ternura e sabedoria, que obriga a força a ocupar o lugar que lhe convém, e uma suave humildade que guarda todas as virtudes. Recebemos graças que temos de considerar extraordinárias. Sentimo-nos chamados, frequentemente, a obras que ultrapassam os nossos méritos e dotes naturais. Com tal chamamento vêm auxílios que nos habilitam a carregar, sem desfalecimento, gloriosos e pesados fardos. Numa palavra, em troca dum esplendido sacrificio que fizemos pela Verdadeira Devoção, entregando-nos a Maria como escravos de amor, ganhamos o cêntuplo prometido àqueles que se despojam de tudo, pela maior glória de Deus" (1)
() Manual da Legião de Maria, 10.a edição port., pp. 38-39.

28
PEREGRINAÇÃO A LOUGH DERG
PEREGRINAÇÃO A LOUGH DERG
O sobretudo de Frank Duff estava velho e extremamente usado. Embora manchado, aqui e ali, ainda era aproveitável e ele não via motivo sério para substitui-lo por um novo. Além disso, estava-lhe afeiçoado. O seu trabalho apostólico desenrolava-se sobretudo entre os pobres, e Deus, como resposta à sua oração perseverante, fizera crescer nele um verdadeiro espírito de pobreza.
A família não encarava o caso da mesma maneira. O sobretudo não só estava velho, mas era antigo, uma peça de museu, e as manchas numerosas. "Frank, pensa nos pobres recolhidos ali, no Lar Estrela da Manhã. Não quererás dar o teu velho sobretudo a um deles?".

boa causa.
Com relutância, acabou por concordar; ao menos, era a favor de uma
Tempos depois, Frank preparava-se para fazer a peregrinação a Lough Derg. Foi como se um raio caísse nele o seu velho sobretudo, que falta ele lhe fazia. Encontrou Tom Doyle, o Legionário interno, encarregado do governo do "Estrela da Manhã".
"Tom"
disse-lhe ele
"para te dizer a verdade, tenho pena de ter me separado do meu velho sobretudo; ainda era muito bom, para mim".
"Tenho boas notícias, a esse respeito" respondeu Tom "nenhum dos homens do Lar quis usá-lo; disseram que estava muito estragado. Por isso, posso devolver- lhe".
E lá veio o sobretudo, com grande decepção para a família de Frank. Quando partiu para Lough Derg, o sobretudo, o seu velho amigo, acompanhou-o.
Frank Duff em 1971, com 82 anos, junto a Regina Coeli e com o seu velho sobretudo no braço.

Assim como Melleray era o mosteiro aonde Frank acorria para refrescar a alma e o espírito e descontrair-se fisicamente, assim o local do antigo estabelecimento monástico em Lough Derg, no noroeste da Irlanda, era o lugar onde decidira fazer penitência.
Frank ouvira falar de Lough Derg, pela primeira vez, por Tom Mc Cabe, grande amigo de seu pai, que costumava visitar a família Duff. O pai de Frank salvara-o uma vez de morrer afogado. Tom era uma pessoa muito religiosa. Quando, durante as visitas, falava de Lough Derg, Frank era um ouvinte atento e interessado.
Lough Derg, em Donegal, fica situado numa região desolada e estéril, batida pelos ventos, onde quase não se vê uma habitação humana. É afamado no mundo inteiro, como lugar de peregrinação e penitência. No meio do lago, existe uma pequena ilha chamada "Station Island" (Ilha da Estação), outrora lugar de uma residência monástica. Os monges foram, há muito tempo, receber a recompensa, mas os restos das suas celas de pedra e da capela continuam como recordação sagrada e forte, para sucessivas gerações, de que "o homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus". A primeira oportunidade para Frank ir a Lough Derg surgiu em outubro de 1915. Quatro jovens senhoras, de Ranelagh, Dublin, faziam planos de peregrinação ao local. Frank ouviu casualmente a conversa e perguntou se podia acompanha-las. Concordaram, prontamente. A viagem foi longa e cansativa e os exercícios penitenciais na ilha, severos. No entanto, Frank regressou no ano seguinte, acompanhado de um grupo de vinte e uma pessoas.
Em tempos passados, a peregrinação a Lough Derg fora popular entre os irlandeses, mas, na primeira parte deste século, o número de peregrinos diminuiu consideravelmente; e este grande exercício penitencial poderia ter sido interrompido, se não fosse a fiel perseverança dos habitantes locais que mantiveram viva a tradição. Quando Frank tentou despertar o interesse por Lough Derg, verificou que poucas pessoas conheciam qualquer coisa sobre o caso. Frank continuou a promover a peregrinação e levava ali, anualmente, um grupo.
Em 1922, o grupo atingira 57 pessoas. Nesse ano, devido talvez à instabilidade política no país, o seu grupo foi o único organizado a fazer a peregrinação. Quando os peregrinos chegaram a Pettigo, a cerca de 4 milhas e meia (6 kms e meio) de Lough Derg, verificaram não havia meio de transporte disponível para o resto que da jornada. Felizmente, conseguiram os serviços do motorista de um

 caminhão que transportou as senhoras e as bagagens até à beira do lago. Os quatro homens do grupo partiram a pé (incluindo Frank), dispostos a andar os 6 kms e 500 m, mas o motorista do caminhão, depois de levar as senhoras ao seu destino, regressou para apanhá-los para a última milha do percurso. Os barqueiros locais transportaram então os peregrinos para a ilha santa.

Ano após ano, difundiu-se o conhecimento da peregrinação a Lough Derg. Logo que a peregrinação foi restabelecida e cresceu o número de peregrinos, Frank passou a responsabilidade da organização a outros. Foi sempre a sua política, delegar aos outros o máximo de responsabilidade possível, em parte, porque ficava livre para se concentrar em novos empreendimentos, em parte, porque tomara consciência de que havia muitas outras pessoas, igualmente competentes, para fazer tais coisas; precisavam, apenas, de encorajamento. Costumava dizer: "A responsabilidade converte a areia em ouro". Tom Mc Cabe já estava organizando tais peregrinações; os companheiros de Tom davam-lhe grande apoio até que, eventualmente, peregrinos vindos de toda a Irlanda começaram a viajar, anualmente, para Lough Derg. Em tais dias, os peregrinos na ilha chegavam a mais de mil.

Uma das íntimas alegrias de Frank Duff era causada pela presença de numerosos jovens, na peregrinação. Disse, muitas vezes, que os jovens eram idealistas e preferiam desafiar grandes empreendimentos para alimentar o seu idealismo, a abraçar exercícios inofensivos que os não faziam sentir as dificuldades reais. Lamentava os sacerdotes que não apresentavam aos jovens um Catolicismo exigente que constituísse um autêntico desafio; o Catolicismo que lhes apresentavam, nem era estimulante, nem se harmonizava com o mandamento de Cristo: "Se alguém quer ser Meu discípulo, tome diariamente a sua cruz e siga-Me".

Em todo o caso, a vista de tantas pessoas, de todas as idades, reunidas neste santo lugar, simplesmente, para fazer penitência, deve ter sido consoladora para um homem cuja vida fora consagrada à elevação dos padrões espirituais dos seus companheiros de jornada. Esta consolação, no entanto, era acidental. Frank não viera a Lough Derg para ser edificado ou consolado, mas, simplesmente, para fazer penitência.

As práticas penitenciais dos Irlandeses possuem uma longa tradição. Quando o monasticismo irlandês esteve no auge, nos séculos sétimo

e oitavo, as ligações entre o monge e o leigo eram íntimas e fortes. Muitos dos mosteiros estavam construídos em lugares de fácil acesso e constituíam um elemento central na vida do povo. Proporcionavam- lhes educação e até alojamento para viver e centros religiosos. Muitos dos monges eram leigos e como tais continuavam. Quando os monges destes mosteiros estabeleceram fundações em áreas mais desoladas e remotas, ou mesmo em ilhas, como Skellig Rock ou Lough Derg, a sua espiritualidade e até o modo ascético de viver continuaram a exercer um extraordinário domínio nos corações e mentes do povo. Dada a existência de numerosos mosteiros e a sua influência, era inevitável a adoção de muitas práticas monásticas de penitência na vida religiosa do povo.

Desde a "idade de ouro" da primitiva Irlanda, os irlandeses mantiveram uma espécie de afinidade, de sentimento, pelas práticas penitenciais; não que gostassem delas ou as tivessem praticado sempre, mas a sua história e tradição dizem-lhes que a religião não é inteiramente genuína, se não for testada e sustentada pela penitência.

Frank achou as penitências de Lough Derg muito pesadas. No entanto, ali regressava ano após ano. Os três dias da peregrinação tornaram-se, simplesmente, parte da sua vida.
Os atos centrais da peregrinação são: Confissão, Missa e sagrada Comunhão. Mas as rosas florescem no meio dos espinhos: por isso, estes grandes atos litúrgicos incrustam-se num fundo de oração e penitência.
As penitências são triplas. Primeiro, o jejum. O peregrino que vem a Lough Derg deve jejuar desde a meia noite anterior. Nas 24 horas seguintes, só pode quebrar o jejum uma vez e, mesmo então, a única refeição permitida consiste em pão seco e chá preto.
Segundo, o peregrino deve andar descalço (com os pés nus), enquanto se mantém na ilha e dá as voltas penitenciais prescritas. A volta ou 'estação' consiste na reza de determinadas orações pelo peregrino, enquanto caminha pelo chão pedregoso, à roda de cada cela monástica ou "cama", como também se chama. As orações prescritas são três "Pai-nossos", três "Ave-Marias" e o Credo. Quando o peregrino as termina, volta a repeti-las, mas, agora, ajoelhado nas pedras agudas, entrada da cela. Em seguida, dá uma volta dentro da cela, repetindo as mesmas orações. Finalmente, ajoelha diante do Crucifixo, no centro, e repete as mesmas orações. Completou então a primeira estação. Há muitas celas semelhantes, ou antes, restos de

celas, dedicadas cada uma a um santo diferente. Cada estação consiste na visita a uma cela, com as múltiplas orações prescritas.
Mas, não haja pressa. O peregrino tem o dia inteiro - ou antes, dispõe de dias para cumprir estes exercícios penitenciais. Pode considerar-se "feliz", se encontrar uma pedra suficientemente lisa para nela descansar um instante.
A terceira penitência é a vigília de uma noite inteira: quer isto dizer que o peregrino, por exausto que esteja, não pode dormir durante vinte e quatro horas, por exemplo, das 10 h. da manhã do dia da chegada às 10h. da manhã do dia seguinte.
As quatro estações prescritas para o segundo dia da peregrinação são rezadas durante a noite, na Basílica. A execução destas estações dentro da Basílica, no correr da noite, é possivelmente a parte mais penosa de toda a peregrinação, pois implica a luta com o sono durante as orações prescritas. Às vezes, esboçam-se sorrisos benevolos nas faces dos mais decididos, quando ouvem o ressonar musical de algum peregrino de vontade mais fraca. O Senhor, porém, sabe que todos fazem o que lhes é possível.
Na segunda noite, é permitido dormir seis horas, e no terceiro dia, depois de algumas penitências atenuadas, o peregrino pode regressar para casa, mas deve continuar o jejum rigoroso de Lough Derg, até à meia noite.
Frank Duff fez a peregrinação a Lough Derg, fielmente, durante 49 anos consecutivos. Quando atingiu 74 anos, uma doença séria obrigou-o a suspendê-la.
Mary Rowe, uma Legionária dublinense, que participou muitas vezes na mesma peregrinação que Frank, recorda as suas memórias destas ocasiões:
"Quando Frank fazia as Estações, andando à volta das "camas" de pedra com os pés nus, rezava com fervor, completamente esquecido de quanto se passava à sua volta. Verifiquei que os seus pés jamais procuravam uma pedra lisa; mantinha-se, simplesmente, em movimento, sem prestar a mínima atenção à aspereza das pedras. Durante a noite de vigília, nunca deixava decair a cabeça ou dominar- se pelo sono. Parecia que tinha se preparado para este exercício". Se excetuarmos os momentos reservados ao percurso das Estações e aos Exercícios Penitenciais, não há qualquer regra que imponha silêncio,

durante os três dias de peregrinação. Nos tempos livres, juntava-se aos amigos para um traço de conversa, dizia as suas

graças e ria de coração, gozando estes espaços de recreio como toda a gente. Alguém dizia: "Na espiritualidade de Frank não há paparicos, mas uma saudável inteireza".
Numa das peregrinações, o tempo apresentou-se desfavorável a exercícios penitenciais ao ar livre; o sacerdote comunicou aos peregrinos que podiam ficar dentro da Basílica e aí proceder às Estações. Mary Rowe ficou surpreendida quando o procurou: tinha saído da Basílica e procurava laboriosamente romper caminho à volta duma cela.
Quando se lhe ofereceu a oportunidade, disse-lhe: "Sr. Duff, no Manual da Legião, o Sr. insiste na importância da obediência. Porque é que o Sr. fez as Estações fora de portas da Basílica, quando o sacerdote lhe disse para fazê-las dentro da mesma?" "Não lhe posso responder a isso". aguentar fazê-las dentro".
- replicou-"não pude
É provável que o sacerdote encarregado tenha compreendido este homem: viera a Lough Derg para fazer penitência e não aceitava facilidades...
No fim da peregrinação, os peregrinos deixam a ilha de barco, entregues aos cuidados dos barqueiros locais e cantam o hino de S. Patrício:
"Salve, glorioso S. Patrício, santo querido da nossa ilha, Sobre nós, teus pobres filhos, lança um doce sorriso:
Agora que estás lá no alto, na mansão celeste,
Olha para baixo, no teu amor, para os verdes vales do Eire".
"Na guerra contra o pecado, no combate pela Fé,
Querido santo, que teus filhos resistam até à morte; Converta-se a sua energia em doçura, penitência e oração; Gloriem-se em levar a Cruz como bandeira".
Os peregrinos estão cansados e com fome; cada um parte, no entanto, com um coração leve e uma paz que o mundo não pode dar. Foram limpos dos seus pecados; fizeram reparação durante três dias, negando-se a si mesmos e jejuando como os primeiros monges irlandeses; receberam abundantemente o grande dom do Espírito Santo a alegria. Ao mesmo tempo, ao deixar a ilha, sorriem simpaticamente para as centenas de peregrinos que chegam à ilha, para começar a peregrinação de Lough Derg e continuar esta nobre tradição.
29
AVELHA BICICLETA, AMIGA DE CONFIANÇA
A VELHA BICICLETA, AMIGA DE CONFIANÇA
Num dia de verão de 1951, quatro cavalheiros desciam do comboio na estação de Tuam, Condado de Galway, e lançavam mão das bicicletas que foram buscar ao vagão de mercadorias. A única coisa que o empregado do Caminho de Ferro poderia ter notado era o fato de os homens serem mais idosos do que os elementos que costumavam participar nos grupos de ciclistas que, ocasionalmente, davam a volta pelo Oeste da Manda.
Frank Duff, que atingira precisamente os sessenta, era o mais velho dos quatro. Os seus três companheiros, Brendan Crowley, Tom Doyle e Jack Nagle, deviam ter-se perguntado se teriam feito bem em levá-lo com eles, nesta difícil excursão de bicicleta. Parecia débil e enfermiço. Perdera peso nos dois últimos anos. Por outro lado, fora Frank a propor a ideia.
-"Estou esgotado" disse ele - "estou quase no ponto de ruptura; tenho de sair de Dublin para uma mudança completa".

Eles compreenderam-no. A morte da mãe, especialmente, tivera nele um efeito traumático. Havia, também, outros desgostos que pesavam nele fortemente. Havia pouco que chegara a notícia do martírio de numerosos Legionários na China. Além disso, o seu horário de trabalho, em Dublin, era extremamente pesado. Cada novo dia trazia-lhe novas dificuldades e novas pressões.
"De todas as atividades ao ar livre que ele praticava, indubitavelmente, o ciclismo ocupava o primeiro lugar... a sua 'bicicleta" tornou-se sua companheira de viagem..."
168
169

Frank Duff
A partir do momento em que Frank montara o seu velho corcel, a bicicleta, ao sair da estação de Tuam, passara a lançar fora os cuidados, preocupações e tédio dos dois anos anteriores. A amena cidade de Tuam, onde S. Jarlath fundara um mosteiro, no século VI, reanimava o coração de Frank, com o seu vagaroso ritmo de vida, com os seus habitantes amigavelmente prestativos, sempre encantados em conversar com os visitantes que admiram os seus sapatos grosseiros, expostos para venda. Longe vai o som dos telefones, com as suas campainhas tocando constantemente, pedindo atenção; longe vão as histórias dos esmagados e vencidos, "os mais pequeninos irmãos de Cristo", e os problemas que chegam de longe, dos outros extremos da terra-tudo isso esquece por instantes. Aqui, estavam quatro homens alegres, correndo felizes nas suas bicicletas e não "tão cheios de cuidados que lhes falte tempo para parar e ver as maravilhas de Deus". Durante a semana seguinte, os quatro Legionários avançaram de bicicleta pela bela e acidentada região de Connemara, com a sua beleza selvagem. Todas as tardes, ao cair da noite, procuravam uma pequena pensão acolhedora para a dormida e café da manhã. No dia seguinte, os quatro ciclistas continuavam por vales e gargantas entre montanhas, gozando a paisagem fascinante - as colinas com o seu manto de carqueja amarela, os lagos calmos em que se refletiam as montanhas azuis, as pequenas quedas de água murmurejantes, as casas de campo, caiadas de branco e cobertas de palha.
Quando chegavam a qualquer lugar, que se impunha pela sua beleza e solidão, descansavam e comiam com prazer a refeição que a bondosa senhora da pensão lhes preparara. O ar estava carregado com perfumes de madressilva, campainhas selvagens, a que não faltava também o cheiro saudável dos urzais frescos.
Era, então, o momento favorável para Frank contar algumas das suas histórias. Por vezes, tratava-se de acontecimentos sérios do passado, que podiam ser tão educativos como divertidos. Outras vezes, falava de incidentes engraçados que testemunhara: tinha, então, o dom de torna-los divertidos para os ouvintes que podiam distinguir com facilidade os fatos dos seus adornos, mas que gozavam, acima de tudo, com o riso franco e cordial de Frank.
A sua rota levava-os, por Westport, à aldeia de Leenane; depois, pela Abadia de Kylemore, a Clifden, Maam Cross e Galway. O nome dado a este caminho da montanha, vale estreito e lago regional, situado na margem oriental de Connemara e dividindo-a do Condado
170
A VELHA BICICLETA, AMIGA DE CONFIANÇA
de Mayo, é "Joyc's Country". Passavam junto à casa do patriota Padraig Pearse, em Rosmuck, onde escrevera as belas histórias de Losagán (O Menino Jesus), Eoinín na nÉan (Eoineen dos Pássaros) e compôs o belo poema <<The Wayfarer» (O Viajante):
«Sometimes my heart hath shaken with great joy, to see a leaping squirrel in a tree,
or a red lady-bird upon a stalk,

or little rabbits in a field at evening lit by a slanting sun, or some green hill where shadows drifted by, some quiet hill where mountainy men had sown and soon would reap; near to the gate of heaven; or children with bare feet upon the sands of some ebbed sea,
or playing on the streets
of little towns in Connacht"
"Algumas vezes, o meu coração vibrava de grande alegria,
por ver um esquilo saltando numa árvore,
ou uma joaninha vermelha numa haste, ou coelhinhos num campo em uma tarde iluminada por um sol já inclinado,
ou alguma colina verde, onde as sombras caminham,
alguma colina serena onde os montanheses semearam e em breve irão colher;
perto do portão do céu; ou crianças de pés nus
na areia de algum mar em maré baixa,
ou brincando nas ruas
das pequenas vilas de Connacht".
Frank, que era nacionalista e íntimo dos líderes irlandeses no momento histórico do nascimento da Nação, deve ter-se sentido comovido à vista da casa de campo, caiada de branco, de Pearse, no solitário Rosmuck, onde não há som que quebre o silêncio, a não ser o grito do maçarico-real.
A Baía de Clew, salpicada de uma centena de pequenas ilhas, mostra ao largo, durante o dia, o azul profundo e o verde, reservando a cor mágica da prata para o pôr-do-sol. Deixou uma impressão indelével em Frank.
Na Abadia de Kylemore, os ciclistas descansaram dois dias. As religiosas ficaram surpreendidas quando souberam das distâncias percorridas por Frank e seus alegres companheiros.
Seria demasiado para Frank? Pelo contrário, pareceu reaver a

sua antiga vitalidade; o apetite melhorou; as longas jornadas diárias de bicicleta, embora cansativas, tornavam-no, de fato, mais forte. Foram, realmente, umas entusiasmado por ver que lhe tinham feito muito bem. Resolveu, pois, férias maravilhosas; ficara fazer algo semelhante, no ano seguinte. De fato, um ano depois, o vemos de bicicleta pelo Condado de Kerry com Sid Quinn e Jack Nagle. As excursões de bicicleta haviam vindo para ficar. Seriam um acontecimento anual, no resto da vida.
O número dos que partiam nestes passeios de bicicleta cresceu; nas mais remotas partes da Irlanda, novos e velhos postavam-se ao lado dos caminhos, para ver, sorrir e saudar o grupo dos dez ou doze forasteiros que passavam calma e alegremente, seguindo o seu caminho.
Uma ocasião, John Gavin, membro do grupo de ciclistas, recordou-se, de repente, de que deixara os óculos na hospedaria onde haviam passado a noite anterior. Frank insistiu em que voltassem atrás - apesar do vento pela frente - para reaver os óculos. Tinha, então, setenta anos. A amabilidade era uma das suas grandes qualidades.
E pedalou bem até ao dia em que morreu - um feito verdadeiramente notável para um homem que viveu 91 anos...
Quaisquer que fossem as circunstâncias, Frank jamais se arriscava a perder a Missa diária; às vezes, os planos da excursão tinham de ser reduzidos, para permitir ao grupo a participação na santa Missa, numa aldeia ou vila. Um verão, Frank convidou um sacerdote

amigo a juntar-se ao grupo. Tinham, assim, garantida a santa Missa, onde quer que se encontrassem. Eventualmente, acabaram por ter um ciclista como capelão regular, quando o Padre Herman Nolan, O. R, se juntou
A VELHA BICICLETA, AMIGA DE CONFIANÇA
aos 'Sprocketts' nome que passou a designar o grupo excursionista. Um dos passatempos favoritos de Frank era a fotografia. Estimava, sobremaneira, uma boa máquina fotográfica que recebera como presente e levava-a sempre consigo nas excursões.
Amava extraordinariamente cada pedaço do torrão natal
e todo ele se empenhava em captar a beleza maravilhosa das zonas rurais irlandesas. Quando entrava o inverno costumava convidar para sua casa os ciclistas seus companheiros, para lhes mostrar as suas maravilhosas fotografias. Enquanto as projetava na tela, comentava- as, pormenorizadamente. A audiência, maravilhada com a sua extraordinária memória dos pormenores, não só se encantava com as fotografias, mas deliciava-se observando a alegria e entusiasmo juvenil com que Frank revivia comentando, foto após foto, aqueles dias deliciosos de excursão.
O seu ilimitado entusiasmo levava-o às vezes a exageros, a que parecia totalmente alheio. Quando regressava de um destes passeios de bicicleta, o seu primeiro comentário, ao encontrar um amigo, era: "Foi o melhor de todos, até aqui". Não só o dizia, como era evidente que assim pensava. Por isso, ninguém ousava dizer-lhe: "Mas, Sr. Duff, já nos disse isso, após o último passeio". Além disso, aqueles que o conheciam melhor davam-se conta de que o extraordinário amor de Frank pelas zonas rurais e pela natureza, em todos os seus pormenores, era mais do que natural. Era uma espécie de apreço místico da presença amorosa e criadora de Deus, em tudo quanto o olhar e o ouvido alcançavam, de tal modo que não se podiam impor limites, tanto ao apreço da obra de Deus, como aos esforços do seu entusiasmo para exprimi-lo.
Uma ocasião, durante um destes passeios de bicicleta, um Legionário, observando Frank numa atitude meditativa, enquanto perdia o olhar na paisagem encantadora, notou como era ali apropriado o Cântico de Daniel, rezado com frequência no breviário: "Sim"-replicou Frank-"esse é o meu salmo favorito!". Referia-se ao capítulo terceiro do Livro de Daniel: "Montes e colinas, bendizei o Senhor.
Tudo o que germina na terra, bendizei o Senhor. Mares e rios, bendizei o Senhor. Louvai-O numa eterna exaltação!"
(Dan 3:75-77)
173
172

Frank Duff
"Aquilo lá, à distância, é Croagh Patrick?". Nesta ocasião, Frank dava uma volta pelo condado de Mayo, com um sacerdote e quatro legionários, quando viu, à distância, a montanha que se erguia majestosamente, em forma de cone.
E era, de fato, a "Grand Monarch Mountain of Erin", chamada, por vezes, o Monte Sinai da Irlanda, mais conhecido por Croagh Patrick, porque, segundo a tradição, S. Patrício subiu a esta montanha e passou lá quarenta dias de Quaresma, em oração e penitência. Todos os anos, cerca de vinte mil peregrinos irlandeses sobem o Croagh Patrick, no último domingo de julho, para rezar e fazer penitência. A montanha tem cerca de setecentos e tal metros de altitude acima do nível do mar.
Frank sugeriu aos companheiros a marcha nessa direção e que fizessem uma peregrinação ao alto da montanha. Quem poderia discordar de tão sublime proposta?

Depois de três horas de laboriosa ascensão, atingiram o cume da "santa" montanha e rezaram as orações prescritas no lugar onde S. Patrício rezara, 500 anos antes. Enquanto Frank olhava para a terra que tanto amava, deve ter-se recordado, certamente, da oração de S. Patrício pelos irlandeses:
"Que nunca Deus permita que eu perca para sempre o Seu povo, que Ele resgatou até às extremidades da terra" (S. Patrício: Confissões).
Frank ficou surpreendido e entusiasmado com o encontro de uma legionária, no cume do Croag Patrick. Tratava-se de uma jovem Legionária de 13 anos, que estando em férias da escola de Westport, decidira subir ao pico do monte, com a sua irmã mais nova. Ficou radiante, naturalmente, por ter encontrado Frank Duff. "Incrível" pensou, certamente - "encontrar o Fundador da Legião no cimo do monte santo". O seu grande desgosto residia no fato de que os seus amigos Legionários de Westport nunca acreditariam nela, quando lhes contasse essa história "incrível". Frank sorriu. O seu coração pensou nos jovens. Não havia nada que não fizesse por eles. Passou a máquina fotográfica a um do grupo, dizendo-lhe... "Tira uma fotografia da minha jovem legionária comigo".
A descida foi, perigosamente, mais rápida que a subida. Pelo espaço de três quartos de milha, as pedras do caminho eram agudas e os passos no xisto provocavam escorregadelas. Frank caiu, várias vezes, e feriu-se numa perna, mas levemente. Quando chegou à base da montanha, causava dó ferido, pisado, com os cabelos em desalinho, mas nada de grave pela sua aventura, embora já, então, passasse dos setenta anos.

Algumas semanas mais tarde, uma jovem da escola, em maio, abriu, excitada, uma carta com o carimbo de Dublin. Era de Frank Duff. Trazia uma bela fotografia, dele e dela, no alto da montanha. Agora, os seus amigos legionários teriam de acreditar na sua história "incrível".
Frank era um verdadeiro patriota, no mais belo sentido da palavra. O seu patriotismo derivava de dois grandes amores-
da religião e o amor da sua terra.
o amor
Mostrava-se absolutamente inflexível quanto à posição da Legião em política: a Legião jamais deve imiscuir-se na política. Frank acreditava, no entanto, que prestava uma extraordinária contribuição para desenvolver no povo o sentido do verdadeiro patriotismo. Em muitas nações, fazia ele notar, há uma tendência do Estado moderno para alargar os seus poderes e arrogar-se as funções e obrigações morais que o Cristianismo considera como pertencentes ao indivíduo. Mas, afirmava também que uma tal inclinação, por parte do Estado, se devia, em grande parte à inércia dos cidadãos.
Se há desleixo sério e se os cidadãos não possuem um convincente sentido da responsabilidade acerca das deficiências do seu próprio meio, então o Estado é forçado, praticamente, a intervir. O problema, no entender de Frank, não residia precisamente na falta de espírito empreendedor e de iniciativa por parte dos cidadãos. O maior problema era o cinismo e cepticismo que, frequentemente, se infiltram numa comunidade e sufocam o espírito de decisão e de ação. Muitas vezes, é também a falta de coragem moral necessária para enfrentar problemas sérios e perseverar no esforço de solução. Na base, portanto, o problema é de ordem espiritual e envolve a falta de virtudes comunitárias, bem como uma compreensão imperfeita do papel abrangente da religião.
Onde reside pois a solução? Como levar as pessoas a tomar consciência das suas responsabilidades para com a comunidade? Como restaurar, na comunidade, os devidos

conceitos de honestidade e integridade em todas as esferas de ação da vida? Como fazer compreender, às pessoas, que a sua religião deve influenciar todos os aspectos da vida - social, cultural, educacional e recreativa? Como incentivar o espírito de sacrificio e de verdadeiro idealismo? Em síntese, como educar as pessoas no devido conceito de verdadeiro patriotismo?
175

Frank Duff
Tem
que
por si
mesma.
"Uma ordem melhor". dizia Frank-"não brota haver uma força que a anime. A minha fórmula, para esse princípio animador, é um Praesidium devidamente orientado". Frank expôs as suas ideias num opúsculo, intitulado "O Verdadeiro Amor à Nação", possivelmente sem rival, considerado como um dos estudos mais inteligentes deste tema.
Frank estava convencido de que o amor à própria nação não basta; deve ser um amor por motivos justos e entendido como parte da nossa própria religião. "Jesus e Maria viveram perfeitamente a vida comum da sua localidade. Seria impossível concebê-los indiferentes ou descuidados, sob qualquer aspecto. Hoje, o seu país é o mundo e cada lugar, a sua Nazaré" (Manual da L. de M.).
Frank sabia, pela sua larga experiência, que o espírito cívico, quando depende só do entusiasmo, não dura e, além disso, que um vago apelo a um humanitarismo cristão pode significar, na prática, pouco ou nada. Sabia também que um Catolicismo mediocre nada consegue no domínio do idealismo, do serviço e do sacrificio pessoal. De fato, a não ser que a comunidade ou ao menos uma parte substancial da mesma possa ser levada a uma compreensão razoavelmente sólida do Corpo Místico, dificilmente se poderá esperar que as melhores intenções e esforços consigam resultados substanciais e duradouros. "A última raiz ou justificação que posso descobrir para o patriotismo"-dizia Frank -"é a doutrina do Corpo Místico, em todos os seus pormenores". E, voltamos de novo ao Praesidium bem preparado, que está propondo esta doutrina aos seus membros, como força motriz, obrigando os membros a pensar em cada pessoa, em cada lugar e em todas as formas de vida. Mais importante ainda: exige dos seus membros um mínimo de duas horas de trabalho substancial cada semana, pondo assim esta doutrina em prática de forma concreta e pormenorizada. Pode ser o núcleo vivo de uma comunidade. Por meio dele, com o apoio exigido, uma área inteira pode ser levada gradualmente ao devido apreço deste dogma central do Cristianismo e, incidentalmente, à compreensão real do verdadeiro patriotismo.
O papel da Legião, neste campo, é exposto, resumidamente, pelo Padre Thomas Flynn: "O que a Legião tem para oferecer à ordem temporal não é um conhecimento ou competência excepcionais, não é uma perícia extraordinária, nem mesmo um grande número de trabalhadores mas, o dinamismo espiritual que a converteu numa força mundial que pode ser aproveitada para elevar qualquer setor do Povo de Deus que tenha a inteligência e o bom senso de emprega-la... Tome consciência de que o homem tem que viver no meio das coisas materiais, das quais depende em larga escala a sua própria salvação" (Man. 10.a ed., p. 77).
176
30
OMILAGRE DA AMERICA DO SUL

O MILAGRE DA AMÉRICA DO SUL

Frank Duff fora convidado a visitar o Colégio dos Irmãos Cristãos Irlandeses, em Marino, Dublin, para falar da Legião de Maria. Os Irmãos ficaram impressionados com a sua conferència. Um daqueles com quem a palestra mexeu mais profundamente foi Alfie Lambe, ainda noviço. Alfie, oriundo de Tullamore, Condado de Offaly, ardia em desejos de consagrar a Deus a sua vida como Irmão Cristão. A sua pouca saúde obrigou-o, todavia, a sair do Noviciado. Os seus superiores na Congregação dos Irmãos Cristãos, conhecidos pela promoção de todas as boas causas católicas e firmes defensores da Legião de Maria, animaram-no a entrar nesta Associação. Alfie tornou-se, desde o começo, um entusiasta da Legião. sorriso constante, extrema docilidade, Distinguia-se por um exuberância juvenil e um terno amor a Nossa Senhora, qualidades que o marcaram como Legionário de enormes possibilidades. Veio para Dublin e viveu no "Estrela da Manhã" com os irmãos Legionários internos. Aqui, esteve em íntimo contato com Frank Duff, de que muito se beneficiou. Tal como uma árvore novinha, plantada em terreno úmido e morno, se converte numa árvore vigorosa, assim se desenvolveu e amadureceu a vida espiritual de Alfie. Não demorou a ser designado para o trabalho de extensão da Legião, na Irlanda. Um dos primeiros mentores na Legião foi Seamus Grace. Ora, um dia, Alfie soube que Seamus se oferecera para Enviado da Legião e ia ser mandado para a América do Sul. Esta notícia eletrizou-o. Inevitavelmente, o seu pensamento voltava-se, também, para o trabalho de Enviado.

"Era isto, aquilo por que suspirava" - escreveu Frank, mais tarde - "algo verdadeiramente grande, a partida para o desconhecido à procura de almas em necessidade, pronto a pagar qualquer preço por elas. Mas não nos deixemos enganar a este respeito: o que o atraía era a ideia de uma doação completa de si mesmo".

Frank atribuirá sempre este maravilhoso progresso de espírito
à sua condição de Legionário. Parece nunca ter despontado nele a consciência de que ele próprio exercia uma influência, verdadeiramente invulgar, naqueles que o rodeavam. A sua fé ardente, a sua grande determinação, os seus sonhos de conquistar o mundo para Cristo, a

sua confiança ilimitada em Nossa Senhora e, acima de tudo, a inteira convicção com que falava tudo isto, de uma maneira ou outra exercia uma profunda influência nos seus ouvintes. Quando falava a um indivíduo, ou a pequenos grupos, fazia-o sempre devagar, num tom afável, e o seu espírito parecia comunicar-se às almas receptivas.

Alfie era uma destas almas receptivas. Não se lhe tornava necessário recordar quanto Frank lhe dissera. Bastava-lhe apanhar um pouco da chama da sede insaciável de Frank pelas almas e da sua inteira confiança no poder da Legião.

Em Abril de 1953, o Concilium designou, formalmente, Seamus Grace e Alfie Lambe para Enviados da Legião, na América do Sul. Seguiu-se um período de intensa preparação, que incluiu o estudo do espanhol. Foi marcado, eventualmente, o dia 15 de julho para a data da partida. Seamus e Alfie eram da Ordem Terceira Carmelita e gostariam de partir no dia 16, festa de Nossa Senhora do Monte Carmelo, mas, nesse dia, não tinham avião.

Frank e muitos outros Legionários e parentes viajaram para o aeroporto de Shannon, para se despedir deles. Os outros viajantes, que se preparavam para embarcar no mesmo avião, ficaram certamente numerosos Legionários ergueram, surpreendidos quando os repentinamente, a voz na reza unissona da Catena:

"Quem é esta que avança como a aurora,
formosa como a lua,
brilhante como o sol,
terrivel como um exército em ordem de batalha?
- A minha alta glorifica o Senhor...
O avião, cuja partida estava marcada para as 23.30 h, atrasou-se. Quando chegou a hora de levantar voo, passava da meia-noite. Seamus e Alfie trocaram olhares conscientes: haviam conseguido o que desejavam, partir a 16 de julho, festa de Nossa Senhora do Monte Carmelo.
Muitas horas mais tarde os dois Enviados contemplavam, lá do alto, o vasto continente da América do Sul. Quando o avião aterrou em Bogotá, capital da Colômbia, Joaquina Lucas (1) estava entre aqueles que os esperavam, para os saudar. Joaquina Lucas, uma Legionária
(Joaquina Lucas, licenciada e doutorada em Filosofia e Professora da Universidade de S. Pomas, em Manila, abandonou tudo aos 33 anos para se dedicar, em exclusividade, à Legião de Maria.

das Filipinas, já trabalhava como Enviada na América do Sul. Seamus foi considerado com experiência suficiente para trabalhar sozinho, como Enviado; entregou-se das cidades. Foi decidido, também, que Alfie trabalharia com a Joaquina, para adquirir mais experiência e melhorar o
conhecimento do espanhol. Constituiria, para ele, um
treino admirável. Juntos viajaram pelo país, fundando grupos aqui
e ali, dilatando
o Reino de Cristo. O país, muito diferente da nativa
Irlanda de Alfie, fascinava-o: as alturas vertiginosas das montanhas, as plantações de bananas, as extensões imensas de floresta intacta, a vegetação selvagem luxuriante, a coloração rara das flores.
Alguns meses depois, foi considerado com experiência suficiente para o seu trabalho de Enviado, e assumiu a responsabilidade da área que lhe foi designada. Joaquina avançou para o Brasil. Alfie trabalharia, agora, sozinho. Numa carta para Dublin, refere-se à muita falta que The faz a Joaquina, que fora para ele um verdadeiro anjo da guarda. Frank responde-lhe: "A vida é assim. As coisas só nos são dadas para, depois, nos serem tiradas. Mas, nem tudo nos é tirado; o valor fica".
Havia grande falta de sacerdotes na maior parte dos países da América do Sul, de que resultava uma dilatada ignorância da religião e escassa prática religiosa. Alfie trabalhou como animal de carga, fundando Praesidia da Legião, por perto e por longe, mesmo nas mais remotas aldeias das montanhas. Embora trabalhasse com rapidez, os seus métodos nada tinham de desmazelados. Era meticuloso e profundo em todas as coisas, e as suas maneiras delicadas e sinceras tornavam-no aceito por toda a parte.
Os Bispos, não só das dioceses vizinhas, mas também dos países próximos, passaram a tomar consciência do seu trabalho de Enviado da Legião. Estava a ser provado "que a Legião de Maria era capaz de estancar a sangria da Igreja (a fuga dos fiéis); de descobrir fontes ocultas de energia religiosa e de rodear sacerdotes e religiosos com um grupo de zelosos cooperadores leigos" (").
Em fevereiro de 1954, Alfie, a pedido do Concilium, viaja para o Equador, onde o Bispo, Mons. Echeverria, pedia a introdução da Legião de Maria. Alfie aprendera com Seamus

Grace a importância de recrutar e entusiasmar um grupo de extensionistas. Treinou-os e designou-lhes várias áreas distantes de trabalho. A responsabilidade que lhes confiou, transformou-os de Legionários vulgares em
(1) "Alfie Lambe", por Hilde Firtel (ed. Inglesa).

trabalhadores dinâmicos, pela Causa de Cristo. Daí resultaria, também, o rápido crescimento da Legião. Dentro de um período de tempo relativamente breve, havia 400 Praesidia no Equador, e a Igreja, neste país, testemunhava um novo Pentecostes.
Alfie era pressionado, por urgentes convites, para seguir para outros países da América do Sul, a fim de ali trabalhar. Passou para o Brasil. Já havia neste país três Enviados, mas o Brasil tem quase a mesma superficie da Europa e precisava de muitos mais Enviados.
Da sua torre de observação, em Dublin, Frank segue, pormenorizadamente, o itinerário de Alfie, dirigindo, guiando, animando. Sem jamais ter posto os pés no continente da América do Sul, Frank, mediante o dinamismo apostólico dos seus Enviados e da Legião de Maria, influenciava as vidas e destinos de milhares, talvez, milhões de pessoas.
Alfie Lambe que, como S. João Baptista, foi um precursor - o precursor da Legião de Maria, que Paulo VI considerou como "o maior Movimento fundado na Igreja para bem das almas, desde a época das grandes Ordens Religiosas".
Alfie poderia ter ficado no Brasil, se a decisão dependesse dele. Mas Frank, como perito general no campo de batalha, possuía derivado da uma extraordinária capacidade para avaliar as situações e as pessoas. - era, Cedo, reconheceu que o poder de influência de Alfie - santidade e da sua extraordinária habilidade para organizar verdadeiramente, fenomenal. A Argentina precisava de alguém deste calibre. O Concilium, por sugestão de Frank, deu ordem a Alfie para avançar para a Argentina, país onde consumirá o resto da sua vida, que será breve.

de úlceras no

A Argentina é uma nação enorme; mais uma vez, Alfie deverá percorrer milhares de quilômetros no cumprimento da sua missão. A sua saúde nunca fora forte; agora, parece deteriorar-se; passa a sofrer estômago. Apesar disso, prossegue o seu trabalho, sempre incansável, em busca de almas. É possível, que quando esteve no Noviciado dos Irmãos Cristãos, tenha aprendido esta oração: "Senhor, dai-me a graça de combater sem medir os custos; de mourejar, sem procurar descanso;
de trabalhar,
sem esperar recompensa,
exceto a de conhecer que estou fazendo a Vossa santissima
vontade".
Esta oração foi, e ainda é, muito popular na Irlanda, entre rapazes e moças que trabalham na aquisição da santidade. Revela, de maneira exata, o zelo pelas almas que se apoderou de Alfie. No Manual da Legião, Frank escrevera:
"O Legionário deve dar tudo quanto estiver em seu poder... Maria anseia por dar com profusão, mas não o pode fazer senão às almas generosas... O Legionário deve pretender, unicamente, de Maria que Ela acrescente, purifique, aperfeiçoe e sobrenaturalize a sua atividade natural, e torne os seus débeis esforços capazes de realizar aquilo que, aliás, lhe seria impossível - obras grandiosas em cuja realização, se preciso for, se hão de cumprir as

palavras da Escritura: os montes serão arrancados e precipitados no mar, a terra será aplanada e os caminhos serão endireitados, para se facilitar a entrada no reino de Deus".(1)
Alfie compreendera bem e assimilara, verdadeiramente, estas ideias. Exprimiu, mais do que uma vez, o seu grande desejo de "viver a Legião!". Foi de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de sacerdote em sacerdote, oferecendo-se para fundar a Legião de Maria, pregando por fatos e palavras, piedosamente e em espírito de fé e humildade, aceitando todas as dificuldades que as circunstâncias lhe impunham, quase nunca descansando, nunca se queixando, e sempre com uma ilimitada confiança em Nossa Senhora.
Deus abençoou, tanto os seus desejos como os seus esforços. Inumeráveis bispos e sacerdotes da Argentina, e de numerosos outros países da América do Sul, testemunharam a sua doação total ao serviço de Jesus e de Maria, e a extraordinária fecundidade dos seus trabalhos.
(1) Manual da L. de M., 10." edição, cap. 6, p. 36.

A descoberta da existência de uma comunidade dos Irmãos Cristãos Irlandeses, em Buenos Aires, trouxe-lhe grande alegria. Visitava-os sempre que tinha oportunidade, desejando revelar, assim, o apreço pela orientação espiritual de extraordinário valor, recebida durante os poucos anos passados no seu Noviciado de Dublin.
O Concilium ficou surpreendido, certo dia, com uma carta de Alfie, que lhes comunicava que começara a estudar russo. A Rússia exercia nele uma estranha fascinação. Referiu-se a este assunto, por várias vezes, nas cartas seguintes e, eventualmente, pediu ao Concilium que o deixasse visitar a Rússia. É possível que o Concilium o tivesse designado como Enviado para a Rússia, quando tivesse completado o seu trabalho na América do Sul, no caso, evidentemente, de a Rússia estar aberta a um Enviado da Legião.
Tal não aconteceria. Alfie foi atacado por uma inflexível e dolorosa forma de câncer. Morreu no dia 21 de janeiro de 1958, festa de Santa Inês, com a idade de 26 anos. Um dia antes de morrer, teve uma grande consolação: recebeu a notícia de que Noel Lynch, um jovem Legionário de Dublin, tinha sido nomeado, pelo Concilium, para ser seu ajudante na Argentina. Alfie sabia, agora, que não viveria tempo suficiente para treinar o novo Enviado, como o Concilium lhe solicitara. Mas, iria ajudá-lo, com certeza, "lá de cima".
No seu livro sobre Alfie Lambe, escreveu Hilde Firtel: "A vida de Alfie Lambe foi como um meteoro. Brilha, instantaneamente, diante do nosso olhar, eleva-se a alturas vertiginosas e, mal admiramos o seu esplendor, desaparece. Mas, enquanto que o meteoro não deixa vestígios, o trabalho de Alfie prospera e floresce em todos os países onde trabalhou. A chama que consumiu este irlandês e que ele soube atear nos que o rodeavam, tornou-se fogo intenso que se apoderou de um continente inteiro".(1)
31
NUNCIOS E ENVIADOS
NÚNCIOS E ENVIADOS
"Sr. Duff, tenho notícias maravilhosas para o senhor". Era Eleanor Butler, Condessa de Wicklow, que fora uma
Legionária entusiasta. "Acabo de chegar de Paris" - disse. "Tive ali uma longa conversa com o Núncio Apostólico, que manifestou grande interesse pela Legião de Maria. Fez-me inúmeras perguntas sobre o senhor e depois, deu-me um recado para lhe transmitir, pessoalmente".

Frank ficou ansioso e emocionado com esta noticia Recordava-se muito bem de que este mesmo Núncio escrevera, outrora, de Istambul, pela mão do seu secretário, Mons. Tom Ryan, para a direção da Legião, pedindo informações pormenorizadas sobre a mesma. Mais tarde, S. Ex.a fora designado para exercer o mesmo cargo, na França.
Frank fora à França muitos anos antes para ajudar a lançar
a semente da Legião. Por feliz "coincidência", a sua entrevista com o Cardeal Arcebispo de Paris acontecera no momento exato em que fazia cem anos da aparição de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. No entanto, a Legião tardara em crescer. Alguns bispos, incluindo o Cardeal, desejavam-na; outros, porém, preferiam formas mais tradicionais de Ação Católica.
- "Muito bem, muito bem!"-disse Frank à Condessa. "Isto
é muitíssimo interessante. Espero com impaciência o que tem a dizer- me da parte do Núncio".
continuou a Condessa: "Quando - "S. Ex.a disse-me" regressar à Irlanda apresente os meus cumprimentos ao Sr. Frank Duff e diga-lhe que, mesmo que os Bispos de França estejam divididos sobre a Legião, eu sou a favor dela, de alma e coração. O método proposto é exato. "Procurar ir ter com o indivíduo em espírito de fé e de amor: aí reside o cerne do problema".
Frank ficou exultante. Constituía um grande estímulo ouvir dizer que a Legião ganhara a estima e aprovação de tão digno e importante personagem.
(1) "Alfie Lambe", por H. Firtel, p. 124, ed. inglesa. 182
183

Frank Duff
Frank parecia um homem que vivia, a toda a hora, o desassossego do Espírito Santo. Mesmo quando tudo corria bem, Frank não descansava; continuava a estudar novas situações e necessidades, planejando os métodos da Legião para ajudar a resolver as dificuldades, encontradas ou emergentes.
Uma das necessidades, como ele a via, era a descoberta de um método de educação religiosa de adultos, capaz de abranger grande número de pessoas e de apresentar as verdades religiosas - e a sua aplicação à vida humana - de uma forma razoavelmente atrativa.
Frank tomou consciência do fato lastimável de que, em geral, os católicos não falam de religião aos que estão fora da Igreja e, raramente, aos que estão dentro. Em muitos casos, isso deve-se ao fato de não possuírem conhecimento suficiente das verdades religiosas, o que os leva a sentirem-se incompetentes ou tímidos para debater a religião com os outros. Em outros casos, esta atitude deve-se à ideia falsa e destruidora de que a religião é um assunto privado, que não deve ser debatido publicamente.
A resposta de Frank a este problema são os Patrícios. "A sua finalidade consiste em desenvolver os conhecimentos religiosos das pessoas, ensiná-las a explicarem-se e encorajá-las ao apostolado" (Mn. 38-257).
O Padre J. Brophy descreve, brevemente, o espírito dos
Patrícios:
"Nós, os cristãos, como irmãos de Cristo, pertencemos à família de Deus. Pensar acerca da Fé, conversar sobre ela e discutir a sua aplicação, naquele espírito que animava o Senhor e os Apóstolos quando conversavam sobre os ensinamentos do dia, depois de uma jornada missionária, na Galileia - eis o espírito dos Patrícios" (Mn. 38-269).
O capítulo que Frank escreveu, expondo não só como são feitas as reuniões dos Patrícios, mas também -e isto é, ainda, mais fundamental-os princípios espirituais e psicológicos em

que assenta a associação, representa uma valiosíssima contribuição no campo da educação religiosa.

NONCIOS E ENVIADOS

A Legião difundia-se rapidamente pelo mundo, mas havia ainda algumas áreas em que era desconhecida. Frank procurava voluntários para partirem como Enviados.

"Sr. Duff, estou pronta para partir como Enviada da Legião,
se o Sr. me achar capaz".

Quem assim falava era a jovem Phyllis Dowdall. Tinha já uma experiência razoável e era uma entusiasta ilimitada.

Frank ficou muito contente. Chegara no momento exato; era preciso um Enviado para o Vietnam. Por várias razões, no entanto, este projeto teve que ser adiado; por isso, Frank propôs a Phyllis um trabalho de exploração entre os emigrantes irlandeses, na Inglaterra. O Arcebispo pedira a Frank para designar um Legionário para esta missão especial.

Todavia, no último momento, quando Phyllis fez o exame médico requerido em tais circunstâncias, verificou-se que a sua saúde não era perfeita. Em vez de partir, como Enviada, em missão, três dias mais tarde entrava, como doente, no Hospital "Pembroke Nursing Home", de Dublin.

Sempre fiel amigo dos seus Legionários e sentindo, sem dúvida, que tinha uma dívida especial de gratidão para com esta jovem que se oferecera generosamente como Enviada, Frank deixou o seu movimentado escritório, montou na bicicleta e foi visitá-la no Hospital. Phyllis ficou maravilhada com ele e muito honrada com a sua visita; a sua alegria foi ainda maior quando ele apareceu na semana seguinte e nas numerosas semanas, em que esteve retida no Hospital. Estava deveras espantada, pois conhecendo-o como pessoa ocupadíssima com os problemas legionários do mundo inteiro, ainda encontrava tempo para prestar tanta atenção a uma só pessoa. Frank veio visitá-la, semana após semana, durante os dez meses que ela esteve no hospital, passando com ela, ao menos, uma hora de cada vez.

Para Frank, o mundo compunha-se de indivíduos e cada indivíduo era outro Cristo que devia ser reverenciado e servido. A sua visita não se revestia de caráter solene ou piedoso. Conversava sobre todas as coisas existentes debaixo do sol; conversava sobre as suas experiências; contava anedotas; gracejava. Tinha a sua maneira delicada de confortar e consolar, e levantar o ânimo duma pessoa doente.

A Sr.a Ryan partilhava o mesmo quarto com Phyllis. Esta recrutou-a para membro auxiliar da Legião. Um dia, a Sr.a Ryan
rezava as orações da Legião:

"Phyllis" - disse ela — "quem redigiu estas belas orações?" -"Bem, tanto quanto sei, foi o Sr. Duff' — respondeu.

"Deve ser um homem deveras maravilhoso; deve ser um santo!" -"Bem, seja o que for, a Sr.a vai ter oportunidade de vê-lo, pois vem visitar-me todas as semanas".

- "Poderia dizer-me quando ele vier?...".
- "Certamente...".

No dia seguinte Frank veio fazer a sua visita semanal Pendurado na extremidade da cama de Phyllis estava um roupão de seda vermelha. Frank o pegou, vestiu-o e divertiu-se no quarto, rindo
de satisfação.
"Estou tentando ver como é que eu
-"Sr. Duff'-disse Phyllis-"o que é que o senhor está fazendo?". pareceria como cardeal". Da sua cama, a Sr.a Ryan, a nova auxiliar, olhava o caso, espantada, e adquiria novos conhecimentos sobre a santidade do
"santo fundador".
Por ocasião de uma visita, Frank abriu uma garrafa de cerveja que havia sido receitada pelo médico a Phyllis. Parecia vazia. Frank, sem grande experiência neste assunto, sacudiu a garrafa para lhe dar um pouco de espuma. De fato, produziu espuma que saltou para os tapetes, a roupa da cama e o próprio Frank. Sem se desconcertar, Frank riu de todo o coração.
"Que é
que
vai
i pensar Peg McDonnell, quando eu regressar à Regina Coeli, cheirando a "Guinness?". Fank gozava imenso com uma partida, à própria custa.
*
Sua Eminência o Cardeal Roncalli, então Núncio em Paris, disse acerca da Legião de Maria: "Procurar ir ter com o individuo, em espírito de fé e amor, -ai reside o cerne da questão". Mais tarde, viria a ser o Papa João XXIII e diria também: "A Legião de Maria apresenta a verdadeira face da Igreja Católica".

va na pequena cozinha do Regina Coeli, onde costumava tomar as refeições com as irmãs Legionárias. Num determinado momento, o
Era o dia 28 de outubro de 1958. Frank passea
intercomunicador da cozinha anunciou que o
Colégio de Cardeais
surpreendente, embora, a julgar pela grande alegria
e agitação
acabava de eleger o novo Papa. A escolha dos Cardeais fora deveras da multidão apinhada na Praça de S. Pedro, em Roma, fosse um acontecimento para saudar com o grito sincero e repetido de "Viva il Frank ficou profundamente emocionado. A notícia apanhou-o
Papa!".
verdade. Mas,
inteiramente de surpresa; parecia bom demais para ser era verdade. Pôs-se de pé decidido a telefonar imediatamente velha amiga dando-lhe a boa nova; sabia que ela ficaria ele.
Passou ao aposento vizinho, onde se encontrava o
como
contente telefone, mas,
antes de levantar o fone do gancho, o telefone tocou. Era Eleanor
Butler, Condessa de Wicklow.
-"Ora, bem":-disse Frank-"eu estava para lhe telefonar;

ouviu a notícia?".
"Ouvi, sem dúvida" - disse ela - comunicar, no caso de a não ter ouvido".
"telefonei para lhe
E, pelo telefone, recordaram o feliz acontecimento, passado dez anos antes, em que o Núncio Apostólico na França, exprimia a sua total confiança na Legião de Maria. Era esse Núncio - o Cardeal Roncalli - que acabava de ser eleito Papa, tomando o nome de João XXIII
Menos de dois anos depois da sua eleição, João XXIII daria a maior aprovação possível à Legião, quando declarou aos Legionários da França, em 13 de julho de 1960: "A Legião de Maria apresenta a verdadeira face da Igreja Católica".
32
"NÃO TENHO MEDO DE MORRER
"NÃO TENHO MEDO DE
MORRER!"
Chegavam relatórios de todas as partes do mundo, contando os
feitos maravilhosos levados a cabo pela Legião de Maria. No entanto, parecia haver intermináveis problemas, intermináveis inquietações,
uma tensão tremenda. Frank escrevia uma carta reveladora, a uma
religiosa:
"Prezada Irmã,
Julgo poder declarar-lhe que a maior parte da minha vida se passou numa situação de cansaço. Comigo, este cansaço não foi, exatamente, de natureza nervosa, como imagino que é o seu. Foi, precisamente, uma fadiga sem medida, provocada por trabalhos incessantes e deprimentes".
Em 1963, Frank passou pelo que podemos considerar o maior sofrimento da sua vida. O edifício do Lar Regina Coeli foi ameaçado de encerramento. Aqueles que, originariamente, haviam cedido o edificio para um Lar de Mulheres Abandonadas, tinham deixado de exercer cargos governamentais. Os que, então, se encontravam revestidos de autoridade, no Governo Local, decidiram que o edificio se havia deteriorado e não estava em condições de albergar quem quer que fosse. Por outro lado, não se prontificavam a honrar os compromissos dos seus predecessores quanto às reparações, à custa do Departamento do Estado. No melhor dos casos, poderia dizer-se que fora um caso de incompreensão. O fato cru é que a Legião recebera ordens para sair do edifício. escreveria Frank, pouco tempo "O horror da situação" depois "era indescritível. O que tivemos de encarar, de um momento para o outro, foi a abominável situação de 250 pessoas, das mais desamparadas e vulneráveis da população, condenadas à destruição. No espaço de um minuto, o trabalho que levara 33 anos de desesperados esforços e extrema dedicação por parte de muitos, ia ser lançado ao vento. Mas, não se tratava apenas de 250 pessoas,
189

mas de multidões que, no futuro, estariam destinadas ao tendo arrancada de suas mãos a arca que as poderia ter salvo. Uma tal naufrágio, perspectiva era insuportável. Não posso pensar no caso, mesmo agora, sem estremecer de sofrimento".
Nos primeiros tempos da Legião, todas as grandes crises que surgiam eram debatidas com o Sr. Lalor. Se, nem sempre podia resolver os problemas, derramava, ao menos, um pouco de bálsamo na alma aflita de Frank. Mas o Sr. Lalor fora receber a eterna recompensa, havia muito tempo. Agora, a quem poderia Frank recorrer, em busca de consolação? Ceder

a apiedar-se de si mesmo, ou simplesmente desesperar, era imperdoável e, em todo o caso, absolutamente indigno de alguém consagrado a Nossa Senhora. Havia, todavia, uma solução honrosa e santa. E Frank encontrou-a. Eis como ele a descreve:
"Procurei enterrar-me, a mim e à minha angústia, em Maria, manter-me de pé junto da Cruz de Seu Filho e sua, fundindo a minha dor com a d'Ela. Achei, quase fácil, fazer isso, em virtude de me trazer visível alívio fisico. Reduziu a minha situação à sua devida perspectiva; a minha tortura diminuiu. Mantive o domínio de mim mesmo".
Afinal, eventualmente, a crise passaria e o Lar seria salvo. As 250 residentes do Lar vieram ter com Frank e apertar-lhe a mão, agradecendo-lhe tudo quanto fizera, de forma simples e inimitável: "Deus o abençoe, Sr. Duff; se não fosse o Sr., onde é que nós estaríamos?". E a vida retomou, mais uma vez, o seu andamento normal.
Podemos supor que dali em diante o grande quadro de Nossa Senhora das Dores, que embeleza uma parede da capela do Lar Regina Coeli, recebeu de Frank Duff um olhar de especial afeto, sempre que passava por ele, diariamente, por ocasião da santa Missa.
O terço das Sete Dores de Maria foi sempre uma das suas orações diárias favoritas, além do Terço normal. O significado, agora, deve ter sido ainda maior.
É possível que o extremo esgotamento nervoso, provocado por estas preocupações, contribuísse para a grave doença de Frank, alguns meses mais tarde. Sofreu um ataque. Prometera dar uma palestra na manhã de segunda-feira aos estudantes de Ciências Sociais da Universidade. De manhã, sentiu- se doente, mas teimou em ir à Missa. Em seguida, viajou de ônibus.

Quando desceu do ônibus, sentiu-se muito fraco. Felizmente, viu um homem do Lar Estrela da Manhã, a quem pediu para ajuda-lo a caminhar. Chegou à Universidade e começou a conferência. Ao fim de dez minutos, pediu licença para interromper a palestra por uns instantes; de fato, porém, foi incapaz de retoma-la. Blathnaid O'Broin, cujo pai era um grande amigo de Frank, estava presente entre os assistentes. Alarmada com o estado de Frank, colocou-o no carro e levou-o para casa.
Na manhã seguinte, lutou para sair da cama e com o auxílio de uma bengala caminhou até à Igreja dos Capuchinhos, na Rua da Igreja, para tomar parte na santa Missa. Depois desta, regressou à casa, mas ao entrar no Lar Regina Coeli, caiu por terra. Levantaram-no com cuidado e o deitaram num divă. A Sr.a McDon-nell, governanta da casa na ocasião, pensou que estava morto. Lentamente, porém, Frank adquiriu a consciência.
O telefone tocou na casa do Dr. Monahan, em Navan. O Doutor, que estava casado com a irmã de Frank, recebeu a notícia da situação do cunhado e partiu, imediatamente, no seu carro, com a esposa, Sara Geraldine, e levou-o para Navan.
Segundo a opinião do Dr. Monahan, Frank sofrera, provavelmente, um leve ataque, provocado por um esgotamento total. Prescreveu-lhe um período de descanso absoluto. Frank ficou cinco meses em Navan, com a sua irmã e o marido, retemperando as forças e procurando readquirir um pouco da sua antiga força e energia. Tinha, então, setenta e cinco anos. Numa determinada fase da doença, o Dr. Monahan verificou que Frank tinha tendência para dormir longas horas e ficou alarmado. Pensou que Frank poderia estar caindo em coma, como a que precede a morte. Levou-o ao "Mater Hospital" de Dublin, onde foi submetido a um exame médico, completo e minucioso.
estadia no hospital, Frank levantava-se, Durante a decididamente da cama todos os dias para participar na santa Missa. A Missa fora sempre o centro da sua vida e a Comunhão, o seu alimento diário. Segundo os cálculos humanos, seríamos levados a pensar que Frank

agradaria mais a Deus, ficando na cama, tendo assim maiores possibilidades de recobrar a saúde. Afinal, não estava em jogo a sua vida? Havia, porém, muito tempo que Frank se exercitava a pensar a um nível diferente, ao nível da Fé, e não tinha qualquer escrúpulo em proceder daquela forma. Além disso, era um combatente. Na sua vida, passara por muitas situações difíceis. Com fé viva - e nada mais - movimentara-se até aos limites da resistência; esforçara-se por abrir caminho através de várias crises por que passara. Seria inconcebível

que mudasse agora na sua maneira de agir.
Providencialmente para ele, nessa ocasião havia alguns sacerdotes no hospital como pacientes, que celebravam a santa Missa num pequeno corredor que lhes servia de capela. Deste modo, Frank pôde participar, diariamente, na Missa e receber a Sagrada Comunhão. Mal tinha forças para se arrastar até lá.
Enquanto Frank esteve a restabelecer a saúde em Navan, em casa da irmã, Sara Geraldine, e do seu marido, Dr. Monahan, o sacerdote local, Padre Herbert, trouxe-lhe, diariamente, a Sagrada Comunhão. Constituía para Frank uma grande consolação, que ele agradecia imenso. Uma manhã, Frank estava tão fraco que o Dr. Monahan ficou deveras preocupado. Quando o Padre Herbert chegou e lhe deu a Sagrada Comunhão, o Dr. Monahan chamou-o para outro quarto e disse-lhe:
"Padre, o estado de Frank é muito fraco. Julgo que devia ser ungido". "Nesse caso, não há que demorar. Vou até em casa e regresso, mais tarde, com os Santos Óleos. Frank tem conhecimento do estado em que se encontra?".
"Penso que não".
De fato, não tinha a mínima ideia de que estava tão doente. Quando o Padre Herbert apareceu, mais uma vez, no mesmo dia, ficou muito surpreendido.
O Padre Herbert conversou amavelmente com ele, por alguns momentos. Não sabia bem como comunicar a Frank que viera para ungi- lo. Muito timidamente, começou a explicar-lhe o "novo pensar" da Igreja sobre o Sacramento da Santa Unção, que era um Sacramento dos Vivos e não devia ser relacionado, automaticamente, com os moribundos.
Lentamente, fez-se luz em Frank. A sua reação foi calma e prática. Pensou consigo: "Afinal, a verdade é simples: vou morrer". Para grande alívio do Padre Herbert, Frank disse. "Padre Herbert, se deseja ungir-me, estou aqui. Não tenho medo". O sacerdote exprimiu a sua felicidade por uma tal compreensão e resignação.
certo receio..."
"Sr. Duff' disse-lhe "o Sr. sabe que algumas pessoas têm
"Eu, não. Ficarei muito contente, se acha que devo ser ungido". E o Padre Herbert, sem mais, passou a administrar-lhe o Sacramento da Santa Unção dos doentes. Era Quinta-feira Santa.
Quando o sacerdote se retirou, Frank ficou sozinho, entregue aos seus pensamentos. Mais tarde, quando recobrou a saúde, descreveu os seus sentimentos nesse momento:
"Senti-me extremamente dominado por uma profunda felicidade.
OUR SE MOR
Não pensei nos aspectos superiores da mesma. Fiquei paralisado de alegria, ao pensar que ia juntar-me à minha família. Podia ver cada um dos seus membros, à minha espera. A alegria que senti foi tão grande que, depois de recuperar a saúde, rezei muito para que,

quando o meu tempo de morrer chegar de fato, a ocasião não seja menos promissora, que eu não tenha medo e fique radiante com a mesma alegria".
O período de cinco meses de recuperação na casa do cunhado, em Navan, foi, para Frank, de grande paz e tranquilidade. Durante muito tempo, esteve seriamente doente e extremamente fraco, mas a doença não lhe provocava grande sofrimento ou aflição. O Dr. Monahan, no tratamento de um paciente, tomava em consideração todos os aspectos da maneira de ser da pessoa. Sabia bem que se ordenasse a Frank para não fazer trabalho algum, uma tal ordem lhe faria mais mal do que bem. Por isso, prescreveu a Frank que podia fazer tanto trabalho quanto quisesse, contanto que ficasse de cama. Frank ficou satisfeito e feliz com tal receita. De fato, fez muito pensando, planejando, escrevendo, revendo trabalho na cama provas tipográficas. Completou mesmo uma revisão do Manual da Legião. Escreveu numerosos artigos para os jornais. E evidentemente, rezava o breviário (ou Oficio Divino) e muitas outras orações, todos os dias. Quando se sentia cansado, dormia. A receita deu resultado. Apesar da sua extrema fraqueza, Frank achou a estadia com a família Monahan uma experiência reconfortante. O Doutor permitia- lhe pôr-se a pé todas as tardes, depois do chá. Nesse momento, descia e convivia com a família. Conversavam e recordavam o passado, como é costume das famílias quando se reúnem, e viam televisão. Tomavam, ainda, outra chávena de chá. Havia tempo livre, repouso, nenhuma ansiedade, como Frank nunca antes tivera oportunidade de experimentar.
À medida que a sua saúde melhorava, gradualmente, era-lhe permitido levantar-se mais cedo e fazer exercícios físicos. O Dr. Monahan costumava levá-lo de carro, muitas vezes, a uns 6 kms de distância, deixá- lo numa pequena ponte que atravessa o Rio Boyne e ir buscá-lo em uma outra ponte, no extremo do Vale do Boyne. O Doutor considerava o andar um tônico ótimo. E Frank gostava dele. Nunca andara muito a pé, pelo simples motivo de que nunca tivera tempo para isso.
O Vale do Boyne é um dos lugares mais pitorescos de toda a
193
192
IN

Rank Duff
Irlanda. Mede cerca de 6 kms de extensão. Frank achava que a marcha pela margem do rio tonificava o corpo e descontraía o espírito. Os seus olhos observavam tudo, nos mais maravilhosos pormenores. Por vezes, o rio Boyne mostra-se preguiçoso; não revela a mínima pressa e segue seu rumo indolentemente. Em outros lugares, muda de ritmo, por causa do desnivel do solo ou do estrangulamento entre rochedos; depois, acorda repentinamente e troveja raivoso e impaciente, desafiando os rochedos que pretendem barrar-lhe a passagem. Os salgueiros marginais vergam-se sobre a corrente e os canaviais e os juncos mergulham o pé nas águas que os refrescam.
Quando Frank caminhava descuidado pela estreita via que corre paralela ao rio, verificava que algumas áreas estavam cobertas de erva luxuriante, característica dos condados centrais da Irlanda. Estes percursos eram mais cansativos para o transeunte, mas como as horas lhe pertenciam e o tempo estava maravilhoso, Frank sentava-se num velho tronco de árvore que o inverno derrubara ou em algum recanto acolhedor que a natureza preparara junto da margem do rio, e descansava. Prestava atenção a tudo quanto o rodeava, com grande satisfação pessoal, sobretudo aos seres vivos, grandes e pequenos
o gado vacum, os carneiros e ovelhas que pastavam nos terrenos relvados que marginavam o rio, os pássaros que voavam em diversos sentidos, cantando as suas melodias, os insetos

poderosos na sua esfera, descansando em uma pequenina folha de erva. Ocasionalmente, um salmão ou uma truta saltavam acima do nível das águas para apanhar uma libélula suculenta. Um choque na água, uma quebra momentânea de silêncio, e, de novo, a paz descia sobre o ambiente. Um pouco mais adiante, o rio retomava o seu canto singular de louvor a Deus. As águas eram límpidas, tradicional símbolo cristão de vida e renovação. Nos últimos anos, Frank recordava o seu tempo de convalescença, em Navan, como um dos períodos mais felizes da sua vida.
Voltou a Dublin um novo homem e retomou o trabalho onde o tinha deixado. Além disso, as suas férias forçadas haviam despertado nele um conjunto de ideias novas que precisavam de ser postas à prova. Antecipara apenas um tempo ocupadíssimo.
Importa, porém, reconhecer, que não tomara consciência da imensa tarefa e terrível responsabilidade que o esperavam. Tudo chegou de um momento para o outro, rápido e inesperadamente. Reconheceu o carimbo postal do Vaticano. Era um convite para se apresentar em Roma e participar no Concílio Vaticano, como observador leigo oficial.
194
33
SERVADOR LEGO
VATICANO
OBSERVADOR LEIGO NO
VATICANO II
Foi no começo da tarde de 11 de setembro de 1965 No aeroporto "Leonardo da Vinci", de Roma, & Bispo Monsenhor Crawford e o Padre Ronan Cusack, dominicanos, esperavam pelo avião, vindo de Dublin. Aguardavam um importante viajante que seria seu hóspede, durante a estadia em Roma.
Às 16.00 h, o avião aterrou. Aberta a porta, dela emergiram uma série de bispos que começaram a atravessar a pista de aterragem Vinham da Irlanda, Inglaterra, País de Gales e Escócia, para participar na Sessão do Vaticano II. Saiu depois um leigo, Frank Duff, a que o traje civil dava maior relevo entre as dignidades eclesiásticas. Era este o hóspede esperado por Mons. Crawford e o Padre Ronan. Ficaria na casa dos Dominicanos, durante os três meses da sua estadia.
Também os Legionários romanos vieram ao aeroporto para acolher Frank na Cidade Eterna. Desde o começo, Frank sente-se inteiramente à vontade.
Com espanto para muitos, Frank não fora convidado para a Primeira Sessão Conciliar, ao contrário de outros leigos. Provavelmente, a razão poderia basear-se no fato de não procurar tal convite. Tornava-se, porém, cada vez mais claro, que devia ser convidado, pois muitas das ideias, que os Padres Conciliares estavam debatendo e promovendo, haviam sido defendidas por Frank, desde 1921, e estavam incorporadas no sistema da Legião, exposto no Manual.
Antes de partir para Roma, Frank estudara os Decretos publicados pelo Concílio. Deve ter ficado verdadeiramente satisfeito com a Constituição Dogmática sobre a Igreja e o capítulo, nela inserido, sobre Nossa Senhora no Mistério de Cristo e da Igreja. As ideias deste capítulo eram extraordinariamente semelhantes, até na apresentação, àquilo que ele escrevera sobre o mesmo assunto, trinta anos antes, no opúsculo que intitulara "O Telescópio de Montfort". Gostaria, no entanto, que o Concilio desenvolvesse mais as implicações práticas da doutrina da Maternidade de Maria, na sua relação com o gênero humano, e a ligação necessária, como ele a via, entre a Verdadeira
995

Frank Duff
Devoção a Maria e o Apostolado.
Quando Frank recebeu o convite para ir a Roma participar nas restantes sessões do Concílio, não falou a ninguém neste assunto. Se tivesse decidido não ir - e parece ter hesitado é provável que jamais tivesse falado a alguém no caso. Mas, o Núncio Papal, em Dublin, fora devidamente informado deste convite, como é normal, e tinha que certificar-se se Frank aceitava ou não.
Porque é que Frank hesitaria? Tinha, então, 76 anos e acabava de se restabelecer, mais ou menos perfeitamente, de uma doença séria. Estava retomando o trabalho, tanto quanto lhe era possível, mas cansava-se ainda com facilidade. Dissera-lhe o médico que fora o excesso de trabalho que provocara a doença. Achava que se fosse a Roma, para assistir ao Concílio, morreria lá. Confiou esta perspectiva a um amigo, depois de regressar do Concílio. É absolutamente certo que morrer não lhe metia medo, mas a perspectiva de morrer em Roma, com os inconvenientes que o fato acarretaria, provocavam-lhe grande apreensão. Por outro lado, o convite de Roma era para ele um chamamento do Senhor. Quando deixou Dublin, no avião a caminho de Roma, estava convencido de que não voltaria vivo.
*
No dia seguinte à chegada a Roma, Frank visitou o Coliseu e o Fórum. Ambos os lugares, na sua maneira própria, devem ter atingido uma corda impressionável no seu coração: o Fórum, por causa da sua o derramamento de sangue formação nos escritores clássicos; o Coliseu, porque lhe recordava a mais sublime forma de Cristianismo
pela fé. Seria a sua única volta turística de Roma. Dali em diante, os dias cheios ofereceram-lhe raras oportunidades para visitar os lugares que recordavam as glórias da antiga Roma imperial.
O Concílio reabriu formalmente a 14 de setembro. Frank ficou profundamente impressionado com o esplendor maravilhoso das cerimônias. Como um dos auditores leigos, foi-lhe dado um ótimo lugar, que o tornava capaz de seguir tudo com facilidade e satisfação.
No entanto, quando os debates do Concílio começaram, teve dificuldade em compreender os oradores. O seu conhecimento do latim era extremamente perfeito, mas não tinha prática de conversação ou de discursos, em latim clássico. Teria que contentar-se com a substância dos debates, depois das sessões, a caminho do 'bar'. A maior parte das

vezes, no entanto, não chegava lá. Cortavam-lhe o caminho. Cardeais, bispos, superiores religiosos reconheciam-no e aproximavam-se dele de braços abertos, com calorosas saudações. Muitos deles já o tinham visitado na Irlanda. Haviam promovido a Legião de María nas suas dioceses e estavam entusiasmados com ela. Outros dignitários da Igreja, que o não conheciam, paravam de repente, quando viam a Vexillina de ouro na sua lapela e exclamavam: "Ah! o Sr. deve ser Frank Duff!". Frank sentia-se eternamente grato aos Legionários do Gana que lhe haviam oferecido aquela Vexillina.
"Oh!"
exclamava, mais tarde - "era emocionante ver todos aqueles bispos dos confins da terra saudarem-me entusiasticamente, porque eu representava a Legião".
Frank esteve presente nas deliberações sobre "O Ministério
e a Vida dos Sacerdotes" e sobre "O Apostolado dos Leigos". Considerava estes dois temas interrelacionados. Se o leigo deve ser formado e treinado no apostolado, esse treino depende, sobretudo, do sacerdote.

Mesmo nos dias da sua juventude, Frank jamais pôde compreender o conceito de "bom sacerdote" como "aquele que presta bom serviço ao povo, mantém a igreja e a paróquia em boa forma e reza bem a Missa e as orações". Para Frank, isto não bastava. Faltava um elemento importante, digamos mesmo, vital: o sacerdote deve formar o povo para ser apóstolo. No Batismo, os cristãos são incorporados na Igreja, Corpo Místico de Cristo, e, por isso, chamados a partilhar a missão da Igreja. "A Igreja só tem uma razão de existir" declarou solenemente Pio XI - “a extensão, ao mundo inteiro, do Reino de Cristo, para que todos os homens participem da Sua Redenção salvadora" (Man. cap. 40, ponto 3).
Havia mais de quarenta anos, que Frank expusera e propagava, diligente e perseverantemente, através da Legião de Maria e do Manual da Legião, pelos quatro cantos do globo, a doutrina do Corpo Místico e o consequente dever de o laicado ser apóstolo.
Que grande alegria deve ter experimentado, quando, no fim da sessão sobre o Apostolado dos Leigos, os Padres Conciliares decretaram: "Os sacerdotes, na catequese e na pregação, na direção espiritual bem como em outras atividades pastorais, tenham em conta a formação dos leigos para o apostolado" (A.A. 30). E ainda... "Quanto ao apostolado em ordem à evangelização e santificação dos homens, devem os leigos receber uma formação especial para estabelecerem o

diálogo com os outros, quer crentes, quer não crentes, e comunicarem a todos a mensagem cristã" (Ibidem31).
Num momento apropriado, durante uma das Sessões, o Cardeal Heenan, da Inglaterra, chamou a atenção dos 2.500 bispos para a presença de Frank Duff, na assembleia. Esta declaração desencadeou uma estrondosa e prolongada ovação, gesto sincero do apreço da Hierarquia pelo que este leigo fizera pela Igreja.
Como seria de esperar, no fim da Sessão Conciliar de cada dia, Frank sentia-se completamente exausto, mas os seus amigos dominicanos levavam-no para a sua casa de S. Clemente, para almoçar e descansar um pouco. O Padre Anselmo, o Prior, era um velho amigo e fez quanto estava ao seu alcance para tornar a sua estadia confortável e aprazível. A atmosfera descontraída de S. Clemente e a hospitalidade dos dominicanos foram fatores de enorme importância que possibilitaram a Frank sobreviver durante estes três meses, extremamente cansativos.
Deve ter havido, também, uma pequena ajuda sobrenatural, pois o trabalho de Frank não terminava com o fim das Sessões Conciliares diárias. Em certo sentido, o seu principal trabalho só então começava e era consagrado, exclusivamente, à Legião. Deu trinta e duas conferências. Pouco depois da sua chegada, os bispos irlandeses pediram-lhe que lhes falasse. Em seguida, foi a vez de falar a uns 200 bispos de língua inglesa. Quando os bispos franceses e os bispos de língua francesa, de vários países, o convidaram, ofereceram-lhe um tradutor. Com certo acanhamento, foi-lhes dizendo que não precisava de intérprete. Regressou a S. Clemente, escreveu a conferência num francês impecável e proferiu-a no momento oportuno.
Deu também conferências a outros grupos, por exemplo, aos bispos da Congregação dos padres de Mill Hill, e aos bispos da S. do V. Divino; nos grandes Colégios, nos Seminários e nas Casas-Mãe de várias Ordens Religiosas. Estas conferências requeriam-lhe muitas horas de preparação. Mais do que isso: no seu tempo "livre", escreveu umas duzentas

cartas, vários artigos e memorandos, e deu muitíssimas entrevistas pessoais. É quase certo que nenhum bispo do Concilio esteve tão ocupado, durante estes três meses.
este sentia-se Não esqueceu também os seus fiéis amigos, os Legionários. com Frank, e Foram extremamente bondosos inteiramente à vontade com eles. Assistiu a todas as reuniões do Senatus e a algumas reuniões de Praesidia. Sentia-se orgulhoso por
198
lhes ter recrutado quatro novos membros.
OBSERVADOR LEIGO NO VATICANO
A sua mais grata experiência foi a audiência com o Santo Padre Paulo VI, a 11 de dezembro. O Santo Padre disse-the; "Sr Duff, quero agradecer-lhe os serviços prestados à Igreja e exprimir, aq mesmo tempo, o apreço por tudo quanto a Legião de Maria fez"
Frank balbuciou algumas palavras de agradecimento por estas observações extremamente amáveis. Antes disto, no mesmo ano, Papa enviara uma carta excepcional a Frank Duff, para Dublin. O fim específico dessa carta era "o louvor e encorajamento da Legião de Maria". O Papa referia-se, nela, aos piedosos fins e múltiplas atividades, apresentadas e desenvolvidas pela Legião, "para grande proveito do apostolado católico, provando desta sorte que é um instrumento de espantosa eficácia para a edificação e alargamento do Reino de Deus". Frank aproveitou esta oportunidade para agradecer pessoalmente ao Papa, tributo tão maravilhoso e estimulante, e garantiu a Sua Santidade que o fim primário da Legião era manter-se na mais intima união com a Igreja, pela sua lealdade ao Papa e por uma inteira união com os Bispos e sacerdotes. Depois disso, Frank acrescentou: "Pedimos aos nossos membros que dêem testemunho disto, mesmo até ao ponto do martírio". O Papa, por seu turno, declarou: "A Legião de Maria serviu fielmente a Igreja, e a Igreja protegerá a Legião".
ろ
Frank Duff com o Papa Paulo VI, quando foi recebido em audiência privada, a 11 de dezembro de 1965. "Aquilo de que mais gosto na Legião de Maria é que ela sabe utilizar as pessoas de humilde.com dição social"-palavras de Sua Santidade.
199

Frank Duff
A seguir ao Vaticano II, houve uma saudável renovação na Igreja. Surgiram novos empreendimentos, novas políticas, responsabilidades encaradas de uma forma nova. Era inevitável, porém, que alguns quisessem mudar por mudar e supusessem que todas as organizações existentes antes do Concílio estavam obsoletas. Em algumas regiões houve grande dificuldade no recrutamento de novos membros para Legião. À luz do "novo pensamento desfraldado na Igreja", alguns julgaram que o sistema disciplinado da Legião e a sua forte insistência na oração estavam fora de moda, para a nova geração. Tudo isto entristeceu Frank que sabia que estes eram os verdadeiros elementos que produziam tão maravilhosos resultados, quer no Legionário, individualmente, quer nas almas, a favor das quais trabalhavam.
Além disso, tinha agora uma compreensão mais clara do que nunca daquilo que a Igreja queria. Dir-se-ia que o Vaticano II aprovara, expressamente, tudo quanto a Legião procurava fazer. Notou a especial insistência do Concílio no desejado envolvimento dos leigos na missão espiritual da Igreja e, de modo particular, a diretriz segundo a qual as pessoas deviam ser treinadas para falar da religião aos homens, seus companheiros. O Concílio repetiu a ordem de Cristo de pregar o Evangelho, na sua totalidade, a todos os homens. Isto significava, indiscutivelmente, que devemos abordar, em vasta escala, os

milhões dispersos pelo mundo, que ainda não conhecem ou não entendem a completa Redenção operada por Cristo, ou o maravilhoso tesouro espiritual que Ele legou à Sua Igreja. De igual modo, deve haver um esforço prático e genuíno para contatar todo o católico relapso ou descuidado, numa palavra, toda a pessoa em necessidade. Mais do que nunca, Frank tomou consciência da absoluta necessidade da Legião de Maria, que podia, onde quer que existisse, oferecer o mecanismo e a formação espiritual aos seus membros, habilitando-os, assim, a desempenhar a sua parte como verdadeiros soldados de Cristo. Frank sabia também que, em muitas áreas, o sacerdote não podia ser censurado por não apreciar a Legião de Maria. Infelizmente, há alguns Praesidia da Legião que não refletem a verdadeira imagem da Legião ou o fazem apenas de forma muito imperfeita. Ocasionalmente os relatórios de tais Praesidia revelavam que não seguiam os princípios regulamentares; ou, que a Cúria não procurava formar os oficiais; ou, que os membros adultos se limitavam a trabalhos que podiam ser feitos pelos jovens, enquanto as verdadeiras necessidades da paróquia

não eram enfrentadas; ou, que os Praesidia de adultos recorriam a todas as desculpas possíveis para não começar Praesidia' de jovens. não obstante as orientações do Manual serem claras.

O sacerdote pode dizer: "O que eu vejo não me convence!" Os Legionários, por seu lado, poderão replicar... "Se tivéssemos um sacerdote para nos guiar, poderíamos ser um grupo forte..." A situação não é insolúvel Frank sempre esperou que o sacerdote, numa situação destas, fosse capaz de olhar mais longe e mais fundo, e descobrir o que a Legião é capaz de realizar, quando devidamente dirigida, quer numa remota paróquia rural, quer num território de missão. Gostava de contar o caso de uma paróquia na África Oriental, que, apesar de ter um único sacerdote, se estendia por um vasto território. O sacerdote mandou os seus Legionários fundar a Legião em cada aldeia, em cada povoação, dentro da área da paróquia. Insistia no dever da extensão, com cada grupo. Não tardou que tivesse 61 Praesidia, que dividiu por quatro Curiae. Visitando uma Cúria diferente, cada domingo, mantinha contato regular com os 244 Oficiais. No domingo da visita, rezava Missa para o seu povo, batizava os neófitos preparados pelos Legionários, solenizava os casamentos, etc. A colheita na paróquia era elevada e os trabalhadores numerosos. Frank chamava a isto uma paróquia "ativa".

A era pós-Vaticano constituiu, indiscutivelmente, um desafio, como jamais se vira. A Legião elevava o nível dos seus trabalhos. Concentrava-se, sobretudo, nas atividades especificamente espirituais. Se os membros fossem numerosos, ajudariam também em trabalhos de carácter material, embora estes fossem, geralmente, considerados próprios dos jovens. Além disso, há outras organizações para cuidar deste gênero de trabalhos e os fazem de maneira eficiente.

Perguntaram a Frank Duff o que pensava do papel da Legião, nos anos futuros. Respondeu: "Se deixarem a Legião continuar a ser o que é atualmente, não só conservará a sua vitalidade e o seu nível de êxito, mas os melhorará sensivelmente. Em meu entender, a Legião só agora chegou à maioridade, só agora. Até este momento, tem estado, por assim dizer, no berço. Agora, é um soldado crescido e armado, pronto para a tremenda luta em que vamos nos ver envolvidos no século que vem" (').

Perguntaram a Frank, mais uma vez, se ele pensava que a Legião manteria a sua força, depois de ele morrer. Sorriu e disse: "A Legião, desde o primeiro momento, esteve nas

mãos da San-tíssima Virgem. O meu afastamento da cena não vai arranca-la das Suas mãos" (2).
() "Frank Duff - Autobiografia" - pp. 13 e 14. () Ibidem, p. 12.

34
À CONQUISTA DAS ALMAS PARA CRISTO

Em 1941, Frank Duff e um grupo de Legionários fundaram a Sociedade Mercier, em Dublin. Destinava-se a oferecer uma oportunidade e um fórum para um diálogo amigável entre católicos e protestantes ('). Tendo em conta os fatores históricos e políticos que formam o pano de fundo do Protestantismo na Irlanda, havia inúmeros preconceitos de ambos os lados. Daí resultara um diálogo religioso muito escasso entre pessoas de diferentes credos. Mais de 90% dos cidadãos de Dublin eram católicos. Embora firmes na fé, mostravam-se indiferentes em relação às crenças religiosas das minorias. A Frank parecia anormal que milhares de missionários católicos irlandeses fossem pregar a Fé em países distantes, enquanto poucos se ofereciam para explicar ou partilhar os seus valores religiosos com os não católicos na sua pátria. A experiência pessoal de Frank mostrava-lhe que alguns não católicos apenas esperavam ser convidados a entrar na Igreja Católica para darem o passo. Muitos outros, evidentemente, não estariam dispostos a aceitar a Fé Católica, e, neste caso, as suas crenças deviam ser escrupulosamente respeitadas. Mas, pensava Frank, devemos a tais pessoas o oferecimento de uma explicação das verdades ensinadas na Igreja Católica; devemos, então, preparar-nos para lhes oferecer uma oportunidade de nos explicarem as suas crenças. Um debate amigável, honesto e franco só pode fazer bem.

Logo que se fundou a Sociedade Mercier (assim chamada em honra do Cardeal Mercier, grande ecumenista), as suas reuniões mensais foram frequentadas por bom número de protestantes e católicos. Se excetuarmos uma indiscrição ocasional, a atmosfera era de honestidade sincera, de amizade e boa disposição. Foi uma aventura ecumênica genuína (23 anos antes do Vaticano II), com a qual se fez, indiscutivelmente, muito bem. Os preconceitos cederam a uma

Foi também fundada uma Sociedade semelhante, chamada "Coluna de Fogo" para o diálogo dos católicos com os judeus.

 mútua compreensão, criou-se uma atmosfera de boa vontade e todos os participantes adquiriram uma mais profunda compreensão das verdades
divinas. A Sociedade Mercier continuou, durante vários anos, a frutificar, até que alguns eclesiásticos descobriram, no Direito Canônico, uma norma qualquer que restringia debates desta natureza. Frank, com a sua iniciativa ecumênica, adiantara-se ao seu tempo.

Os protestantes e pessoas de outros credos, que participaram nas reuniões da Sociedade Mercier, apreciavam a honestidade total e sincera de Frank. Frank expunha as verdades da Fé Católica com franqueza e clareza, jamais se mostrando arrogante ou hipócrita. A sua humildade evidente e autêntica bondade conquistavam os corações dos presentes. O Cônego W. Proctor, eminente clérigo protestante, de Dublin, que assistiu a muitas reuniões dialogais com Frank, declarou que, embora as suas opiniões teológicas fossem muito diferentes das de Frank, nunca isso interferiu com a forte amizade pessoal que se desenvolveu entre ambos. De fato, muitíssimos protestantes que tiveram o elevado privilégio de dialogar com Frank, assinariam, indiscutivelmente, o tributo simples e

encantador do Cônego Proctor: "O aperto de mão cordial de Frank e o seu sorriso amigo são para mim vivas recordações".
O interesse inicial de Frank pelo ecumenismo não o distraiu, de forma alguma, do que seria um dos grandes interesses da sua vida - a evangelização. Durante muitos anos, animara os seus Legionários a empenharem-se nesta missão central da Igreja; deve ter-se sentido extremamente estimulado quando o Vaticano II decretou, em 1965: "Os sacerdotes, no trabalho pastoral, farão por excitar e alimentar entre os fiéis o zelo pela evangelização do mundo..." (Ad Gentes, 39).
Frank já fora grandemente animado pelas cartas que recebera dos Legionários da Coreia. Neste país, os missionários tomaram consciência, rapidamente, do papel vital da Legião de Maria no trabalho de evangelização. O dinâmico missionário Columbano, Monsenhor Harold Henry (mais tarde nomeado Arcebispo), que introduziu a Legião na Coreia, encontrou dezessete católicos quando chegou à sua primeira Missão. Antes de ter acabado o tempo de serviço, na área

que lhe fora atribuída, a Missão dividira-se em quatro paróquias, com 14.000 leigos apóstolos.
Alguns meses depois de o Concílio Vaticano ter aprovado o decreto sobre as Missões, o Padre Thomas O'Flynn foi designado, pela Hierarquia da Irlanda, Diretor Espiritual do Concilium, Conselho Supremo do governo da Legião. O novo Diretor Espiritual pediu orientações a Frank Duff. A resposta de Frank foi direta e global: "Exorte-os a conquistar o mundo para Cristo".
Nesse ano, já fora solidamente estabelecido o Movimento da Peregrinatio pró Christo, e Frank insistia com ele para dilatar os horizontes e alargar o campo de ação. O Movimento Legionário da "Peregrinatio pró Christo" deriva o seu nome das grandes viagens missionárias dos primeiros monges irlandeses que, nos séculos VI e VII, portadores da luz de Cristo, romperam as trevas da Europa, a seguir às invasões dos bárbaros.
A moderna Peregrinatio começou com um grupo de Legionários da Universidade de Dublin, que consagraram parte das férias à dilatação da Fé no estrangeiro. Tinha, então, o nome de "Férias Apostólicas". Alguns anos depois, o número dos Legionários que se ofereceram para a Peregrinatio anual subiu para um milhar. Em grupos de doze, foram por todos os países da Europa e, eventualmente, muito mais longe, África, Índia, Estados Unidos da América e Ásia. O objetivo destes "peregrini" era oferecer a Igreja, na sua plenitude, a todas as pessoas e procurar a sua aceitação por parte delas.
Antes de os grupos partirem, Frank costumava falar-lhes. Não era um orador; a sua voz era agradável, mas sem dotes capazes de prender a atenção. No entanto, conseguia transmitir-lhes a sua mensagem, de uma forma extraordinária. A sua fé possuía uma força contagiosa. Animava os Legionários, erguia-os acima de si mesmos, e incutia neles o desejo ardente de fazer grandes coisas por Deus e pela salvação das almas.
Alguns clérigos declaravam que os Legionários não tinham competência para se empenhar nesta atividade missionária, pois não tinham formação teológica. Frank poderia ter retorquido: "Pretendem os senhores reduzir o esforço missionário da Igreja a um pequeno escol, impedindo deste jeito grandes multidões de ouvir a mensagem evangélica?". Ou poderia ter sugerido que os Legionários não são tão incompetentes como eles pensam: não

só estudaram, semana após semana, no Manual da organização, os grandes temas doutrinais da Igreja Trindade das Pessoas em Deus, Encarnação, Corpo Místico

de Cristo, Missa, Maternidade espiritual de Maria aplicação prática e implementação destes ensinamentos. Frank, consciente de que tais objeções provinham mais de preconceitos do que do conhecimento real, preferia convidar os críticos a ouvir os relatórios apresentados, no regresso, pelos "peregrinos" e ler as cartas dos sacerdotes e bispos do mundo inteiro, enaltecendo os maravilhosos resultados das "peregrinações".

Aconteciam coisas maravilhosas. Numerosíssimas pessoas, contatadas pelos "peregrinos" mostravam vivo interesse pela Igreja e passavam a instruir-se na fé católica. Muitos católicos relapsos regressavam à prática da religião. Numerosíssimas paróquias recebiam um forte abalo espiritual com o entusiasmo e exemplo dos "peregrinos". Grande número dos Legionários que se ofereceram para participar na "Peregrinatio" andam entre os dezesseis e os vinte anos. A "Peregrinatio" constituiu para eles um forte estímulo na vida espiritual; despertou-lhes um mais profundo apreço pela própria Fé; revelaram, outrossim, aos jovens das paróquias onde trabalharam, um aspecto estimulante e atraente do Catolicismo, até então desconhecido. Dada a sua breve duração cada ano a "Peregrinatio" tem as suas limitações, mas produz um efeito semelhante ao de uma chuva de faíscas. Pega fogo, aqui e ali, espalha ideias, e leva outros a trabalhar pela causa de Cristo e da sua Igreja. "O Cristianismo bem compreendido" - diz Frank-"não consiste só na aceitação da Fé, mas na sua aceitação de modo a impelir-nos a comunicá-la por toda a parte".

Um rebento do Movimento da "Peregrinatio" foram os "Viatores Christi". Os seus membros, desejosos de se tornar testemunhas da Igreja Católica, pela palavra e pelo exemplo, são recrutados e treinados para colocar os seus talentos e eficiência ao serviço das Missões, no estrangeiro. Alguns anos após a sua fundação, foi decidido que os Viatores se tornariam um movimento autônomo e trabalhariam lado a lado com a Legião, mas não seriam governados por esta.

Outro rebento da "Peregrinatio" foi o movimento dos "Incolae Mariae". Um 'incola' é um Legionário que se oferece para passar um ano ou mais, no estrangeiro, no trabalho de evangelização. Frank recebeu uma carta de um sacerdote que trabalhava com um grupo de 'Incolae Mariae'. Dizia ele: "Sou levado a pensar que os Incolae Mariae podem ser, em parte, a solução para um dos maiores problemas da Igreja nos dias de hoje, a saber, a terrível escassez de missionários. A minha afirmação baseia-se em quatro fatores:

primeiro: provavelmente, a Legião poderá fornecer 'Incolae Mariae' em grande número;

segundo: a Legião está convencida da importância do trabalho de conversão e favorece um contato direto e respeitoso com as pessoas no seu trabalho missionário;

terceiro: o método da Legião, embora não menospreze o valor das técnicas modernas de formação, concentra-se nos elementos essenciais do Evangelho - a fé, a oração e a coragem apostólica;

quarto: a Legião já ultrapassou a fase experimental; é, nas mãos de Nossa Senhora, uma arma de capacidade provada, para santificar os seus membros e ganhar almas para Cristo - nisto consiste o trabalho missionário".
Um dos maiores orgulhos de Frank Duff era a proeza da Legião nas Filipinas. Houvera ali grande escassez de sacerdotes: muitos católicos eram-no apenas de nome, mas não na prática. Quando isto acontecia, foi introduzida a Legião, que provou ser extraordinariamente eficiente, para levar os católicos ao devido apreço da religião. O Arcebispo de Manila, Mons. O'Dougherty, escreveu a Frank Duff: "Mediante a Legião de Maria, a situação religiosa nas Filipinas passou de desesperada a esperançosa. Agora, posso sonhar fantasias e dizer a mim mesmo: "Esta é a única nação católica no Oriente; porque não converteria o Oriente?". Há presentemente catorze mil Praesidia da Legião de Maria nas Filipinas.(') Pouco antes da sua morte, Frank pediu ao Padre Aedan McGrath para vir vê-lo.
"Padre" disse-lhe "é meu vivo desejo que V. Rev. regresse às Filipinas. Diga-lhes que são a nossa grande esperança no Oriente. Esperamos que mandem "Incolae Mariae", em grande número, para as nações vizinhas e para os milhares de ilhas do Pacífico. Com a maravilhosa colaboração e encorajamento dos seus dirigentes da Igreja, é lícito imaginar o que poderão conseguir".
(Isto acontecia em 1985, data em que saiu a primeira edição irlandesa. Hoje, são muitos mais.
35
HOMEM GRANDE E ATUA PE
HOMEM, GRANDE É A TUA FÉ!
A vida de Frank era uma expressão tão notável e visível de fé, que é difícil encontrar paralelo na história. Frank herdara a fé profunda e forte do catolicismo irlandês, uma fé amadurecida com o sofrimento e sacrificio de muitos séculos. Diferente, porém, do homem cauteloso do Evangelho que guardou intato o seu talento, enterrando-o na terra, incrementou-a a ponto de converte-la numa força poderosa e na sua vida. Esta fé filtrou-se através da Legião de conquistadora
Maria.
Quando escreveu o Manual para os seus Legionários e lhes disse que deveriam imitar Nossa Senhora em todas as virtudes, pediu- lhes que aspirassem, sobretudo, a reproduzir a sua fé. Era esta a virtude que ele reconheceu como o poder capaz de conquistar o mundo para
Cristo.
Admite, com S. Paulo, que para fortalecer a fé, devemos "correr com perseverança a carreira que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, autor e consumador da fé..." (Heb 12:1-2). Uma leitura espiritual vasta, uma vida de oração substancial e uma inteligência profundamente honesta e lógica, tudo se combinou para The proporcionar uma boa compreensão do que a fé é realmente e do poder que é capaz de gerar. A fé para ele é a aceitação absoluta, sem a mínima reserva, dos ensinamentos de Cristo. A fé pode remover montanhas. Assim o disse Cristo. Portanto, não pode haver "duas formas de interpretação". Deus é fiel à Sua promessa. Mas fé significa, também, ação, ação da nossa parte e coragem. Em qualquer empreendimento, se fizermos da nossa parte quanto nos é possível, podemos estar certos de que Deus fará o resto, mesmo que isso exija um milagre.
A pedra angular da fé de Frank era a compreensão do Corpo Místico. A Igreja é o Corpo de Cristo. Continua na terra o dinamismo pessoal de Cristo. Ele é a cabeça deste Corpo e nós os seus membros. As pessoas felicitavam Frank, muitas vezes, pela utilização de gente simples na Legião de Maria. Para Frank, não havia pessoas simples ou vulgares. Cada

pessoa era outro Cristo e, portanto, possuidora de enormes potencialidades, capaz de um comportamento
207
206

Frank Duff
heroico. Pessoas de menos fé não sentiam entusiasmo quando ele propunha o enfrentamento de algo que parecia impossível ou, tão perigoso, que podia provocar a destruição do Legionário. Para Frank, nada era impossível a Cristo, que agora agia por meio de nós. Afinal, nós somos as suas mãos e os Seus pés. Quanto ao perigo, quando é que Cristo se retraiu da Sua missão, por causa de um perigo que o ameaçava? Ele veio para dar a vida por nós. Quando chegaram a Dublin, notícias de que muitos Legionários estavam sendo martirizados pela fé na China, Frank ficou profundamente abalado e muito triste, mas, ao mesmo tempo, sentia-se orgulhoso, por os Legionários terem tido o privilégio de fazer o supremo sacrifício pela sua fé.
Quando algum país estrangeiro pedia à Direção Internacional, em Dublin, que lhe mandasse um Enviado (Delegado) para fundar ou consolidar a Legião de Maria, Frank não procurava, à sua volta, alguém de talento excepcional ou de extraordinária capacidade. Deus usa os fracos deste mundo para confundir os fortes. Procurava, simplesmente, um Legionário qualquer que tivesse o bom espírito da Legião. Todo o Legionário ou Legionária que tivesse feito a Promessa Legionária estava inteiramente consciente de que era apenas um instrumento nas mãos de Deus:
"Espírito Santíssimo ...
suplico-Vos que desçais a mim e me enchais de Vós mesmo, a fim de que os meus débeis atos sejam sustentados pelo Vosso poder e se tornem instrumentos dos Vossos soberanos desígnios".
(Promessa Legionária)
Frank falou, um dia, aos alunos do Seminário de Thurles, sobre o sacerdócio. Começou por lhes dizer: "Espero que me perdoeis por vos falar da minha experiência pessoal; detesto-o, mas se não vos falar da minha experiência, não tenho qualquer outro plano de reflexão, para tratar convosco. Na verdade, a única coisa que eu tenho a referir-vos é a minha considerável experiência". Passou em seguida a dizer-lhes que, tanto quanto é possível julgar humanamente, conseguira atingir a maior parte dos objetivos que se propusera, sendo, aparentemente, bem sucedido. A que atribuía ele o seu "bom êxito?". Ao seu trabalho constante? Às longas horas de luta diária? E continuou: "Vivi uma vida longa da mais intensa atividade; julgo que não seria possível
208
HOMEM, GRANDE É A TUA FE viver a um grau superior de esforço fisico". E, no entanto, não era a estas atividades que ele atribuía os bons êxitos que conseguira. Não, a causa era alguma coisa superior. E explicou-se deste modo: "Acreditei, intensamente, na ordem espiritual e nunca a sacrifiquei a qualquer outra coisa. Estou convicto de que todo o bem, que emergiu dos meus esforços, derivou da insistência no sobrenatural. Quer isto dizer, que dependi a todo o momento do Senhor e de Sua Mãe Santíssima e não de mim mesmo". Não lhe bastava, portanto, rezar o Breviário e o Terço do Rosário e assistir, diariamente, à santa Missa. Era, antes, o fato de estes exercícios ocuparem um lugar de suma importância na sua vida e na sua missão. Para Frank, não havia meias medidas, ao menos no que exigia dele mesmo. Se julgava que devia fazer uma coisa, então, nem todos os poderes da terra podiam impedi-lo de faze-la, mesmo que a tentativa implicasse, para ele, a morte.

Quando jovem, decidiu não casar. O celibato não significava, para ele, um sacrificio voluntário por amor do sacrificio. Era a expressão de uma entrega total ao trabalho que tinha nas mãos, isto é, o serviço de Deus e do homem, seu companheiro. E jamais permitiu que perigo, risco ou ridículo o afastassem desse compromisso. Uma vez, disse: "Em algumas ocasiões, arrisquei tudo quanto me interessava, por amor do Senhor; arrisquei ser, completamente, posto de lado". Em uma outra ocasião, disse a um amigo: "Se fosse da vontade de Deus que eu fosse para o inferno, eu o faria alegremente". Esta observação, feita com seriedade, é incompreensível, mas revela a forma completa e resoluta com que Frank procurava a glória e a vontade de Deus. Frank era dotado, indiscutivelmente, de grandes poderes de raciocínio e de inteligência extremamente lógica. Mas, quando o teste real se apresentava ou surgia um dilema, a sua lógica tornava-se sumamente simples... "Deus quer isto? Nesse caso, devemos ir em frente".
Este "ir em frente" envolvia, habitualmente, muito sofrimento. Haveria que contar com incompreensões, vexames, zombarias, agonias provocadas pelo insucesso, tédio do corpo e do espírito. Uma vez que a sua fé exigia que desse o máximo de si mesmo, estava preparado para sofrer todas estas coisas. Por causa de se deitar muito tarde e se levantar cedo, durante a maior parte da vida, viveu constantemente sob rigorosa tensão, por vezes, a raiar pelo limite do esgotamento. Admitiu mesmo que, em certas ocasiões, chegou a recear a aurora e

o que o dia poderia trazer. A oposição à Legião foi a sua maior cruz. Reconciliou-se mesmo com a oposição. "De fato, a cruz é o caminho mais seguro" - dizia ele aos seus Legionários. Semelhante fé, a doação total de si mesmo, sem olhar a que custo, produzia em Frank uma coragem verdadeiramente heroica Cedo reconheceu o maligno efeito do medo na vida de alguém e, por isso, decidiu combatê-lo resolutamente. Como ele mesmo admitiu, viveu, durante anos, numa atmosfera de medo, e a luta constante, contra ele, provocou-lhe sofrimento mental e até físico. No entanto, admitiu resolutamente que não se recordava de jamais ter cedido ao medo. Nos momentos em que ele surgia, a sua decidida maneira de agir era excluir qualquer consideração que não fosse esta: "Onde é que reside o caminho do dever?".
Expondo as suas ideias sobre a santidade, dizia: "A definição da santidade é virtude heroica, e heroísmo significa o desafio do medo. A religião é uma realidade viril, inflexível. Deve haver, certamente, a proporção devida; deve haver doçura e suavidade; mas estas devem assentar na energia de caráter e por ela serem fortificadas".
De acordo com o exposto, sempre que Frank procurou responder às inspirações e à graça de Deus como ponto de referência "a linguagem dos sinais da fé" tomando, muitas vezes, resultados maravilhosos. Viu a fé em ação produzir o seu fruto. Isto verificou animou-o a ser mais audaz, mais arrojado. Uma tarde, numa reunião da Legião tinha ela apenas três meses de existência audaciosamente: "A Legião de Maria dará a volta ao mundo". E predisse, declarou-o com convicção. Tinha fé absoluta em tudo quanto a Legião defendia, e já, então, se dera conta da eficiência do sistema por ela utilizado.
Os revolucionários, habitualmente, são homens com pressa. Têm que aproveitar o momento oportuno e conseguir rapidamente os seus fins. Frank não era um revolucionário neste sentido. É verdade que tinha o sentido da missão divina que recebera, um sentido de urgência, mas nunca se manifestou apressado. Estava tão seguro de que a mão de Deus estava com a Legião, que não sentiu necessidade de se apressar; Deus atua devagar, mas

com segurança. No entanto, como se uma força inflexível estivesse dentro dele, puxava inexoravelmente para a frente, nunca cedendo, lançando sólidos fundamentos, considerando cada recuo, simplesmente, como um triunfo adiado, confiante em que havia um poder sobrenatural a apoiá-lo. Visitou uma determinada
210
HOMEM, GRANDE E ATUA FE
nação, esperançado em conseguir a aprovação oficial para começar a Legião. Ficou tristemente desiludido. Ao regressar à Irlanda, despediu- se de uma senhora que procurava ajudá-lo na sua pretensão. Disse- lhe: "Devemos obedecer aos Bispos, por isso, partimos, mas não capitulamos". De fato, alguns anos mais tarde, conseguiu a necessária licença para introduzir a Legião nesse país. Tais demoras - e sofreu muitas no correr dos anos do bem inestimável que deixava de ser feito, durante o tempo de magoavam-no profundamente por causa
espera.
Nos primeiros anos da Legião, Frank deve ter sofrido interiormente com um vivo sentimento de solidão. Poucos podiam partilhar a profundeza da sua fé ou a largueza da sua visão. Num certo sentido, era um homem à parte. Mas, quando a Legião adquiriu maturidade, teve a consolação de ver muitas almas que, por uma dedicada participação nesta associação, vieram partilhar a sua maneira de ver e os seus ideais.
O profundo conhecimento da história, sobretudo da história da Igreja, tornava Frank capaz de ver a mão de Deus revelando-se nas várias crises da Igreja. A Igreja sobreviveria a todas elas. Por providência de Deus, algum poderoso defensor da Igreja viera em seu socorro; por vezes, Deus interviera diretamente, como aconteceu no século XIX, quando alastrou uma aguda crise de fé, especialmente devida ao Iluminismo: difundia-se o ateísmo, punham-se em dúvida os valores espirituais, negava-se a autenticidade dos milagres. Lourdes foi a resposta de Deus.
Teria sobrevindo, porventura, uma outra crise de fé? Frank tinha de ponderar o problema. Vários relatórios, chegados dos diversos quadrantes do mundo, indicavam que podia haver, de fato, uma crise de fé. A fé de Frank impedia-o de ser devorado pelo pessimismo. "O desânimo" dizia -"não constitui um bom estimulante para remediar a situação". Acreditava com a sinceridade da sua alma que a Legião era um instrumento bem apetrechado na mão de Deus, e seria utilizado de forma eficiente pela Igreja para combater quaisquer males que pudessem afligir o mundo e enfrentar as possíveis crises que viessem a surgir.
211

Frank Duff
"A Legião" dizia ele "mantém-se firme, no meio desta tempestade contra a fé. A sólida razão para isso é a sua devoção a Maria, facho da Fé que destrói todas as heresias. Outra razão é a oração constante da Legião pedindo a fé. Somos animados a esperar que a Legião esteja destinada a desempenhar uma parte dominante no amparo da Igreja, no meio da crise deste inverno espiritual, a caminho duma radiante primavera". (')
() "A Mulher do Gênesis"-de Frank Duff p. 517 da ed inglesa (não publicado ainda em Portugal).
212
36
A MÃE RÚSSIA
A MAE RUSSIA

Frank sentia-se perplexo. Prontificara-se, de bom grado, a dar a entrevista solicitada, embora não pudesse adivinhar a finalidade da visita deste distinto cavalheiro. Finalmente, o esperado visitante chegou e apresentou-se:
"Sou o Dr. Victor Yarotsky, Conselheiro da Embaixada da Rússia em Londres. O Sr. é Frank Duff?".
"Sim, sou Frank Duff e tenho muito prazer em me encontrar
com V. Ex.a".
Depois da troca de cortesias, o Dr. Yarotsky explicou o fim da sua visita.
"Sr. Duff' disse - "sou o representante do Governo Soviético e portador de uma mensagem para o senhor".
Frank procurou disfarçar a sua agitação interior e grande curiosidade.
O Dr. Yarotsky continuou:
-"Talvez seja mais exato dizer "um convite". Gostaríamos que viesse a Moscou, para conversar com o nosso Governo".
Havia muito tempo que Frank se interessava pela Rússia. Havia muitos anos que se rezavam orações especiais pela Rússia, aos domingos, em todas as igrejas da Irlanda. Achava que a Legião estava destinada a desempenhar um papel especial na Rússia. Via, mesmo, uma ligação simbólica entre a Legião de Maria e a Rússia Comunista. A Legião foi fundada no mesmo ano em que foi aprovada e ratificada a Constituição do Comunismo Soviético. Estava convencido de que mesmo as datas de ambos os acontecimentos coincidiam, embora não pudesse prova-lo de forma convincente. Foi o ano em que a Sociedade de S. Vicente de Paulo se transferiu para Myra House, e os primeiros Legionários embora na ocasião não tivessem este nome - se reuniram para planejar e trabalhar. Foi, então, que se fizeram as primeiras reuniões para coordenar e regular as várias atividades apostólicas. Já o ideal e os métodos da organização que nascia haviam sido adotados. E, evidentemente, 1917 foi o ano da Revolução Russa, primeiro passo na inauguração do Comunismo Soviético. No mesmo

ano, Nossa Senhora aparecia em Fátima.
Teria sido mera coincidência o fato de tanto a Legião como os Soviéticos - não obstante as filosofias serem diametralmente opostas adotarem os mesmos nomes latinos para os vários conselhos administrativos e deliberativos, tais como «<praesidium>>, <<concilium»>, etc.? Adotarem até a mesma cor oficial
o vermelho?
Pois, bem, aconteceu que Frank não aproveitou o convite para visitar Moscou. De bom grado, teria ido, mas havia circunstâncias que tornavam esta visita virtualmente impossível, naquele momento.
Todavia, em 1969, a Rússia surge proeminente no espírito de Frank. A "Cortina de Ferro" havia sido levemente levantada e a Rússia convidava os turistas a visitá-la. Nesse momento, Frank tem 80 anos e não se sente inclinado a viajar além-mar. Mas irradiava entusiasmo e esperança quando falava a um grupo de Legionários e os animava a ir em "Peregrinatio" à Rússia. Alguns observadores consideravam esta iniciativa demasiado temerária. Outros manifestaram o parecer de que a Legião não tinha nada a ver com os comunistas.

Frank, no entanto, era tudo para todos. Evidentemente, que jamais poderia aceitar a ideologia do Comunismo, mas acreditava no dizia "falando com as diálogo. "Que poderemos nós perder" pessoas?".
Por isso, no verão desse ano, um grupo de Legionários voou para Moscou. Iam um pouco apreensivos, como seria de esperar, com a sua nova aventura em terreno desconhecido, mas espiritualmente com as palavras fortalecidos
KE
que Frank lhes dirigira, antes de partirem. Dissera-lhes: "Recordai- vos que ides em espírito de fé. Numericamente, sois poucos, e a União Soviética soma 262 milhões É Nossa Senhora de pessoas. que vos manda lá; sois os seus emissários. Tomai cuidado em não vos envolver, seja como for, em política. A política não é o nosso domínio".
Icone de Nossa Senhora de Kazan, padroeira da Rússia, cuja festa a Igreja Ortodoxa celebra a 22 de outubro.
214
A MÃE RUSSIA
Quando o grupo chegou à Rússia e se instalou, ficou maravilhado com a viva grandeza das realidades que se desdobravam ao seu olhar panoramas imensos, de terra, montanhas e florestas; Moscou, com os seus oito milhões de habitantes, uma cidade com profundas raízes mergulhadas na história e as suas igrejas de zimbórios dourados brilhando contra o céu azul, muitas delas, infelizmente, a servir de museus; Leningrado (), indiscutivelmente, uma das mais belas cidades do mundo, divertindo-se na fina poesia das suas grandiosas praças, parques e avenidas.
Constituiu agradável surpresa a verificação de que várias pessoas falavam inglês e se mostravam extremamente gentis, amáveis e delicadas. Os Legionários foram tão bem recebidos que "a viagem à Rússia" se tornou em breve um acontecimento anual. Frank interessava-se vivamente por todos os pormenores; a Rússia tornou- se, de fato, um dos seus interesses mais importantes no resto da vida. Em cada verão, sempre que o grupo da Legião estava prestes a partir, Frank vinha ter com os seus membros para aconselha-los e animar, recordando-lhes sempre que se tratava de uma diligência impregnada pela Fé, sob o manto protetor de Nossa Senhora.
Os Legionários apresentavam sempre cumprimentos aos representantes do Governo Soviético, em Moscou e em outras cidades russas. Era agradável descobrir que os funcionários do Governo conheciam muita coisa sobre a Legião de Maria e a sua missão no mundo, e apreciavam, mesmo, alguns dos seus valores. Conheciam provavelmente, também, que em um certo número de nações, onde os Governos não favoreciam a Igreja Católica, por exemplo, Burma, Ceilão, Egito e Sudão, a Legião tinha plena liberdade para levar por diante o seu trabalho, porque tais Governos reconheciam que a Legião de Maria trazia vantagens e apreciavam indiscutivelmente, também, a orientação da Legião de não se intrometer na política.
Em setembro de 1978, Frank escreveu uma carta ao Sr. Leonid Brezhnev, Presidente da U.R.S.S., pedindo ao Governo para atender favoravelmente o pedido de introdução da Legião de Maria na Rússia. Era uma longa carta, delicada e humilde, em que expunha as vantagens que a Legião de Maria oferecia, tanto ao Estado como à Igreja, na dizia Frank na sua carta - - "permita-me Rússia. "Ao escrever-vos"
que acentue, especialmente, a utilidade da Legião de Maria ao Estado. A Legião assenta primariamente no
() Hoje, S. Petersburgo.
215

princípio cristão de que todo o indivíduo tem o dever de ajudar o próximo, por todas as formas ao seu alcance. Este princípio requer uma organização; de outro modo, na prática, não será cumprido. O método da Legião já provou o seu bom êxito entre povos de todas as raças e condições, desenvolvidos ou primitivos, mesmo analfabetos. A cada Legionário é atribuída uma tarefa semanal de, ao menos, duas horas de duração...

Os Legionários familiarizam-se com os mais simples aspectos da administração civil. Aprendem, outrossim, a forma de resolver os problemas. Examinam a situação social e procuram tratar das suas necessidades. O tempo mostrará que mesmo um pequeno grupo, animado por estes princípios, influenciará beneficamente toda a comunidade e contribuirá para desenvolver o patriotismo em todo o país".

Frank, uma ocasião, perguntou a alguns Legionários do grupo da P.P.C, na Rússia, se tinham dificuldade em conseguir um lugar para rezar Missa. "Oh! não, Sr. Duff, a esse respeito, não temos a mínima dificuldade. Dão aos sacerdotes todas as facilidades para rezar Missa num dos quartos do hotel, todas as manhãs. Ficamos um pouco apertados, evidentemente, porque os quartos não são muito grandes, mas sentimo-nos muito felizes por termos a nossa Missa num dos quartos lá no alto, perto do último andar! Chamamos-lhe o "Cenáculo". Como eu era um dos sacerdotes do grupo, Frank disse-me: "Padre Bradshaw, tenho um pequeno cálice muito bonito para a Missa, que me foi oferecido, vai para alguns anos. Leve-o para rezar Missa na Rússia. Irei sentir-me privilegiado com isso". "Obrigado, Sr. Duff',
contente em celebrar com ele".
respondi-lhe
"ficarei muito

Depois disto, evidentemente, ano após ano, sempre que o grupo partia, o cálice de Frank ia conosco. Viajando de cidade para da
cidade, através Rússia, não só servia para o oferecimento do Santo Sacrifício, mas era uma recordação constante para o grupo, de Frank estava que com ele, no seio da Mãe Rússia.

Frank tinha um grande amor à Igreja Ortodoxa Rossa & o papel singular por ela desempenhado na história daquele apreciava povo. Considerava-a uma Igreja Católica Irma. Possuía as suas maravilhosas tradições próprias, preservando fielmente o seu espírito, disciplina e rica liturgia. Fora ferida e abalada um pouco, num passado recente, mas conseguiu sobreviver e estava, certamente, destinada a desempenhar papel relevante na conservação e reforço da religião na U.R.S.S.

Mas, Frank pressentia um novo perigo para a Igreja Ortodoxa, desta vez, vindo de fora. Muitas das Confissões Protestantes, aproveitando a crescente medida de liberdade religiosa naquele país, estavam tirando vantagem da situação, atraindo numerosos russos cujos laços com a Igreja Ortodoxa eram fracos. Em alguns anos, haviam conseguido registar um milhão de membros. E esta tendência iria continuar, provavelmente, com detrimento da Igreja Ortodoxa.

Frank estava convencido de que a Igreja Ortodoxa seria imensamente beneficiada com a adoção da Legião de Maria. Conseguira licença, das autoridades de Roma, para propor a Legião às autoridades da Igreja Ortodoxa. Já exprimira a boa vontade do Concilium em entregar à Igreja Ortodoxa toda a autoridade sobre a Legião na respectiva área. Manifestara claramente que não havia a mínima intenção de ocidentalizar qualquer elemento ortodoxo

de devoção. O Vaticano exprimira a intenção de respeitar as tradições da Igreja Ortodoxa e a Legião seria fiel a esse compromisso.
Para isso, Frank correspondeu-se com as Autoridades Ortodoxas Russas sobre todos estes pontos, tornando-se natural, por conseguinte, que todos os anos, quando o grupo da Legião ia à Rússia, os Padres Moriarty e Bradshaw (e por vezes os Padres Kenny ou Kennedy) visitassem os Bispos Ortodoxos Russos e com eles dialogassem sobre este e outros assuntos. Foram recebidos em toda a parte pelos Bispos com grande cortesia e benevolência. Concederam- lhes prontamente longas audiências.
Em Leningrado, o Metropolitano Nikodim convidou os dois sacerdotes a participar nas solenes Celebrações Litúrgicas na Catedral Ortodoxa e ofereceu-lhes lugares de honra no santuário. A Catedral estava apinhada até ao limite da sua capacidade, com velhos

e novos. Todos na assistência, absolutamente todos, participaram no canto litúrgico; três coros contribuíram para a beleza e solenidade das cerimônias que duraram três horas e meia.
Quando chegou o momento de trocar o sinal da paz, o Metropolitano disse aos dois sacerdotes, seus hóspedes: "É digno de nota que a vossa visita à minha pessoa tenha coincidido com este dia. Os senhores vieram em nome da Legião de Maria; Maria é a nossa Padroeira. Este é o dia da festa de Nossa Senhora; é a festa de Nossa Senhora de Kazan. Há, com certeza, um sinal do Céu em tudo isto". De fato, até então, os dois sacerdotes desconheciam que era a festa de Nossa Senhora de Kazan.
O Metropolita mostrou-lhes, então, o belo crucifixo dourado que estava usando:
"Foi o Papa Paulo VI" - disse "que me ofereceu. Devo dizer-vos que olho com ansiedade para o momento da nossa reunião com Roma".
Digno de nota é, com certeza, o fato de o Metropolita Nikodim ter morrido em Roma, alguns anos mais tarde, durante uma audiência com o sucessor de Paulo VI, o Papa João Paulo I Não se poderá relacionar este fato com o "sinal-linguagem da Fé?".
Um dos mais venerados presentes que Frank Duff recebeu foi o Terço do Rosário do Metropolita Nikodim - bastante semelhante ao Rosário Católico que o sucessor do Metropolita lhe ofereceu como terna recordação de alguém que foi grande amigo da Legião.
Os movimentos da P.P.C levaram os Legionários a numerosas Kharkov, Odessa, Volgograd, Batumi, cidades da União Soviética - Rostov-on-Don, Zaporozhye, etc. Os bispos e sacerdotes ortodoxos receberam-nos calorosamente e revelaram grande prontidão em ouvi-los falar da Legião de Maria.
Na visita a uma cidade, os Padres Moriarty e Bradshaw foram convidados pelo Bispo a visita-lo na sua casa de verão, no campo.
Era uma casa de madeira, de estilo antigo, situada num terreno irregularmente ocupado com arbustos e árvores, cuja sombra protegia do calor tórrido do sol de Verão. O Bispo e os dois hóspedes sentaram-se na varanda, em frente da casa. Na pequena mesa, o tradicional samovar russo e um prato grande com fruta. Enquanto os dois sacerdotes explicavam os ideais e métodos da Legião de Maria ao seu amável anfitrião, foram-lhes servidos chá e bolos.
Numa cidade do sul da Rússia, o Bispo Ortodoxo Russo

convidou os sacerdotes legionários a visitar as aldeias rurais da sua diocese, convite que foi amavelmente aceito. O carro do Bispo levou- os a dar uma volta, que incluiu as sete aldeias mais remotas da diocese. As regiões do sul da Rússia são mais montanhosas e pitorescas que as do norte. O passeio de carro levou-os por estradas coleantes, através de pomares e florestas. Ao lado do caminho, erguiam-se pequenas casas, feitas de madeira na sua maior parte, mais velhas e pobres que nas cidades, mas com uma singularidade que recordava tempos antigos e as tornava fascinantes e atrativas. Abundavam as árvores de fruto-pessegueiros, macieiras e cerejeiras.

Em cada uma das sete aldeias, acorreu à igreja um grupo de camponeses, para, com o sacerdote local, receberem os visitantes. A pequena assembleia era formada, sobretudo, de pessoas idosas; todas as mulheres usavam uma faixa colorida à volta do pescoço. Os rostos morenos, curtidos pelo tempo, e as mãos gastas pelo trabalho denotavam um estilo de vida de rústica simplicidade e trabalho manual nos campos. O seu comportamento e reverência revelavam, outrossim, uma profunda fé. Nestas remotas áreas da Rússia, nem o sacerdote, nem qualquer pessoa do seu rebanho haviam jamais visto um sacerdote católico (romano); mostravam, por isso, grande apreço pelos visitantes. As palavras de boas-vindas revelavam um genuíno desejo de unidade. Foram apresentados, aos visitantes, grandes ramalhetes de flores, mas o gesto mais significativo foi a oferta de um pão caseiro e sal. Tradicional símbolo russo, da subsistência e da vida, materializava um caloroso gesto de amor autêntico e de boas vindas.

Uma vez regressados a Dublin, Frank Duff ouvia com ávido interesse os relatórios sobre o apostolado na Rússia. Ficava profundamente emocionado ao tomar conhecimento da maravilhosa devoção dos crentes ortodoxos a Nossa Senhora. E rezava fervorosamente para que cedo ou tarde - assim Deus o quisesse! - a Legião fosse fundada nas mais remotas partes daquele país. Recebia extraordinário alento da observação de um sacerdote, professor num - dizia - "é o espírito da Legião seminário russo: "O importante" de Maria que parece constituir um apelo aos corações dos crentes ortodoxos".

O JUBILEU DE OURO

As celebrações do Jubileu de Ouro da Legião de Maria, em Dublin, foram programadas para o domingo, 7 de setembro de 1971. Um magnífico altar de madeira foi erguido num campo espaçoso, perto dos Serviços Centrais da Legião. Andavam todos num rodopio, extremamente ocupados e entusiastas. Era de se esperar que Frank Duff aguardasse ansioso o grande dia. De fato, nada disso. Andava nervoso e pouco à vontade. No sábado à noite, véspera do "grande dia", passeava para a frente e para trás, no seu quarto. De tempos em tempos, olhava para fora, procurando sondar a escuridão, como se esperasse ver alguma coisa. Finalmente, dominado pelo sono, deitou- se e adormeceu.

Mais tarde, Frank confiou a um amigo que receara que o altar do Jubileu explodisse em chamas, nessa noite. Pensou que, de uma maneira ou de outra, o demônio procuraria levar isso avante. A sua longa experiência e as muitas lutas contra os poderes do mal haviam-no convencido de que o demônio não se dá por vencido com facilidade. Frank ainda estremecia ao pensar na arrepiante experiência por que passara na noite que precedera a abertura do Lar 'Estrela da Manhã'.

No entanto, chegou a manhã de domingo e, com ela, um profundo alívio. Nada de extraordinário acontecera ao altar. Tudo era alegria e paz. O sol brilhava no céu azul. A multidão somava milhares. Algumas das pessoas eram Legionários de longa data. Rose Dingley, por exemplo, entrara na Legião pouco tempo depois da sua fundação. Pegou da pena e escreveu uma pequena carta de congratulações ao Sr. Duff. Na sua carta, maravilhava-se do extraordinário crescimento da Legião, difundida por todo o mundo. Nesta ocasião, estava praticamente em todos os países, exceto nos que se situavam atrás da 'Cortina de Ferro'. Quem é que, mesmo entre os mais otimistas, poderia ter imaginado tão brilhante florescimento e que tivesse ajudado tantas almas por toda a parte? Havia anos que Rose não se encontrava com o Sr. Duff, mas sabia que ficaria contente com as suas notícias.
Havia também grande número de jovens Legionários. Para muitos deles, Frank era apenas um nome. Mas era, também, o seu dia de festa, porque eram Legionários como os veteranos. Haviam

trazido os melhores ternos e os vestidos mais elegantes. Só o espírito de piedade e reverência lhes moderava a excitação.
Sua Excelência Mons. John Charles McQuaid, Arcebispo de Dublin, foi o celebrante principal da Missa solene do Jubileu. Concelebraram com ele numerosos Diretores Espirituais. Presidiu S. Ex.a o Arcebispo Alibrandi, Núncio Apostólico. Era um dia de sincera gratidão pelas numerosas graças derramadas por Deus sobre a Legião e pela Legião sobre as almas, durante os seus cinquenta anos de existência.
Depois das cerimônias religiosas, foi o momento para conversar, para recordar, para renovar velhas amizades, para encontros com os Legionários, de longe e de perto. Bill Thompson, representante da Legião dos Estados Unidos da América, exclamava: "Jesus! Que belo dia!". O ambiente estalava de sorrisos e de frescas esperanças para o futuro. Todos queriam saudar Frank Duff e apertar-lhe a mão. Estava embaraçado com tudo isto, mas aceitou-o humildemente. Quando se mostrou cansado, trouxeram-lhe uma cadeira e uma mesa, prestando- se ele, benevolamente, a dar autógrafos, a quem lhe pedisse.
No correr da tarde, o Padre McMahon, secretário do Arcebispo, aproximou-se dele e disse-lhe: "Sr. Duff, sobraram algumas hóstias da santa Missa. Como a sua casa é a mais conveniente, deixa-nos usar um dos seus quartos como capela transitória, para guardar as hóstias consagradas?". - "Oh! Certamente! Isso é para mim um grande privilégio!. E foi, com certeza, mas, com os olhos da fé, Frank viu mais longe. "Oh! amabilidade indizível!"-pensou - "O Senhor veio, em pessoa, visitar a minha casa, no dia do Jubileu!". E, dali em diante, falaria muitas vezes no caso.
Alguns dias depois do Jubileu, Rose Dingley recebia uma carta. Era de Frank Duff. Frank agradecia-lhe a sua carta e as felicitações. Ela deve ter sorrido quando leu: "Mas, Rosa, você mostra-se surpreendida com a forma maravilhosa como a Legião se desenvolveu e difundiu, durante estes anos. Você diz: "Quem poderia imaginar que isto viria a se passar, com tão humildes começos!". Mas, não se recorda, Rosa, de que na nossa primeira reunião colocamos tudo nas mãos de Nossa Senhora? Quando você depõe as coisas nas mãos de Nossa Senhora, não pode admirar-se do que venha a acontecer".
Uma nota, ao fundo da carta, acrescentava: "Quando é que você volta a entrar na Legião, Rosa?" Rosa tinha, então, 80 anos. Regressou à Legião, na sexta-feira seguinte.

Frank Duff

Em atmosfera amiga, Frank Duff desfruta um momento de riso franco com Mons. Caetano Alihrandi, Núncio Apostólico na Irlanda, quando das comemorações do Jubileu de Ouro da Legião de Maria.

Dos milhares de cartas congratulatórias que Frank recebeu de todos os cantos do globo, na ocasião do Jubileu de Ouro da Legião, uma das que lhe provocaram mais alegria, com certeza, foi a amável carta recebida dos Bispos do seu torrão natal:

Caro Sr. Duff,

O quinquagésimo aniversário da fundação da Legião de Maria é causa de alegria, não só para Dublin, seu lugar de origem, mas para toda a Irlanda e até para todo o mundo católico. Nós, os Bispos da Irlanda, apresentamos-lhe as nossas alegres congratulações, porque, tendo nutrido a Legião desde os primeiros momentos, lhe foi dado por Deus testemunhar a maravilhosa expansão desta associação impar do apostolado laical.

As origens da Legião de Maria foram marcadas pela obscuridade, pobreza e até hostilidade, que assinalaram, também, os começos da vida do Divino Salvador, em Belém e Nazaré. No entanto, no plano de Deus, a fé e coragem dos membros fundadores mereceram não só a graça da sua sobrevivência, no meio de todas as humanas vicissitudes, mas também a difusão por todos os países do mundo.

O JUBILEU DE OURO

A Legião não afrouxou, por isso, a sua disciplina de oração e atividade nas circunstâncias várias de clima, povos e culturas. Louvamos- por milhares de Bispos e aprovada pela suprema autoridade da Santa Sé. vos pela firmeza com que conservastes a constituição básica, sancionada Nenhum poder, a não ser o de Deus, nenhuma inspiração a não ser a do Espírito Santo, nenhuma proteção a não ser a da Mãe de Deus, podem explicar adequadamente a constância sobrenatural
da Legião de Maria.

Com grande fruto de santidade, pôs a Legião em relevo, desde os primeiros dias, a função singular da Mãe de Deus, na distribuição da graça. E pela união de vontade e de sofrimento entre Jesus Cristo e Maria, que Ela mereceu tornar-se a distribuidora de todos os dons que o nosso Divino Salvador nos conseguiu, e só Ele, com a Sua morte na cruz. Quem há que examine a Legião de Maria e possa negar que a primeira graça que a sua intercessora obteve para os seus membros foi um profundo amor interior a Jesus Cristo, seu Filho?

Na coragem deste divino amor, devemos encontrar a fonte da imensa expansão dos trabalhos de caridade da Legião, sobretudo, dos que se relacionam com as categorias mais abandonadas e desamparadas do gênero humano.

Rezamos para que o nosso Divino Redentor, na Sua indulgente misericórdia, atendendo a oração incessante da Sua Mãe, se digne preservar a sua Legião, no decurso dos anos futuros, no espírito de oração que foi característico dos seus membros, desde que se ajoelharam, pela primeira vez, no dia 7 de setembro de 1921, para rezar o Terço do Rosário diante da imagem da Virgem Imaculada. Que Deus se digne conceder-lhe, nos anos de vida The restam, a consolação e recompensa de presidir a uma Legião que ainda inflexível no seu espírito de sobrenatural santidade.

Muito sinceramente seus,

John McCormack Eugene O'Doherty

Secretários dos Bispos

Frank respondeu a carta dos Bispos e exprimiu o seu profundo
apreço pelas observações bondosas e animadoras de Suas Excelências.

Na

parte final da sua carta, escreveu:
222
223

Frank Duff
"Constitui uma feliz retrospectiva que a Legião não falhou de maneira notável no seu dever de amor e obediência à autoridade. Oxalá esta característica possa continuar como marca especial. Sem ela, que a Legião acabe".
considerado velho. Passava já dos oitenta anos. No entanto, ninguém Segundo os padrões normais, Frank devia, então, ser pensava nele como tal. A sua voz, a sua maneira de ser, o seu riso cordial, os seus dias de intensa atividade, tudo contribuía para dar a impressão de perpétua juventude.
Quando a sua irmã, Sara Geraldine, faleceu em 1975, ficou a ser o único sobrevivente da família. Embora tivesse inúmeros amigos e vivesse mergulhado em muitíssimas atividades legionárias, admitiu, no entanto, sentir profundamente a falta da sua família. Todas as noites, quando os escritórios da Legião fechavam às 23.00 h. Frank caminhava sozinho para sua casa, a uns passos acima da Sede da Legião, na mesma rua. Às vezes, os Legionários tinham pena dele. Perguntavam-se se porventura não sofreria de solidão, indo para uma casa vazia. Por outro lado, costumava ele dizer a Nellie Jessop, a Legionária fiel e leal que cuidava dele:
"Nellie, você não pode imaginar como me sinto feliz, quando regresso a casa todas as noites e fecho a porta atrás de mim... Saber que ninguém virá procurar-me ... e tenho semelhante paz!".
De fato, quando chegava ao quarto, verificava, invariavelmente, que Nellie lhe deixara um bule de chá quente...
- costumava dizer
"Aquilo de que mais gosto no Sr. Duff' Nellie - "é que, apesar de às vezes se zangar um pouco, é tão amável, tão delicado! Aprecia imenso qualquer pequena coisa que se lhe faça".
De fato, Frank apreciava sempre o gesto de um ou outro Legionário que o convidava para um serão informal em sua casa. Em casa de Jimmy e Doreen Cummins, gostava de projetar as suas fotografias e ria alegremente com o talento mímico de Jimmy que procurava imitá-lo. Outras vezes, era Enda e Marie Dunleavy que o levavam de carro a dar uma volta pelo campo. Frank gostava de tomar nos braços o bebê da família. Marie, conhecedora dos seus gostos, levava fruta e preparava sanduiches com ovo e tomate, para
224
O JUBILEU DE OURO
um piquenique ao ar livre. Depois, pela tardinha, quando regressavam casa da família Dunleavy, preparava-lhe bolinhos e croquetes de batata. Não tinha muito bom apetite, mas era agradável vê-lo apreciar as mesmas guloseimas que sua mãe costumava preparar-lhe, em tempos passados. Os Kennedys, os O'Broins e outros recebiam também visitas regulares de Frank.
Frank ainda, então, ia à Missa de bicicleta, todas as manhãs. Enviava numerosíssimas cartas para todos os cantos do globo. Fazia palestras e conferências e falava em Congressos. Assistia a festas e reuniões de Cúria. Compôs e dirigiu uma opereta, a que chamou "Momentos em Moscou", dando ensaios em sua casa, animando os Legionários mais tímidos a descobrir e desenvolver os talentos recebidos de Deus, para a música, o drama ou a poesia.

Frank sentia-se à vontade com semelhantes grupos. Com eles, descontraía-se inteiramente. Podia repreende-los, se começavam mal uma canção. Podia impacientar-se, se alguém chegava tarde. Podia aborrecer-se, se alguém se esquecia de trazer o que prometera. E, no entanto, amavam-no. Perdoavam-lhe mesmo quando, por vezes, se zangava com eles. Era tão humano, tão natural, sem exageros nem artimanhas. Toleravam-lhe de bom grado a sua teimosia, já que, por vezes, se mostrava inflexível. Se, por exemplo, decidia fazer alguma coisa, desta ou daquela maneira, era-lhe dificil aceitar o ponto de vista de outra pessoa, de que tal procedimento era errado.

Mas, quando chegava o momento do ensaio ou da representação teatral, iluminava-lhe o rosto um sorriso encantador, sorriso que traía o prazer real e talvez, também, a alegria de ter ajudado os seus companheiros Legionários a desenvolver os talentos dormentes. De fato, Frank gostava da música. Estava particularmente interessado em não deixar perder as velhas canções clássicas. Possivelmente, também, recordava-se dos dias da juventude em que sua mãe, sentada ao piano, ensinava aos filhos as velhas e encantadoras canções irlandesas.

Ainda gostava dos seus passeios anuais de bicicleta com alguns Legionários, assombrando a todos com a sua energia e entusiasmo. Evidentemente, as distâncias percorridas já não eram tão longas como outrora, mas os seus companheiros conseguiam que parecessem mais longas do que de fato eram.

A Abadia do Monte Melleray era para ele um lugar em que
a sua presença se impunha, anualmente. Os monges abriam-lhe os braços como a um dos seus. Recebera tantas graças em Melleray, no dobar dos anos! Foi ali que obteve a sua primeira compreensão

teológica do papel de Nossa Senhora. Ali, fora inspirado a escrever a Promessa Legionária dirigida ao Espírito Santo. Ali, pela primeira vez, adquirira o devido apreço das maravilhas da Missa. Na quietude e paz de Melleray, as suas ideias encontraram a atmosfera conveniente em que amadureceram e se desenvolveram. E os monges, por seu lado, haviam beneficiado da sua presença. Durante anos, muitos deles o haviam procurado para ouvir o seu parecer e receber o seu conselho. Alguns anos antes, abandonara o Conselho Diretivo Supremo. da Legião, o Concilium, de que era membro. Achou que deviam dar-se mais amplas responsabilidades a cabeças mais novas. No entanto, continuava a assistir às reuniões do Concilium, na qualidade de Conselheiro. Quando surgia uma situação delicada ou um grave problema a resolver, o seu conselho era de valor incalculável. Os visitantes de além-mar ficavam espantados com a sua perspicácia e compreensão dos problemas religiosos em terras longinquas.

Aqueles que o rodeavam não ficavam tão espantados, pois haviam sido testemunhas da sua sagacidade, durante anos. Mas uns e outros ficavam admirados com a sabedoria das suas respostas. Parecia desenvolve-las não só a partir da sua longa experiência e do seu talento natural, mas, também, do seu íntimo contato com o Espírito Santo. Embora pudesse ser categórico por natureza, procurava sempre esboçar um caso em termos puramente lógicos, de sorte que a solução final parecesse relativamente clara.

Frank tivera várias doenças, recentemente na sua vida. Uma ocasião, quatro vândalos arrombaram-lhe a casa com intenção de rouba- lo. Quando lhe pediram dinheiro, agarrou duma pesada bengala que estava à cabeceira da cama e atacou-os. Os ladrões fugiram

aterrorizados. Mais tarde, porém, voltaram e deram-lhe uma séria pancada na cabeça. Levado para o hospital, teve uma convalescença lenta e segura.
No começo de 1979, caiu de novo seriamente doente. Desta vez, assistiu-o o Dr. Michael McGuinness. Frank ficou muito contente, porque o Dr. McGuinness não só era excelente médico, mas, também, íntimo amigo e Legionário.
Como é fácil imaginar, o Dr. McGuinness tratou Frank com grande compreensão. Não lhe prescreveu nenhum tratamento radical, mas, um dia, disse-lhe com toda a suavidade:

"Sr. Duff, se eu lhe conseguir uma cama numa pequena Clínica particular, perto da minha casa, o Sr. aceita-a?".
Frank tinha inteira confiança no seu médico. Replicou, simplesmente: -"Michael, seria tolo, se não aceitasse".
Durante as duas semanas seguintes, o Dr. McGuinness e outro amigo, o Dr. O'Leary, velaram Frank cuidadosamente, o qual, pouco a pouco, recobrou a sua energia. Foi-lhe prescrito descanso absoluto. Visitas proibidas. Neste domínio, houve uma feliz exceção. Frank deve ter sorrido com a notável reviravolta dos acontecimentos, quando ela veio vê-lo. Tratava-se de Phyllis, a jovem que, alguns anos antes, se oferecera para Enviada, e a quem ele visitara, em seguida, durante dez meses, quando fora hospitalizada. Era agora a esposa do Dr. McGuinness. Numa das visitas à Clínica, Phyllis disse a Frank:
"Sr. Duff, eu sei que desejaria estar presente na Acies. Pois bem, os médicos concordaram em deixá-lo sair; por isso, virei oportunamente e o levarei lá".
Frank ficou entusiasmado com a possibilidade de participar na cerimônia da Acies que tinha para ele extraordinário significado. Além disso, era um prazer sair do hospital, mesmo só por algumas horas. Detestava estar no hospital, embora só alguns amigos íntimos soubessem disto, pois no hospital nunca revelara este grande desgosto. Era mesmo um paciente modelo, tomando sem murmurio os remédios prescritos, fazendo tudo quanto lhe mandavam, até mesmo prontamente, com o seu delicado sorriso habitual.
Quando a cerimônia da Acies terminou, Phyllis trouxe-o de novo para a Clínica. Ao dizer-lhe adeus, o seu coração ficou enternecido. Fora como reconduzir à escola, após as férias, um adolescente sem pais. Quando Frank recebeu alta da Clínica, aceitou prontamente um convite dos McGuinnesses para passar alguns dias com eles. Esse fato lhe daria oportunidade para ganhar confiança em si mesmo. De fato, estes poucos dias foram para ele um tônico. Susan McGuinness, a única criança na família, tinha agora dez anos. Frank que gostava muito de crianças, sentia extremo prazer em estar com Susan. Conversava com ela, brincava e gracejava. Sentia-se à vontade na sua companhia e ela com ele. No fim deste período de descanso, Frank regressou a sua casa, na Rua Estrela da Manhã. Havia trabalho a fazer. Com oitenta e oito anos, a sua inteligência mantinha-se viva e penetrante como sempre. Embora, nos últimos anos, perdesse a sua tradicional robustez, era ainda capaz de enfrentar um dia inteiro de trabalho. O seu apetite

era fraco, mas a Sr.a Jessop, a sua governanta no Lar Regina Coeli, tomava bom cuidado dele e apresentava-lhe sempre receitas e pratos doces que tentavam o seu apetite.
A sua bicicleta foi, uma vez mais, tirada do armazém, mas os seus passeios diários com ela resumiam-se agora na ida à Missa e a qualquer outra parte à volta da cidade. Quando o verão chegou, surpreendeu todos ao declarar a sua intenção de ir, como sempre tinha feito,

fazer as suas férias de bicicleta. E estava seguro do que dizia. Um dos seus amigos disse-lhe:
"Frank, o Sr. nasceu um lutador, não se dá por vencido facilmente". E Frank respondeu com uma longa e sonora gargalhada.
*
A 10 de agosto de 1979, desceram cinco americanos no aeroporto de Dublin. O acento da sua linguagem, as atitudes de homens de negócios, os seus apetrechos e bagagem pesada atraíram inevitavelmente a atenção. Monsenhor Charles Moss, Walter Brown, Bill Peffley, Al Norrell e Beatrice Flanagan, cinco conhecidos Legionários do Senatus de Filadélfia, haviam vindo para fazer a gravação de uma série de entrevistas com Frank Duff. Frank tinha, então, noventa anos. Monsenhor Moss dissera consigo: "Não devemos esperar mais..."
O Sr. Duff era o ator ideal para a T.V.. Citemos Monsenhor Moss: "Como figura da T.V., o Sr. Duff era verdadeiramente extaordinário. Sentava-se sob as luzes e aguentava pacientemente meia hora de ensaio, cada dia, e depois, continuava debaixo de luzes por mais uma hora ou duas, ou até três, sem jamais se lamentar. Estava convencido do valor destas gravações para o bem futuro da Legião. Para um homem de noventa anos, mostrava-se extraordinariamente vivo. No dia em que concluímos a nossa gravação televisiva, foi passear de bicicleta para a parte ocidental da Irlanda".
Alguns anos depois, o inimitável Mons. Moss distribuiu cópias das suas inestimáveis gravações por muitos países, onde milhões de Legionários (e outros) que nunca tiveram o privilégio de se encontrar pessoalmente com o Sr. Duff, podiam agora vê-lo e ouvir as palavras de sabedoria, verdadeiramente extraordinárias, que saíram dos seus lábios, e testemunhar o espírito indomável, mas gentil, que converteu a Legião de Maria na bela e poderosa força que existe no mundo de hoje.

38
CREPUSCULO
CREPISCING
Foi na quinta-feira, 10 de maio de 1979. Pouco depois das 6.00 h da manhã, um táxi rodava pelas avenidas coleantes dos belos jardins do Vaticano. Frank Duff e três outros Legionários dublinenses, Enda Dunleavy, Lily Lynch e Jimmy Cummins dirigiam-se à capela privada do Papa, para participar na Missa celebrada por Sua Santidade. Haviam recebido um convite especial do Santo Padre.
A capela era muito pequena. O Papa estava ajoelhado num genuflexório, em frente do altar. Depois de uma longa oração preparatória, revestiu-se para a Missa, assistido pelo Padre Magee, seu secretário. Durante a Missa, três religiosas polacas, de pé à entrada da capela, cantaram belos hinos. Os quatro Legionários receberam a comunhão das mãos do Santo Padre.
Frank sentia-se tão esmagado pelo grande privilégio que lhes fora concedido que encontrou dificuldade em concentrar-se nas orações.
Depois da Missa e ação de graças, o Santo Padre avançou para Frank e apertou-lhe a mão, saudando-o calorosamente. Saudou igualmente Enda, Lily e Jimmy. Depois, precedendo-os para um outro aposento, o Santo Padre disse-lhes: "E, agora, estão na cozinha do Papa".
A governanta do Papa, para a ocasião, ofereceu-lhes, então, um café da manhã irlandês. Durante o café da manhã, a conversa versou, naturalmente, sobre a Legião de Maria. O Santo Padre falou sobre os contatos havidos com a Legião, primeiro em Paris, depois na Bélgica e mais tarde, na Polônia. Falou-lhes, também, das reuniões havidas com os Legionários nas paróquias de Roma. Em seguida, pediu mais informações sobre o

progresso da Legião no mundo. Enda Dunleavy diria, mais tarde: "Percorremos, para ele, a superfície inteira do globo. Maravilhamo-nos com a informalidade da ocasião. Era como se um General tivesse convocado alguns dos seus Oficiais para consulta sobre uma grande campanha. O Papa deu-nos todo o encorajamento possível para os nossos empreendimentos".
Em seguida, Sua Santidade acrescentou:
229

Frank Duff
"Quero contar-lhes uma história. Quando o Cardeal Hlond, de Varsóvia, estava moribundo, um jovem sacerdote ajoelhou ao lado da sua cama. Tinha havido grandes dificuldades, não só na Polônia, mas em muitos outros países. O Cardeal, como que deixando um último testamento, disse: "A vitória virá por Maria". Sua Santidade acrescentou, em seguida: "Esta é a minha mensagem à Legião de Maria: 'A VITORIA VIRÁ POR MARIA" E não era! que vibrante mensagem
Um dos Legionários disse ao Santo Padre: "Santidade, o Sr. Duff fará 90 anos, dentro de algumas
semanas!".
O Santo Padre voltou-se de novo para Frank e disse-lhe: "Muito bem, até aos 90 anos, pode considerar-se jovem!". Embora possa parecer estranho, Frank Duff tomou estas palavras muito a sério. Talvez, para ele, fossem um sinal! Em todo o caso, quando o grupo legionário deixou o Vaticano, disse: "Agora sei que o meu tempo é muito breve".
Antes de o Santo Padre se despedir, voltou a repetir: "Recordem-se das palavras: 'A vitória vem por Maria"".
Sua Santidade, João Paulo II, que em 10 de maio de 1979 acolhia Frank Duff e lhe afirmava: "A VITÓRIA VIRÁ POR MARIA".
ORPISCIAD
No seu encantador bangalo, em Thurles, Condado de Tipperary, David O'Keeffe e Mary, sua mulher, espanavam e poliam todos os móveis à vista. Estavam emocionados. Era o mês de junho de 1980. Frank Duff viria passar com eles o aniversário dos seus 91 anos.
A ocasião para a visita era a ordenação sacerdotal de Michael Kennedy. Fora Michael que fundara a Legião de Maria no Colégio Maynooth, seis anos antes, por conselho do Reitor de então, Monsenhor Tomás OTiaich (mais tarde, Cardeal). Frank sabia apreciar devidamente os serviços de outras pessoas. Por isso, foi com agrado que aceitou o convite de Michael para a sua ordenação na bela catedral de Thurles. Era, também, uma oportunidade para renovar a sua amizade com o Arcebispo Thomas Morris que havia dado generoso apoio à Legião, tanto na Irlanda como no estrangeiro. Frank repetia muitas vezes que o Seminário do Arcebispo, em Thurles, era o que ele mais recomendava a jovens que desejassem estudar para o sacerdócio. Frank aceitou gostosamente ao pedido dos Legionários locais e das Comunidades Religiosas da Apresentação, das Ursulinas e das Irmãs da Misericórdia (que haviam fornecido regularmente Diretoras Espirituais aos Praesidia da Legião), chegando a Thurles, na tarde do dia anterior, para fazer uma conferência sobre a Verdadeira Devoção a Maria. Apreciava enormemente o importantíssimo papel desempenhado pelas Religiosas na Legião, em muitos países. Tinha um profundo respeito por elas, quer pela sua elevada vocação, quer pelo seu poder de elevar espiritualmente o mundo. "A religiosa" - dizia ele-"pode comunicar ao povo poderosos impulsos evangélicos e caritativos, cujas últimas consequências ninguém pode prever". As religiosas fizeram-lhe um bolo com noventa e uma velas e cantaram-lhe os "Parabéns a você", embora fosse apenas

a véspera do seu aniversário natalício. Frank estava muito feliz. Depois, porque o momento normal de ele recolher já tinha passado, disseram-lhe: "Sr. Duff, esta noite tem que ir cedo para a cama, pois amanhã vai ser um dia cheio".
Para o jovem casal O'Keeffe era uma honra o fato de Frank ter aceitado alojar-se em sua casa. Às dez horas, chegou um sacerdote amigo dos O'Keeffes. Acabava de regressar do Ultramar, precisamente, para as festas. "Sr. Padre"-disse-lhe David O'Keeffe -"o Sr. Duff acaba de retirar-se para o quarto; vá saudá-lo". O sacerdote bateu à

porta e abriu levemente. Que belo espetáculo! Um velho homem de Deus, ajoelhado como uma criança, ao lado da cama, rezava as suas orações. O sacerdote não ousou perturbá-lo.
Na manhã seguinte, Frank levantou-se cedo entusiasmado com o fato de poder participar na Santa Missa e ficou concelebrada, em casa da família O'Keeffe, pelo sacerdote do ultramar e um amigo seu, de longa data, o P. Hermann. Em seguida, após um bom café da manhã servido por Mary O'Keeffe, partiram todos para as ordenações na Catedral.
Que comovente e santificante experiência deve ter sido, para Frank, a cerimônia da ordenação. Como ele amava o sacerdócio! É verdade que, no correr da sua vida, sofrera imenso com a teimosa oposição dos sacerdotes, sobretudo, durante a infância da Legião de Maria. Apesar disso, os sacerdotes eram os ungidos do Senhor! No Manual da Legião, Frank transcreveu uma citação de Benson: "O afeto e a reverência para com o sacerdote são uma homenagem direta ao Eterno Sacerdócio, de que participa o ministro humano". Frank apreciava profundamente os milhares de sacerdotes que compreenderam a Legião e a promoveram. Sabia que o seu sacerdócio fora com ela enriquecido.
Há poucas cerimônias que sejam tão impressionantes como a Liturgia de uma Missa de Ordenação. Quando a Missa de Ordenação terminou, em Thurles, essa manhã, Frank observou que se sentira tremendamente enlevado com toda a cerimônia- tão solene, tão bela, tão santa!
Era sabido que a saúde de Frank se deteriorara, lentamente, nos dois anos anteriores. Por isso, todos ficaram agradavelmente surpreendidos ao vê-lo maravilhosamente bem disposto, conversando com todos sem exceção, depois da Missa. Estava tão fresco, tão bem disposto, com tão bom aspecto! Parecia realmente que o Senhor lhe comunicara nova vitalidade para poder usufruir desta ocasião especial!
E ajoelhou, humildemente, para receber a bênção do Padre Michael. O aniversário dos seus 91 anos fora maravilhoso.
*
*
Quando Frank regressou a Dublin, retomou o seu trabalho normal, de rotina. Falou a um grupo de Legionários, prestes a partir para a Rússia, em 'peregrinatio'. Falou, também, a grupos de Legionários

que iam para muitas outras nações. Estava sempre pronto a ajudar os representantes dos Conselhos da Legião do Ultramar, que vinham a Dublin em busca de orientação e estímulo. Lidava, habitualmente, com enorme quantidade de correspondência. Teve a alegria de poder assistir a uma nova Ordenação, a de Terry McGuckian, antigo Enviado da Legião. Mas, o seu ritmo de trabalho diminuía. Aos que lidavam com ele de perto, dava a impressão

de um homem cansado. Sentia crescente dificuldade em se livrar das constipações, que costumavam incomodá- lo. Mas, obstinado até ao fim, lutava como velho guerreiro que goza o prazer do combate, interessando-se seriamente por tudo, ansioso por se dar até ao limite da sua capacidade. Ia ainda de bicicleta a uma Missa diária, era fiel ao seu gasto, mas querido breviário e, depois da refeição da noite, podia ser encontrado no primeiro banco da capela do Regina Coeli, descontraído e piedoso, diante do Santíssimo Sacramento.
No dia 25 de outubro, justamente duas semanas antes da sua morte, chegou o "grand finale", a Reunião Anual da "Peregrinatio pro Christo"(*). Chegavam Legionários de toda a Irlanda, e representantes
de numerosos países estrangeiros. Havia relatórios maravilhosos, de perto e de longe; histórias do incremento de nova vida em paróquias entorpecidas, conversões de "casos desesperados", milagres de graça. Conforme a expressão de um sacerdote visitante, era a reminiscência dos Atos dos Apóstolos. De fato, era evidente que o Espírito Santo estava presente com a sua força poderosa. Igualmente perceptível em todos estes acontecimentos, era o toque da mão de Nossa Senhora.
O ponto alto da Reunião era o discurso conclusivo de Frank Duff. Sentiria ele que era o seu último discurso público? É de notar que Frank procurou reconduzir o espírito dos seus ouvintes às origens da Legião e aos ideais sobre que assentou. Na primeira reunião da Legião, em 1921, os membros voltaram-se para Maria e disseram-lhe: "Guiai-nos". "E assim começou a campanha que os levaria a todos os países do mundo". Falou do que já se conseguira com a Legião. Falou da Fé, da coragem e do sonho. Os Legionários devem lutar por conquistas maiores para Cristo. "As perspectivas não têm fim se caminharmos de mãos dadas com Maria".
(1) Todos os anos, por ocasião da véspera dos Finados, se reúnem as delegações das «Peregrinações por Cristo» da Irlanda e outros paises, para apresentarem os seus relatórios
e ouvir as palavras de estimulo e orientação do Concilium. Enquanto Frank viveu, a sua Conferência era um elemento fundamental (Nota do Tradutor).

A sua frase final, pronunciada com voz forte e firme, e absoluta convicção, constituiu o seu testamento final à Legião de Maria:
"POR ISSO, DEVEMOS PENSAR" - disse - "EM TERMOS DO APARENTEMENTE IMPOSSÍVEL: A CONQUISTA DO MUNDO DAS ALMAS. MARIA TORNARÁ ESTE SONHO VERDADEIRO".
Frank Duff morreu com 91 anos, na tarde de sexta-feira, 7 de novembro de 1980. A novidade abalou o mundo. Embora não tivesse gozado da melhor das saúdes durante esse ano, parecia andar razoavelmente bem. Aqueles que tratavam com ele de mais perto, no entanto, davam-se conta de
que parecia bastante fraco e, por vezes, exausto.
Mas, Frank não se rendia facilmente, nem mesmo à exaustão. Com uma vontade férrea, mantinha-se em movimento. Mesmo no dia da sua morte, foi a duas Missas. Quando a sua governanta, a Sr.a Nellie Jessop, soube que ele tencionava participar na segunda Missa, concluiu que não voltaria a casa para o café da manhã completo; por isso, às 7.15 h dessa manhã, trouxe-lhe ao quarto uma pequena refeição leve e agradável - uma pequena tigela de mingau de aveia, uma xícara de café e algumas torradas. Frank agradeceu-lhe muito. Depois, Sid Quinn levou de carro Frank e a Sr.a Jessop à Missa das 9.00 h., na Igreja dos

Capuchinhos. Era para Frank uma manhã especial: tratava-se da primeira sexta-feira do mês e ele nutria uma extraordinária devoção ao Sagrado Coração de Jesus e às devoções da Primeira Sexta-feira.
A manhã estava muito fria. Depois da Missa, Jack McNamara levou Frank a uma segunda Missa, na Catedral de Nossa Senhora. Era a Missa do funeral de Joana Cronin (1), grande Enviada da Legião, que falecera dois dias antes. Joana dera dezessete anos completos da vida à extensão e consolidação da Legião de Maria, em numerosos países. Havia um grande número de Legionários na Missa e enterro. Para muitos deles, era uma oportunidade para se encontrarem, mais uma vez, com o querido fundador da sua organização e trocar com ele algumas palavras. Mostrou-se muito amável e pronto a conversar, por momentos, com todos quantos se aproximaram dele. Mal eles pensavam que era o adeus. O Sr. Duff estava muito doente.
Jack McNamara transportou-o imediatamente para casa. Jack e Frank haviam sido amigos mais de cinquenta anos. Antes de se separarem, Frank disse:

Foi a segunda Enviada do Concilium em Portugal (1958-1959).

"Jack, não me sinto bem. Queres ter a bondade de dizer à Sra Jessop para subir?".
A Sr.a Jessop subiu rapidamente. Achou-o sentado na cama. -"Nellie, não me sinto nada bem".
"Com razão, Sr. Duff, não tem muito bom aspecto". Ajudou-o, em seguida, a tirar os sapatos e as meias. Havia já algum tempo, que ela insistira para lhe pôr um cobertor elétrico na cama e ele não protestara. Sentia muito o frio e a cama quente ajudava-o a dormir um pouco, durante algum tempo. Felizmente, o cobertor elétrico ainda estava ligado. Depois de ele se meter na cama, Nellie voltou a subir para compor os cobertores. "Ah! Nellie, é muito agradável meter-me assim na cama quente. Hoje não vou descer para o almoço".
-"Não desça, Sr. Duff, eu trago-lhe uma xícara de chá por volta das quatro horas". Quando ela ia sair, chamou-a:-"Nellie, não telefone ao Dr. O'Leary. A Sr.a sabe como detesto os hospitais!".
Quando a Sr.a Jessop trouxe a xícara de chá, nessa tarde, Frank
estava morto.
"Subi com a xícara de chá. Quando abri a porta, fiquei ciente de que ele tinha partido. Estava sentado, com os braços cruzados no peito. Pensei que estivesse a fixar o quadro do Sagrado Coração de Jesus, na sua frente. Fechei-lhe os olhos e desci a pedir socorro".
Precisamente por esse tempo, um jovem sacerdote, o Padre Michael Ross, S.D.B., foi abordado numa parte diferente da cidade por um "homem da rua" que pedia esmola. O homem era um residente do Estrela da Manhã. Por isso, o Padre Ross colocou-o no carro e trouxe-o ao Lar. Os Irmãos Legionários, internos do Lar, convidaram o Padre Ross a tomar uma xícara de chá. Estava precisamente começando a toma-la quando o telefone tocou; a voz transmitiu um recado breve e urgente: "O Sr. Duff morreu; arranjem depressa um sacerdote". A casa de Frank ficava a duas portas de distância; por isso, dentro de um minuto, o Padre Ross estava ao lado de Frank para lhe dar a bênção e a absolvição condicional. Pouco depois, chegava o Padre Mulligan, pároco local, que lhe administrou a Santa Unção.
Frank tomara sempre Cristo à letra, quando disse: "Sempre que
o fizestes a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes". Neste homem da rua, do Lar Estrela da Manhã, podemos ver a Pessoa do próprio Cristo que trazia um

sacerdote para abençoar o seu bom e fiel servo, agora que terminara o trabalho que lhe confiara.
Rezaram as Orações da Legião junto da cama. Ajoelhando ali, os Legionários sabiam bem que Frank morrera como desejara-calmamente, sem espalhafato. Provavelmente, perguntaram-se como teriam sido os últimos momentos da sua vida. Quais teriam sido as suas últimas orações,

os pensamentos derradeiros? Estaria ele contemplando o maravilhoso encontro com a sua família, de que falara muitas vezes e desejava ardentemente? Ou então, as boas-vindas que o esperavam por parte da sua grande família, os numerosos milhares de irmãs e irmãos Legionários que haviam partido antes dele? Estava ele exultando, porque o bondoso Senhor o chamara na Primeira Sexta-feira, dia do Sagrado Coração? — fora sempre um apaixonado devoto do Sagrado Coração de Jesus. Estaria ele imaginando como é que exatamente Nossa Senhora iria saudar o seu velho servo de confiança? Ele sabia que a sua beleza imaculada e gloriosa seria incomensuravelmente maior do que tudo quanto a mente humana jamais pôde imaginar. Oh! a indizível alegria desse encontro!
Durante a juventude, Frank compusera uma bela oração para as almas que anseiam pela santidade. Olhando agora para trás, como ela nos parece significativa e encantadora:
a vida do missionário ou do "Meu Deus, não Vos peço grandes coisas monge, ou daqueles outros que vejo á minha volta tão cheios de realizações. Nada disto Vos peço, mas, simplesmente, a decisão de seguir com firmeza, incansavelmente, a vida comum que, dia após dia, se dilata diante de mim, contente, se nela Vos amar e procurar tornar amado. A natureza rebela-se contra esta vida com a sua infindável sucessão de tarefas triviais, cheia de tentações, para ousar tomar qualquer alívio em divertimento ou mudança. Parece tão difícil ser grande nas pequenas coisas, ser herói, fazendo vulgaridades; e, no entanto, esta vida é a Vossa vontade para mim. Deve haver nela um grande destino. Por isso, sinto-me contente. E para coroa do resto, querido Jesus, peço-Vos que me concedais isto... a fidelidade até ao fim, a graça de estar no meu posto, quando chegar o chamamento final, e soltar o meu último e penoso suspiro nos Vossos braços. Uma vida intrépida tudo ...e fiel até ao fim. Um breve desejo, queridissimo Jesus, mas que abraça" (').
(Podemos ser Santos-por Frank Duff.
39
O ADEUS
O ADEUS
O corpo de Frank foi trazido para a Capela do Lar Regina Coeli, onde ficou exposto em câmara ardente. Que lugar mais conveniente do que este para os restos mortais daquele cuja vida inteira fora centrada à volta desta capela e seus arredores? Aqui rezara ele, diariamente, o breviário pura comunicação com Deus, como lhe chamava. Aqui, participara em grande número de Missas, se alimentara e fortalecera com a Sagrada Comunhão; aqui rezara muitíssimos Terços do Rosário. A sua companhia, quando passava as contas, eram, a maior parte das vezes, as pobres mulheres que ele e os companheiros Legionários haviam arrancado à rua, onde não tinham abrigo nem meios de viver. Eram as suas queridas "residentes" do Lar. O respeito destas por ele assemelhava-se a "reverência", mas a bondade e humanidade de Frank, para com elas, eram tais que podiam aproximar-se dele - e faziam- no- com a brusca familiaridade que existe, no seu grau mais nobre, entre as

classes mais pobres. Não tinham escrúpulo, evidentemente, de interrompe-lo nas suas orações e de lhe pedir: "Não quer fazer o favor de rezar por mim, Sr. Duff?".
Frank costumava ajoelhar no banco da frente, deixando cair graciosamente por entre os dedos as contas do seu Rosário, movendo sempre, lentamente, os lábios. Quando não rezava o breviário ou o Rosário, ficava ali sentado, imóvel, com o olhar fixo no tabernáculo. Sim, Frank amava ternamente esta capelinha. Era silenciosa e tranquila; oferecia um refúgio da correria da vida, um oásis refrescante, um cantinho do céu, na terra.
Viera agora fazer-lhe a visita final. Levaram com minucioso cuidado o seu ataúde, já por reverência, já pelo privilégio que lhes era concedido, e colocaram-no do lado do Evangelho. Perto do ataúde, as irmãs Legionárias ergueram um pequeno altar da Legião. Parecia ali tão bem colocado! Frank olhou sempre para o altar legionário como símbolo da presença de Nossa Senhora.
Muitos anos antes, Frank escrevera um belo parágrafo no Manual da Legião sobre os Legionários falecidos. Inconscientemente, escrevia o próprio epitafio:
"Terminada a campanha da vida, eis o Legionário

gloriosamente reclinado no leito da morte. Agora, é ele confirmado no serviço legionário e por toda a eternidade. Esta eternidade foi a Legião que lha conquistou. Ela formou a essência e o molde de toda a sua vida espiritual".(')
O Padre Ahearne rezou Missa na presença de numerosos Legionários abalados pela dor, que a notícia reunira rapidamente. Chegaram, também, outros sacerdotes para rezar Missa. Durante alguns dias, milhares de Legionários desfilaram diante do ataúde, em silenciosa oração. Entre a multidão em movimento, houve Ministros do Governo, bispos, sacerdotes, religiosas e religiosos. Ricos e pobres. Enfermeiras dos hospitais, nos seus uniformes. Alunos e alunas das escolas. E, finalmente, os queridos amigos e amigas de Frank - as mulheres pobres do Lar Regina Coeli com as suas crianças, e os "residentes" do Estrela da Manhã.
Na quarta-feira, 12 de novembro, os restos mortais foram transferidos para a Igreja de Santo André, onde S. Ex.a Mons. James Kavanagh, Bispo Auxiliar de Dublin, concelebrou com numeroso grupo de Diretores Espirituais. O Cônego Francis Ripley, amigo de Frank, ao longo de toda a sua vida, pregou uma comovedora homilia.
Na manhã seguinte, foi concelebrada Missa Solene de Defuntos, na mesma igreja, por Sua Eminência o Cardeal Tomás O'Fiaich e Suas Excelências, Mons. Dermot Ryan, Arcebispo de Dublin, Mons. Thomas Morris, Arcebispo de Cashel e Emly, Mons. Joseph Cunnane, Arcebispo de Tuam e muitos outros Bispos e Diretores Espirituais da Legião. S.E. o Cardeal O'Fiaich fez a Oração Fúnebre.
As multidões eram tão vastas que se tornou impossível a entrada na igreja a muitíssimas pessoas. Quando chegou o momento da Sagrada Comunhão, foram solicitados os serviços de quatro diáconos para distribui-la às multidões que alinhavam na rua.
Solenemente escoltado, o funeral avançou para o cemitério de Glasnevin, onde os restos mortais foram depositados no túmulo da família.
Na verdade, partira do meio de nós uma grande alma.
ORAÇÃO FUNEBRE
por S. Em. o Cardeal O'Fiaich

Prezados irmãos e irmãs em Jesus Cristo
O ADEUS
Na Legião de Maria, cada membro é um irmão ou uma irmã. Por isso, reunidos hoje, aqui, à volta dos restos mortais do homem que foi não só o seu fundador, mas, por quase 60 anos, o seu guia espiritual e filósofo, todos nós nos sentimos, de uma forma especial, irmãos e irmãs em Cristo.
Choramos hoje Frank Duff como um irmão que partiu antes de nós. "Terminou a carreira". Choramo-lo como um homem de profunda humildade, que foi amigo e conselheiro de Papas e Prelados, mas que nunca perdeu a simplicidade e naturalidade do verdadeiro dublinense; um homem constantemente em correspondência com todas as partes do globo, mas que sempre dispunha de tempo para ouvir quem quer que recorresse a ele, aqui, em casa, e cujos amigos mais íntimos devem ser encontrados entre os pobres; um homem, honrado com uma Condecoração Papal em 1961 e um Doutoramento pela Universidade Nacional em 1968, e, no entanto, cujo vestuário favorito era um terno muito gasto, e o transporte preferido, a sua fiel bicicleta; um homem de extrema bondade e encanto pessoal; de apagada modéstia, de integridade absoluta e de inflexível coragem; de corpo débil mas espírito insaciável, de piedade e oração. "Nunca vos lanceis em qualquer empreendimento, sem oração" costumava dizer-"sobretudo oração pela intercessão
de Maria". "Mãe, este é o Vosso Filho; esta é a Tua Mãe".
E, no entanto, este dublinense humilde e honesto foi considerado como "o homem que maior contribuição prestou à vida da Igreja Católica neste século". Qual o segredo desta assombrosa influência espiritual pelo mundo inteiro? Começou, evidentemente, com a sua santidade pessoal, a sua fé contagiosa, a sua inteira confiança em Deus, a sua dependência da ajuda de Nossa Senhora; a sua consciência da Igreja como Corpo Místico de Cristo, anos antes de esta doutrina ser tema das Encíclicas Papais; o seu insaciável desejo de atingir toda a pessoa, como irmão ou irmã, e ajudá-los na caminhada para o Céu; a certeza íntima de que todos os homens e mulheres comuns são capazes de fazer ações heroicas por Cristo, se lhes mostrarem a forma de executa-las; a convicção de que ninguém é tão mau que não possa ser ajudado ou tão bom que não precise de auxílio. Deste modo, ajudado pelas suas manifestas qualidades de organizador e pela sua
() Manual da Legião, cap. 17, p. 102.

profunda compreensão da psicologia humana, pela inteira dedicação ao progresso da sua organização e pelos generosos trabalhos de um grupo heroico de Enviados e Auxiliares não menos dedicados que ele, a Legião de Maria cercou o globo até conquistar milhões para Cristo, mediante a arma secreta do contato pessoal. "Com Deus do nosso lado, quem ousará ser contra nós?".
Não surpreendeu ninguém o convite enviado a Frank pelo Papa, para assistir ao II Concílio do Vaticano, pois, sob muitos aspectos, a Legião de Maria havia propagado as ideias do Vaticano II, dezenas de anos antes de o Concílio ser convocado. Frank antecipara-se verdadeiramente ao seu tempo, ao desafiar a complacência da Igreja, ao apelar para um novo despertar e ao pôr em relevo que cada pessoa é guarda do seu irmão e que a Igreja não é um simples amontoado de indivíduos; Frank apresentava-se quase como um radical, ao insistir na necessidade de envolver o laicado na atividade de evangelização, dando às mulheres um papel predominante na sua organização - desde Edel Quinn, a santa e

infatigável Enviada, até ao membro mais humilde do mais remoto Praesidium - promovendo debates ecumênicos com Protestantes e Judeus; insistindo na necessidade de desenvolver o conhecimento da fé dos católicos adultos mediante um Movimento como os Patrícios; despendendo extraordinário cuidado com grupos especiais da sociedade -os jovens, os doentes, os solitários, os estudantes estrangeiros, os não praticantes, os homens e mulheres da rua. Para ele, como para S. Paulo, na segunda leitura de hoje, todos estes pediam um quinhão do "Amor de Deus que se tornou visível em Cristo Jesus, Nosso Senhor".

A assombrosa difusão da Legião de Maria, durante a vida do fundador, deve parecer, hoje, pouco menos que miraculosa, mas Frank Duff nunca esperou que os milagres acontecessem-provocava-os. Para ele, o crescimento da Legião significou um trabalho duro e incessante -procurando vencer a - a tempo inteiro, durante quase meio século - indiferença do leigo e a oposição do clero, lutando pela admissão em novos territórios no estrangeiro e por uma maior aceitação no seu país de origem, mas combatendo sempre, dentro de um grande sentido de obediência e lealdade à Igreja. Uma das suas maiores alegrias, na década passada, foi ver a Legião regressar à Rússia, quando jovens irlandeses, de ambos os sexos, visitaram, cada verão, a União Soviética e falaram das coisas de Deus a muitos que haviam sido educados na descrença. Uma das últimas ambições que, infelizmente, não viu satisfeita durante a sua vida, era o regresso da Legião à China, onde alguns milhares dos seus membros haviam sido martirizados em 1950.

O ADEUS

Para todas estas tarefas especiais, para a escolha de Enviados a países estrangeiros e para a Peregrinatio a outras nações, durante as férias de verão, a Legião de Maria dependeu, particularmente, dos jovens irlandeses, de ambos os sexos. Porque, se por um lado, Frank tinha uma visão global das atividades da Igreja, por outro, era um grande amante do seu torrão natal, da amizade do seu povo, da beleza das suas paisagens. Como guia espiritual, S. Patrício não exercia em Frank uma influência menor que S. Luis Maria de Montfort; muita da sua inspiração proveio dos primeiros missionários irlandeses na Europa, cujos trabalhos desejava imitar na Legião de Maria. O seu livro, intitulado "O Verdadeiro Amor à Nação", representa um guia de patriotismo prático, em que ao trabalho a favor dos seus compatriotas irlandeses, homens e mulheres, é conferida uma dimensão espiritual. Não tardou em ver o potencial de uma organização cultural, como "An Réalt" (Estrela), e de mantê-la intimamente ligada à Legião. "Muitas pessoas que falavam irlandês passaram a conhecer a Legião de Maria, de que se tornaram membros, pelos trabalhos de "An Réalt" (1) (Estrela), que se tornou responsável pelo conhecimento e compreensão do legado espiritual da nossa pátria, a Irlanda".

Em 1976, foi atribuído a Frank a distinção de "O Irlandês do Ano", que ele recusou delicadamente. Talvez chegue em breve o dia em que a Igreja o declare "O Irlandês do Século". Hoje, rezamos fervorosamente para que receba a recompensa eterna, ao repetirmos como seu epitafio as amáveis palavras do Santo Padre João Paulo II, no seu telegrama de condolências.

TELEGRAMA DO SANTO PADRE

A Legião de Maria no mundo chora a morte do seu Fundador, Frank Duff. Junto-me às orações dos Membros pelo eterno repouso da sua alma. A Associação que ele fundou tornou incontáveis leigos católicos conscientes do seu indispensável papel na evangelização e santificação e habilitou-os a desempenharem este papel zelosa e eficientemente. Concedo a todos os Legionários a Bênção Apostólica, para conforto na sua perda e encorajamento nos seus futuros trabalhos.

João Paulo II
(1) Organização cultural dependente da Legião de Maria, onde apenas se fala o irlandés e cujos sócios se reúnem semanalmente para debater temas culturais irlandeses, como literatura, teatro, música e poesia. Em Dublin, hoje, apenas um Praesidium se dedica a este trabalho, cuja finalidade é impregnar a cultura pelo Evangelho.
240
241

Frank Duff
40
PANEGIRISTA DE MARIA
A grande contribuição de Frank Duff para a Igreja foi, sem dúvida, o fato de ter chamado a atenção mundial para a real grandeza da Bem-aventurada Virgem Maria e para o papel por ela desempenhado na vida dos fiéis. O objetivo de Frank era levar as grandes massas de pessoas a uma razoável compreensão da doutrina de Nossa Senhora e induzi-las a praticarem para com ela uma devoção que fosse digna de tal doutrina. Advogava especialmente que uma verdadeira e genuína devoção a Nossa Senhora devia implicar a prestação de um serviço. Servir Cristo, seu Filho, nos homens nossos irmãos, seria a forma ideal de converter o nosso amor em ação. Por isso, Maria deve ser apresentada no contexto do Corpo Místico.
A Legião de Maria, assentada na doutrina gêmea do Corpo Místico e da Verdadeira Devoção a Maria, foi a forma de Frank introduzir estas doutrinas na vida diária das pessoas e de lhes mostrar a absoluta necessidade de um apostolado dos leigos em grande escala, sem o qual milhões de almas podem perder-se para sempre. Na Legião mostrou-lhes, outrossim, como a vida do apóstolo leigo pode ser atraente, estimulante e empreendedora. Quando Frank introduziu no Manual da Legião e nas orações legionárias a invocação "Nossa Senhora, Medianeira de todas as graças", alguns teólogos protestaram, porque não a consideravam doutrina certa. Frank não se contentou com citar documentos papais e a Tradição da Igreja; explicou esses documentos e o ensinamento tradicional da Igreja. Depois, com lógica consumada, ponto por ponto, esboçou a posição exata de Nossa Senhora dentro do Corpo Místico, e o papel a Ela atribuído, desde toda a eternidade: Maria é inevitável e necessariamente, dentro do plano de Deus, a Medianeira de Todas as Graças. Publicou as suas conferências, sobre este assunto, em forma de artigos e de livro, e desafiou quantos encontrassem deficiências na sua argumentação a debater o assunto honesta e sinceramente. Presentemente, onze milhões (*) de Membros Ativos e Auxiliares da Legião, em todo o mundo, invocam Nossa Senhora, diariamente, sob o título de "Nossa Senhora, Medianeira de Todas as Graças".
Em 1997, cerca de 20 milhões.
O número citado corresponde ao ano de 1985, quando da publicação da primeira edição deste livro, na Irlanda.
242
PANEGIRISTA DE MARIA
A obra de De Montfort foi o ponto de partida de Frank para
a compreensão de Nossa Senhora. Mas a obra era tão importante que Frank achou que devia ser desenvolvida e explicada a um público mais vasto. Embora Montfort diga que escreve, particularmente, para "os pobres e simples que, tendo maior boa vontade e mais fé que o comum dos sábios, creem mais simplesmente e com mais mérito" (TVD, 26), no entanto, acha necessário explicar, em pormenor, algumas das implicações teológicas da

sua espiritualidade marial Cristo-cêntrica. Frank, de igual modo, apresenta no Manual da Legião a necessária base doutrinal, mas isto, de modo a ser compreendido pelas pessoas simples.
Além disso, descobriu o "sistema" da Legião, invulgar, mas simples, pelo qual a Verdadeira Devoção a Maria podia ligar- se, de forma atraente e efetiva, com o serviço ao próximo. O sistema da Legião implica: (1) uma reunião semanal, (2) a marcação de um trabalho apostólico substancial a fazer durante a semana; e (3) tudo isto unido com a dupla doutrina do Corpo Místico e da Maternidade de Maria. Os esforços de Frank deram como resultado que pessoas sem conta, em todo o mundo, praticam a Verdadeira Devoção a Maria, segundo Montfort, e isto de uma forma esclarecida, diremos mesmo, duma forma eclesial. Indiscutivelmente, foi devido, em grande parte, à prática desta devoção que milhares de Legionários foram inspirados e fortalecidos a dar a vida como mártires na China, no Vietnam, no Zaire e em outras partes; que pessoas, como Edel Quinn e Alfie Lambe e, certamente, muitos outros Legionários se elevaram às alturas de uma santidade heroica; que muitas paróquias doentes se tornaram saudáveis, de novo, e até mesmo missionárias; que, em remotas paróquias da Irlanda, em aldeias isoladas de leprosos, na índia, em paróquias de cidades movimentadas de todas as nações, os paroquianos honram Nossa Senhora mais do que com simples palavras e mostram-se dignos membros do Corpo Místico de Cristo. Número incontável de pessoas, pela oração e pelo trabalho apostólico, enaltecem o Senhor, com Maria e por Maria.
Mas, o conhecedor de diamantes fica mais encantado com uma gema pura de altíssimo quilate, do que com incontáveis pedras brilhantes de inferior qualidade. Com certeza, Nossa Senhora viu na alma de Frank Duff uma gema de rara qualidade. Pela sua profunda

e terna devoção, Frank enalteceu Nossa Senhora a tão elevado grau que só no Céu pode ser conhecido. E acrescente-se: a sua fé, caridade, humildade e zelo pelas almas entraram conjuntamente em ação para intensificar e elevar esta devoção.
Aos pouco espirituais, pode parecer que o triunfo de Frank na construção da Legião se deve ao seu gênio e ao seu brilho intelectual, em síntese, às suas capacidades de organizador. Possuía, com certeza, estas qualidades em grau elevado. Mas não foram o segredo do seu bom êxito. Usou estes talentos, sem dúvida, mas só para demonstrar de onde vinha o poder real - Nossa Senhora. Como salientou o Padre Marius McAuliffe: "Deus suscitou este homem para bater o mundo no seu próprio jogo".
Para Frank, Nossa Senhora era a personificação da verdadeira humildade. Através da intensa vida de oração, chegou a apreciar a importância da humildade. Tomou consciência de que a falta da graça numa alma é o resultado não só do pecado, mas também de um egoísmo sutil. Por isso, a sua vida de oração não se reduzia à simples recitação de preces, mas ao esforço para descobrir e reconhecer o próprio nada, lutando para vencer o egoísmo, tornando-se, sem a mínima reserva, absolutamente disponível à ação da graça. Parte do Segredo de Maria, por ele descoberto através de De Montfort, era que a humildade vinha por Maria. Mais tarde, depois de um lento e penoso processo de experiência, começou a apreciar mais inteiramente o seu valor, refletindo sobre ela no Manual: "A batalha da Legião começa no coração de cada Legionário... esmagando resolutamente o espírito de orgulho e de egoísmo... Como é exaustiva esta terrível batalha contra o mal... É a batalha da vida... A prática fiel do espírito de dependência de Maria é o caminho real, simples e amplo da humildade" (Mn. 10.a, cap. 6, p. 29).

A humildade para Frank não era coisa fácil. Era, sim, uma realidade dura e viril, uma implacável franqueza consigo mesmo. Era a consciência absolutamente clara da inutilidade total das capacidades humanas, a não ser que as forças sobrenaturais viessem em sua ajuda. Via com extrema clareza que, se porventura, alguma vez, se atribuísse a si mesmo um poder real, Deus deixaria de agir por meio dele. Numa conversa com um amigo, dizia: "Eu não ousaria dizer, por um só instante, que não seja sujeito a tentações triviais, acerca de coisas de mínima importância. Por exemplo: sou extremamente sensível; sinto- me ferido com facilidade; muitas vezes me pisaram na vida e senti-o

pro-
profundamente; não posso pretender que tenha me alegrado com essas injúrias, como se lê na vida dos Santos. Tratando-se, porém, de coisas importantes, fui salvo do orgulho vulgar, e isso, porque dependi do Senhor e de Sua Mãe e não de mim mesmo. Por isso, quando acontecia qualquer coisa verdadeiramente importante, quando se dava sério gresso, não era tentado a atribuir isso à minha competência; a ideia de me atribuir tais resultados, dificilmente, poderia cruzar o meu espírito. Nunca. Compreendia a minha situação. Se, por um minuto, atribuisse a mim mesmo qualquer bom resultado, seria imediatamente atirado ao chão".
Frank, evidentemente, sentia-se orgulhoso com a Legião, não por causa de nela estar pessoalmente envolvido, mas por causa do que ela estava fazendo por Maria. Quando as pessoas louvavam ou admiravam a Legião, ficava muito satisfeito. A dificuldade surgia, quando pessoas bem intencionadas louvavam Frank, por vezes, mesmo, em reuniões públicas. Provocavam-lhe uma verdadeira agonia. Desgostava-o, mas tinha de sofrer em silêncio. Certo dia, um colega disse-lhe: "Frank, pude ver o teu grande embaraço, quando o Padre X te louvou no seu discurso; suponho que podes dizer que isso é um pouco do teu purgatório". "Posso garantir-te" muito sério-"que isso é o meu purgatório". replicou Frank
Uma ocasião, um Legionário notou que Frank estava sorrindo, enquanto lia o jornal. O Legionário aproximou-se para descobrir a causa e viu um grande parágrafo no jornal sobre Frank. Frank explicou- lhe então o seu "sorriso"... "Aprendi, quando encontro coisas acerca de mim mesmo, a olhar para mim na terceira pessoa e acho o caso muito divertido".
Num debate sobre a Verdadeira Devoção, perguntaram a Frank se tinha consciência constante da presença de Maria. Respondeu que seria impossível a qualquer pessoa ter consciência constante da presença de Nossa Senhora, a todo o momento. "Mas" - acrescentou
"quando compreendemos qual o âmbito da sua maternidade, sabemos, simplesmente, que Ela está ali, sempre pertinho, interessada em absolutamente tudo quanto fazemos e sempre pronta a ajudar-nos". Frank teve a boa sorte de experimentar de uma forma maravilhosa a solicitude maternal de sua mãe terrena. Sabia que a sua mãe tudo faria por ele. Ela cuidava paciente e amorosamente de todas as suas necessidades, quaisquer que fossem as irregularidades das suas saídas e chegadas a casa. Interessava-se por todas as suas atividades.

Se ele sofria, ela sofria também. Ficara-lhe sempre na memória a observação que ela fizera, certa vez, quando o levava, ainda criança, ao hospital, para uma pequena operação: "Frank, quem me dera poder sujeitar-me a isso, em teu lugar".

Estas felizes recordações de sua mãe situaram-no numa posição vantajosa quando conhece a sua Mãe Celeste. Sabia que todas as boas qualidades da Mamã Duff se encontrariam em Nossa Senhora. Sabia, também, que nenhum amor de mãe terrena podia comparar-se com o amor de Maria, a Mãe Celeste. A sua familiaridade com Nossa Senhora cresceu e desenvolveu-se até um elevado grau. Considerava-a sempre a seu lado, pronta para ajuda-lo, amando-o com ternura. Podia confiar absolutamente nela. Ele, por seu lado, seria sempre um filho leal, "o servo de confiança".

Quando o Padre Declan faleceu em Melleray, os monges, sabendo a grande consideração em que tinha Frank Duff, procuraram alguma coisa para oferecer a Frank como lembrança. Decidiram dar- lhe uma pequena estátua de Nossa Senhora pertencente ao Padre Declan, desconhecendo que fora, outrora, oferta de Frank Duff. Este sorriu, com certeza, ao pensar como a estatuazinha voltara às suas mãos. Desde então, guardou-a como objeto de estimado valor. Era uma imagem pequena, mas Frank fez bom uso dela, guardando-a constantemente a seu lado, na sala de estar, onde fazia muito do seu trabalho. Não é que nesta fase da vida precisasse muito de algo que The recordasse a presença permanente de Maria. Tinha "caminhado lado a lado" com ele, havia muitos anos, e estava consciente da sua presença. Mas, sentia-se ansioso por exprimir a Nossa Senhora, de uma forma visível, o desejo de que ela tomasse parte em tudo quanto fazia. Quando usava o ditafone, colocava-a em cima; quando escrevia artigos, no canto do bloco de papel; quando abria o correio da manhã, no meio das cartas e envelopes; quando partia para os passeios de bicicleta, a pequena imagem ia no bolso ou na bolsa. O seu apego a esta pequena imagem não era uma devoção infantil, mas o símbolo da sua união íntima com a sua Mãe Celeste. Sentia-se que estavam em íntimas e ótimas "relações pessoais".

De Montfort, no seu livro sobre a consagração a Maria, sugere aos devotos de Nossa Senhora o uso de uma corrente como sinal da sua total dependência de Maria. Uma corrente pode exprimir escra¬vatura, mas no caso da consagração a Maria, é uma "escravidão" voluntária, um serviço solícito e amoroso, um compromisso e confiança totais.

É provável que Frank não usasse qualquer corrente das propostas. Pode ser que receasse que um dia viesse a descobrir-se, como sabia ter acontecido no caso de Matt Talbot, e Frank tinha receio real de ser considerado "singular", fosse no que fosse. Em todo o caso, possuía efetivamente uma corrente, mais compulsiva que qualquer corrente material, e essa era a Legião de Maria. A Legião foi para ele a corrente que o ligou a Maria, durante a maior parte da vida. Foi a sua disciplina, o seu trabalho, a sua vocação e alegria e, por vezes, a sua cruz. Fora, de fato, a sua vida, e as dificuldades desta vida tornaram- se mais fáceis de enfrentar, pela convicção de que a Legião era como que a presença de Maria, sempre ali ao lado, ajudando-o ao longo do caminho acidentado para a mansão celeste, onde ela se mostraria em toda a sua celestial beleza e o apresentaria a seu Filho. Isto valia bem todo o trabalho.

Nos primeiros dias da organização, todos os membros foram convidados a propor um nome conveniente para a organização que nascia. Frank refletiu muito nesta questão. Foi extremamente dificil encontrar um nome que fosse o mais. conveniente possível. Ora, um dia, parou e fixou atentamente um belo quadro de Nossa Senhora, suspenso na parede de um dos aposentos da casa. Apresentava Nossa Senhora
como
a "Estrela da Manhã". "De repente, irrompeu-me no espírito o nome de 'Legião de Maria"". "Nesse momento"

confessou, mais tarde "tive a certeza absoluta de que esse era o nome que procurávamos". foi
Deus criou Maria do nada; a Sua obra-prima. Por amor a redimiu; num gesto de ternura, escolheu-a para Sua Mãe. Tudo quanto ela tinha, tudo quanto ela fez, refletia
a glória do Omnipotente. Louvá-la é louvar e honrar o poder e a bondade maravilhosa de Deus. Engrandecer Maria é engrandecer o Senhor. Foi este o trabalho da vida de Frank Duff.

Em Dezembro de 1956, Frank foi convidado a ir aos Estados Unidos da América receber da Universidade de Dayton, Ohio, "a
mais elevada honra que estava em seu poder conferir
O PRÊMIO
MARIANISTA". No caminho, parou na cidade de Nova York, para falar a uma grande assembleia de Legionários, no Auditório da Escola Superior da Catedral. Monsenhor Rothlauf, Diretor Espiritual do Senatus de Nova York, levantou-se para dar as boas-vindas a Frank e apresentá-lo aos Legionários. Disse: "Julgo que não seria exato chamar fundador da Legião de Maria ao Sr. Duff, já que nos disseram que foi a própria Senhora que tomou a iniciativa, nesta primeira noite, da Legião de Maria, reunindo os primeiros Legionários à volta d'Ela e convidando-os para o apostolado. Gostaria de vos apresentar o Sr. Frank Duff com um título diferente, a saber: o "Panegirista ("Divulgador") de Maria".
Neste momento, rebentou um aplauso atroador por parte da assistência. Frank Duff sorriu de forma encantadora, mas corou de embaraço. Mais tarde, na Universidade de Dayton, quando recebeu o Prêmio Marianista, disse: "Não há palavras a mim dirigidas que me causem maior prazer do que dizer-me que servi Nossa Senhora".
De regresso a Dublin, Frank relatou, devidamente, o acontecimento, inclusive as palavras de Monsenhor Rothlauf. Quando falou do seu novo título - Panegirista de Maria-corou e traiu, mais uma vez, o seu embaraço, mas um sorriso encantador iluminou o seu rosto. Quantos o ouviram e observaram o acontecimento sentiram-se muito felizes com Frank. Conheciam a indescritível alegria que deve ter inundado a sua alma, ao ouvir tais palavras. Sabiam que, para ele, o pensamento de que, durante a sua vida, contribuíra de algum modo para ajudar a melhor conhecer e amar Nossa Senhora, só por si, era recompensa suficiente para os seus incessantes trabalhos a favor d'Ela.
NO CORRER DOS ANOS
NO CORRER DOS ANOS
1889: 1899: A família muda para Dun Laoghaire. Frank entra no Colégio de Blackrock. Recebe a primeira comunhão.
7 de junho. Nascimento. Viviam em Drumcondra.
1907: Entra para o Funcionalismo Civil. Nos tempos livres, dedica- se ao esporte e ao atletismo. Nasce a 14 de setembro, em Greenane, Edel Quinn.
1911: Passa a ter sério interesse pela leitura de livros de espiritualidade, especialmente da vida de Santos.
1913: Entra na Sociedade de S. Vicente de Paulo. Volta-se cada vez mais para a religião.
1914: Faz o primeiro retiro fechado. Decide participar na Missa, diariamente, durante a Quaresma e, depois, para sempre. Entra na Associação dos Pioneiros da Temperança

Total. Passa a empenhar- se no apostolado individual, junto dos católicos que se afastaram da Igreja e dos católicos descuidados.
1915: Entra na Ordem Terceira Carmelita. Começa a rezar, diariamente, o Pequeno Ofício de Nossa Senhora. Faz a primeira peregrinação a Lough Derg.
1916: A 'Catholic Truth Society' da Irlanda publica o seu primeiro livrinho-"Podemos Ser Santos?".
1917: Descobre a "Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem", de Luís De Montfort.
1919: Visita, pela primeira vez, a Abadia do Monte Melleray.
1920-
Quando os Delegados Irlandeses foram enviados pelo

Governo a Londres, pela segunda vez, para debater os termos do Tratado Anglo-Irlandês, Frank é escolhido para os acompanhar na qualidade de Responsável.
1921: 7 de setembro. Nasce a Legião de Maria.
1922: É aberto o Lar "Santa Maria".
1927: É aberto o Lar "Estrela da Manhã".
1928: A Legião passa as fronteiras da Irlanda ... Escócia.
1930: É aberto o Lar "Regina Coeli". (Muito da vida de Frank se passará à volta destes três Lares).
1931: Frank visita Roma, pela primeira vez. O Papa Pio XI abençoa a Legião.
1931-33: A Legião estende-se rapidamente pelo mundo.
1937: Edel Quinn é designada Enviada da Legião de Maria, para a África Oriental.
1944:
12 de maio. Morre Edel Quinn, depois de implantar a Legião na Maurícia, Quénia, Tanzânia, Uganda e Zanzibar.
1951: Frank, esmagado pela tensão provocada pelo trabalho, decide fazer férias, viajando de bicicleta pela Irlanda.
1953:
Seamus Grace e Alfie Lambe são designados "Enviados da Legião" para a América do Sul.
1963-64:
Frank passa "cinco longos meses" a refazer-se de uma doença grave.
1965: Observador leigo no Vaticano II.
1969: O primeiro grupo da 'Peregrinatio pró Christo' vai à Rússia.

1971: A Legião de Maria celebra o Jubileu de Ouro. 1979: Frank visita o Papa João Paulo II.
NO CORRER DOS ANOS
1980: Frank celebra o 91.o aniversário natalício, assistindo a uma ordenação sacerdotal em Thurles.
1980: 7 de novembro. Frank morre na sua casa, em Dublin.
1994:
15 de dezembro. A Igreja reconhece as virtudes heroicas de Edel Quinn, conferindo-lhe o título de Venerável.
1996: 4 de junho. Sua Excelência, o Arcebispo de Dublin, assina a petição da introdução da Causa de Beatificação de Frank Duff.

1998: 14 de janeiro. Sua Excelência Reverendíssima Mons. Desmond Connell, Arcebispo de Dublin, preside à abertura do Tribunal para a Causa de Beatificação do Servo de Deus, Frank Duff.
251

As fotografias de Frank Duff que juntamos ao texto foram selecionadas ao acaso. Com elas, tivemos a intenテァテ」o de mostrar o homem na sua verdadeira estatura, nas diversas fases da sua vida.
テ康DICE
3 O FASCテ康IO DA EVANGELIZAテ・グ DA Rテ售SIA
5 PREFテ, IO
7 INTRODUテ・グ DO AUTOR
11 RAテ校ES
16 PRIMEIROS ANOS
21 TEMPO DE ESCOLA
26 A DESCOBERTA DE UM MUNDO NOVO
31 ENTRA EM CENA JOE GABBETT
41 A REVOLTA DA Pテ〜COA E OS TEMPOS DIFテ垢EIS VIVIDOS PELA IRLANDA
45 "PURA COMUNICAテ・グ COM DEUS"
49 O PREテ⑯ DO CAFテ・DA MANHテ・52 A Mテウ
55 A "VERDADEIRA DEVOテ・グ"
60 MATT TALBOT E OUTROS
64 NASCIMENTO DA LEGIテグ
71 "Nテグ DEVERテ・ELE ABANDONAR AS NOVENTA E NOVE?"
75 A LINGUAGEM DOS SINAIS DA Fテ・83 ENTRA O SENHOR LALOR
87 "ESTRELA DA MANHテ・撼
91 UM Hテ鉄PEDE INESPERADO
98 PRIMEIRA VISITA A ROMA
103 "REGINA COELI"
107 "POBRE LIZZIE!"
111 CERCANDO O GLOBO
252
253

254
117 O PRIMEIRO LEGIONテヽIO AFRICANO
121 EDELQUINN
127 UM HOMEM テ PARTE
137 MENSAGEIRO DE NOSSA SENHORA DE KNOCK
144 NOVA VISITA A MELLERAY
153 LUテ拘 DE MONTFORT
163 PEREGRINAテ・グ A LOUGH DERG
169 A VELHA BICICLETA, AMIGA DE CONFIANテ②
177 O MILAGRE DA AMテ嘘ICA DO SUL
183 Nテ哮CIOS E ENVIADOS
189 "Nテグ TENHO MEDO DE MORRER!"
195 OBSERVADOR LEIGO NO VATICANO II
203 テ CONQUISTA DAS ALMAS PARA CRISTO

207 HOMEM, GRANDE テ・A TUA Fテ・
213 A Mテウ Rテ售SIA
220 O JUBILEU DE OURO
229 CREPテ售CULO
237 O ADEUS
242 PANEGIRISTA DE MARIA
249 NO CORRER DOS ANOS 253 テ康DICE
Ediテァテ」o 2012
Revisテ」o Jotta Santana
Afonso Mendonテァa Projetos Editoriais www.afonsomendonca.com.br

No cume da montanha

"Frank ficou surpreendido com o encontro de uma legionária no cume do monte Croag Patrick. Tratava-se de uma jovem legionária de treze anos, que estava em férias... O seu grande desgosto residia no fato de os seus amigos legionários de Westport não acreditariam nela, quando lhes contasse essa história 'incrível"! Frank sorriu. O seu coração pensou nos jovens... Passou a máquina fotográfica a um
do grupo, dizendo-lhe: "Tira uma fotografia da jovem legionária comigo" Algumas semanas mais tarde, uma jovem da escola em Mayo abriu, excitada, uma carta com o carimbo de Dublin. Era de Frank Duff. Trazia uma bela fotografia dele e dela no alto da montanha. Agora os
seus amigos legionários teriam de acreditar na sua
história 'incrível'.